CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Márcia Regina de Souza

TECNOLOGIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESPANHOL UTILIZANDO TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO

Rio de Janeiro
2025

Márcia Regina de Souza

TECNOLOGIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESPANHOL UTILIZANDO TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientadores: Professor Paulo Victor Rodrigues de Carvalho, D.Sc.
Professora Verônica Eloi de Almeida, D.Sc.

Rio de Janeiro
2025

S719t Souza, Márcia Regina de
Tecnologia africana e afrodescendente: sequência didática de espanhol utilizando tecnologias digitais no ensino médio / Márcia Regina de Souza, orientador, Paulo Victor Rodrigues de Carvalho e coorientadora, Verônica Eloi de Almeida.- Rio de Janeiro, 2025.
174 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2025.

1. Pedagogia decolonial. 2.Tecnologias digitais. 3. Educação. I. Carvalho, Paulo Victor Rodrigues de, prof orient. II. Almeida, Verônica Eloi de, prof. coorient. III. Título.

CDD 371.344

MARCIA REGINA DE SOUZA

TECNOLOGIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESPANHOL UTILIZANDO TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

O Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
PAULO VICTOR RODRIGUES DE CARVALHO
Data: 21/03/2025 08:54:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Paulo Victor Rodrigues de Carvalho, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Alessandro Jatobá, D. Sc. (UniCarioca)

Profa. Mônica Ferreira da Silva, D. Sc. (UFRJ)

Rio de Janeiro

2025

Dedico este trabalho a meu pai, Agostinho de Souza Filho (*In Memorian*), pelo seu amor à educação e por ter me ensinado que ela é o bem mais precioso que se pode deixar de legado às gerações futuras; à minha mãe, Déa Regina Rodrigues da Costa pelo amor, pelo apoio e pelo estímulo que me deram força para atravessar essa jornada acadêmica, a minha irmã, Claúdia, e aos meus sobrinhos, Émille e João Vitor, por todo o acolhimento, carinho e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu criador, centelha divina que habita em mim, fonte de força e inspiração para a elaboração dessa dissertação de mestrado.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Paulo Victor Rodrigues de Carvalho e minha Coorientadora Profª Drª Verônica Eloi de Almeida pelos ensinamentos e contribuições ao longo dessa jornada.

Aos colegas do mestrado, especialmente à Jacqueline Garcia e ao Leandro Soares, por todas as partilhas acadêmicas, pelo estímulo e pela camaradagem nesse caminho trilhado.

Às amigas Profª Drª Themis Cardinot e Profª Drª Adriane Araújo pelo acolhimento, pelo incentivo, pela colaboração e pelas provocações que enriqueceram esse trabalho.

À amiga e companheira de profissão, Profª Drª Eliane Demoraes por ter me estimulado a voltar aos estudos após anos de afastamento do meio acadêmico, pelas revisões e reflexões que muito auxiliaram na escrita dessa dissertação.

À Andrea Reis Albino, diretora da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, por ter me permitido realizar a pesquisa na instituição de ensino.

Aos participantes da pesquisa por sua disponibilidade, pela dedicação e pelo empenho nas atividades propostas e sem os quais a viabilização desse projeto não teria sido possível.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Chimamanda Adichie, 2019

RESUMO

Tecnologia Africana para estudantes de espanhol do Ensino Médio representa o tema sobre o qual está se debruçando esta dissertação. Este estudo visa evocar as contribuições científicas e tecnológicas de matriz africana que foram silenciadas por uma hegemonia eurocêntrica do saber, haja vista a inexpressiva representatividade das pessoas negras nas coleções didáticas de língua espanhola, mesmo sendo os países que compõem a nação hispânica, assim como o Brasil, pluriétnicos e multiculturais. Ademais, tais coleções estão em dissonância com os dispositivos legais aprovados no país, como a Lei Federal 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira. Este silêncio, notado nos livros que compõem tais coleções, tende a afetar negativamente a formação identitária e a construção da subjetividade de milhares de jovens que não veem seu povo representado. Sendo assim, questiona-se como as tecnologias digitais de educação podem auxiliar docentes a trabalharem, de forma didática em sala de aula, as tecnologias africanas e afrodescendentes em prol da representatividade das pessoas negras nos materiais didáticos de espanhol como língua estrangeira (E/LE). Acredita-se que a integração de tecnologias digitais de educação na elaboração de uma sequência didática pode ser uma estratégia eficaz para contribuir com a superação da visão eurocêntrica predominante nos livros didáticos de E/LE. Esta dissertação objetivou refletir sobre algumas das tecnologias da cultura africana e afrodescendente com vias a desenvolver uma sequência didática amparada em tecnologias digitais. Para tanto, os seguintes passos foram tomados: (i) investigar as tecnologias da cultura africana e afrodescendente desenvolvidas pelas civilizações antigas do Vale do Rio Nilo e a sua influência no Brasil do período colonial; (ii) elaborar uma sequência didática com foco nas contribuições científicas e tecnológicas de matriz africana e afrodescendente; (iii) realizar a avaliação de especialistas com vias a averiguar as condições e possibilidades para a realização do campo; (iv) aplicar uma oficina com a sequência didática proposta nesta pesquisa a estudantes de E/LE do 3º ano do ensino médio e (v) redigir/analisar os resultados dessa atividade valendo-se de material bibliográfico pertinente previamente sistematizado e da técnica de análise de conteúdo de Bardin. A metodologia relato de experiência destaca-se como estruturante desta dissertação. Certos autores foram primordiais para o progresso desta pesquisa, a saber: Silva e Dias (2020) que realizam um sucinto mapeamento das tecnologias de matriz africana e afrodescendente no Brasil; Walsh, Oliveira e Candau (2018) que elaboram um dossiê com base em alguns dos principais conceitos que norteam as discussões do Grupo Modernidade/ Colonialidade e Barros *et al.* (2021) que discorrem sobre as tecnologias digitais com enfoque na multimodalidade e nos multiletramentos. A dissertação envolveu a aplicação dessa sequência didática em duas turmas do 3º ano do ensino médio e utilizou metodologias de relato de experiência e rodas de conversa para coletar percepções dos estudantes. Os resultados indicam a predominância de uma visão educacional eurocentrada, refletida na falta de referências afrocentradas e na ausência de cientistas negros nos conteúdos analisados. Além disso, as falas dos participantes expõem a persistência de estigmas sobre o continente africano, influenciados por meios de comunicação ocidentais, afetando negativamente a autoimagem e a construção identitária de jovens negros. As contribuições do trabalho incluem o desenvolvimento de um recurso didático afrocentrado em formato digital, o estímulo ao ciberativismo negro e a valorização de identidades negras no ambiente escolar. Este estudo conclui pela necessidade de incluir referências afrocentradas na formação de professores, visando práticas pedagógicas antirracistas que promovam a diversidade epistêmica e a construção de uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: Pedagogia Decolonial; Tecnologias Digitais; Educação.

ABSTRACT

African Technology for High School Spanish Students represents the theme addressed in this dissertation. This study aims to highlight the scientific and technological contributions of African origin, which have been silenced by the Eurocentric hegemony of knowledge. This silence is evident in the minimal representation of Black individuals in Spanish language teaching collections, despite the fact that Hispanic nations, like Brazil, are multiethnic and multicultural. Furthermore, these collections are misaligned with legal mandates in Brazil, such as Federal Law 10.639/2003, which requires the teaching of Afro-Brazilian History and Culture. This omission in textbooks negatively affects the identity formation and subjectivity construction of thousands of young people who do not see their communities represented. Therefore, this research examines how digital educational technologies can assist teachers in addressing African and Afro-descendant technologies in the classroom, fostering representation in Spanish as a Foreign Language (SFL) teaching materials. The integration of digital educational technologies in the development of a didactic sequence is believed to be an effective strategy for overcoming the Eurocentric perspective prevalent in SFL textbooks. This dissertation aims to reflect on some technologies from African and Afro-descendant cultures to develop a didactic sequence supported by digital technologies. The research includes the following steps: (i) investigating African and Afro-descendant cultural technologies developed by ancient Nile Valley civilizations and their influence in colonial Brazil; (ii) creating a didactic sequence focused on scientific and technological contributions of African and Afro-descendant origin; (iii) To carry out an expert evaluation in order to assess the conditions and possibilities for conducting fieldwork; (iv) implementing a workshop with the proposed didactic sequence for 3rd-year high school SFL students; and (v) drafting and analyzing the results of this activity using relevant bibliographic material and Bardin's content analysis technique. The experience report methodology is a central structure for this dissertation. Certain authors were pivotal for the progression of this research, including Silva and Dias (2020), who conducted a succinct mapping of African and Afro-descendant technologies in Brazil; Walsh, Oliveira, and Candau (2018), who developed a dossier based on key concepts guiding the Modernity/Coloniality Group discussions; and Barros *et al*. (2021), who discussed digital technologies focusing on multimodality and multiliteracies. The dissertation involved implementing this didactic sequence in two 3rd-year high school classes and employed experience reports and discussion circles to collect student perceptions. The results reveal the predominance of a Eurocentric educational perspective, reflected in the lack of Afrocentric references and the absence of Black scientists in the analyzed content. Additionally, participants' statements expose the persistence of stigmas about the African continent, influenced by Western media, which negatively impact the self-image and identity construction of Black youth. The contributions of this study include the development of an Afrocentric digital teaching resource, the promotion of Black cyberactivism, and the appreciation of Black identities in the school environment. The study concludes with the need to include Afrocentric references in teacher training, aiming at anti-racist pedagogical practices that promote epistemic diversity and the construction of a more equitable society.

Keywords: Decolonial Pedagogy; Digital Technologies; Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem ilustrativa do material didático em formato de e-book **29**

Figura 2 Infográfico com as etapas do percurso metodológico **33**

Figura 3 Aplicação da 1ª etapa da SD com a Turma A, realizada na sala *web* da escola **37**

Figura 4 Nuvem de palavras criada pela Turma A durante o primeiro dia de aplicação da SD **38**

Figura 5 Resultado da primeira pergunta da enquete realizada com a Turma A **39**

Figura 6 Resultado da segunda pergunta da enquete realizada com a Turma A **39**

Figura 7 Resultado da terceira pergunta da enquete realizada com a Turma A **40**

Figura 8 Participantes da Turma A durante a realização da roda de conversa **42**

Figura 9 Resultado do quiz aplicado à Turma A **43**

Figura 10 Dia 1: Aplicação da SD com a Turma B na sala web **44**

Figura 11 Nuvem de palavras criada pela Turma B durante o primeiro dia de aplicação da SD **45**

Figura 12 Resultado da primeira pergunta da enquete realizada com a Turma B **46**

Figura 13 Resultado da segunda pergunta da enquete realizada com a Turma B **46**

Figura 14 Resultado da terceira pergunta da enquete realizada com a Turma B **47**

Figura 15 Participantes da Turma B durante a realização da roda de conversa **48**

Figura 16 Resultado do quiz aplicado à Turma B **49**

Figura 17 Dia 2: Aplicação da SD com a Turma A em sala de aula **50**

Figura 18 Leitura do texto pelos participantes da Turma A **53**

Figura 19 Dia 2: Aplicação da SD com a Turma B em sala de aula **55**

Figura 20 Leitura do texto pelos participantes da Turma B **57**

Figura 21 Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Mineração e Metalurgia” . **58**

Figura 22 Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Medicina e Etnobotânica”. **58**

Figura 23 Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Engenharia e Arquitetura” **58**

Figura 24 Turma A – Leitura do texto seguida de roda de conversa **60**

Figura 25 Turma B - Apresentação do *Padlet* do grupo “Matemática” **61**

Figura 26 Turma B - Leitura do texto seguida de roda de conversa **62**

Figura 27 Turma A - Apresentação dos infográficos grupo “Mineração e Metalurgia” **63**

Figura 28 Turma A - Apresentação dos infográficos grupo “Engenharia e Arquitetura” **64**

Figura 29 Turma A – Apresentação dos infográficos grupo “Medicina e Etnobotânica” **64**

Figura 30 Turma B – Apresentação dos infográficos grupo “Matemática” **64**

Figura 31 *Post* sobre a matemática na África **65**

Figura 32 *Post* sobre um dos mais antigos artefatos matemáticos encontrados na África **65**

Figura 33 *Post* sobre a África, berço da matemática ancestral **66**

Figura 34 *Post* sobre a engenharia e arquitetura no continente africano **66**

Figura 35 *Post* sobre o protagonismo intelectual negro **66**

Figura 36 *Post* sobre intelectuais negros, como os irmãos Rebouças, os primeiros engenheiros negros do Brasil **67**

Figura 37 *Post* sobre a medicina e etnobotânica na África **67**

Figura 38 *Post* sobre as primeiras cesarianas realizadas em Uganda no século XIX . **67**

Figura 39 *Post* sobre o poder das plantas, conhecimento utilizado pelos africanos na fitoterapia, culinária e liturgia **68**

Figura 40 *Post* sobre a introdução da metalurgia no Brasil pelos africanos graças ao domínio da fundição do ferro **68**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Perguntas realizadas durante a sequência didática	**24**
Quadro 2	Resumo da sequência didática proposta nessa pesquisa com suas quatro etapas	**30**
Quadro 3	Análise das conversas com as professoras após leitura detalhada	**36**
Quadro 4	África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência	**71**
Quadro 5	Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais	**73**
Quadro 6	Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras	**75**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Canva	Ferramenta de design gráfico
ChatGPT	Chat Generative Pre-Trained Transformer
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
E/LE	Espanhol como Língua Estrangeira
ETEFV	Escola Técnica Estadual Ferreira Viana
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica
GNL	Grupo de Nova Londres
Google Forms	Ferramenta para criação de formulários online
IA	Inteligência Artificial
Kahoot	Plataforma de aprendizagem baseada em jogos
LE	Línguas Estrangeiras
LE	Línguas Estrangeiras
Mentimeter	Ferramenta para criação de apresentações interativas
NEABs	Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros
ONGs	Organizações Não Governamentais
Padlet	Ferramenta de colaboração online para criação de murais virtuais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
RE	Relato de Experiência
SD	Sequência Didática
TAI	Termo de Assentimento Institucional
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TQSP	“Tinha Que Ser Preto” (Perfil do Instagram)
Wordreference	Dicionário online

LISTA DE LEIS

Lei 9.394/1996	Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (modificada pela Lei 10.639/2003).
Lei 10.639/2003	Torna obrigatória a inclusão do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares.
Lei 11.645/2008	Amplia a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira para incluir também a História e Cultura Indígena.

SUMÁRIO

1.	**INTRODUÇÃO**	**1**
1.1.	Inquietação	1
1.2.	Caracterização do Problema	3
1.3.	Tecnologia na Educação	5
1.4.	Relevância	6
1.5.	Objetivos	8
1.5.1.	Objetivo Geral	8
1.5.2.	Objetivos Específicos	8
2.	**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**	**9**
2.1.	Contribuições Científicas e Tecnológicas de Matriz Africana e Afrodescendente	9
2.2.	Leis e Normas em Prol da Valorização da Cultura Africana e Afrodescendente no Brasil Contemporâneo	14
2.3.	Reflexões Acerca de Ações Afrocentradas em Escolas Brasileiras para Criações de Gêneros Multimodais com o Auxílio de Tecnologias Digitais	16
3.	**PERCURSO METODOLÓGICO**	**19**
3.1.	Pesquisa Bibliográfica	19
3.2.	Comitê de Ética	20
3.3.	Local onde foi Realizada a Pesquisa	20
3.4.	Participantes	21
3.5.	Avaliação de Especialistas sobre a Sequência Didática	21
3.6.	Desenho do Estudo - Relato de Experiência	22
3.7.	Riscos e Benefícios	25
3.8.	Coleta do Dados	25
3.9.	Análise dos Dados	26
3.10.	Produto da Dissertação: Sequência Didática e *e-book*	28
3.11.	Infográfico do Percurso Metodológico	33
4.	**PERCURSO METODOLÓGICO COM A DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS**	**34**
4.1.	Avaliação de Especialistas	34
4.1.1.	Primeira Conversa	34
4.1.2	Segunda Conversa	35
4.1.3.	Reflexões Resultantes das Duas Conversas	35

4.2. Aplicação da SD 37
4.2.1. Dia 1: Exploração Inicial 37
4.2.2. Dia 2: Pesquisa e Aprofundamento 50
4.2.3. Dia 3: Conexão com a História e a Cultura/Produção e Compartilhamento 57
4.2.4. Dia 4: Exposição e Comunicação 63
4.3. Categorias Analíticas 68
4.3.1. Categoria Analítica 1 – África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência 70
4.3.2. Categoria Analítica 2 – Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais 72
4.3.3. Categoria Analítica 3 – Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras 74
4.4. Artigos produzidos e submetidos 77
5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO 78
6. CONCLUSÕES 100
REFERÊNCIAS 102
APÊNDICES 108
ANEXOS 157

1. INTRODUÇÃO

1.1. Inquietação

O livro didático desempenha um papel central no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Contudo, as coleções didáticas desse componente curricular passaram a integrar o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) apenas em 2011, sendo distribuídas nas escolas públicas de todo o país desde então. Durante meus anos de magistério, tive a oportunidade de trabalhar com duas dessas coleções: *Enlaces* (Osman *et al*., 2014) e *Cercanía* (Chaves; Coimbra, 2014).

Apesar de o Brasil e os países que integram a nação hispânica constituírem sociedades pluriétnicas e multiculturais, sempre me inquietou a escassa representação de pessoas negras nesses materiais, seja nos textos, oriundos de diversos gêneros discursivos, seja nas imagens. Essa constatação encontra respaldo em estudos de Antunes e Modesto (2018) e Souza (2018), que analisam essas mesmas coleções didáticas como corpus de pesquisa.

Antunes e Modesto (2018) conduziram uma investigação qualitativa fundamentada nos operadores de dominação na racialidade de Michel Foucault e na proposta interculturalista crítica de Aníbal Quijano e Catherine Walsh. Os autores evidenciaram a insuficiente representatividade das contribuições da diáspora africana em campos como história, geografia, literatura, cultura e política. Souza (2018), por sua vez, realizou uma análise quantitativa e qualitativa, examinando as menções aos países da nação hispânica nesses livros, seja por meio de imagens ou textos. Seus resultados apontaram que os países mais citados são Argentina, Espanha e Chile, cujas populações são majoritariamente brancas.

Além disso, raramente há menções às contribuições de africanos e afrodescendentes em atividades intelectuais, como ciência e tecnologia. Quando aparecem, limitam-se à influência linguística ou a representações estereotipadas, destacando-se em áreas como esportes e expressões artísticas (música e dança), sem reconhecimento como agentes construtores de saber.

Considerando que o livro didático é um dos materiais mais importantes — senão o único — que acompanha os estudantes ao longo de sua formação básica, seu impacto na construção da identidade e subjetividade dos jovens negros é inegável. A ausência de representações significativas pode distorcer a percepção de si mesmos, gerando uma sensação de menos valia por não reconhecerem sua história ou a de seus ancestrais nesses exemplares.

Além disso, tais materiais desrespeitam os dispositivos legais sancionados no Brasil, como a Lei Federal 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas (Brasil, 2003).

Sob essa perspectiva, a presente dissertação propõe-se a explorar as contribuições científicas e tecnológicas de matriz africana e afrodescendente, buscando dar visibilidade a saberes historicamente silenciados pela hegemonia eurocêntrica. Para uma compreensão mais ampla do tema, é necessário diferenciar ciência, conhecimento e tecnologia. A ciência surge da observação do ambiente, enquanto o conhecimento, segundo Cunha Júnior (2023), é um conjunto de normas que explicam como resolver problemas. Já os conhecimentos tecnológicos referem-se à produção material e à criação de produtos artesanais e industriais, definidos pelo autor como o "saber fazer do conhecimento" (Cunha Júnior, 2023, p.21). Nesse sentido, a tecnologia africana e afrodescendente deve ser entendida como as produções materiais derivadas do conhecimento desses povos, presentes em áreas como mineração, metalurgia, matemática, engenharia, medicina, etnobotânica e produção têxtil (Cunha Júnior, 2015; Machado, 2015; Sá, 2019; Silva, 2020; Silva; Dias, 2020; Costa Júnior, 2021).

Dado o caráter abrangente deste tema, abordar ciência e tecnologia na África remete aos primórdios da humanidade, com o surgimento dos primeiros hominídeos, incluindo o *Homo sapiens*. Contudo, é necessário delimitar um recorte temporal. Assim, este estudo foca no legado intelectual das antigas civilizações do Vale do Rio Nilo — Núbia, Etiópia e Egito — e sua influência no Brasil durante o período colonial, quando o tráfico de pessoas africanas escravizadas trouxe consigo expertises que continuam impactando diversas áreas do conhecimento na contemporaneidade.

Entretanto, a historiografia brasileira carece de registros sobre o protagonismo africano no campo da ciência e tecnologia. Durante o período colonial, essas contribuições foram invisibilizadas, um processo que perdurou por séculos (Cunha Júnior, 2010; Silva, 2020). Esse apagamento está intrinsecamente relacionado ao conceito de "escravo", termo que, no imaginário brasileiro, evoca a imagem desumanizante de "tribos dos homens nus" — uma expressão depreciativa que não apenas sugere a ausência de vestimentas, mas também a suposta ausência de capacidade cognitiva, retratando essas populações como bárbaras e primitivas (Cunha Júnior, 2015, p.106).

Essa desumanização reflete o fenômeno do epistemicídio (Santos; Pinto; Chirinéa, 2018; Carneiro, 2019), caracterizado pela desvalorização dos saberes de povos africanos e indígenas. Nesse processo, nega-se a capacidade desses indivíduos de produzir conhecimento,

cultura e ciência, pois seus saberes fogem aos paradigmas eurocentrados, tidos como universais.

Embora o PNLD tenha introduzido critérios mais rigorosos para os livros didáticos, contribuindo para superar as abordagens limitadas do passado, ainda persiste o silêncio sobre a representatividade de negros no âmbito intelectual, especialmente nas áreas de ciência e tecnologia. Isso evidencia como a cultura escolar tradicional permanece excludente, racista e eurocentrada, deslegitimando o patrimônio histórico e cultural de populações não europeias e reforçando sua invisibilização no contexto educacional (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

1.2. Caracterização do Problema

O silenciamento do patrimônio cultural dos povos indígenas e africanos que foram arrancados de suas terras natais e escravizados na América Latina tem raízes profundas nos processos de colonização dessas nações, particularmente na colonialidade (Quijano, 2005; Oliveira; Candau, 2010; Antunes; Modesto, 2018; Leite; Ramalho; Carvalho, 2019). De acordo com esses autores, enquanto o colonialismo se refere à subjugação direta desses povos pelos colonizadores europeus, a colonialidade, como desdobramento do colonialismo, transcende as estruturas coloniais e se perpetua até os dias atuais, mesmo após a independência dos países colonizados. A colonialidade fundamenta-se na ideia de raça e racismo, bem como no sistema econômico capitalista.

Nesse cenário, em que se consolidam as nações europeias e a modernidade, estabelece-se um controle abrangente que não se limita ao trabalho, ao Estado e às instituições. Esse domínio também se estende ao saber, suprimindo as epistemologias dos povos marginalizados. Sob essa lógica, a Europa e suas produções de conhecimento passaram a ser consideradas referência e verdade universal. No século XVI, surge o eurocentrismo, conceito discutido por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), que impõe o imaginário europeu ao mesmo tempo que anula e silencia as formas de viver, saber e existir dos povos não europeus. Esse processo alimenta o “mito da modernidade” (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016), no qual as sociedades europeias se autoproclamam avançadas e desenvolvidas, ao passo que relegam o “outro” ao *status* de primitivo e atrasado. Esse imaginário dominante, arraigado nas ciências e nas práticas culturais, perpetua a subalternização dos povos colonizados.

Como contraponto a essa lógica, emerge a decolonialidade (Oliveira; Candau, 2010), uma perspectiva que busca desconstruir as relações de poder e promover o reconhecimento de saberes, vivências e existências silenciados. Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) introduzem também o conceito de "pensamento de fronteira," entendido como uma reação epistêmica dos povos marginalizados — como africanos e indígenas — contra a modernidade europeia, com o objetivo de dar visibilidade a epistemologias alternativas. Esses conceitos derivam dos estudos de Aníbal Quijano, Nelson Maldonado Torres e Catherine Walsh, sendo amplamente explorados por autores como Antunes e Modesto (2018) e Leite, Ramalho e Carvalho (2019).

Nesse contexto, o conceito de pedagogia decolonial (Oliveira; Candau, 2010; Walsh; Oliveira; Candau, 2018) dialoga diretamente com esse pressuposto, ao ultrapassar a simples transmissão de conhecimento. Sua missão é dar visibilidade a saberes historicamente silenciados por um projeto eurocêntrico e moderno/ocidental, consolidando-se como um projeto político, social, cultural e epistêmico. Essa abordagem vai além do ambiente escolar e acadêmico, abrangendo movimentos sociais, espaços públicos e comunidades quilombolas. No entanto, sua construção ainda está em andamento, tanto no campo teórico quanto no educativo

No Brasil, os esforços do Movimento Negro abriram caminho para a construção de uma pedagogia decolonial e intercultural, particularmente com a aprovação de dispositivos legais como a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Brasil, 2004). Essas ações afirmativas visam valorizar a história e a cultura afro-brasileira e africana, promovendo uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Evocar a riqueza das tecnologias e culturas africanas e afrodescendentes (Cunha Júnior, 2015; Machado, 2015; Sá, 2019; Silva, 2020; Silva; Dias, 2020; Costa Júnior, 2021) é, portanto, um passo fundamental para desconstruir a narrativa eurocêntrica que deslegitima esses povos. Isso implica superar processos históricos de invisibilização e rotulação, restituindo-lhes seu estatuto epistêmico e reconhecendo sua contribuição como produtores de saber e ciência.

No entanto, esse racismo estrutural reproduzido em diversas instituições, incluindo a escola, faz com que jovens negros rejeitem sua herança cultural, fenótipo e legado, alimentando um fascínio por tudo que provém do Norte Global, especialmente dos Estados Unidos e da Europa. Esse processo prejudica a formação identitária e subjetiva desses jovens, reforçando estereótipos depreciativos. Assim, a representatividade negra no campo intelectual

é essencial para romper com o racismo institucional e suas consequências em outras esferas sociais (Oliveira; Ferreira, 2023).

Conforme dito, o livro didático possui centralidade no ensino de línguas estrangeiras, e o PNLD desempenha papel crucial na distribuição desses materiais nas escolas públicas desde 2011. Contudo, persiste uma grave deficiência na representatividade da diáspora africana em áreas como história, geografia, literatura, cultura e política (Antunes; Modesto, 2018). Diante disso, a hipótese que norteia esta pesquisa é que a integração de tecnologias digitais de educação em uma sequência didática pode constituir uma estratégia eficaz para superar a visão eurocêntrica predominante nos materiais didáticos de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE).

Nesse sentido, o problema desta pesquisa consiste em investigar como as tecnologias digitais de educação podem apoiar os docentes a abordar, de forma didática e eficaz, as tecnologias africanas e afrodescendentes em sala de aula, promovendo a representatividade negra nos materiais didáticos de E/LE.

1.3. Tecnologia na Educação

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) têm transformado o ensino de línguas estrangeiras, como destacado por Ribeiro, Miranda e Ribeiro (2022). Vivemos em um mundo marcado pela multiplicidade linguística e cultural. No contexto do ensino e aprendizagem de E/LE, essa diversidade é ainda mais significativa, já que o idioma é oficial em 21 países e falado por mais de 400 milhões de pessoas em todo o mundo. Assim, a aquisição da língua não pode restringir-se ao desenvolvimento da competência linguística. É igualmente importante fomentar a competência sociocultural, promovendo no aluno o sentido de alteridade, respeito, empatia e convivência harmoniosa com a diversidade e a pluralidade.

Nesse cenário, as TDICs desempenham um papel essencial ao disponibilizar materiais midiáticos autênticos e contextualizados, inserindo os alunos em situações reais de aprendizagem. Além disso, essas tecnologias tornam o processo educativo mais lúdico, cooperativo e autônomo. Contudo, é fundamental que seu uso não se limite a um adorno ou a um subterfúgio para mascarar práticas de ensino tradicionais. Sem um planejamento estratégico e objetivos pedagógicos bem definidos, as ferramentas tecnológicas dificilmente proporcionarão uma aprendizagem efetiva.

Outro aspecto relevante, amplamente discutido por autores que investigam o ensino mediado por tecnologias, é o protagonismo discente (Carneiro; Garcia; Barbosa, 2020; Silva; Toassi; Harvey, 2020; Barros et al., 2021; Ribeiro; Miranda; Ribeiro, 2022). As metodologias ativas têm ganhado espaço como estratégias de ensino que incentivam os estudantes a pensar, debater e agir na resolução de problemas e situações reais, transformando-se em construtores do próprio saber. Essas metodologias buscam tornar a aprendizagem uma experiência significativa, em que o professor assume o papel de mediador e facilitador, em vez de mero transmissor de conhecimento (Barros *et al.*, 2021). Nesse processo, o aluno desenvolve competências para buscar soluções coletivas em colaboração com seus pares, gerenciando sua aprendizagem de forma autônoma e engajada.

A evolução tecnológica também amplia as possibilidades de uma aprendizagem colaborativa (Carneiro; Garcia; Barbosa, 2020), promovendo a interação, a participação ativa e a cooperação de todos os envolvidos no processo educacional. Além disso, a tecnologia possibilita uma aprendizagem ubíqua ou onipresente (Carneiro; Garcia; Barbosa, 2020), rompendo os limites das salas de aula tradicionais e articulando de maneira cada vez mais integrada o virtual e o presencial. Nesse sentido, a tecnologia se configura como um instrumento essencial para a produção, distribuição e compartilhamento de conhecimento de forma interativa e cooperativa, permitindo acesso à informação em qualquer momento e lugar por meio de dispositivos conectados à internet.

No entanto, como destaca Menezes (2019), isso não significa abandonar técnicas tradicionais que se mostram eficazes. Embora seja inegável que as tecnologias digitais e a internet estejam revolucionando os papéis de professores e estudantes, as formas de ensinar e aprender, de interagir e de construir conhecimento, é imprescindível que os docentes estejam preparados para enfrentar os desafios da sala de aula do século XXI. Isso exige reflexões contínuas, participação em cursos de formação e o constante aprimoramento de práticas pedagógicas para responder às demandas de estudantes cada vez mais conectados.

1.4. Relevância

Nos livros didáticos distribuídos há certo tempo, esta pesquisadora constatou que predominavam imagens de pessoas brancas em posições de comando, associadas ao poder aquisitivo e à autoria de produções culturais, científicas e artísticas. Em contraste, as pessoas negras eram frequentemente retratadas em condições degradantes, como trabalho forçado e

subalternidade, reforçando estereótipos de inferioridade. Esse padrão ignorava suas contribuições intelectuais e culturais, refletindo uma epistemologia eurocêntrica que naturalizava a escravidão e marginalizava a dignidade e as potencialidades da população negra.

Como aluna negra, esta autora vivenciou o impacto dessas representações, que reforçavam a narrativa de superioridade branca e relegavam os negros ao esquecimento histórico. Anos depois, como professora de língua espanhola, constatou que a ínfima representatividade negra, especialmente no campo intelectual, ainda persistia nas coleções didáticas de Espanhol, como *Enlaces* (Osman *et al*., 2014) e *Cercanía* (Chaves; Coimbra, 2014). Esses materiais, escolhidos pelos docentes de E/LE da instituição em que esta autora atua, mesmo após rigorosa avaliação do PNLD, mantinham um silêncio significativo sobre as contribuições africanas e afrodescendentes, em desacordo com dispositivos legais como a Lei 10.639/2003, que valoriza a história e a cultura afro-brasileira e africana (Brasil, 2003).

Esse contexto prejudica a construção identitária de jovens negros, levando muitos a rejeitar seu patrimônio cultural e buscar referenciais externos. Conforme Antunes e Modesto (2018), sob a ótica colonial, corpos negros são estigmatizados como destinados à força física e privações, perpetuando estereótipos. Fanon (1983, apud Oliveira e Ferreira, 2023), afirma que a decolonização é essencial para libertar-se desse sentimento de menos valia, promovendo a autonomia intelectual e cultural.

Pesquisas como esta, focadas na tecnologia africana e afrodescendente, buscam romper com paradigmas tradicionais e dar visibilidade a saberes silenciados. Conforme Walsh, Oliveira e Candau (2018), a interculturalidade propõe um diálogo crítico e equânime entre epistemes ocidentais e subalternizadas, promovendo novas formas de viver, saber e existir no mundo.

Essa abordagem visa não apenas enriquecer o repertório educacional, mas também contribuir para a valorização da ancestralidade africana, o convívio harmonioso entre brancos e negros e a superação do racismo. Assim, busca-se formar estudantes que reconheçam a pluralidade epistêmica e sejam agentes de transformação para uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Esse é o propósito que orientou esta pesquisa.

1.5. Objetivos

1.5.1. Objetivo Geral

Refletir sobre as principais tecnologias da cultura africana e afrodescendente ao longo da história para desenvolver uma sequência didática inovadora fundamentada em tecnologias digitais.

1.5.2. Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram conduzidos:

1. Investigar as principais tecnologias da cultura africana e afrodescendente desenvolvidas no Egito Antigo (Kemet) e na África Subsaariana, destacando sua influência no Brasil durante o período colonial.

2. Elaborar uma sequência didática (SD) centrada nas contribuições científicas e tecnológicas de matriz africana e afrodescendente.

3. Realizar a avaliação de especialistas com vias a averiguar as condições e possibilidades para a realização do campo.

4. Aplicar uma oficina com a sequência didática desenvolvida nesta pesquisa a estudantes de E/LE do 3º ano do ensino médio.

5. Analisar os resultados da atividade utilizando material bibliográfico previamente sistematizado e a técnica de análise de conteúdo de Bardin.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Contribuições Científicas e Tecnológicas de Matriz Africana e Afrodescendente

A crença arraigada em nossa sociedade de que a ciência e a tecnologia estão totalmente apartadas da realidade do continente africano é um contrassenso, uma vez que o primeiro ser humano, o *Homo sapiens*, surgiu na África há milhares de anos, na região que atualmente compreende o Quênia, a Etiópia e a Tanzânia, segundo o senegalês Cheikh Anta Diop, um dos maiores egiptólogos e antropólogos do mundo (Diop, 2017).

Os hominídeos que surgiram naquela região equatorial eram negros, já que a melanina protegia a sua pele das altas temperaturas. Ao se deslocar para o continente europeu, 40 mil anos mais tarde, encontraram um clima totalmente oposto. As adaptações ao frio extremo a que tiveram que se submeter, provocam mudanças em seu aspecto e aparência, dando origem ao que se conhece convencionalmente como homem branco. Ainda conforme Cheikh Anta Diop, se o *Homo sapiens* não tivesse migrado em direção a outros continentes, o resto do mundo teria permanecido um deserto, ou seja, não teria sido povoado. Portanto, o primeiro homem é negro e foi ele quem deu origem às outras raças do mundo (Diop, 2017).

Ao sair da África, onde permaneceu ainda por muito tempo, o *Homo sapiens* não era destituído de inteligência, muito pelo contrário. De acordo com Sá (2019) e Costa Júnior (2021), para viver e sobreviver na natureza, ele precisou desenvolver artefatos, ferramentas e estratégias para interagir com o meio ambiente. Dessa forma, a vida e a cultura humana não seriam possíveis sem os conhecimentos oriundos dessas vivências, experiências e interações do *Homo sapiens* com o entorno. Ainda segundo Lopes (2016, apud Costa Júnior, 2021) em seus estudos, os africanos são os primeiros cientistas da história da humanidade, uma vez que suas invenções constituem os primórdios da ciência e da tecnologia.

Dessa forma, as afirmações do filósofo alemão Hegel de que o povo africano era desumano e incivilizado, de acordo com Hernandez (2005, apud Costa Júnior, 2021) são infundadas, visto que nas antigas sociedades africanas como a egípcia, a núbia e a cushita se constata a presença e a evolução da ciência e da tecnologia em diversos âmbitos da vida cotidiana dessas civilizações.

A propósito, o surgimento de nações como a Etiópia, Núbia e Egito, de acordo com Diop e Cunha Júnior (1987; 2018, apud Silva, 2020), se deveram às inundações do Rio Nilo. Considerado o maior em extensão do mundo, perfaz um total de 6.000 km, nascendo nas

regiões montanhosas da Etiópia, atravessando o Egito e desaguando ao norte, no Mar Mediterrâneo. Devido as recorrentes vazões do rio, os etíopes, núbios e egípcios criaram sistemas de irrigação, gerando produção de conhecimento e, consequentemente, solução científica e tecnológica. Ao redor dessa população ergueram-se cidades e se formou uma potente engenharia civil e urbana, além disso, se desenvolveu a agricultura, a pecuária, a matemática, a astronomia, a náutica, a engenharia hidráulica, a medicina e a filosofia. A partir de então, os povos do Rio Nilo deram início a formação das populações africanas que se seguiram.

Costa Júnior (2021) ressalta que o patrimônio histórico e cultural produzido pelos antigos egípcios em várias áreas do conhecimento, muito antes de Cristo, embasa o desenvolvimento da cultura, das artes, da ciência e da filosofia das civilizações greco-romanas e, por conseguinte, da Europa o que causa desconforto entre estudiosos ocidentais que se recusam a admitir a importância do continente africano para a construção do arcabouço epistemológico dessas sociedades.

Vários pensadores, historiadores e filósofos gregos estudaram no Antigo Egito e desfrutaram da riqueza de saberes dessa civilização, entre as quais se destacam: a invenção do calendário de 365 dias e 12 meses pelos astrônomos egípcios; o heliocentrismo e os movimentos de translação e rotação da Terra que já eram conhecidos por esses astrônomos muito antes de Nicolau Copérnico e Galileu Galilei; os primeiros sistemas de escrita como os *meroíticos* e os *hieróglifos* egípcios; o Osso de Ishango, um dos primeiros artefatos matemáticos descobertos; as *casas da vida* que correspondiam a universidades na África antiga; os diferentes calendários desenvolvidos pelos antigos astrônomos egípcios; as surpreendentes técnicas de engenharia envolvidas na construção das monumentais pirâmides do antigo Egito em Guizé, entre outros. Tudo isso envolvia conhecimentos em diferentes áreas do saber sumamente complexos que revelam uma grande capacidade intelectual dos povos africanos (Machado, 2015; Sá, 2019; Costa Júnior, 2021; Cunha Júnior, 2023).

No entanto, cabe ressaltar que, muito antes do surgimento dos primeiros sistemas de escrita mencionados anteriormente, todo esse legado histórico e intelectual foi preservado por meio da oralidade. Para os antigos africanos a tradição oral teve um papel preponderante na documentação de saberes espirituais, filosóficos e científicos muito antes da invenção da escrita, permitindo que todo esse conhecimento fosse mantido. Um exemplo disso, segundo Costa Júnior (2021), eram os chamados griots ou griôs, pessoas normalmente mais velhas e que possuíam uma grande capacidade de memorização, por isso assumiam o papel de guardiões dos saberes ancestrais, das tradições, dos costumes, da história e da cultura africana.

Mesmo com o início da diáspora africana no século XVI, impulsionada pela colonização, a herança cultural africana foi preservada. Para autores como Martins (2016, apud Silva, 2020) e Silva e Dias (2020), a expressão matriz africana refere-se ao patrimônio originário da África, transmitido aos territórios fora do continente, para onde foram levadas populações negras brutalmente escravizadas. Embora o termo esteja no singular, ele abrange uma diversidade de saberes provenientes de distintas etnias, reinos e povos africanos.

Esse vasto conjunto de conhecimentos, que constitui a matriz africana, é frequentemente comparado pelos autores a um caule de árvore, cujos galhos se estendem para além do continente, nutrindo esses territórios e criando um elo vital com o legado tecnológico, científico, cultural e histórico originado na África. Assim, a matriz africana conecta o berço africano às novas realidades culturais do Brasil e de outros locais para onde as populações foram forçadas a migrar.

Os galhos dessa árvore simbólica, que se expandem para os territórios extracontinentais, originam uma nova pluralidade de saberes. A matriz africana é formada não apenas pelas práticas tradicionais dos africanos trazidas do continente, mas também pelos conhecimentos e práticas desenvolvidos nesses novos contextos. Trata-se, portanto, de um sistema dinâmico e agregador, que reflete a multiplicidade de experiências e adaptações nos diferentes espaços da diáspora (Silva, 2020).

De acordo com Martins (2016, apud Silva, 2020), ela reúne os saberes ancestrais trazidos do continente africano e disseminados pela população negra escravizada, as memórias, as recriações e o estabelecimento de vínculos sociais e culturais desses povos no novo território. Esse conceito engloba tanto os saberes oriundos da África trazidos por africanos quanto àqueles que foram desenvolvidos nos territórios em que eles se instalaram e que embasam a epistemologia africana e é mantida pelos seus descendentes.

Ressalta-se que a escravização dos povos africanos não teve como único objetivo fornecer mão de obra para as colônias americanas, mas também aproveitar a expertise tecnológica que esses povos possuíam. Em alguns casos, a perseguição e a migração forçada dessas pessoas estavam diretamente relacionadas ao conhecimento técnico que detinham. Um exemplo emblemático foi o aumento do tráfico de pessoas oriundas da Costa do Ouro, particularmente as Fanti-Ashanti, especialistas em técnicas de mineração, especialmente na identificação de pedras preciosas. No Brasil, as mulheres escravizadas que trabalhavam nas minas de ouro e diamante tornaram-se conhecidas como “mulheres mina” (Silva, 2020; Silva; Dias, 2020).

Além disso, as contribuições da tecnologia africana no Brasil são impressionantes. A extração de minérios e a fundição de metais, como o ferro, só foram possíveis graças aos conhecimentos trazidos pelos africanos escravizados, que introduziram a metalurgia no país. Esse saber técnico também se manifesta nas religiões de matriz africana, nas quais Ogum, o orixá da metalurgia, é considerado o doador do ferro aos deuses. Segundo Franchini e Saganfredo (2015, apud Sá, 2019), um episódio mitológico exemplifica essa relação: a fome assolava Ifé, pois os instrumentos agrícolas de pedra e os feitos de metal mole (provavelmente cobre) não eram mais eficazes. Foi o machado de ferro de Ogum que salvou o povo, garantindo-lhes a alimentação e simbolizando a conexão dos seres humanos com a tecnologia.

Cabe ainda destacar o papel dos quilombos, que, mais do que territórios de resistência à escravidão, eram verdadeiros guardiões de saberes ancestrais e de tecnologias africanas e afrodescendentes aplicadas em diferentes áreas, incluindo a metalurgia (Machado, 2015; Sá, 2019; Silva, 2020; Silva; Dias, 2020; Cunha Júnior, 2010; 2015; 2023).

A matemática fractal, também conhecida como etnomatemática, é um exemplo notável de conhecimento desenvolvido no continente africano, presente em diversos aspectos da vida cotidiana, como as estampas e os penteados ancestrais. Esses saberes oferecem soluções para diferentes áreas do conhecimento, como engenharia e arquitetura. Na construção civil, os africanos escravizados trouxeram técnicas que foram amplamente empregadas durante o período colonial brasileiro, utilizando materiais sustentáveis. Entre essas técnicas, destacam-se o pau-a-pique, o pilão de taipa (produzido com massa crua de terra e usado em paredes e alicerces), o adobe (tijolo feito de barro, areia, fibras vegetais e esterco) e a cantaria (uso de pedras cortadas). Atualmente, com o crescente interesse por materiais sustentáveis nas áreas de arquitetura, engenharia e gestão ambiental, as tecnologias africanas despontam como referência. As comunidades negras que preservam esses saberes poderiam desempenhar um papel significativo no desenvolvimento de práticas sustentáveis e bioconstruções (Machado, 2015; Sá, 2019; Silva, 2020; Silva; Dias, 2020; Cunha Júnior, 2010; 2015; 2023).

Na agricultura e na etnobotânica, destaca-se o profundo conhecimento sobre o uso de plantas no tratamento de doenças, sua aplicação na culinária e nos rituais das religiões de matriz africana. Além disso, os africanos e afrodescendentes introduziram no Brasil várias culturas agrícolas, como café, inhame, dendê, coco da Bahia e cana-de-açúcar (esta última oriunda do continente asiático). No campo têxtil, suas contribuições transcendem a confecção de roupas, já que o cultivo do algodão na África remonta a 5.000 a.C. Esses povos também dominavam a produção de tintas, o tingimento e a fixação das cores.

Outro exemplo de avanço tecnológico africano estava na confecção de canoas, que chegavam a medir mais de 11 metros de comprimento e, em alguns casos, eram equipadas com velas. Essas embarcações, símbolo de habilidade técnica, foram preservadas por séculos nos quilombos, reforçando o papel desses territórios como guardiões de saberes ancestrais (Machado, 2015; Sá, 2019; Silva, 2020; Silva; Dias, 2020; Cunha Júnior, 2010; 2015; 2023).

Os autores, em seus estudos sobre as principais tecnologias de matriz africana no Brasil, destacam também a relevância da tradição oral africana, perpetuada no país por meio do jongo, uma manifestação cultural afro-brasileira que surgiu em meados do século XIX. Além dos tambús e danças, o jongo utilizava, em seus pontos ou cânticos, uma linguagem cifrada que apenas os jongueiros eram capazes de compreender. Dessa forma, a roda de jongo se tornava um espaço de diálogo e resistência, onde combinavam fugas, zombavam dos senhores e protestavam contra a escravidão (Silva, 2020; Silva; Dias, 2020).

Embora muitos não reconheçam a oralidade como parte da ciência, Silva (2022) reflete sobre o conceito de “Epistemologias do Sul” proposto por Boaventura Santos. Segundo essa perspectiva, as epistemologias do sul abrangem saberes que não derivam exclusivamente do rigor científico metódico ou empírico característico do pensamento eurocêntrico, mas que emergem das lutas sociais, vivências e experiências das comunidades locais, especialmente nos países periféricos ou do Sul Global. Nesse sentido, a ciência não deve ser limitada a uma metodologia científica tradicional, mas sim resultar de um diálogo entre conhecimentos sociais e métodos científicos, sem que um se sobreponha ao outro.

A decolonização do saber surge, assim, como uma resposta crítica aos padrões da epistemologia dominante. Essa abordagem busca novas formas de produzir ciência, considerando a diversidade e pluralidade de conhecimentos. Propõe-se, nesse contexto, uma relação dialógica e intercultural entre as diferentes culturas, baseada no respeito mútuo e na valorização dos saberes locais. Conforme Silva (2022), tal paradigma emergente é descrito por Boaventura Santos como uma “Ecologia de Saberes” que promove a integração equitativa entre conhecimentos tradicionais e científicos, reconhecendo a riqueza de cada um.

2.2. Leis e Normas em Prol da Valorização da Cultura Africana e Afrodescendente no Brasil Contemporâneo

A Lei Federal 10.639/2003, promulgada em 9 de janeiro de 2003, introduziu alterações na Lei 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei tornou obrigatória a inclusão do ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira" nos currículos da Rede de Ensino (Brasil, 2003). Em 17 de junho de 2004, o Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentou a lei por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004). Quatro anos depois, a Lei 11.645/2008 ampliou essa obrigatoriedade, incorporando o ensino da História e Cultura Indígena, reforçando a valorização das contribuições desses povos na formação da sociedade brasileira (Brasil, 2008).

Esses dispositivos legais têm como propósito o reconhecimento, a valorização e a inclusão das contribuições culturais, históricas e sociais dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas, além de buscar o combate ao racismo e a promoção da igualdade racial (Brasil, 2003; 2004; 2008). Sua promulgação representou um marco na luta antirracista e uma importante conquista do Movimento Negro. No entanto, mesmo décadas após sua aprovação, a implementação efetiva dessas leis enfrenta barreiras significativas, especialmente no ambiente escolar.

Embora a Lei 10.639/2003 tenha trazido avanços no campo legislativo, a realidade das escolas brasileiras revela entraves estruturais e epistemológicos para sua aplicação. Muitos currículos e práticas pedagógicas continuam imersos em uma perspectiva eurocêntrica, caracterizada por processos de colonialidade e epistemicídio. Esse cenário reflete a herança do Brasil colonial, onde saberes eurocentrados são priorizados em detrimento das culturas subalternizadas. Essa lógica perpetua o apagamento do legado histórico, cultural e intelectual dos povos negros e indígenas, categorizando seus saberes como inferiores ou irrelevantes (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

Boaventura de Sousa Santos conceitua esse processo como epistemicídio, que Carneiro (2019) transpõe para a realidade brasileira, denunciando a desqualificação e exclusão histórica da capacidade intelectual dos grupos subalternizados. Carneiro (2019) aponta que o epistemicídio também se manifesta no acesso limitado à educação de qualidade, na subordinação das práticas pedagógicas e na exclusão física e simbólica dos corpos negros das escolas. Esse fenômeno compromete não apenas a implementação da Lei Federal, mas

também a formação identitária e subjetiva dos estudantes negros, que frequentemente não se veem representados no espaço escolar.

Além disso, Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, critica a educação bancária que ignora os saberes populares e coletivos, reforçando um caráter segregador. Aníbal Quijano, por sua vez, demonstra como a colonialidade perpetua a lógica de dominação ao longo do tempo, inclusive no sistema educacional, limitando a pluralidade de cosmovisões e conhecimentos (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

A implementação da Lei 10.639/2003 enfrenta desafios expressivos no âmbito prático, destacando-se a ausência de uma fiscalização eficaz por parte do poder público e o despreparo docente. A falta de supervisão impede que as diretrizes da lei sejam cumpridas de forma consistente nas instituições de ensino, enquanto o despreparo dos professores, muitas vezes decorrente de formação inadequada ou insuficiente, dificulta a abordagem adequada da história e cultura afro-brasileira em sala de aula. Esses fatores combinados comprometem a efetividade da lei e a promoção de uma educação mais inclusiva (Brasil, 2003).

Conforme Assis *et al*. (2023), em reportagem publicada pelo Jornal Valor Econômico, embora a maioria dos professores conheça a Lei 10.639/2003, apenas 34% deles acredita trabalhar com seus conteúdos em sala de aula. Isso se deve, em grande parte, à falta de letramento racial nos cursos de formação docente, à ausência de materiais didáticos afrocentrados e à insegurança dos professores em abordar essas temáticas.

Outro ponto crítico é o desconhecimento sobre a história, cultura, costumes e contribuições científicas e tecnológicas oriundas do continente africano e da diáspora. Essa lacuna não apenas perpetua o silenciamento histórico, mas também limita a capacidade dos educadores de abordar as questões de forma transversal em diferentes disciplinas. A abordagem eurocêntrica predominante nos materiais didáticos reforça narrativas únicas, perpetuando preconceitos e estigmas que comprometem o papel da escola como um espaço inclusivo e democrático (Assis *et al*., 2023).

Diante desses desafios, autores como Catherine Walsh destacam a importância de uma pedagogia decolonial que vá além da simples transmissão de conhecimento. Essa pedagogia constitui um projeto político, social e cultural que luta pelo reconhecimento e legitimação de saberes subalternizados, propondo uma ruptura com os paradigmas tradicionais e a construção de um ensino pluriversal. Essa abordagem busca estabelecer um diálogo intercultural e equitativo entre diferentes cosmovisões, promovendo a valorização da diversidade epistêmica (Oliveira; Candau, 2010; Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

Miguel Gonzales Arroyo (2004; 2012; 2014; 2015) reforça a necessidade de uma comunicação permanente entre escolas e movimentos sociais para romper com a lógica colonial que ainda atravessa os currículos e práticas pedagógicas. Para ele, a articulação entre escola e sociedade é essencial para promover uma educação que acolha as demandas e desejos dos diferentes grupos étnico-raciais, garantindo que todos os estudantes se sintam representados e valorizados (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

Munanga (2012) e Ribeiro (2019) destacam que a legislação, por si só, não é suficiente para enfrentar o racismo estrutural e promover a valorização das culturas afrodescendentes. É necessário complementar essas medidas com políticas públicas, formação continuada de professores, produção de materiais didáticos contextualizados e parcerias com núcleos de estudos e movimentos sociais.

Embora a Lei 10.639/2003 represente um marco histórico e um avanço significativo na valorização da cultura afro-brasileira, sua implementação ainda enfrenta desafios complexos. A ausência de uma abordagem plural nos currículos, a insuficiência na formação docente, a falta de materiais adequados e, sobretudo, de promoção e fiscalização da lei por parte do poder público dificultam a transformação dessa lei em prática efetiva nas escolas (Brasil, 2003).

O espaço escolar deve ser reconfigurado como um agente pioneiro na valorização do multiculturalismo e na construção de uma sociedade democrática, justa e equitativa. Apenas com o reconhecimento pleno das contribuições africanas, afrodescendentes e indígenas será possível superar o racismo estrutural e garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora.

2.3. Reflexões Acerca de Ações Afrocentradas em Escolas Brasileiras para Criações de Gêneros Multimodais com o Auxílio de Tecnologias Digitais

O avanço das novas mídias e tecnologias impactou profundamente as práticas sociais de escrita e leitura na contemporaneidade, transformando também o ambiente escolar e as práticas pedagógicas. O surgimento dos gêneros digitais (Barros *et al*., 2021; Ribeiro; Miranda; Ribeiro, 2022), marcados pela multimodalidade, ilustra essa transformação. Segundo Barros *et al.* (2021), isso não implica o desaparecimento dos gêneros discursivos tradicionais, mas a integração de novos elementos que ampliam as possibilidades de comunicação e aprendizado. Essa abordagem multimodal promove um papel mais ativo dos

discentes, que se tornam também criadores de conteúdo, desenvolvendo novas habilidades e ampliando sua capacidade de construção de sentidos.

Conforme Kress e Van Leeuwen (1996, apud Vasconcellos; Bortoluzzi; Ghisleni, 2021), para que um gênero discursivo seja considerado multimodal, a produção de significados deve ser potencializada por diferentes códigos semióticos, como textos, imagens estáticas ou em movimento, sons e gestos. Essa integração semiótica torna a leitura e a escrita de textos multimodais mais complexas, exigindo competências específicas tanto para sua criação quanto para sua interpretação (Leal; Menezes; Azevedo, 2022). O indivíduo multiletrado, como descrito por Soares (2004, apud Vasconcellos; Bortoluzzi; Ghisleni, 2021), vai além do domínio do código alfabético, estando apto a navegar pelas múltiplas práticas letradas contemporâneas, incluindo mídias digitais e analógicas.

A globalização, segundo o Grupo de Novos Letramentos (GNL), ampliou a diversidade étnico-social, cultural e linguística, impactando diretamente a educação. O conceito de multiletramentos, proposto por Rojo e Moura (2019), abrange tanto a diversidade de linguagens nos textos quanto a pluralidade de culturas em trânsito.

Preparar os estudantes para a multiplicidade cultural e de linguagens tornou-se uma prioridade no ensino de línguas adicionais[1], especialmente em um mundo globalizado. Integrar os multiletramentos — linguístico, digital e crítico — é uma estratégia fundamental para formar estudantes mais autônomos e aptos a lidar com as demandas contemporâneas. O multiletramento linguístico refere-se ao conhecimento da estrutura e funcionamento da língua; o digital abrange o uso de tecnologias com foco na multimodalidade e no ensino de idiomas; e o crítico está relacionado à formação de uma consciência reflexiva e analítica. Essa abordagem permite que os discentes desenvolvam competências comunicativas, tecnológicas, linguísticas e culturais, preparando-os para interagir de maneira eficiente e significativa nos diversos contextos sociais e culturais em que estão inseridos (Barros *et al*., 2021).

A proposta de sequência didática desenvolvida neste estudo enfatiza o uso de tecnologias digitais para promover a criação de gêneros multimodais com base nas contribuições científicas e tecnológicas dos povos africanos e afrodescendentes. Entre as ferramentas destacam-se o *Padlet*[2] e o *Canva*[3], plataformas que permitem a criação de conteúdos dinâmicos e autorais. O *Padlet* possibilita a construção de murais virtuais

[1] Barros et al. (2021) propõem o termo “adicional” ao invés de “estrangeira”, uma vez que este denota um distanciamento entre a língua materna e a língua alvo. Já a língua adicional é aquela se dá por acréscimo àquela que o falante já sabe. Nesse sentido, as duas línguas se complementam.
[2] https://pt-br.padlet.com
[3] https://www.canva.com

colaborativos, integrando textos, imagens e vídeos, enquanto o *Canva* oferece ferramentas intuitivas para criar apresentações, infográficos e postagens digitais. Ambas incentivam o envolvimento criativo e colaborativo dos estudantes, transformando-os em protagonistas de sua aprendizagem (Barros *et al*., 2021; Ferreira; Silva; Lando, 2022).

Essa abordagem também contribui para superar o racismo epistêmico presente nos materiais didáticos, propondo uma perspectiva decolonial e interdisciplinar. Ao permitir que estudantes compartilhem suas produções nas redes sociais, amplia-se o alcance das reflexões sobre as contribuições da matriz africana, promovendo um ambiente de aprendizagem que valoriza a identidade negra e a ancestralidade africana.

O ciberespaço, definido como um ambiente de comunicação virtual mediado por tecnologias digitais (Cornélio; Tavares, 2022), surge como uma ferramenta crucial na promoção de práticas pedagógicas decoloniais. Esse espaço oferece visibilidade a grupos historicamente marginalizados, permitindo que saberes negros, muitas vezes ocultados nos guias didáticos e currículos escolares, sejam difundidos amplamente. Conforme Lima (2019), a internet cria oportunidades para restabelecer a relevância epistêmica dos conhecimentos produzidos por negros e negras, desvalorizados pela cultura dominante.

Além disso, o ciberativismo tem se destacado como uma estratégia poderosa de luta contra o racismo e outras formas de opressão. Couto Júnior, Velloso e Santos (2020) o definem como um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, sociais e culturais realizadas na internet. No contexto educacional, essas práticas incentivam processos antirracistas que transcendem a sala de aula, promovendo uma pedagogia interativa e colaborativa.

Integrar as tecnologias digitais à cultura africana e afrodescendente em um e-book interativo digital é uma proposta que busca fomentar uma aprendizagem colaborativa e multiletrada. Essa abordagem não apenas amplia os horizontes dos estudantes, mas também promove reflexões críticas sobre a aprendizagem, contribuindo para a superação de uma perspectiva educacional eurocentrada. Ao valorizar os saberes africanos e afrodescendentes, essa proposta cria um espaço de aprendizagem mais inclusivo, equitativo e culturalmente diversificado.

Por meio dessa perspectiva, espera-se formar estudantes não apenas proficientes em multiletramentos, mas também conscientes de suas origens e orgulhosos de sua ancestralidade. Isso é essencial para desconstruir a lógica de exclusão epistemológica que ainda predomina no sistema educacional brasileiro e para criar um ambiente pedagógico que promova justiça social, equidade e respeito à diversidade cultural.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. Pesquisa Bibliográfica

Para a elaboração desta dissertação, realizaram-se o que Marconi e Lakatos (2003) denominam pesquisas bibliográficas primárias e secundárias. Ou seja, trabalhou-se com registros não processados do campo e realizou-se uma pesquisa em livros, artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e sites contendo legislação pertinente. No que concerne à pesquisa bibliográfica primária, esta originou-se do diário de bordo produzido durante a prática docente da pesquisadora em agosto de 2024. O uso dos apontamentos foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sendo a redação do relato iniciada após a obtenção dessa autorização.

Já a pesquisa bibliográfica secundária amparou-se em livros, artigos científicos, dissertações de mestrado e sites que contêm legislação pertinente ao tema. Os assuntos abordados incluem: tecnologia africana e afrodescendente; colonialidade, decolonialidade e pedagogia decolonial; tecnologias digitais de educação com foco na multimodalidade e multiletramentos; a Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de educação básica; e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Ainda no que concerne à pesquisa bibliográfica ou fonte secundária, para o desenvolvimento desta dissertação alguns autores foram essenciais: Costa Júnior (2021) que discorre sobre os aportes epistemológicos, científicos, filosóficos e culturais do antigo Egito e da África subsaariana e Silva e Dias (2020) que realizam um sucinto mapeamento das tecnologias de matriz africana e afrodescendente no Brasil. Além de Oliveira e Candau (2010) que analisam as possíveis convergências entre as propostas da pedagogia decolonial e intercultural e as políticas públicas de ação afirmativa que visam à reconstrução curricular no Brasil e Walsh, Oliveira e Candau (2018) que elaboram um dossiê com base em alguns dos principais conceitos que norteiam as discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade, a saber: modernidade, colonialidade e pedagogia decolonial. Bem como Rojo e Moura (2019) e Barros *et al.* (2021) que discorrem sobre o impacto das TIDCs no surgimento dos chamados gêneros multimodais e, na consequente, ampliação e transformação dos letramentos em multiletramentos.

3.2. Comitê de Ética

Esta pesquisa foi conduzida de acordo com as normativas éticas estabelecidas pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do CNS, que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos e das Ciências Humanas e Sociais, respectivamente (Brasil, 2004). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II, com parecer nº 77818324.8.0000.9047, emitido em 11/07/2024 (Anexo A). A Declaração Institucional de Comprovação de Demanda foi assinada pela cogestora da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana (Anexo B). O Termo de Assentimento Institucional (TAI) foi assinado pela diretora geral da mesma escola onde foi realizada a pesquisa de campo (Anexo C).

Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo e assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice A) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), garantindo a participação voluntária e o direito de recusa a qualquer momento, sem prejuízos. O anonimato dos dados foi assegurado, com o uso de siglas para identificar os participantes e tarjas nas imagens utilizadas durante o estudo.

As atividades que incluíam registros audiovisuais, como gravações e fotografias, também foram realizadas com o consentimento explícito dos participantes, e medidas adicionais foram implementadas para proteger sua privacidade. A ética de pesquisa foi rigorosamente observada durante todas as fases do projeto, com o objetivo de minimizar riscos e garantir o respeito aos direitos dos envolvidos.

3.3. Local de Realização da Pesquisa

A Escola Técnica Estadual Ferreira Viana (ETEFV), localizada no Rio de Janeiro, foi fundada em 1888 como Asilo Casa São José para atender crianças órfãs. Ao longo dos anos, transformou-se em uma instituição de ensino técnico e médio, oferecendo cursos nas áreas de mecânica, edificações, telecomunicações, eletrônica e eletrotécnica. Atualmente, a escola atende cerca de 900 alunos que possuem, em média, uma faixa etária de 15 a 18 anos. A ETEFV enfrenta desafios como problemas de infraestrutura e alta evasão escolar devido ao regime integrado. Para revitalizar seu prestígio, adota estratégias como projetos de robótica, oficinas de xadrez e eventos escolares como a Semana de Humanidades e a Feira Técnica, entre outros projetos (FAETEC, 2023).

3.4. Participantes

A pesquisa envolveu um total de 13 estudantes, todos cursando o último ano do ensino médio. Os participantes estavam distribuídos em duas turmas:

Turma A: Composta por 11 estudantes, do curso técnico de Telecomunicações.
Turma B: Inicialmente com 5 estudantes do curso técnico de Mecânica, porém, apenas 2 participaram efetivamente.

A seleção dos participantes foi realizada por meio de uma amostra não probabilística por conveniência, já que a pesquisadora atua como professora nas turmas escolhidas, o que facilitou o acesso e a implementação das atividades propostas. Foram selecionadas duas turmas do último ano do ensino médio, totalizando 13 estudantes. A escolha por conveniência baseou-se no fato de que esses alunos já possuíam as competências e habilidades necessárias para a elaboração das atividades, o que garantiu a relevância e a eficácia da pesquisa. Essa proximidade da pesquisadora com os estudantes não apenas otimizou a dinâmica de coleta de dados, mas também permitiu uma interação mais direta e contínua durante o processo investigativo, assegurando uma execução mais eficiente das atividades propostas.

3.5. Avaliação de Especialistas sobre a Sequência Didática

Este subcapítulo apresenta a fase inicial desta pesquisa que ocorreu via *Google Meet*. O objetivo foi avaliar a SD em formato de *e-book* desenvolvida como produto educacional pela pesquisadora. Duas colegas de trabalho, com longa experiência no ensino de E/LE, foram convidadas a participar de uma conversa no formato de entrevista.

As entrevistas, conduzidas individualmente, com perguntas abertas, permitiram uma análise aprofundada das percepções, críticas e sugestões destas especialistas em relação à estrutura, eficácia e aplicabilidade da SD. Estas conversas estão apresentadas de forma detalhada nos Apêndices C e D.

Os achados que emergiram dessa interlocução foram sistematizados em um quadro com as considerações/notas de cada especialista. Foram feitos ajustes na SD a partir dessas considerações. Essa avaliação inicial foi essencial para a obtenção de resultados mais assertivos e eficazes na fase de campo.

3.6. Desenho do Estudo - Relato de Experiência

O método de relato de experiência (RE) foi escolhido como base para esta dissertação, pois a pesquisadora, com base em anotações em um diário de bordo, descreveu as experiências vivenciadas durante a aplicação de uma SD. Essa SD foi aplicada no exercício de sua prática profissional, em agosto de 2024, no contexto de uma oficina destinada a estudantes do ensino médio. O relato reflete as práticas pedagógicas e os resultados observados, proporcionando uma reflexão sobre a eficácia e as aprendizagens geradas.

Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), o RE constitui-se em um registro escrito de experiências vividas, acadêmicas ou profissionais, que objetivam contribuir com a produção de conhecimento nos diversos campos do saber. Caracteriza-se por ser um gênero textual acadêmico-científico, além de crítico-reflexivo, ou seja, a construção e apresentação do estudo em questão deve ter uma fundamentação científica, mediado pela sistematização e reflexão crítica.

Mussi, Flores e Almeida (2021) pontuam que os (as) pesquisadores (as) devem primar pela qualidade da escrita e salientam que os relatos devem apresentar tanto os aspectos positivos quanto negativos da experiência vivida. Além disso, o conteúdo abordado deve ser aprofundado, claro e sem excesso de discussão bibliográfica. Ademais, os autores propõem um modelo de roteiro para a construção do RE que se compõe de cinco partes, a saber: introdução; materiais e métodos/procedimentos metodológicos; resultado/discussão (coleta do campo/análise); considerações finais ou conclusões e referências bibliográficas.

Dada a natureza crítica e reflexiva do RE, ele foi escolhido como metodologia desta dissertação, pois está em consonância com os objetivos de registrar e analisar, de forma sistemática e fundamentada, as vivências profissionais da pesquisadora. Essa metodologia permite não só relatar as experiências, mas também contribuir para o campo acadêmico ao trazer uma reflexão crítica sobre os aspectos positivos e negativos da prática docente, conforme sugerido por Mussi, Flores e Almeida (2021).

Além disso, esta dissertação utilizou a metodologia da roda de conversa como um elemento central para a estruturação da SD. Em conformidade com Henares de Melo e Cruz (2014), essa metodologia é uma prática importante para fomentar a aproximação de estudantes e professores no cotidiano de sala de aula, além de produzir uma comunicação dinâmica e produtiva, estabelecendo-se um espaço de interação, diálogo e reflexão que levam a compreensão e reelaboração de conceitos e conhecimentos. Assim, foi possível durante a aplicação da SD viabilizar trocas, debates, reflexões conjuntas.

Assim, a roda de conversa permeou várias etapas da SD delineada nesta pesquisa, desde a avaliação diagnóstica para averiguar os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito do que sabem sobre o continente africano, o debate a partir da formação de nuvens de palavras e das respostas de enquetes, até as discussões resultantes da leitura dos textos propostos no decurso da oficina. As perguntas que foram realizadas para estimular o debate durante as rodas de conversa próprias da SD estão explicitadas no Quadro I.

Quadro 1. Perguntas realizadas durante a sequência didática.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA
Onde está o continente africano? Quantos países há na África? Você conhece algum dos idiomas que são falados no continente africano? Quantos são no total? Que país da África tem o espanhol como língua oficial? Quais são as principais formas de governo presentes nos países africanos? Qual é o clima predominante no continente? O que se produz na África? Qual é a sua principal fonte de renda?
NUVENS DE PALAVRAS E ENQUETE
Por que se tem essa visão do continente africano? Qual é a informação que nos chega da África? A partir de que meios de comunicação? Da perspectiva de quem a história da África é contada?
LEITURA DO TEXTO *QUILOMBOS BRASILEÑOS: UMA VIDA FORJADA A TRAVÉS DE LA RESISTENCIA* – ATIVIDADE DE PRÉ-LEITURA, LEITURA E PÓS-LEITURA
Pré-leitura Que significa a palavra “quilombo” em língua espanhola? Em que países de fala espanhola se usam essa palavra? Vocês acham que ela tem conotação discriminatória? Pensam que as pessoas desses países deveriam deixar de usá-la? **Leitura** Quantos quilombos há no Brasil atualmente? O que representam esses espaços na cultura brasileira? Qual é a contraposição apresentada na reportagem entre o número da população afrodescendente no Brasil e os espaços de poder? Que palavra marca tal contraposição? **Pós-leitura** Que relação há entre os quilombos e os saberes ancestrais da África?
LEITURA DO TEXTO *INVENTORES Y CIENTÍFICOS NEGROS* — ATIVIDADE DE PRÉ-LEITURA, LEITURA E PÓS-LEITURA
Pré-leitura Você conhece algum cientista negro? Sabe se há negros entre os ganhadores do prêmio Nobel? Conhece alguma invenção no campo da ciência realizada por negros? **Leitura** Qual é o objetivo do livro de Yves Antonie? Quantos negros receberam o prêmio Nobel? Menciona um caso de racismo que é relatado no livro Que cientista negra se destaca e quais são as suas contribuições para a televisão e o cinema? De acordo com o texto, por que o livro poderia parecer tedioso, mas, não é? **Pós-leitura** O que você acha da iniciativa de Yves Antonie ao escrever um livro sobre cientistas e inventores negros? Por que não se divulgam as contribuições de cientistas e inventores negros? Quais são os resultados desse silenciamento?

Fonte: Autora, 2024.

3.7. Riscos e Benefícios

Esta pesquisa aplicou uma SD a alunos do ensino médio, dividida em quatro encontros, cada um com duas aulas de 50 minutos. O estudo ocorreu no segundo semestre de 2024, com duas turmas do 3º ano da ETEFV, totalizando 13 participantes.

Medidas de mitigação foram tomadas para reduzir riscos, como o possível constrangimento dos alunos devido ao fato de a pesquisadora também ser a professora. Para isso, todos os alunos e responsáveis assinaram o TALE e o TCLE, assegurando o direito de recusa. A proteção da imagem foi garantida com o uso de tarjas nas fotografias e identificação por siglas (P1, P2, P3). Os dados pessoais foram mantidos em sigilo.

O projeto proporcionou benefícios significativos, permitindo que os alunos explorassem a história e a cultura afro-brasileira e africana, desconstruindo estereótipos e preconceitos comuns nos livros didáticos. Além disso, visou criar referências intelectuais e estimular a construção de uma sociedade mais justa, baseada na diversidade e tolerância.

A pesquisa utilizou metodologias ativas, incentivando os alunos a serem críticos e reflexivos no processo de aprendizagem. A análise dos dados foi realizada de forma respeitosa e objetiva, com o intuito de fomentar discussões acadêmicas sobre a expertise científica e tecnológica africana e afrodescendente, promovendo uma educação inclusiva, antirracista e decolonial.

3.8. Coleta do Dados

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada por meio de dois instrumentos principais: as nuvens de palavras e as enquetes geradas pela plataforma online *Mentimeter*[4] e as transcrições das rodas de conversa realizadas durante a oficina.

As rodas de conversa foram gravadas com o auxílio de um gravador de voz e transcritas manualmente pela pesquisadora, sem o uso de softwares específicos. Essa transcrição manual permitiu maior precisão e familiaridade com o conteúdo gerado pelos participantes, contribuindo para uma análise detalhada dos dados.

[4] https://www.mentimeter.com/

3.9. Análise dos Dados

As falas dos alunos nas rodas de conversa foram transcritas manualmente e essa transcrição encontra-se na íntegra nos Apêndices E a J. Posteriormente, os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), que permitiu inferir e interpretar as respostas obtidas, abrangendo desde nuvens de palavras até discussões coletivas. Essa abordagem possibilitou a identificação de padrões, temas e significados nos dados, proporcionando uma compreensão mais ampla das experiências dos participantes e uma análise crítica aprofundada sobre o processo pedagógico e os resultados observados ao longo da pesquisa.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo tem como enfoque a fala e suas significações. Nesse sentido, tem por objetivo descrever e interpretar as comunicações com a finalidade de entender os significados e sentidos das mensagens. Também busca inferir o que está por trás das palavras examinadas, isto é, conhecer os fatores de ordem psicológica, sociológica, histórica, política etc. da amostra das mensagens coletadas, fazendo uma leitura acurada para compreender e interpretar a realidade.

Bardin (1977) aponta que o material analisado pode ser proveniente de comunicação verbal ou não verbal, isto é, material escrito, oral, icônico ou mesmo pertencente a outros códigos semióticos (gestos, posturas etc.). Ainda segundo a autora, na análise quantitativa centra-se na recorrência de aparição de certos elementos da mensagem, já na qualitativa a presença ou ausência de certos elementos podem representar uma evidência mais proveitosa do que a repetição de aparições.

Moraes (1999, apud Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021) salienta que não é possível fazer uma leitura isenta, imparcial ou neutra, uma vez que essa abordagem metodológica se constitui na interpretação pessoal do pesquisador a partir de suas impressões sobre os dados. Dessa forma, conforme os autores supracitados, múltiplos significados de uma mensagem possibilitam uma infinidade de interpretações onde fatores como conteúdo explícito, autor, destinatário, as formas de codificação e transmissão da mensagem e o contexto são cruciais para a análise das comunicações.

As etapas da análise de conteúdo de Bardin (1977) são pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações que serão descritos a seguir.

A **pré-análise** visa selecionar o material que será examinado (corpus), tecer hipóteses e objetivos e criar indicadores que embasem a interpretação final. Para tal finalidade é preciso se fazer uma leitura flutuante, ou seja, organizar e ler o material de forma intencional a fim de

levantar possibilidades, reflexões, conexões e, acima de tudo, deixar-se permear pelos rumos que a análise está tomando.

A continuação se procede à **exploração do material** que nada mais é do que a sua categorização ou codificação, isto é, a transformação das informações colhidas no campo em dados aptos a serem analisados, podendo ser definida antes ou depois da etapa de pré-análise. Essa categorização pode seguir critérios semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos (por exemplo, perturbações da linguagem). Há alguns requisitos que devem ser seguidos a rigor tais como o critério de pertinência, isto é, a categoria é pertinente quando está relacionada ao conteúdo analisado, ao objetivo e ao quadro teórico com o qual se está trabalhando; o princípio da homogeneidade, as informações da categoria precisam ser homogêneas; a exclusão mútua, no sentido de que não é possível ter uma mesma frase dentro de duas categorias diferentes, para isso é preciso criar codificações e definir o que significam e reorganizar os textos em função das categorias; a objetividade e a fidelidade, isto é, não pode haver distorções das informações e é preciso ser pragmático na análise dos dados e, por fim, a produtividade, o material coletado é produtivo quando suscita reflexões, inferências, dados precisos, e novas hipóteses.

Por último, o **tratamento dos resultados obtidos e interpretações**. Em conformidade com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), as informações obtidas no campo correspondem ao material bruto, ou seja, o conteúdo explícito da mensagem. Portanto, precisam ser refinados de forma objetiva e sistemática para extrair o seu real significado, quer dizer, o conteúdo oculto. Já na fase da interpretação se entrelaça o aporte teórico da pesquisa com as falas dos participantes.

É importante destacar que, para obter uma categorização mais detalhada e precisa, a pesquisadora recorreu ao apoio de IA generativa, especificamente o ChatGPT (Saraiva Jr., 2024; Sampaio *et al*., 2024). Conforme observado por Sampaio *et al*. (2024), o uso de ferramentas como o ChatGPT e outras tecnologias de IA na academia tem se tornado cada vez mais frequente, auxiliando em diversas etapas do processo científico, como a busca por referencial teórico, análise de dados, escrita acadêmica e apresentação de resultados. Embora essas tecnologias otimizem o trabalho científico, os autores ressaltam também os desafios e riscos envolvidos, especialmente no que diz respeito à necessidade de discussões sobre políticas públicas para regular o uso da IA e o desenvolvimento de tecnologias adaptadas às necessidades de países periféricos ou do Sul Global.

Saraiva Jr. (2024) também aborda o uso da IA no ensino superior, destacando seus benefícios no engajamento e aprendizado dos estudantes. Ele argumenta que ferramentas

como o ChatGPT podem potencializar a interação e a participação ativa em atividades acadêmicas. No entanto, em conformidade com Mollick e Mollick (2023, apud Saraiva Jr., 2024), é necessário um uso criterioso dessas tecnologias, enfatizando a importância de validar os resultados gerados pela IA e complementá-los com novas interpretações e reflexões. Essa prática garante que o uso da IA não substitua a análise crítica, mas sirva como um recurso para expandir o conhecimento.

Ambos os autores recomendam que os pesquisadores referenciem o uso da IA e expliquem claramente os motivos para sua utilização. Além disso, sugerem que os prompts utilizados e as interações completas com a IA sejam incluídos como anexos em trabalhos acadêmicos, garantindo assim transparência e confiabilidade no processo. Seguindo essa orientação, os prompts e diálogos com o ChatGPT utilizados para a categorização dos dados nesta pesquisa serão disponibilizados nos Apêndices K a P desta dissertação. É importante ressaltar que os quadros apresentados no capítulo 4 foram elaborados pela pesquisadora, com base nos códigos e subcategorias gerados pela IA, após ajustes e sínteses, assegurando uma análise criteriosa e contextualizada dos dados.

3.10. Produto da Dissertação: Sequência Didática e *e-book*

Um dos requisitos do mestrado profissional é a criação de um produto educacional que contribua para a prática pedagógica. Neste contexto, foi desenvolvida uma SD apresentada em formato de *e-book* (Figura 1; Apêndices C e D). Esse material foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico criterioso, diretamente relacionado aos fundamentos teóricos e práticos que embasam esta dissertação, conferindo-lhe aplicabilidade e relevância no campo educacional. O *e-book* encontra-se disponível para consulta.[5]

[5] https://drive.google.com/drive/folders/1IRATpPEo5_EZL1HMFURf4-WWX5sUWRpM



Figura 1. Imagem ilustrativa do material didático em formato de *e-book*. Fonte: Autora, 2024.

A seguir, são apresentadas as quatro etapas que compõem a SD, detalhadas no Quadro 2. Cada etapa foi planejada com base em princípios pedagógicos e metodológicos cuidadosamente selecionados, visando à promoção de uma aprendizagem significativa e alinhada aos objetivos da pesquisa. O Quadro 2 descreve de forma sistemática as atividades propostas, os recursos utilizados e as competências a serem desenvolvidas em cada fase, destacando a integração entre teoria e prática que norteou a elaboração deste produto educacional.

Quadro 2. Resumo da sequência didática proposta nessa pesquisa com suas quatro etapas.

PRIMEIRA ETAPA: EXPLORAÇÃO INICIAL
• Utilização da ferramenta MENTIMETER para formação de uma nuvem de palavras e duas enquetes. • Realização de uma roda de conversa para avaliar conhecimentos prévios sobre o continente africano. • Atividade lúdica em equipe com o quiz KAHOOT sobre descobertas e invenções de negros e negras na ciência e tecnologia.
SEGUNDA ETAPA: PESQUISA E APROFUNDAMENTO
• Visualização de vídeos sobre *Invenções africanas que mudaram o mundo* para motivar os participantes. • Divisão da turma em grupos para pesquisar invenções tecnológicas africanas com impacto global. • Utilização da ferramenta PADLET para construção de murais virtuais compartilhados • Busca do significado da palavra "quilombo" em espanhol no dicionário online WORDREFERENCE. • Roda de conversa sobre a conotação da palavra em países hispano-falantes. • Leitura da reportagem *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia* e discussão.
TERCEIRA ETAPA: CONEXÃO COM A HISTÓRIA E CULTURA/ PRODUÇÃO E COMPARTILHAMENTO
• Apresentação dos murais virtuais no PADLET para compartilhar aprendizados. • Leitura de uma reportagem sobre o livro *Inventores y científicos negros* de Yves Antonie. • Elaboração de infográficos no CANVA pelos grupos sobre a influência africana na ciência, tecnologia e inovação.
QUARTA ETAPA: EXPOSIÇÃO E COMUNICAÇÃO
• Exposição dos infográficos elaborados pelos grupos para os colegas. • Incentivo aos grupos para compartilhar o aprendizado com a comunidade escolar no Instagram da escola. • Preenchimento de um formulário no GOOGLE FORMS para autoavaliação e autorregulação do processo de aprendizagem.

Fonte: Autora, 2024.

A primeira etapa da SD teve como objetivo realizar uma **exploração inicial**. Primeiramente, explicou-se aos discentes que a atividade inicial envolveria o uso da ferramenta *Mentimeter* Pediu-se que escrevessem na plataforma qual foi a primeira palavra que lhes veio à mente ao pensarem na África, com o intuito de formar uma nuvem de palavras. Utilizando ainda o *Mentimeter*, solicitou-se que participassem de uma enquete sobre o continente africano. Com base nos resultados obtidos, realizou-se um debate com perguntas como: “Por que se tem essa visão da África?” e “De quem é a perspectiva?”.

Posteriormente, organizou-se a sala de aula em círculo para que os estudantes pudessem interagir melhor durante a execução da atividade. Promoveu-se uma roda de conversa para averiguar os conhecimentos prévios dos aprendizes a respeito do continente africano. Durante a conversa, realizaram-se perguntas como: “Onde está localizado o continente africano?”, “Quantos países possui o continente?”, “Quantos idiomas são falados na África? Você conhece algum?”, “Em que país africano o espanhol é um dos idiomas

oficiais?", "Qual é a sua principal fonte de renda?" Por último, explicou-se o uso da ferramenta *Kahoot*[6] aos aprendizes e dividiu-se a turma em três grupos para a realização da atividade lúdica. Esse quiz teve por objetivo compreender e reelaborar conceitos e conhecimentos sobre tecnologia e inovação africana.

A segunda etapa teve como propósito **a pesquisa e o aprofundamento**, por parte dos estudantes, sobre a ciência e a tecnologia ancestral de matriz africana. No início da oficina, foram exibidos dois vídeos curtos para os estudantes, intitulados *Invenções africanas que mudaram o mundo – Partes 1 e 2* do canal do YouTube[7] *Mwana Afrika*: *Magazine Cultural & Educacional* a fim de motivá-los para a realização da próxima tarefa. Em seguida, a turma foi dividida em cinco grupos, e solicitou-se que realizassem uma pesquisa aprofundada sobre invenções tecnológicas desenvolvidas em países africanos que impactaram o mundo. Os temas abordados foram: medicina e etnobotânica, mineração e metalurgia, matemática, engenharia e arquitetura. Explicou-se aos discentes o uso da ferramenta *Padlet* e seus recursos semióticos para que pudessem realizar a tarefa de forma assíncrona. Pediu-se que elaborassem um mural virtual com textos, imagens e vídeos com os resultados da pesquisa para compartilhamento no próximo encontro.

Após essas orientações preliminares, solicitou-se aos estudantes que buscassem no dicionário online *Wordreference*[8] o significado da palavra "quilombo" em espanhol. Como parte da atividade de pré-leitura, realizou-se uma roda de conversa sobre o significado da palavra. Durante o debate, fizeram-se perguntas como: "Que significa a palavra "quilombo" em língua espanhola?", "Em que países de fala espanhola se usa essa palavra?", "Vocês acham que ela tem conotação discriminatória?", "Pensam que as pessoas desses países deveriam deixar de usá-la?". Informou-se que os estudantes leriam a reportagem intitulada *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia* e responderiam a perguntas relacionadas ao texto.

Na atividade de pós-leitura, promoveu-se um debate sobre a importância histórica e contemporânea dos quilombos no Brasil. Ressaltou-se que os quilombos não são apenas espaços de resistência à escravidão, mas também territórios guardiões de saberes ancestrais e de tecnologia africana.

A terceira etapa teve como objetivo estabelecer uma **conexão entre a história, a cultura** e a **produção e compartilhamento** das temáticas pesquisadas pelos estudantes.

[6] https://kahoot.com/
[7] https://www.youtube.com/
[8] https://www.wordreference.com/

Inicialmente, solicitou-se aos discentes que apresentassem os murais virtuais que haviam elaborado no *Padlet.* A ideia era que, por meio dessa apresentação, pudessem partilhar com seus colegas e o professor as descobertas feitas sobre as invenções tecnológicas africanas que transformaram o mundo, criando um espaço de reflexão e troca de saberes.

Após esse momento de apresentação, durante a atividade de pré-leitura, indagou-se os estudantes sobre o conhecimento de algum cientista negro, se havia negros entre os ganhadores do Prêmio Nobel ou se conheciam alguma invenção no campo da ciência realizada por pessoas negras. Em seguida, solicitou-se que lessem uma reportagem sobre o lançamento do livro *Inventores y científicos negros*, de Yves Antonie, abordando inventores e cientistas africanos e afrodescendentes contemporâneos, e que respondessem às perguntas propostas com base no texto. Depois, como atividade de pós-leitura, realizou-se uma roda de conversa sobre a reportagem. Durante essa discussão, fizeram-se indagações, como: "O que você acha da iniciativa de Yves Antonie ao escrever um livro sobre cientistas e inventores negros?", "Por que não se divulgam as contribuições de cientistas e inventores negros?", "Quais são os resultados desse silenciamento?".

A partir do debate, explicou-se aos discentes o uso da ferramenta *Canva* e seus variados recursos semióticos, de modo a prepará-los para realizar a tarefa de maneira assíncrona. Solicitou-se aos mesmos grupos, que haviam previamente construído um mural no *Padlet*, a criação de um infográfico no *Canva*. O objetivo do infográfico era demonstrar a influência dos saberes africanos da antiguidade nos diferentes campos da ciência, tecnologia e inovação contemporânea. Um modelo foi disponibilizado para orientação, e o infográfico foi apresentado na aula seguinte.

A última etapa teve como objetivo **a exposição e comunicação** dos temas pesquisados para a comunidade escolar. Nos primeiros momentos do encontro final, os estudantes foram convidados a apresentar o infográfico que haviam elaborado sobre as invenções africanas com impacto nos diversos âmbitos da ciência, tecnologia e inovação nos dias atuais. Essa apresentação tinha o intuito de promover a troca de conhecimento, permitindo que os alunos compartilhassem suas produções com os colegas e o professor, estimulando o diálogo e o aprendizado colaborativo.

Foi informado aos mesmos grupos sobre a importância de compartilhar com a comunidade escolar o conhecimento adquirido ao longo desse percurso. Foi destacado que ciência, tecnologia e inovação não estão dissociadas dos africanos e afrodescendentes, e que pessoas negras também são produtoras de conhecimento. Ressaltou-se a necessidade de criar referências identitárias no campo intelectual. Assim, os estudantes foram orientados a

produzir um *post* para o feed do *Instagram*[9] da escola, destacando cientistas negros e negras da atualidade pesquisados durante as aulas, com as hashtags **#descolonizatumente** e **#tecnologiaafricana**.

Foi realizada uma enquete com os discentes através da ferramenta *Google Forms* [10] para fomentar a capacidade de autoavaliação e autorregulação do processo de aprendizagem. Esta ação proporcionou um espaço para que os alunos pudessem refletir criticamente sobre suas práticas de estudo, identificando pontos fortes e áreas de melhoria. O uso do *Google Forms* facilitou o levantamento de dados em tempo real, promovendo uma análise eficaz sobre como cada estudante avalia seu progresso e quais estratégias podem ser adotadas para melhorar o desempenho acadêmico.

Como evidenciado, a SD proposta nesta pesquisa apresentou quatro etapas, detalhadas no Quadro 2. Ela foi avaliada por especialistas em ensino de E/LE. Tal análise garantiu a sua adequação para melhor resultados no campo. A apresentação detalhada dessa avaliação e da SD ajustada encontram-se no Capítulo 4, que será abordado a seguir.

3.11. Infográfico do Percurso Metodológico

A Figura 2 ilustra o percurso metodológico da pesquisa.

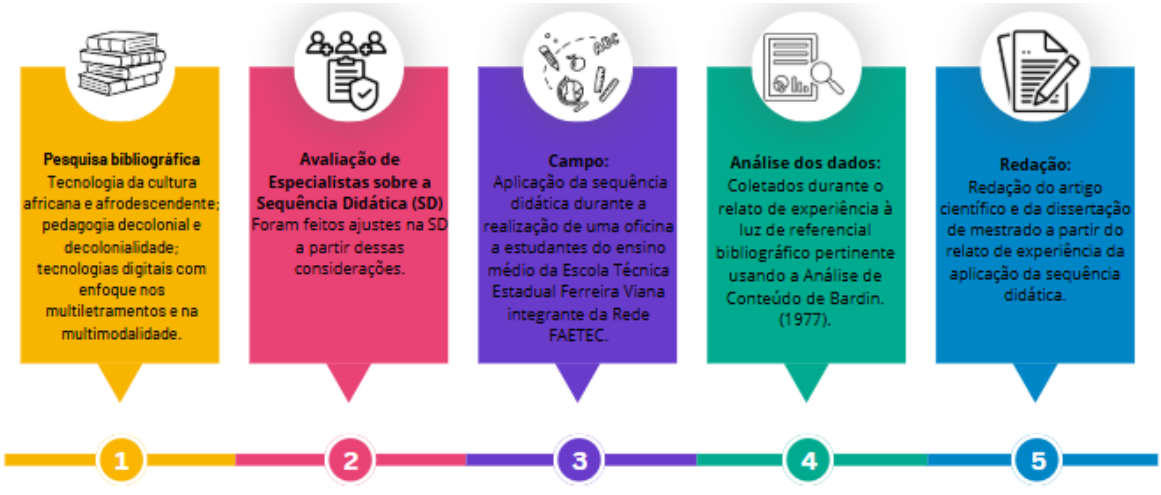


Figura 2. Infográfico com as etapas do percurso metodológico. Fonte: Autora, 2024.

[9] https://www.instagram.com/
[10] https://docs.google.com/forms

4. PERCURSO METODOLÓGICO COM A DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Avaliação de Especialistas

4.1.1. Primeira Conversa

A professora convidada a participar da primeira entrevista possui vasta experiência no ensino fundamental e médio. Ela destacou a qualidade e a coerência da SD, elogiando o encadeamento lógico das etapas e o caráter interdisciplinar, o que amplia seu uso para diferentes componentes curriculares. Ela expressou surpresa ao se deparar com informações que desconhecia durante a apresentação do material didático, admitindo que nunca havia se aprofundado no tema da história e cultura afro-brasileira. Isso a motivou a querer investigar mais sobre o assunto, destacando o impacto positivo do material em despertar seu interesse.

A colega elogiou a estrutura pedagógica, que inclui etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura, facilitando a construção e reelaboração do conhecimento. No entanto, fez duas sugestões. Primeiramente, propôs a adaptação dos textos originais para torná-los mais sucintos, evitando a dispersão dos alunos. Em segundo lugar, recomendou que a atividade lúdica (*quiz*) da primeira etapa fosse realizada antes de discussões prévias, para garantir que as respostas dos estudantes refletissem seu conhecimento genuíno, sem serem influenciadas por conversas anteriores. Essas considerações foram vistas como fundamentais para o sucesso da SD, reforçando sua aplicabilidade e a capacidade de gerar reflexões críticas sobre ciência e tecnologia afro-brasileiras.

Por fim, ela sugeriu que o material fosse apresentado na reunião quinzenal da Equipe de Linguagens da ETEFV, que inclui docentes de diversas áreas, como língua portuguesa e educação física. Enfatizou a relevância da Lei 10.639/2003, que exige a inclusão da História e Cultura Afro-brasileira em todas as disciplinas, e apontou a necessidade de aprofundamento do tema entre os professores (Brasil, 2004).

4.1.2. Segunda Conversa

No dia 22 de maio, a pesquisadora reuniu-se novamente, desta vez com uma professora de espanhol que atua em um curso de idiomas da rede privada e na educação básica, lecionando no primeiro seguimento do ensino fundamental e no ensino médio. Com mais de 20 anos de experiência no magistério, a docente elogiou o material didático, sugerindo que fosse adaptado para ser apresentado na Semana de Humanidades da escola, pois somente publicações no *Instagram* da instituição não são suficientes para compartilhar esses conhecimentos. Também demonstrou interesse em aprofundar-se no tema, afirmando desconhecer as contribuições científicas e tecnológicas dos povos africanos e afrodescendentes.

A única sugestão de ajuste da professora foi em relação à nuvem de palavras e às enquetes propostas na primeira etapa da SD. Ela recomendou que essas atividades fossem realizadas antes da avaliação diagnóstica, com o objetivo de medir os conhecimentos prévios dos alunos sobre o continente africano, garantindo uma abordagem mais eficaz no início do processo de aprendizagem.

4.1.3. Reflexões Resultantes das Duas Conversas

Após a leitura atenta dos registros das conversas realizadas, as informações mais pertinentes foram identificadas e agrupadas. Com base nessas reflexões, foram feitos ajustes na SD que foi aplicada no campo de pesquisa, como detalhado no Quadro 3.

Quadro 3. Análise das conversas com as professoras após leitura detalhada.

CONVERSAS	CONSIDERAÇÕES E OBSERVAÇÕES
Professora 1 Atua no ensino fundamental e médio há mais de 20 anos.	• A SD proposta apresenta etapas bem encadeadas e possui características interdisciplinares. • A Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira ressalta que essa temática deve ser trabalhada em todos os componentes do currículo escolar • A SD proposta apresenta profundidade e nuances que surpreendem até mesmo docentes que já possuem certo conhecimento sobre o assunto. • A SD proposta promove bom encadeamento de ideias, leituras e atividades. • Acredita que os textos propostos na SD poderiam ser reduzidos de modo a gerar menos dispersão em sala por parte dos alunos. • Sugere que a atividade lúdica proposta no final da 1ª etapa seja realizada antes de qualquer discussão de forma a não induzir respostas.
Professora 2 Possui longa experiência no magistério, são mais de 20 anos de atuação.	• Acredita que a proposta de publicação no *Instagram* – associada à SD – não seria suficiente para compartilhar esses conhecimentos que são silenciados por uma hegemonia de caráter monocultural onde os estudantes são bombardeados por conteúdos eurocentrados o tempo inteiro. Assim, propõe que a SD apresentada seja adaptada com a finalidade de ser apresentada para a comunidade escolar na Semana de Humanidades. • Disse desconhecer essas contribuições científicas e tecnológicas dos povos africanos e afrodescendentes e pretende investigar mais sobre o assunto. • Sugeriu ajuste em relação à nuvem de palavras e às enquetes propostas na 1ª etapa da SD. Propõe que sejam realizadas antes da avaliação diagnóstica para averiguar os conhecimentos prévios dos discentes sobre o continente africano.

Fonte: Autora, 2024.

Após a análise detalhada dos dados obtidos nas entrevistas, foram identificados ajustes necessários para a SD, visando aprimorar sua eficácia: (1) Textos propostos ao longo da SD serão reduzidos para evitar dispersão dos alunos e facilitar a compreensão; (2) A atividade lúdica será aplicada sem discussões prévias, para garantir que as respostas reflitam o conhecimento prévio dos discentes; (3) Enquetes e nuvens de palavras serão conduzidas antes da avaliação diagnóstica, permitindo uma exploração inicial dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o continente africano; (4) A SD será adaptada para que o material produzido pelos estudantes seja compartilhado com a comunidade escolar durante a Semana Especial de Humanidades.

Além desses ajustes, foram preservados alguns pontos considerados inovadores, como o encadeamento das etapas e a riqueza das informações apresentadas, que se mostraram fundamentais para o desenvolvimento da proposta. Assim, a SD foi revisada e, após as modificações sugeridas, encaminhada para a fase de aplicação em campo, buscando garantir que sua execução seja ainda mais eficiente e alinhada aos objetivos da pesquisa.

4.2 Aplicação da SD

A aplicação da SD foi realizada por meio de uma oficina composta por quatro encontros, envolvendo duas turmas do ensino médio da ETEFV, parte da Rede FAETEC. As turmas foram identificadas como Turma A e Turma B, enquanto os participantes foram designados como P1, P2, P3, e assim por diante. Durante os encontros, a pesquisadora registrou detalhadamente todas as atividades propostas e as contribuições dos 13 participantes em um diário de bordo, cujos detalhes serão apresentados a seguir.

4.2.1. Dia 1: Exploração Inicial

A 1ª etapa da SD foi realizada na sala *web* da escola com a Turma A, das 9:00 às 10:40h. O local, equipado com 12 computadores com acesso à internet, facilitou o desenvolvimento das atividades. Os alunos participaram da formação de nuvens de palavras, de três enquetes utilizando o *Mentimeter*, e de uma atividade lúdica no *Kahoot*. Como a turma tem 11 estudantes de língua espanhola, cada um utilizou um computador sem dificuldade no uso dos dispositivos tecnológicos. Todos os participantes da turma estiveram presentes (Figura 2).



Figura 3. Aplicação da 1ª etapa da SD com a Turma A, realizada na sala *web* da escola. Fonte: Autora, 2024.

No início da atividade, os alunos começaram a utilizar os computadores com entusiasmo. A ferramenta *Mentimeter* despertou grande interesse, principalmente por permitir que os resultados fossem exibidos em tempo real na tela. Eles ficaram impressionados ao ver que as palavras mais votadas apareciam em destaque, o que fomentou a curiosidade e facilitou o início de um debate entre eles, já que se perguntavam quem havia escrito as palavras em evidência, o que ajudou a enriquecer a discussão coletiva.

Na formação da nuvem de palavras, a pergunta feita foi: “Qual é a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando você pensa na África?” Na realidade, os estudantes puderam digitar até três palavras. A mais destacada foi “cultura”. Também surgiram palavras relacionadas às religiões de matriz africana (candomblé, religião, axé), à culinária (acarajé, por ser um prato famoso na Bahia), às artes (samba, danças, dança, artesanato, artes), à multiplicidade de idiomas no continente (línguas, no plural), ao clima (calor, deserto), à pobreza (fome) e ao legado africano (ancestralidade), bem como “preconceito” que permeia as temáticas relacionadas ao continente. Apenas uma ocorrência foi registrada para “criança” e outra para “animais diferentes”. Esses vocábulos evidenciam que grande parte do conhecimento dos alunos sobre a África deriva de ideias superficiais, muitas vezes baseadas no senso comum e nas poucas informações disponíveis nos meios de comunicação ou nos livros didáticos (Figura 4).



Figura 4. Nuvem de palavras criada pela Turma A durante o primeiro dia de aplicação da SD. Fonte: Autora, 2024.

Após a formação da nuvem de palavras, foram realizadas três enquetes consecutivas. A primeira pergunta foi: “Em que área você acredita que os povos africanos mais deixaram sua contribuição?” A opção mais votada foi “culinária”, seguida de “dança e música”, “linguagem” e, em último lugar, “ciência e tecnologia”, como já era esperado (Figura 5).

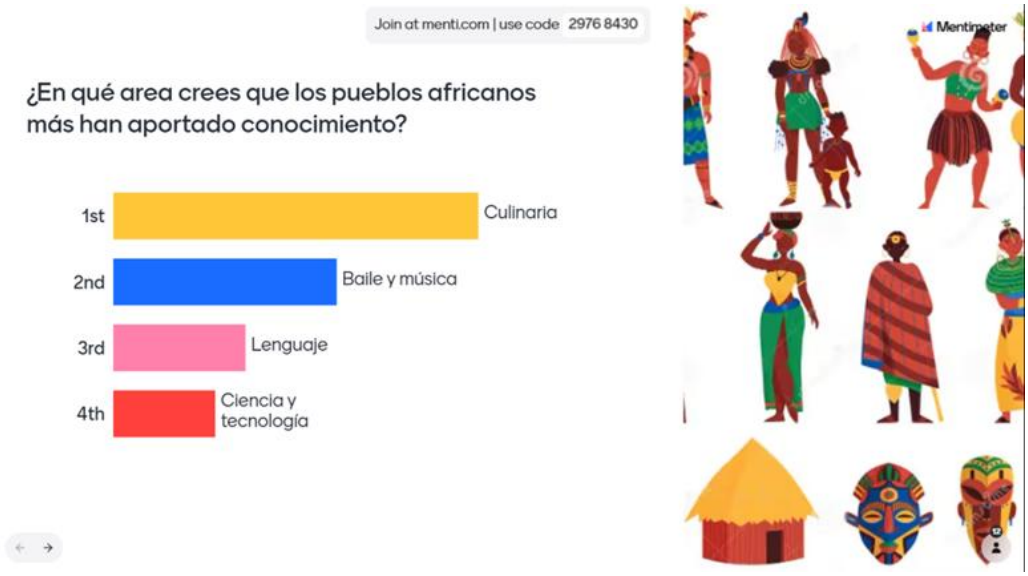


Figura 5. Resultado da primeira pergunta da enquete realizada com a Turma A. Fonte: Autora, 2024.

A segunda pergunta foi: “Você acredita que na África se produz inovação tecnológica?” Surpreendentemente, 80% dos alunos responderam “sim” e 20% “talvez”. Esse resultado cria um contraste interessante com a primeira enquete, em que “ciência e tecnologia” apareceram em último lugar nas palavras relacionadas à África (Figura 6).

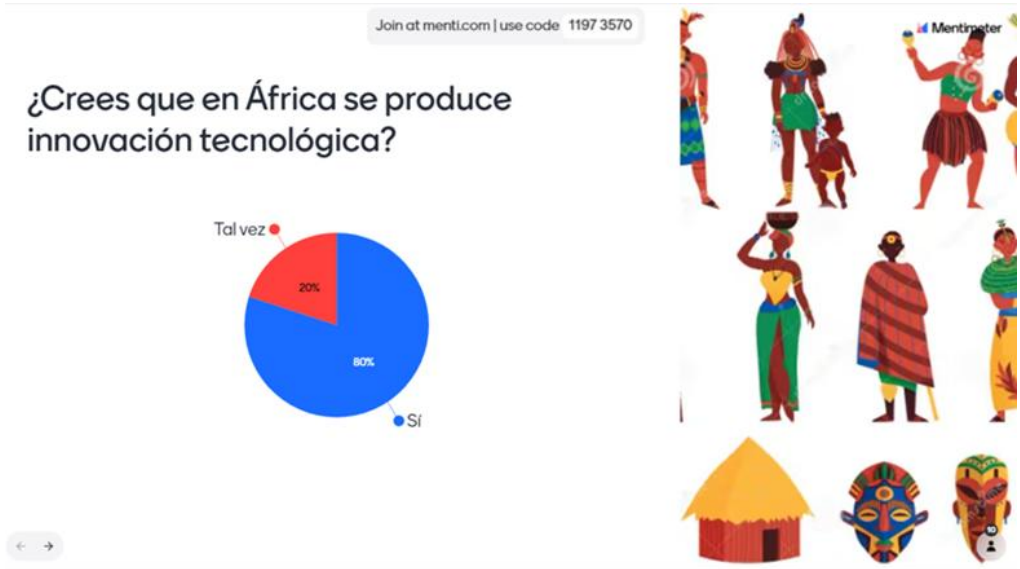


Figura 6. Resultado da segunda pergunta da enquete realizada com a Turma A. Fonte: Autora, 2024.

Esse contraste sugere que, apesar do desconhecimento inicial sobre as contribuições científicas do continente, existe a percepção de seu potencial. Mas, quando a pesquisadora perguntou o porquê disso, os alunos não aprofundaram a resposta, afirmando apenas que o continente deveria desenvolver algum tipo de tecnologia, mas não tão proeminente quanto nos países mais ricos e cujos avanços tecnológicos são mundialmente reconhecidos.

A última pergunta foi: "Caso sua resposta tenha sido negativa, por quê?" Os 20% que haviam respondido “talvez” participaram. A opção mais selecionada foi “Não há investimento em ciência e tecnologia nos países africanos”, seguida por “A prioridade dos governantes é combater a fome e a pobreza no continente”. A opção menos votada foi “Não há cientistas nos países africanos” (Figura 7). Esses dados indicam que, apesar de reconhecê-los como importantes, os alunos veem desafios estruturais limitando o desenvolvimento científico no continente.



Figura 7. Resultado da terceira pergunta da enquete realizada com a Turma A. Fonte: Autora, 2024.

Ao final da sessão, a pesquisadora fez as perguntas: "Por que se tem essa visão do continente africano?”, “Qual é a informação que nos chega da África?”, “A partir de que meios de comunicação?" Os participantes avaliaram que os resultados da nuvem de palavras e das enquetes refletem as informações estereotipadas sobre o continente africano, que lhes foram transmitidas ao longo da vida, em grande parte pela mídia. P6 comentou: “a gente é ensinado assim desde criança”, revelando que essa visão limitada foi inculcada desde cedo. P5 mencionou que nunca havia considerado que o continente africano possuía estrutura para desenvolver tecnologia, sem especificar se se referia ao passado ou ao presente. No entanto,

durante a aplicação da SD, começou a desconstruir essa percepção. P7 mencionou que acha triste o fato de que, quando as pessoas consideram opções para viagens ou intercâmbios, raramente veem a África como uma possível escolha de destino. P9 mencionou que nunca havia ouvido falar sobre tecnologia africana, mas expressou interesse em aprender mais sobre o tema. Além disso, destacou que também se interessou pela culinária africana, mencionando que algumas comidas de lá parecem ser bastante saborosas. P2 e P10 permaneceram em silêncio, não por falta de interesse, mas possivelmente por não conseguirem articular uma explicação sobre os resultados apresentados pela turma. A falta de resposta pode também ter sido influenciada pela timidez. P3 observou que os livros didáticos e a mídia frequentemente retratam os africanos de maneira estereotipada, destacando elementos culturais como dança, música e culinária, enquanto ignoram as contribuições da ciência e da tecnologia de matriz africana e afrodescendente. P8 acrescentou que essa situação é resultado de fatores históricos e da influência da mídia na perpetuação desses estereótipos.

Antes de seguir para a próxima atividade, a pesquisadora lançou uma pergunta instigante: “De quem é a perspectiva predominante na história que nos é contada sobre a África?” Sem hesitação, a resposta veio de forma unânime entre os estudantes: “*Dos europeus*.” Esse consenso revela como a narrativa histórica dominante, difundida principalmente através da educação formal e da mídia, ainda é construída a partir de um ponto de vista colonial. Isso reforçou a necessidade de uma abordagem decolonial e crítica no ensino da história africana, promovendo uma visão mais inclusiva e diversa.

Em um segundo momento, os participantes formaram um círculo para realizar uma roda de conversa, com o objetivo de refletir sobre seus conhecimentos acerca do continente africano. Diversas perguntas foram feitas pela pesquisadora, como: “Onde está localizado o continente africano?”, “Quantos países possui o continente?”, “Conhecem alguma língua falada no continente?”, “Quantas línguas são faladas no total?” etc. A turma mostrou-se muito participativa durante o debate, mas ninguém acertou completamente as respostas. Alguns alunos arriscaram palpites, mas poucos estavam corretos. Em determinados momentos, alguns participantes hesitaram e outros optaram pelo silêncio devido ao desconhecimento das respostas (Figura 8).



Figura 8. Participantes da Turma A durante a realização da roda de conversa. Fonte: Autora, 2024.

A pesquisadora, então, perguntou aos estudantes por que sabiam tão pouco sobre a África. A maioria relatou que esses conteúdos não foram abordados nas disciplinas que deveriam tratar desse tema. P1, que cursou o ensino fundamental em uma escola privada, destacou que também não estudou sobre o continente africano naquela fase.

Entretanto, vale destacar algumas respostas dos participantes. P6 mencionou um interesse político em silenciar o conhecimento e a história dos povos colonizados. P5 observou que muitos professores focam no conteúdo programático, negligenciando a história e cultura africana. P7 usou o termo "*eurocentrista*" ao criticar a priorização da Europa nas aulas, reforçada por estigmas sobre a África, o que P3 também apontou. P4 e P9 notaram a superficialidade das abordagens, enquanto P2 sugeriu que os professores desvalorizam esses conteúdos. P11 destacou o foco na colonização, marginalizando a profundidade da história africana.

O último momento da aplicação da 1ª etapa da SD consistiu em uma atividade lúdica utilizando o *Kahoot*, focada nas contribuições científicas e tecnológicas de africanos e afrodescendentes. Esta atividade foi a mais apreciada pelos estudantes, o que era esperado, visto que eles costumam gostar de jogos interativos como *quizzes*. Ao todo, 11 participantes responderam a 10 perguntas, com uma taxa de acerto de 61%. Embora tenha sido mais da metade, esses resultados evidenciam o desconhecimento sobre o legado intelectual desses povos (Figura 9).

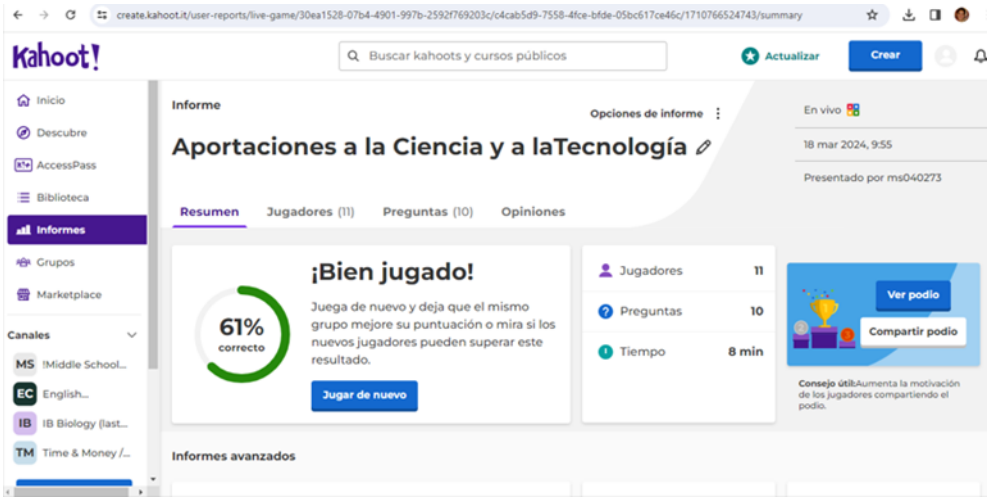


Figura 9. Resultado do *quiz* aplicado à Turma A. Fonte: Autora, 2024.

No final da 1ª etapa da aplicação da SD, todas as questões propostas foram cuidadosamente respondidas e comentadas pela pesquisadora. Os participantes demonstraram surpresa com as informações novas que receberam, revelando o impacto das atividades. Além disso, fizeram uma breve avaliação do encontro, destacando o quanto aprenderam e a relevância das atividades propostas. Essa reflexão final ajudou a consolidar os conhecimentos adquiridos e motivou maior interesse no tema abordado.

P1 comentou que achou a atividade muito relevante, destacando que é necessário "*abrir a mente*" das pessoas sobre a história e a cultura africana, que raramente são discutidas dentro ou fora das escolas. P6 expressou ter "*adorado as dinâmicas propostas*" e mencionou como conseguiu desconstruir a ideia de que nunca houve tecnologia no continente africano, apesar de inicialmente ter dúvidas sobre isso. P5 também destacou o desconhecimento geral de que muitos dos avanços científicos e tecnológicos atuais têm suas raízes no continente africano.

P7 achou interessante descobrir que muitas invenções científicas e tecnológicas, normalmente atribuídas a europeus e estadunidenses, na verdade, têm origem africana, e destacou o *quiz* como sua atividade favorita. P4 comentou que aprender de forma divertida foi motivador, e também gostou mais do *quiz*. P9 destacou a criatividade e interação entre os colegas durante a atividade. A importância de se aprofundar no conhecimento sobre o continente africano foi enfatizada por P10, que também apreciou o *Kahoot*. P8 e P2 mencionaram que aprenderam coisas novas, que normalmente não pesquisariam, destacando o *quiz* como uma atividade favorita. Um dos participantes comentou que essa atividade ajudou a desconstruir o preconceito de que na África "*não havia muita coisa*", percebendo a riqueza do continente. P11, por sua vez, salientou o valor da nuvem de palavras e a necessidade de

explorar mais a história dos povos africanos. Por último, P3 afirmou que foi uma forma inovadora de aprender sobre temas que não conhecia e ficou impressionado ao descobrir que as primeiras calculadoras da história foram inventadas na África. Ele destacou ter gostado muito de participar do *quiz*, sentindo que essa atividade interativa ajudou a fixar o conhecimento de maneira divertida e dinâmica.

No horário seguinte, das 10h40 às 12h20, a primeira etapa da SD foi aplicada à Turma B na sala *web*, pelos mesmos motivos mencionados anteriormente. Inicialmente, a turma contaria com 5 participantes, mas devido à coincidência de horários com outra disciplina em que dois alunos estavam em dependência, apenas 3 estudantes puderam participar. Essa transferência afetou a presença deles na oficina, mas as atividades propostas seguiram normalmente para os participantes restantes. Portanto, restaram 3 participantes, mas apenas 2 estavam presentes no dia da aplicação, o que inviabilizou a participação do aluno ausente. Cada um dos presentes utilizou um computador e, assim como na Turma A, não enfrentaram dificuldades com o uso das ferramentas tecnológicas. As atividades puderam ser desenvolvidas conforme o planejado, mantendo-se a dinâmica esperada e o engajamento dos alunos (Figura 10).



Figura 10. Dia 1: Aplicação da SD com a Turma B na sala *web*. Fonte: Autora, 2024.

Na formação da nuvem de palavras, foi feita a pergunta: “Qual é a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando você pensa na África?” P13 respondeu com as palavras “savana,” “capoeira,” e “ancestralidade.” A primeira alude à paisagem africana típica, a segunda faz referência a uma expressão cultural afro-brasileira, herança dos africanos

escravizados, enquanto ancestralidade remete à rica herança histórica e cultural africana, conectando-se ao tema já discutido pela turma anterior.

As palavras de P12 trouxeram pontos de reflexão. Ele destacou “cultura”, enfatizando a riqueza cultural da África, descrevendo-a como “*cultura gigantesca, absurda*”. Entretanto, ele contrastou isso com a visão de um continente pobre e subdesenvolvido em comparação aos países do Norte Global. A segunda palavra foi “fome”, associando o continente à ideia veiculada pela mídia sobre a pobreza em alguns países africanos. A terceira foi “religião”, demonstrando certo preconceito em relação às religiões de matriz africana, como o candomblé e os orixás (Figura 11).



Figura 11. Nuvem de palavras criada pela Turma B durante o 1º dia de aplicação da SD. Fonte: Autora, 2024.

Logo após, foram realizadas três enquetes. A primeira pergunta foi: “Em que área você acredita que os povos africanos mais deixaram sua contribuição?” Como era esperado, ambos os participantes escolheram “dança e música”, reforçando a visão estereotipada comum sobre o continente africano, associando-o mais a essas áreas culturais e deixando de lado contribuições em outros campos, como ciência e tecnologia (Figura 12).



Figura 12. Resultado da primeira pergunta da enquete realizada com a Turma B. Fonte: Autora, 2024.

A segunda pergunta foi: "Você acredita que na África se produz inovação tecnológica?" P12 respondeu negativamente, argumentando que a África não se destaca em tecnologia em comparação a países do Norte Global, sendo mais conhecida por sua cultura, religião, danças, samba e ancestralidade. Já P13 respondeu positivamente, mas acreditando que as inovações são voltadas principalmente para uso interno, sem exportação significativa de tecnologia, e citou o filme *O Menino que Descobriu o Vento* (2019), como exemplo (Figura 13).



Figura 13. Resultado da segunda pergunta da enquete realizada com a Turma B. Fonte: Autora, 2024.

A última pergunta da enquete foi: “Caso sua resposta tenha sido negativa, por quê?” P12, que havia respondido “não”, votou. Das três opções — 1. “Não há investimento em ciência e tecnologia nos países africanos”, 2. “A prioridade dos governantes é combater a fome e a pobreza no continente”, e 3. “Não há cientistas nos países africanos” — ele escolheu a terceira. P12 argumentou que, apesar da riqueza cultural da África, o continente não é reconhecido por avanços tecnológicos, ao contrário de países como os EUA e os da Europa. É importante ressaltar que esse participante se referiu à África como “país” em vez de “continente”, um equívoco comum (Figura 14).

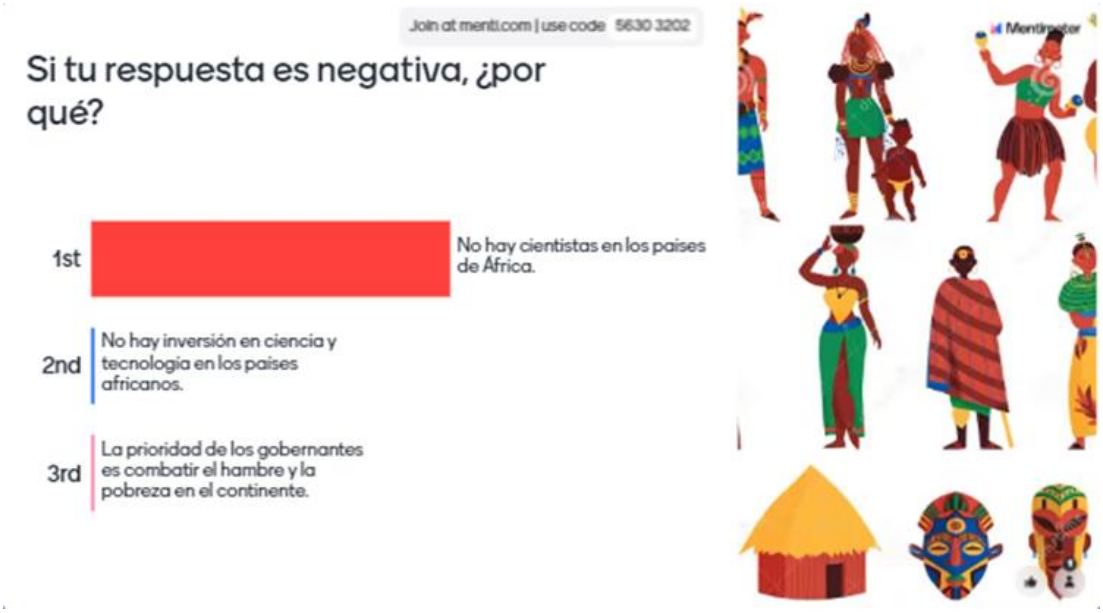


Figura 14. Resultado da terceira pergunta da enquete realizada com a Turma B. Fonte: Autora, 2024.

Após essa primeira fase, a pesquisadora perguntou aos estudantes: “Por que se tem essa visão do continente africano?”, “Qual é a informação que nos chega da África?”, “A partir de que meios de comunicação?”. Os alunos responderam que as informações vêm principalmente pela internet e televisão. P12 destacou que a mídia foca na pobreza, fome e subdesenvolvimento do continente, enquanto exalta aspectos culturais como dança e música. Quando questionados sob a perspectiva de quem a história da África é contada, a resposta foi unânime: “*Dos europeus*”, semelhante à turma anterior.

Em seguida, os participantes se sentaram em círculo para a realização da roda de conversa, com o intuito de avaliar o que sabiam sobre o continente africano. Várias perguntas foram feitas, tais como: “Onde está localizado o continente africano?”, “Quantos países possui o continente?”, “Conhecem alguma língua falada no continente?”, “Quantas línguas são faladas no total?”, etc. A Turma B também foi muito participativa durante o debate e,

embora não tenham acertado completamente todas as questões, demonstraram um pouco mais de conhecimento sobre a África em comparação aos participantes da Turma A. Por exemplo, mencionaram nomes de países africanos, embora não soubessem ao certo quantos países compõem o continente. Demonstraram conhecimento de que a África é um continente multilíngue, sabiam os climas predominantes e algumas de suas formas de governo (Figura 15).



Figura 15. Participantes da Turma B durante a realização da roda de conversa. Fonte: Autora, 2024.

A pesquisadora também questionou os alunos sobre o motivo de saberem tão pouco sobre a África. P13 mencionou que, nas aulas de história, a narrativa predominante é a europeia, focada em colonização, escravização e o tráfico de negros forçados a deixar suas terras. Contudo, comentou que na aula anterior o professor de história havia trabalhado um texto diferente, no qual um rei africano expressava sua indignação diante da submissão de seu povo, trazendo uma perspectiva pouco usual sobre a história africana. P12 também relatou que a história transmitida para eles é a partir da perspectiva dos colonizadores, com foco em subdesenvolvimento, pobreza e a divisão da África pelos europeus. O continente é retratado como um lugar "*triste, de desgraça, onde só acontece tragédia*". P12 destacou a importância de considerar "*os dois lados*" da história e mencionou que, em uma aula de história, foi apresentado o relato de uma nigeriana, referindo-se à escritora Chimamanda Adichie. Ele explicou que Adichie, em sua infância, lia muitos textos sobre a Europa, mas desconhecia a cultura de seu próprio povo, o que ilustra como a história europeia é exaltada, enquanto a cultura africana é frequentemente ignorada ou retratada de forma limitada, reforçando estereótipos e preconceitos. Segundo P12, as pessoas tendem a se inspirar na história da

Europa porque é "*aclamada*", o que sugere uma ideia de superioridade em relação à África, que é vista como "*um país pobre, desigual, que não tinha nada*". Ele acrescentou que essa visão perpetua a ideia de que a África, como "país", não teria capacidade de dominar seu próprio território. É importante destacar que, mais uma vez, P12 cometeu o equívoco de se referir à África como "país", em vez de "continente".

O último momento foi marcado pela realização de uma atividade lúdica usando a plataforma *Kahoot*, abordando as contribuições científicas e tecnológicas dos africanos e afrodescendentes. Tal como na Turma A, essa foi a atividade mais apreciada pelos participantes. Com 10 perguntas ao todo, os dois alunos atingiram 60% de acertos. Embora tenha havido um número moderado de respostas corretas, o resultado reflete o conhecimento limitado que eles têm sobre o legado intelectual desses povos, destacando a necessidade de uma abordagem mais profunda sobre o tema (Figura 16).



Figura 16. Resultado do *quiz* aplicado à Turma B. Fonte: Autora, 2024.

Ao final do encontro, todas as questões levantadas foram discutidas e comentadas pela pesquisadora, garantindo que os alunos compreendessem plenamente o conteúdo. Depois desse momento, os estudantes compartilharam suas impressões, fazendo uma breve avaliação das atividades realizadas e do aprendizado adquirido durante o primeiro encontro. P12 destacou novamente o aspecto cultural do continente africano, mencionando dança e música, mas também aprendeu durante o encontro que é essencial enxergar além desses estereótipos. Ele reconheceu que a África tem "*muito mais do que se possa imaginar*" e enfatizou a necessidade de superar essas percepções limitadas. P12 elogiou as atividades, considerando-as interativas, envolventes e de fácil execução. P13 adorou o *quiz*, mencionando que foi

interessante respondê-lo sem julgamento prévio. Ele sentiu que essa abordagem proporcionou uma experiência mais genuína. Em conclusão, o primeiro encontro teve um saldo bastante positivo, com os participantes trazendo contribuições valiosas para a pesquisa e demonstrando interesse e engajamento nas atividades propostas.

4.2.2. Dia 2: Pesquisa e Aprofundamento

No segundo dia, a aplicação da SD ocorreu na sala de aula da Turma A, das 9h às 10h40, já que os participantes não precisariam de computadores. Embora a escola ofereça *kits* com computador, projetor e caixa de som, a pesquisadora, por precaução, optou por levar seu próprio material. Isso visou evitar possíveis imprevistos que pudessem comprometer a realização da oficina, garantindo o bom andamento das atividades planejadas. O segundo encontro focou na exibição de vídeos, na leitura e discussão do texto *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia* e na roda de conversa que permeou vários momentos da aplicação da SD.

Além dessas atividades, os grupos da Turma A foram formados para a criação dos gêneros multimodais, como o mural virtual, infográfico e *post* para o *Instagram*, visando compartilhar os conteúdos trabalhados durante a oficina (Figura 17).



Figura 17. Dia 2: Aplicação da SD com a Turma A em sala de aula. Fonte: Autora, 2024.

Em um primeiro momento, a pesquisadora revisou o conteúdo discutido no encontro anterior, enfatizando como os alunos começaram a desconstruir a visão de que não havia

ciência, tecnologia e inovação no continente africano. Em seguida, deu início às atividades com a exibição de dois vídeos curtos do *YouTube* intitulados *Mwana Afrika: Magazine Cultural & Educacional – Partes 1 e 2*, onde a apresentadora expôs brevemente quais foram as invenções africanas que mudaram o mundo. Os participantes ficaram impressionados ao saber que essas invenções ocorreram em diversas áreas do conhecimento, como matemática, artes, mineração e metalurgia, engenharia e arquitetura, astronomia, sistema de escrita, navegação e rotas comerciais entre África e Ásia. O que mais os surpreendeu foi a medicina, especialmente o fato de que a cesariana foi inventada por mulheres africanas, com a primeira cesariana registrada na história da medicina moderna ocorrendo em Uganda no século XIX.

Após a exibição do vídeo, a Turma A foi dividida em três grupos, e a pesquisadora explicou que os alunos precisariam aprofundar suas pesquisas sobre invenções tecnológicas desenvolvidas em países africanos que impactaram o mundo. Ela também comunicou os temas a serem explorados e apresentados dentro de duas semanas. Os grupos escolheram os seguintes temas: medicina e etnobotânica, mineração e metalurgia, e engenharia e arquitetura. A pesquisadora explicou o uso da ferramenta *Padlet* aos alunos, destacando seus diversos recursos semióticos, para que realizassem a tarefa de maneira assíncrona. Foi solicitado que os grupos elaborassem um mural virtual contendo textos, imagens e vídeos, baseados nos resultados de suas pesquisas, e que compartilhassem esses murais no próximo encontro, agendado para dali a duas semanas. O objetivo era dar aos alunos tempo suficiente para pesquisar, organizar suas ideias e preparar as apresentações dos murais virtuais.

Em um segundo momento do encontro, a pesquisadora iniciou a atividade de pré-leitura solicitando que os alunos pesquisassem em seus celulares o significado da palavra "quilombo" nos países de língua espanhola. Ela sugeriu o uso do dicionário online *WordReference*, mas deixou claro que estavam livres para pesquisar em outros dicionários, se assim desejassem. P7 encontrou os termos "*bagunça*" e P3, "*circo*" e "*palhaçada*", mas não informaram em qual país essas palavras eram usadas. P9 encontrou a palavra "*bordel*". Outros participantes mencionaram que, na Argentina, "quilombo" é usado com o significado de "*prostíbulo*". P10 encontrou "*confusão*", e P2 descobriu os termos "*desordem*" e "*saia justa*", também na Argentina. Esses diferentes significados surpreenderam os participantes e abriram caminho para um debate mais profundo sobre a evolução do termo e sua ressignificação em diferentes contextos culturais.

A pesquisadora esclareceu que, embora o dicionário online tenha destacado o uso da palavra "quilombo" na Argentina, com sentidos como "desordem", "bagunça" ou "caos", esses significados também são encontrados em outros países hispano-falantes, como México,

Paraguai e Uruguai. Ela ressaltou que, na Argentina, o termo era historicamente associado a "bordel" ou "prostíbulo", mas que, atualmente, essa acepção caiu em desuso, predominando os significados de "confusão" e "caos" em contextos informais. A pesquisadora inclusive comentou que o jornal espanhol *El País* publicou uma matéria intitulada *¿Por qué para los argentinos todo es un "quilombo"*? (2017), de tão popular que a palavra é no país, estando presente em várias expressões do cotidiano.

Todos os participantes concordaram que o uso da palavra "quilombo" nos países hispano-falantes tem uma conotação discriminatória e racista, pois, para os brasileiros, remete a um símbolo de resistência das pessoas escravizadas. Quando a pesquisadora perguntou se o termo deveria deixar de ser usado na Argentina, P7 concordou e aproveitou para mencionar palavras e expressões de cunho discriminatório usadas no Brasil, como "*denegrir*", "*lista negra*" e "*criado-mudo*". Ele explicou que "*criado-mudo*" remete à época da escravidão, quando escravos ficavam imóveis ao lado das sinhás. P7 destacou a importância de tanto brasileiros quanto argentinos se autocensurarem quanto ao uso de termos inadequados e propôs a substituição por outros. P1, P5, P2, P4 e P3 concordaram que, ao se conhecer o significado histórico da palavra, ela deveria ser evitada. Já P9 mencionou que dependeria da intimidade com o argentino para corrigi-lo, enquanto P8 e P10 disseram que não interfeririam. P11 apoiou a correção, mas também afirmou que não julgaria os argentinos, dado o hábito enraizado no uso da palavra, opinião apoiada por P9. Nesse momento, a pesquisadora interveio e questionou se, mesmo cientes da conotação histórica da palavra "quilombo" em países como o Brasil, os argentinos deveriam substitui-la por outro termo. Todos os participantes concordaram que sim, ressaltando a necessidade de substituir vocábulos que carregam significados historicamente ofensivos, mesmo que já estejam enraizados no vocabulário de certos países, como é o caso na Argentina. A discussão refletiu a importância da conscientização sobre a linguagem e seu impacto cultural e histórico.

Após o comentário de P7, a pesquisadora questionou os participantes sobre o uso de palavras de cunho racista no Brasil. P7 rapidamente mencionou expressões como "*lista negra*", "*criado-mudo*" e "*denegrir*". Aproveitando o momento, a pesquisadora exibiu um vídeo de uma campanha brasileira promovida pelo Açúcar Guarani (GUARANI, 2024), que sugeria a mudança de nomes de doces como "teta de nega", "maria mole" e "nega maluca". O objetivo era mostrar que, assim como em países hispano-falantes, os brasileiros também utilizam termos discriminatórios no dia a dia e que essa realidade precisa ser transformada.

Antes de iniciar a leitura do texto *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistência*, a pesquisadora apresentou um vídeo do perfil *@espanholtranqui*, no

Instagram, onde o professor argentino Diogo José discute o uso inadequado da palavra “quilombo” em seu país. P6 destacou que o professor tem essa consciência por conhecer as realidades do Brasil e da Argentina. Em seguida, a pesquisadora explicou a origem da palavra, que vem da língua *kimbundu*, falada em Angola, e significa “acampamento” ou “fortaleza”.

Após a leitura do texto, os participantes responderam às perguntas propostas. Na atividade de pós-leitura, a pesquisadora questionou sobre a relação entre os quilombos e os saberes ancestrais da África. P6 destacou que os quilombos eram vistos como refúgios de negros que fugiam da escravidão, enquanto P4 mencionou que eram lugares de resistência. P6 acrescentou que nesses territórios eles podiam praticar sua religião, cultura e culinária. P5 reforçou que os quilombos preservavam costumes e tradições que seriam perdidos em outros locais. Com essas respostas, a pesquisadora pôde verificar que o objetivo da leitura foi alcançado. Os participantes demonstraram compreensão sobre a importância dos quilombos, que atualmente assumem um significado mais amplo. Além de serem lugares de resistência contra a escravidão, os quilombos são hoje reconhecidos como espaços de preservação de legados históricos, socioculturais, científicos, tecnológicos, religiosos e de memória de africanos e afrodescendentes. Esse entendimento ajudou a ampliar a visão dos participantes sobre o papel dos quilombos na sociedade atual (Figura 18).



Figura 18. Leitura do texto pelos participantes da Turma A. Fonte: Autora, 2024.

Os participantes expressaram surpresa ao descobrir as inovações tecnológicas vindas da África, destacando-se a primeira cesariana realizada no continente e a criação do calendário de 365 dias pelos egípcios. Um deles achou “*muito legal*” aprender sobre essas contribuições. Outro ponto de interesse foi o uso da palavra “quilombo” de forma pejorativa em países de língua espanhola, o que ressaltou a necessidade de vigilância linguística para

evitar erros culturais. Em comparação com o encontro anterior, a pesquisadora notou uma menor empolgação dos alunos. Embora houvesse momentos de exposição de conceitos, as respostas durante as rodas de conversa foram curtas. A Turma A, que costuma ser participativa, mostrou sinais de tédio quando as atividades se concentraram apenas em exposição e debate. Eles demonstraram preferência por se envolver em atividades mais práticas, que exigissem maior participação ativa, em que pudessem literalmente "colocar a mão na massa", sugerindo que dinâmicas mais interativas são essenciais para mantê-los engajados.

Contudo, a pesquisadora entende que trabalhar com textos é essencial para incentivar o gosto pela leitura, principalmente porque os alunos estão no 3º ano do ensino médio e precisam estar preparados para desafios como o mercado de trabalho e o ENEM. Além disso, o hábito da leitura é vital para quem deseja seguir uma carreira acadêmica, sendo uma fonte rica de informação. Vale ressaltar que os textos utilizados foram adaptados para não serem excessivamente longos, uma sugestão incorporada após a avaliação de uma das especialistas (Capítulo 4). Em resumo, o segundo encontro teve um caráter mais expositivo e foi fundamental para fornecer embasamento teórico às pesquisas que os alunos realizariam. Nesse momento, também foram explicados os passos para a construção dos gêneros multimodais, como o mural virtual, o infográfico e o *post* para o *Instagram*. Esse direcionamento serviu para que os participantes compartilhassem posteriormente com seus colegas as informações obtidas durante o processo de pesquisa.

No horário seguinte, das 10h40 às 12h20, as mesmas atividades foram realizadas com a Turma B, incluindo a exibição de vídeos e a roda de conversa baseadas nas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura do texto *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia*. Diferente da Turma A, como havia apenas dois estudantes, não foi necessário formar grupos. Ambos optaram por pesquisar o tema matemática para a produção dos gêneros multimodais, como mural virtual e infográfico (Figura 19).



Figura 19. Dia 2: Aplicação da SD com a Turma B em sala de aula. Fonte: Autora, 2024.

No início do encontro, os mesmos vídeos foram exibidos, e os estudantes se surpreenderam ao descobrir que a ciência e a tecnologia ancestral africana abrangeram diversas áreas do conhecimento, como matemática, artes, mineração e metalurgia, engenharia e arquitetura, astronomia, sistema de escrita, navegação e rotas comerciais entre África e Ásia.

Para esse grupo, o que mais os impressionou foi descobrir que a primeira cesariana foi realizada em Uganda no século XIX. P13 comentou que os feitos do antigo Egito em arte e escrita não o surpreenderam tanto, pois já conhecia a grandiosidade dessa civilização. P12 ficou impactado ao saber que no Egito também realizavam cirurgias, e P13 destacou as impressionantes descobertas nas áreas de exatas e ciências médicas, além de mencionar as construções das pirâmides e as rotas comerciais entre África e Ásia, frequentemente atribuídas a extraterrestres.

Após a exibição dos vídeos, a pesquisadora orientou os alunos da Turma B sobre como construir os murais virtuais com base no tema escolhido pela dupla de participantes, utilizando a ferramenta *Padlet*. Ela forneceu instruções detalhadas sobre a organização e os diferentes recursos semióticos disponíveis na plataforma para facilitar a criação de conteúdos multimodais. Somente após essa orientação, a turma prosseguiu com as atividades relacionadas à leitura e análise do texto *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia*.

Na atividade de pré-leitura, a pesquisadora perguntou se os alunos sabiam o significado da palavra “quilombo”, e eles responderam unanimemente que se refere a um território de resistência, para onde fugiam pessoas negras escravizadas. Em seguida, a pesquisadora pediu que pesquisassem o significado da palavra “quilombo” em países de língua espanhola, utilizando seus celulares. P12 e P13 encontraram os significados:

"*bagunça*" e "*palhaçada*" no México. P12 também encontrou "*zona*", enquanto P13 descobriu "*desordem*" e "*bordel"*, dizendo que esses usos eram comuns no México e na Argentina. P12 acrescentou que "quilombo" também é usada com esses significados no Paraguai e no Uruguai, reforçando a conotação pejorativa da palavra nesses países. Todos os participantes da Turma B, assim como na turma anterior, concordaram que a conotação da palavra "quilombo" nos países de língua espanhola é discriminatória e racista. P12 criticou fortemente essas expressões, afirmando que elas refletem estigmas de menos valia e inferioridade, associado negativamente às pessoas negras. Ele ressaltou como tais expressões perpetuam preconceitos históricos, reforçando a ideia de que os negros são responsáveis por desordem e confusão, e enfatizou a necessidade de interromper o uso desses termos pejorativos.

A pesquisadora ofereceu a mesma explicação dada anteriormente sobre o uso da palavra "quilombo" na Argentina e mostrou uma reportagem do *El País* que reforça o contexto. Ao perguntar aos participantes se a palavra deveria ser banida na Argentina, todos concordaram que o ideal seria substituí-la por outra palavra com significado similar, mas sem caráter discriminatório. Eles também assistiram a um vídeo de Diego José no *Instagram*, em que P12 expressou ceticismo sobre a possibilidade de mudança devido ao uso arraigado da palavra. P13 mencionou que no Brasil também utilizamos termos preconceituosos, como "*denegrir*", levando a pesquisadora a mostrar o comercial do Açúcar Guarani (GUARANI, 2024), que propõe mudanças no vocabulário. P12 afirmou ter sido tocado pelo comercial, destacando a importância de assumir uma postura diferente, enquanto P13 trouxe um exemplo positivo ao mencionar que "Pelé" passou a significar "*alguém excepcional, aquele que é fora do comum, aquele que é fora de série, o máximo dos máximos*", destacando a escassez de casos que celebram a competência de pessoas negras.

Antes de prosseguir, a pesquisadora explicou a origem da palavra "quilombo" antes que os alunos iniciassem a leitura do texto e respondessem às perguntas com base nele. Durante a atividade de pós-leitura, P12 afirmou que os quilombos são espaços de memória que representam a história dos africanos, ao que P13 retrucou: "*Mas não é só a história deles, é a nossa história, a de um Brasil como um todo*." Assim, a pesquisadora atingiu seu objetivo, pois os participantes entenderam a relevância dos quilombos como territórios de resistência e preservação de saberes ancestrais (Figura 20).



Figura 20. Leitura do texto pelos participantes da Turma B. Fonte: Autora, 2024.

Os participantes gostaram do segundo encontro. P12 comentou que, apesar de alguns avanços, "*nós, brasileiros, ainda temos uma cabeça muito fechada sobre os negros, sobre os quilombos*." Ele destacou que a relação entre negros e brancos historicamente foi marcada por conflitos: "*Tudo bem, negros e brancos, desde que a gente se entende por gente, nunca se deram bem, mas a gente precisa ter respeito*". Essa fala ressalta a necessidade de coexistência respeitosa, mesmo diante dos desafios históricos e culturais que sempre existiram entre os dois grupos.

4.2.3. Dia 3: Conexão com a História e a Cultura/Produção e Compartilhamento

No início do penúltimo encontro, os participantes da Turma A, organizados em três grupos, apresentaram seus murais virtuais no *Padlet*, contendo imagens, textos e vídeos. Cada grupo abordou um tema específico relacionado às invenções tecnológicas africanas: engenharia e arquitetura, medicina e etnobotânica, e mineração e metalurgia. O objetivo era compartilhar as descobertas feitas com seus colegas e com a pesquisadora, aprofundando o conhecimento sobre a relevância dessas contribuições tecnológicas para o desenvolvimento mundial (Figuras 21, 22 e 23).



Figura 21. Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Mineração e Metalurgia” . Fonte: Autora, 2024.



Figura 22. Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Medicina e Etnobotânica” . Fonte: Autora, 2024.



Figura 23. Turma A - Apresentação do *Padlet* do grupo “Engenharia e Arquitetura”. Fonte: Autora, 2024.

Os grupos se mostraram altamente envolvidos em suas apresentações, demonstrando surpresa com as descobertas realizadas durante a pesquisa. O grupo que explorou arquitetura e engenharia ficou impressionado com a beleza das construções nas fotos, especialmente ao descobrir que as pirâmides eram, na verdade, túmulos de faraós, e que estes eram enterrados com seus bens mais preciosos para uso na vida após a morte, como mencionou P1. Eles também notaram semelhanças entre construções africanas e brasileiras, além de outras ao redor do mundo. P6 destacou: "*usam conceitos antigos com coisas atuais até reformando prédios antigos, e ficam lindos e funcionais*".

O grupo que pesquisou sobre mineração e metalurgia descobriu que os africanos dominavam a fundição do ferro e introduziram a metalurgia no Brasil, um feito comumente atribuído aos portugueses. Eles também ressaltaram o uso de bronze na fabricação de artefatos. Já o grupo de medicina e etnobotânica ficou impressionado com as propriedades medicinais de plantas como arruda e guiné, utilizadas tanto na medicina quanto na gastronomia. Todos os grupos apreciaram o compartilhamento das informações entre si, utilizando murais virtuais interativos que facilitaram a troca de conhecimentos em um formato similar ao das redes sociais.

Logo após as apresentações, iniciou-se a atividade de pré-leitura com base na reportagem sobre o lançamento do livro *Inventores y científicos negros*, de Yves Antonie, que apresenta inventores e cientistas africanos e afrodescendentes contemporâneos. A pesquisadora perguntou aos participantes se conheciam algum cientista negro, e a resposta foi unânime: "*não*". Ela também questionou se sabiam de algum negro que tivesse ganhado o Prêmio Nobel, mas ninguém soube responder. Por fim, perguntou se conheciam alguma invenção científica realizada por negros, e novamente a resposta foi negativa.

Após a leitura do texto, os alunos responderam às questões com base nas informações fornecidas. Na etapa de pós-leitura, a pesquisadora perguntou o que achavam da iniciativa de Yves Antonie ao escrever um livro sobre cientistas e inventores negros. P6 e P7 valorizaram a iniciativa, destacando que ela demonstra que pessoas negras também podem ocupar esse espaço. P7 ficou surpreso ao saber que 15 negros já ganharam o Prêmio Nobel, e P1, P5 e P8 observaram que a sociedade ainda associa pessoas negras a trabalhos subalternos. P11 e P4 ressaltaram a importância de divulgar essas conquistas. Os demais participantes concordaram com as opiniões dos colegas que se manifestaram, reforçando a importância de valorizar e divulgar as contribuições de inventores e cientistas negros na ciência e em outros campos de conhecimento, já que essas figuras históricas e suas realizações muitas vezes permanecem negligenciadas na sociedade. A conversa destacou a relevância de quebrar estereótipos e

preconceitos que limitam a visibilidade das conquistas de pessoas negras, fortalecendo a compreensão de que a capacidade intelectual e inventiva não se restringe a uma etnia ou grupo social (Figura 24).



Figura 24. Turma A - Leitura do texto seguida de roda de conversa. Fonte: Autora, 2024.

Para encerrar, a pesquisadora quis saber a opinião deles sobre o motivo pelo qual as contribuições de cientistas e inventores negros não são amplamente divulgadas e os impactos desse silenciamento. P10 comentou que as descobertas sempre são atribuídas a pessoas brancas. P9 destacou a falta de interesse em promover realizações de negros, pois os brancos querem manter sua hegemonia. P2 e P3 concordaram que isso leva ao desconhecimento, como demonstrado nas respostas da fase de pré-leitura. P7 concluiu: "*Acho que quando o negro ocupa esse lugar incomoda a muita gente, tipo, parece que o racismo nunca acaba na nossa sociedade, o reflexo da escravidão nunca acaba, as pessoas sempre trazem do negro essa posição de inferioridade e parece que isso nunca acaba, mesmo com tanto conhecimento e estudo, as pessoas têm a cabeça muito quadrada.*"

A pesquisadora notou vários momentos de silenciamento e hesitação nas respostas, pois, conforme observado por muitos participantes, existe uma invisibilidade histórica da ciência e tecnologia de origem africana. Atualmente, pessoas negras ainda enfrentam muitos obstáculos ao tentar ocupar espaços intelectuais e de produção de conhecimento. Nos momentos finais da aula, os mesmos grupos que criaram os *Padlets* foram instruídos a realizar nova pesquisa para elaborar infográficos no *Canva*, destacando o legado africano e afrodescendente e seus impactos na ciência e inovação atuais. A apresentação foi marcada para duas semanas depois.

No horário seguinte, a dupla de estudantes da Turma B apresentou seu *Padlet* sobre os primórdios da matemática, desenvolvida na África. Eles relataram a importância de revelar esse outro lado do continente. P12 destacou que muitas vezes são enaltecidos os feitos da civilização europeia ou grega, mas que é fundamental reconhecer que a África "*tem mais e pode nos oferecer mais, se deixarmos o preconceito de lado*". P13 complementou afirmando que o continente africano foi "*protagonista na ciência e matemática, influenciando tudo o que usamos atualmente*" (Figura 25).

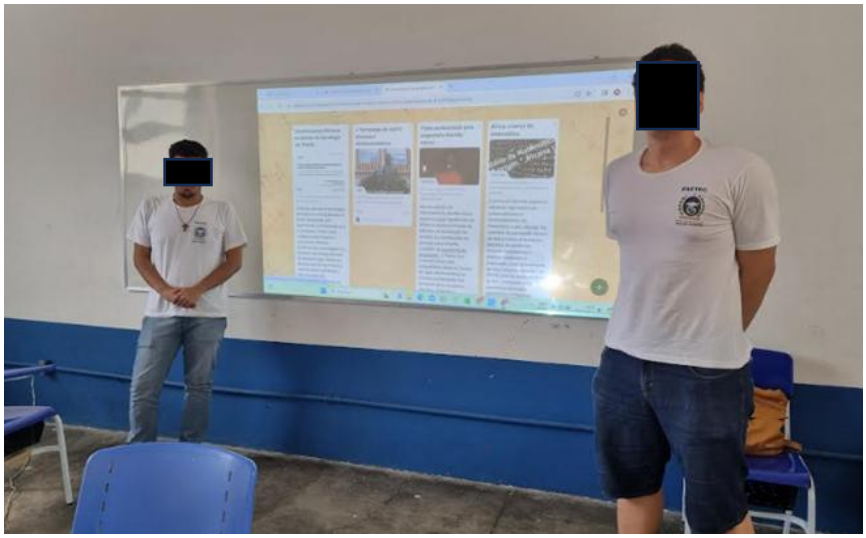


Figura 25. Turma B - Apresentação do *Padlet* do grupo "Matemática". Fonte: Autora, 2024.

Vale destacar que essa turma teve a oportunidade de acessar os murais virtuais criados pela Turma A e explorar os outros temas apresentados pelos colegas, por meio do link compartilhado pela pesquisadora. O mesmo ocorreu com a Turma A em relação ao conteúdo produzido pela Turma B. Essa interatividade é uma das grandes vantagens dos murais virtuais no *Padlet*, permitindo uma troca rica de conhecimento e informações. O uso dessa plataforma facilita a disseminação e o compartilhamento de dados de forma dinâmica e acessível a todos os participantes.

Logo após a apresentação, iniciou-se a atividade de pré-leitura sobre o texto *Inventores y científicos negros*. Assim como na turma anterior, nenhum dos participantes conhecia cientistas negros, tampouco sabiam de prêmios Nobel ou invenções realizadas por negros nessa área. Após a leitura e o preenchimento das questões, na atividade de pós-leitura, a professora perguntou aos alunos suas opiniões sobre a iniciativa de Yves Antonie em escrever um livro que aborda cientistas e inventores negros, promovendo discussões valiosas sobre representatividade (Figura 26).



Figura 26. Turma B - Leitura do texto seguida de roda de conversa. Fonte: Autora, 2024.

Ambos reconheceram a importância da iniciativa de Yves Antonie em divulgar a participação negra na ciência. P12 comentou que, para muitas pessoas, "*na cabeça das pessoas não existem cientistas negros, parece que eles são completamente apagados. Só existem cientistas brancos ou inventores brancos*." e associou isso ao racismo, afirmando que ainda há a percepção de que apenas brancos podem ser cientistas. P13 complementou, atribuindo essa falta de reconhecimento à "*ignorância de não reconhecer os feitos realizados por negros*", destacando que nunca havia ouvido falar de negros ganhadores do Prêmio Nobel, considerando a reportagem sobre o livro muito interessante.

A pesquisadora perguntou aos participantes sobre as razões para a falta de divulgação das contribuições de cientistas e inventores negros e os efeitos desse silenciamento. P12 atribuiu isso "*porque existe muito preconceito, parece que a gente ainda vive na época da escravidão, sempre existe aquela ideia de que os brancos sempre vão ser aquela superioridade aceita e os melhores e os negros serão sempre a baixa classe, a classe da ralé, é algo indignante. Por isso, não existe o interesse que ninguém saiba essas coisas, sabe, em divulgar, por incrível que pareça ainda existe muito preconceito em pleno século XXI de achar o negro menos inteligente, menos capaz de fazer as coisas. Isso é de uma ignorância que eu não entendo. A gente tem livros, tem conhecimento, mas parece que o mundo não se enxerga e continua batendo na tecla, na tecla de que o negro sempre será rebaixado*."

P13 também concordou com P12 e acrescentou que a crença de que as pessoas negras estão destinadas apenas a trabalhos braçais é constantemente perpetuada. Ele ressaltou que existe um interesse em manter esses conhecimentos ocultos para garantir a supremacia branca no campo da ciência. Por isso, P13 considerou que a iniciativa de divulgar a participação de africanos e afrodescendentes na ciência é espetacular: "*As pessoas querem viver mais do*

mesmo, desse preconceito de que o negro só, só... vive de profissões mais braçais, mas o negro também pode ser um técnico, um matemático, um cientista. É que os brancos não querem perder a sua posição de liderança nessa área, sabe. Acho que é por isso que essas informações não são repassadas para o grande público. Então a ideia de publicar um livro assim é, é impressionante, é excelente." E acrescentou: "*Ah, as pessoas vão perceber que os negros também são inteligentes e capazes de inventar, sabe, de criar coisas assim como os brancos e parar com esse preconceito bobo. Afinal de contas, todo mundo é igual, todo mundo é capaz. Não tem nada a ver com a cor da pele da pessoa*.".

Antes do término do penúltimo encontro, também ficou acordado que os alunos da Turma B prepariam os infográficos, assim como foi feito com a turma A. Eles teriam duas semanas para finalizar e apresentar o trabalho, utilizando as pesquisas realizadas sobre as contribuições de africanos e afrodescendentes para a ciência e tecnologia. Essa etapa final seria a culminância do trabalho, permitindo que os estudantes sintetizassem o conhecimento adquirido ao longo das aulas em um formato visual e interativo.

4.2.4. Dia 4: Exposição e Comunicação

As duas turmas desenvolveram infográficos no *Canva* abordando a influência da ciência e da tecnologia ancestral africana nos dias atuais. Os temas explorados incluíram a trajetória de cientistas e inventores africanos ou afrodescendentes contemporâneos, bem como inovações em diversos campos. Esses infográficos foram posteriormente apresentados aos colegas (Figuras 27, 28, 29 e 30).

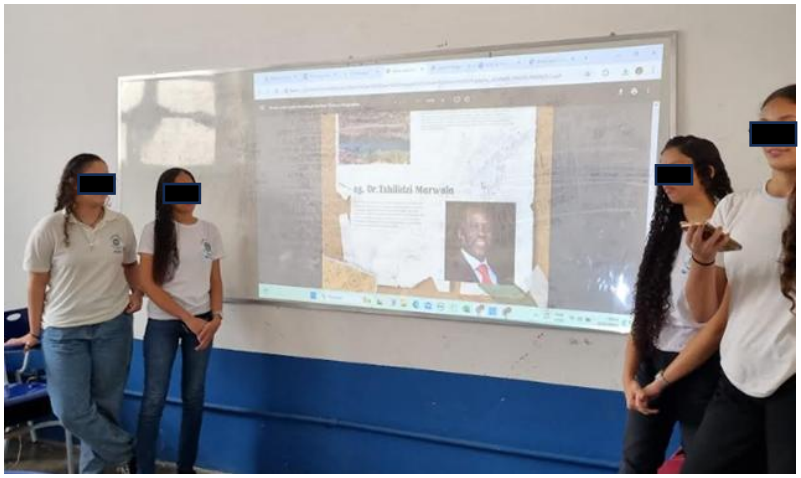


Figura 27. Turma A – Apresentação dos infográficos grupo "Mineração e Metalurgia". Fonte: Autora, 2024.



Figura 28. Turma A - Apresentação dos infográficos grupo “Engenharia e Arquitetura”. Fonte: Autora, 2024.



Figura 29. Turma A - Apresentação dos infográficos grupo “Medicina e Etnobotânica”. Fonte: Autora, 2024.

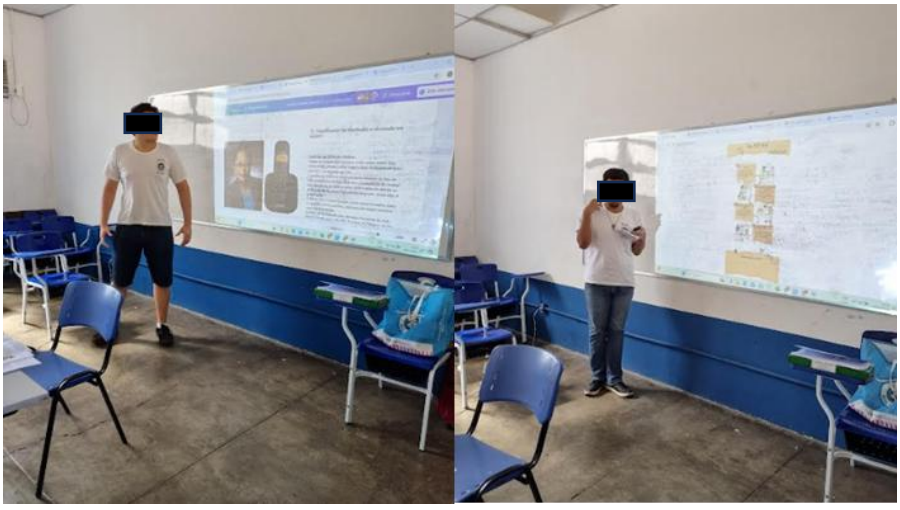


Figura 30. Turma B – Apresentação dos infográficos grupo “Matemática”. Fonte: Autora, 2024.

Antes do encerramento, os participantes preencheram individualmente um formulário no *Google Forms* para realizar uma autoavaliação de sua participação na oficina. Em seguida, os mesmos grupos elaboraram *posts*, que foram publicados no *Instagram* da ETEFV, com o objetivo de compartilhar com a comunidade escolar os conhecimentos adquiridos ao longo dos encontros.

As Figuras 31 a 40 mostram os *posts* do *Instagram* produzidos pelos 13 alunos que participaram deste projeto.



Figura 31. *Post* sobre a matemática na África. Fonte: Autora, 2024.



Figura 32. *Post* sobre um dos mais antigos artefatos matemáticos encontrados na África. Fonte: Autora, 2024.



Figura 33. *Post* sobre a África, berço da matemática ancestral. Fonte: Autora, 2024.



Figura 34. *Post* sobre a engenharia e arquitetura no continente africano. Fonte: Autora, 2024.



Figura 35. *Post* sobre o protagonismo intelectual negro. Fonte: Autora, 2024.

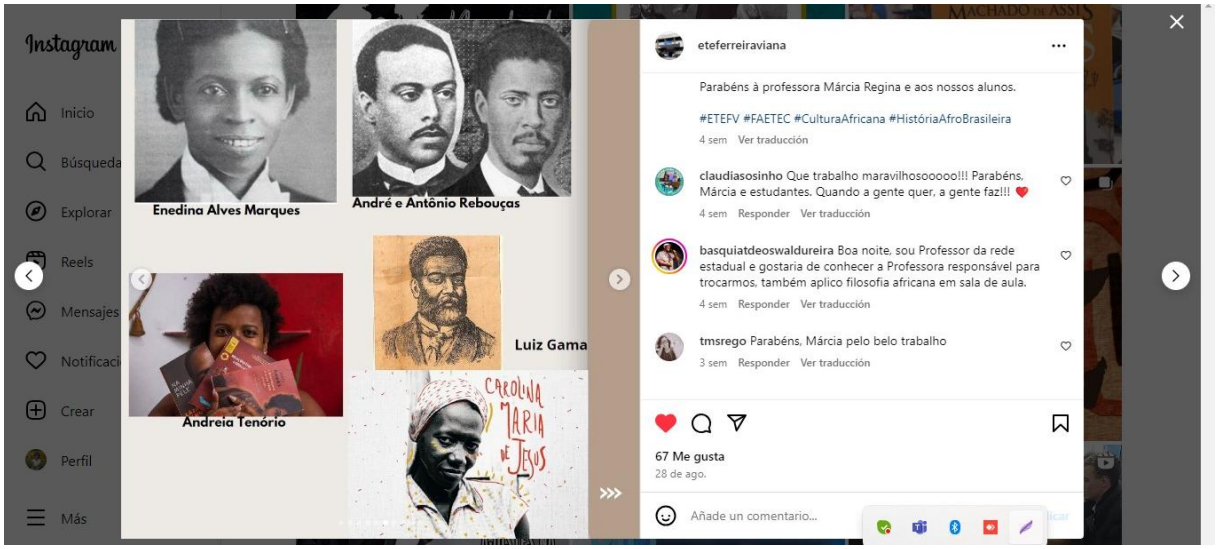


Figura 36. *Post* sobre intelectuais negros, como os irmãos Rebouças, os primeiros engenheiros negros do Brasil. Fonte: Autora, 2024.



Figura 37. *Post* sobre a medicina e etnobotânica na África. Fonte: Autora, 2024.



Figura 38. *Post* sobre as primeiras cesarianas realizadas em Uganda no século XIX. Fonte: Autora, 2024.



Figura 39. *Post* sobre o poder das plantas, conhecimento utilizados pelos africanos na fitoterapia, culinária e liturgia. Fonte: Autora, 2024.



Figura 40. *Post* sobre a introdução da metalurgia no Brasil pelos africanos graças ao domínio da fundição do ferro. Fonte: Autora, 2024.

4.3. Categorias Analíticas

Durante o tratamento dos resultados e interpretações, foram delimitadas três categorias analíticas principais: **“África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência”**, **“Quilombos: linguagem, cultura e saberes ancestrais”**, e **“Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras”**. Essas categorias foram desdobradas em diversas subcategorias, como: **Percepções sobre a África**, **Cidadania cultural e valorização**, **Representação midiática e educacional**, **Preconceitos e**

perspectivas históricas, **Engajamento e aprendizagem**, **Linguagem e semântica das palavras**, **Percepções raciais e preconceitos**, **Saberes ancestrais africanos e a importância da preservação cultural**, **Educação e letramento racial**, **Impacto educacional e reflexões pessoais**, **Conhecimento e descoberta**, **Invisibilidade e silenciamento**, **Impacto da educação e da informação**, e **Preconceitos e racismo na ciência**.

A partir dessas subcategorias, foram gerados códigos que emergiram dos relatos dos participantes, entre eles:

- **Percepções sobre a África**: Preconceito e aspectos sociais, aspectos culturais, identidade cultural, fauna, ambientes naturais e influências africanas no Brasil.
- **Cidadania cultural e valorização**: Cidadania lúdica, valorização seletiva e percepção de baixa inovação tecnológica.
- **Representação midiática e educacional**: Abordagem educacional eurocêntrica, fontes de informação, desconhecimento sobre a África e disseminação de estereótipos.
- **Preconceitos e perspectivas históricas**: Dominação e colonialismo, preconceitos e estereótipos, narrativas unilaterais.
- **Engajamento e aprendizagem**: Desconstrução de preconceitos e reações dos participantes.
- **Linguagem e semântica das palavras**: Significado no Brasil, significado em países hispano-falantes e conotações racistas.
- **Percepções raciais e preconceitos**: Sugestões de correção, reflexões sobre a resistência à mudança de termos com conotações racistas e aceitação cultural.
- **Saberes ancestrais africanos e a importância da preservação cultural**: Resgate e preservação cultural nos quilombos, e reflexões sobre o aprendizado de inovações tecnológicas africanas.
- **Educação e letramento racial**: Consciência sobre termos racistas e a importância do letramento racial.
- **Impacto educacional e reflexões pessoais**: Impacto da SD na conscientização sobre racismo e preconceito, avaliação positiva das atividades.
- **Conhecimento e descoberta**: Descoberta de conhecimentos e técnicas africanas antigas, surpresa e admiração pelas contribuições africanas, reflexão sobre o desconhecimento geral, comparações com o presente.
- **Invisibilidade e silenciamento**: Ausência de representatividade negra na ciência contemporânea, impacto do racismo estrutural, crítica ao silenciamento histórico.

- **Impacto da educação e da informação**: Necessidade de mais informações e valorização das contribuições negras, educação como ferramenta de transformação.
- **Preconceitos e racismo na ciência**: Visões de preconceito e racismo, reflexos da história e da escravidão.

Esses códigos e subcategorias foram fundamentais para organizar os relatos dos participantes e estruturar as análises, que serão detalhadas nos quadros 4, 5 e 6. A categorização proporcionou uma visão mais ampla e aprofundada sobre a invisibilidade da ciência africana, o papel dos quilombos na preservação cultural e os preconceitos estruturais presentes no ambiente educacional brasileiro.

4.3.1. Categoria Analítica 1 - África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência

Neste subcapítulo, foi realizada a análise dos dados referentes à primeira categoria analítica principal, intitulada **"África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência"**. As subcategorias e códigos relacionados a essa categoria, juntamente com seus respectivos detalhamentos e exemplos de falas dos participantes, estão apresentados no Quadro 4.

A análise desta categoria buscou compreender as percepções dos participantes sobre a África, explorando aspectos relacionados à identidade cultural, à representação midiática e educacional, e à conscientização sobre as contribuições do continente africano no cenário global. Além disso, foram destacados os estereótipos e preconceitos frequentemente associados à África, revelando as lacunas existentes nas abordagens educacionais sobre o tema.

Os relatos dos participantes forneceram exemplos ricos que ilustram a visão limitada sobre o continente africano, apontando para a necessidade de uma revisão nas práticas pedagógicas que favoreça uma abordagem mais inclusiva e crítica. Assim, as falas selecionadas refletem tanto as percepções preconceituosas quanto os momentos de descoberta e conscientização gerados pela sequência didática aplicada durante a pesquisa.

Quadro 4. África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência.

SUBCATEGORIAS	CÓDIGOS / DETALHAMENTO	EXEMPLOS
1. Percepções sobre a África: Esta categoria agrupa códigos relacionados às percepções e estereótipos que os alunos têm sobre o continente africano, como as palavras que eles associam à África e suas percepções sobre as contribuições africanas.	**Preconceito e aspectos sociais**: preconceito, fome, criança. **Aspectos culturais:** dança, danças**,** artesanato, artes, cultura, culinária, riqueza. **Identidade cultural:** ancestralidade, axé, religião**,** candomblé, línguas. **Influências africanas no Brasil:** samba, capoeira, acarajé. **Ambientes naturais:** deserto, savana, calor. **Fauna:** animais diferentes.	
2. Cidadania cultural e valorização: Esta categoria reúne códigos associados à crença do destaque do continente africano em aspectos culturais em detrimento da ciência e da tecnologia.	**Cidadania lúdica:** aspectos culturais como música, dança, e culinária são mais reconhecidos do que ciência e tecnologia. **Valorização seletiva:** Reconhecimento limitado de contribuições africanas fora do campo cultural. **Percepção de baixa inovação tecnológica:** subestimação da capacidade africana no campo da ciência e da tecnologia.	**Cidadania lúdica:** **P12: "**Eu acho que é muito isso porque são coisas que... Muito... são coisas muito características. Elas têm algo forte. E quando você vai falar da tecnologia deles, da ciência, as pessoas meio que não sabem, porque a África é muito vista como algo cultural e não algo tecnológico, algo avançado, pra mim mais na minha visão de mundo assim. É um país que se foca mais na cultura, na religiosidade do que na tecnologia e na ciência." **Valorização seletiva:** **P12:** "Enfim, mas eu acho que a cultura, olha eu falando de novo da cultura. Eu acho que tem muito da cultura deles, a dança, a música, a capoeira, o samba..." **Percepção de baixa inovação tecnológica:** **P12:** "Agora, em relação à tecnologia, eu não vejo a África assim como um país bem desenvolvido assim na tecnologia, em avanços tecnológicos assim como Estados Unidos, Europa, países que tem assim investimento em relação à tecnologia."
3. Representação midiática e educacional: Esta categoria engloba os códigos que abordam a influência da mídia e do sistema educacional na construção dessas percepções, incluindo a omissão de conteúdo africano no currículo escolar e a representação estereotipada na mídia.	**Abordagem Educacional eurocentrada:** O ensino foca em pontos de vista de dominadores europeus; falta de foco na narrativa africana. **Desconhecimento sobre África:** Falta de informação sobre geografia, idiomas, sistemas de governo. **Fontes de Informação:** Televisão, internet; narrativas sobre pobreza e subdesenvolvimento. **Disseminação de Estereótipos:** O papel dos meios de comunicação na perpetuação de estereótipos negativos.	**Abordagem Educacional eurocentrada:** **P5:** "De certa forma, alguns professores não se aprofundaram muito no tema porque eles estão mais voltados ao cronograma deles relacionado a cada matéria e acho que eles meio que deixam o continente africano meio de lado." **Desconhecimento sobre África:** **P6:** "Porque a gente é ensinado assim desde criança, né? A gente não tem a escolha, né? Quer dizer a gente tem até escolha, mas a gente não é direcionado pra poder pensar, pra poder ir atrás do que é o continente africano em si." **Fontes de Informação:** **P12:** "Então, a televisão muito traz isso. A própria internet também, eu vejo que hoje em dia a televisão meio que dá um up a mais pra se chegar nesse tipo de cultura. A televisão também que vai, de certa forma, vai colaborando. Acho que é muito mais por esses meios de comunicação assim que a gente tem. Acho que chega mais por esses tipos de meios." **Disseminação de Estereótipos:** **P12:** "Então, ainda existe um pouco esse preconceito vindo muito de notícias assim de que... Aí, a África é uma pobreza, miserável, só tem tragédia lá."
4. Preconceitos e Perspectivas Históricas:	**Dominação e Colonialismo:** África vista sob o prisma da dominação europeia e colonial.	**Dominação e Colonialismo:** **P13:** "Sim, a culinária também, a linguagem nem tanto porque é... É porque meio que a linguagem deles foi meio que censurada, né, pelos que dominaram a África.

Esta categoria engloba códigos que abordam a permanência da cultura colonial até os dias atuais, ou seja, a colonialidade do poder, do ser e do saber e a consequente reprodução de estimas, preconceitos e discriminações.	**Narrativas Unilaterais:** História contada pela perspectiva europeia, com pouca voz africana. **Preconceitos e Estereótipos:** A África é subestimada e associada principalmente à pobreza e tragédia.	Normalmente se fala pouco da língua falada deles e a ciência e a tecnologia, por último." **P6:** "Eu creio que há um interesse político por trás disso, sabe? A gente não conhece as raízes de onde parte do nosso povo vêm, a gente acaba esquecendo o passado e acaba esquecendo outras questões, então, pra mim há um movimento político, além de um movimento de esquecimento." **Narrativas Unilaterais:** **Pesquisadora:** E a partir da perspectiva de quem a história da África é contada? **P12:** "Ah, dos europeus, com toda certeza. Os europeus sempre, assim pessoas brancas, pessoas europeias. Muitos desses países superiores, praticamente Europa." **P13:** "Ah, eu diria que 90% de europeus, 10% do povo africano." **Preconceitos e Estereótipos:** **P12:** "Que a Europa sempre foi a reinante de tudo, ela sempre foi aclamada como a superior de tudo. Enquanto a África era só um país pobre, desigual, que não tinha nada. Não conseguiria dominar nenhum território porque não tinha capacidade."
5. Engajamento e Aprendizagem: Esta categoria compila códigos que refletem o envolvimento dos alunos nas atividades e a importância de métodos pedagógicos que promovam uma aprendizagem significativa.	**Desconstrução de Preconceitos:** Categoria que abrange os momentos em que os estudantes expressam reflexão crítica e desconstrução de preconceitos ao longo da atividade. **Reações dos Participantes:** Engajamento positivo, participação ativa nas atividades.	**Desconstrução de Preconceitos:** **P12:** "Não, a África tem muito mais coisa que a gente pode imaginar, por exemplo, uma autora da Nigéria, nigeriana, que leu muito livro só da Europa, aos poucos ela entendeu que a África ela tem uma cultura, ela pode, ela deve ter mais autores assim. Então, a gente precisa parar com essa mania de sempre botar algo como um esteriótipo. Sempre olhar aquilo e falar 'É isso aqui!', não! É muito mais, gente, a vida é muito além do que qualquer coisinha que você olha e bate o olho e vê assim." **Reações dos Participantes:** **P9:** "Bom, gostei bastante porque basicamente a gente aprendeu mais sobre a África de uma forma divertida, criativa e a gente conseguiu interagir com todo o mundo também."

Fonte: Autora, 2024.

4.3.2. Categoria Analítica 2 - Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais

A segunda categoria analítica principal, intitulada "Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais," reúne subcategorias e códigos acompanhados de suas respectivas descrições, que são ilustradas pelas falas dos participantes (Quadro 5). A categorização apresentada serviu de base para a discussão dos dados, permitindo uma análise mais profunda das interações entre linguagem, cultura e os saberes ancestrais no contexto dos quilombos, evidenciando a importância dessas dinâmicas na formação das identidades e na preservação das tradições.

Na análise desta categoria, destacou-se o entendimento do termo "quilombo" em diferentes culturas, bem como as concepções raciais e preconceituosas associadas ao seu uso. Em alguns países hispano-falantes, como a Argentina, a palavra "quilombo" adquiriu uma conotação pejorativa e racista, destoando de seu significado histórico original. Isso reflete a

distorção semântica do vocábulo, que, no Brasil, remete às comunidades de resistência formadas por pessoas negras escravizadas. Essa discrepância evidencia a necessidade de resgatar o sentido legítimo do termo e combater o racismo linguístico, reconhecendo a importância dos quilombos como símbolos de luta e preservação de saberes ancestrais.

Em contrapartida, a explanação dos participantes ressaltou a importância da educação e do letramento racial como ferramentas essenciais para combater o racismo linguístico e cultural. Além disso, reconheceram o papel fundamental dos quilombos brasileiros na preservação e transmissão da cultura africana. Refletiram também sobre o valor do aprendizado da ciência e tecnologia ancestral de matriz africana, que permanece relevante na contemporaneidade. Por fim, avaliaram de forma positiva o material didático afrocentrado proposto pela pesquisa, destacando sua eficácia em fomentar discussões sobre questões étnico-raciais e em promover a conscientização acerca do racismo e do preconceito.

Quadro 5. Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais.

SUBCATEGORIAS	CÓDIGOS	EXEMPLOS
1. Linguagem e semântica das palavras: percepção sobre o termo "Quilombo" em diferentes culturas - Esta subcategoria reúne códigos relacionados à acepção do vocábulo "quilombo" em alguns países hispano-americanos, especialmente, a Argentina devido ao sentido racista com o qual é empregada naquele país em contraposição a relevância histórica, social e cultural dos quilombos no Brasil.	**Significado no Brasil:** Quilombo como um espaço de resistência, refúgio e preservação cultural dos escravos fugitivos. **Significado em alguns países hispano-falantes:** Quilombo como sinônimo de "bagunça", "confusão", "prostíbulo" e outras conotações pejorativas em países de língua espanhola, especialmente na Argentina. **Conotação racista:** Discussão sobre o uso discriminatório do termo "quilombo" na Argentina e sua carga histórica e cultural negativa.	**Significado no Brasil:** **P9:** "Ah, pelo que eu sei, é um lugar de refúgio, de esconderijo dos escravos que fugiam dos seus senhores." **Significado em alguns países hispano-falantes:** **P9:** "Eu achei bordel." **P3:** "Circo, palhaçada." **P7:** "Bagunça." **Conotação racista:** **P7:** "Eu acho que sim. Porque 'quilombo' normalmente é usado, né, era o refúgio dos escravos que fugiam e iam se abrigar nos quilombos, né? E eles montavam a sociedade deles e aí isso ser usado pra se referir a 'bagunça, desordem, confusão e caos', eu acho que é bem racista assim."
2. Percepções raciais e preconceitos: reações dos estudantes ao uso da palavra "quilombo" em países hispano-falantes, como a Argentina – Esta subcategoria engloba códigos relacionados com a reação e as reflexões dos participantes da pesquisa acerca do uso racista da palavra "quilombo" na Argentina.	**Sugestões de Correção:** Alunos sugerem que os argentinos deixem de usar o termo "quilombo" com significados pejorativos. **Reflexão sobre a resistência à mudança de termos com conotações racistas**: estudantes refletem sobre como os argentinos naturalizam o uso do termo e insistem em usá-lo por estar inserido em seu contexto cultural, não considerando o uso inapropriado. **Aceitação Cultural:** Reflexões sobre a aceitação da cultura argentina e a tentativa de compreender o uso do	**Sugestões de Correção:** **P5:** "Eu acho que eu, de certa forma, corrigiria a forma como eles se referem pelo fato deles não conhecerem a ancestralidade, a origem da palavra." **Reflexão sobre a resistência à mudança de termos com conotações racistas:** **P12:** "Professora, mesmo a palavra sendo racista lá, acho muito complicado tentar mudar toda uma coisa que é socialmente aceita por eles, mudar a cabeça das pessoas que sempre falaram isso a vida inteira. Acho que tem todo o sentido deixar de usar, mas não faria muito efeito. Acho que eles não acatariam a sugestão de mudar." **Aceitação Cultural:** **P11:** "Eu tentaria corrigir, mas eu acho que se ele não entendesse, eu não julgaria porque é da cultura deles, tem que entender isso. Eles

	termo dentro de seu contexto cultural.	não usam com esse pensamento, eles usam, tipo, mais com normalidade mesmo. Todo mundo usa essa palavra e eles acabam usando também.”
3. Saberes Ancestrais Africanos e a Importância da Preservação Cultural – Esta subcategoria compila códigos concernentes ao resgate e preservação cultural nos quilombos, assim como ponderações dos participantes sobre o aprendizado de inovações tecnológicas africanas.	**Resgate e Preservação Cultural nos Quilombos:** Discussão sobre como os quilombos atuais funcionam como espaços de preservação da cultura africana, como culinária, religião e costumes. **Reflexões sobre o aprendizado de inovações tecnológicas africanas**: Estudantes aprendem sobre a ciência e a tecnologia ancestral em África que se fazem presentes nos dias atuais.	**Resgate e Preservação Cultural nos Quilombos:** **P6:** “Nos quilombos eles podem praticar a sua religião, a sua cultura, a culinária...” **Reflexões sobre o aprendizado de inovações tecnológicas africanas:** **P12:** “Eu gostei muito do negócio da cesariana, não sabia disso realmente, nunca me passou pela cabeça, as outras coisas eu já meio que sabia muito envolvendo a engenharia da África, as pirâmides do Egito e tal. A metalurgia também que eu gostei bastante.”
4. Educação e Letramento Racial – Esta subcategoria abarca códigos relacionados à consciência e reflexão acerca de termos racistas e o papel relevante da educação e do letramento racial com o propósito de bani-los do uso cotidiano**.**	**Consciência e reflexão sobre termos racistas e importância do letramento racial:** Estudantes discutem o uso de termos de cunho racista na língua portuguesa e a importância de substituí-los por outras palavras, ajudando a combater o racismo linguístico e cultural.	**Consciência e reflexão sobre termos racistas e importância do letramento racial:** **P7:** “Ah, professora, comigo não tem essa não! Isso é racismo! Essas são palavras consideradas racistas e a gente vê que adaptam, por exemplo, ‘criado-mudo’, falam que não é legal falar porque se referiam aos escravos que ficavam do lado das sinhás na mesa e tinha que ficar lá do lado então era o ‘criado- mudo’ e isso não é legal. E a gente fala ‘rack’, ‘movelzinho’, ‘móvel de cabeceira’, a gente acaba mudando, né, a partir do momento que a gente sabe que é errado a gente muda, igual a ‘lista negra’ que não é legal falar. Sabendo disso, eu acho que eles poderiam fazer uma adaptação para substituir.”
5. Impacto Educacional e Reflexões Pessoais – Esta subcategoria compreende códigos relacionados à repercussão da sequência didática na sensibilização sobre racismo e preconceito a partir da discussão acerca de questões étnico-raciais e a avaliação positiva por parte dos estudantes a respeito das atividades propostas.	**Impacto da sequência didática na conscientização sobre racismo e preconceito:** Estudantes discutem a importância de aprender sobre questões raciais e o impacto das palavras na sociedade. **Avaliação Positiva das Atividades:** Opiniões dos estudantes sobre as atividades, o conteúdo aprendido e o método de ensino.	**Impacto da sequência didática na conscientização sobre racismo e preconceito:** **P8:** “Eu achei bem interessante porque hoje a gente viu países de fala espanhola como a Argentina que usa ‘quilombo’ como um termo ruim, né, como ‘bagunça’, sendo que ‘quilombo’ é um termo muito importante para a afrodescendência.” **Avaliação Positiva das Atividades:** **P13:** “Nada acrescentar, professora. A aula foi muito interessante, aprendi muito. E quanto às inovações tecnológicas, eu nunca duvidei que a África também pudesse produzir coisas interessantes.”

Fonte: Autora, 2024.

4.3.3. Categoria Analítica 3 - Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras

Na última categoria analítica principal, intitulada “Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras,” as reflexões também emergiram das subcategorias e códigos gerados a partir dos relatos dos participantes da pesquisa (Quadro 6). Assim como nos subcapítulos anteriores, essa análise revelou importantes insights sobre o

apagamento histórico e cultural da contribuição africana nas práticas educacionais do país, sublinhando as lacunas e desafios enfrentados para promover uma educação mais inclusiva e plural.

No que tange à análise dessa última categoria, evidenciou-se de forma clara a ausência de representatividade negra no campo científico, resultado dos estigmas históricos deixados pela escravização, marcada por processos de subalternização cognitiva e intelectual de africanos e afrodescendentes. Essa exclusão se manifestou pelo silenciamento de suas epistemologias e formas de conhecimento. Em contrapartida, os estudantes expressaram surpresa e admiração ao se depararem com a ciência e a tecnologia ancestral africana, além de sua contribuição para o presente. Esses saberes, invisibilizados por um paradigma eurocêntrico dominante, continuam ausentes no currículo escolar e nas práticas pedagógicas, o que reforça a necessidade de uma revisão crítica dessas abordagens para promover uma educação mais inclusiva e representativa.

Sendo assim, as falas dos participantes evidenciaram a importância da educação como um agente transformador da sociedade, ao promover o combate ao racismo e ao preconceito, além de possibilitar a disseminação de informações e o reconhecimento da pluriversalidade dos conhecimentos. A educação, nesse contexto, emerge como um instrumento essencial para ampliar o entendimento sobre diferentes culturas e epistemologias, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Quadro 6. Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras.

SUBCATEGORIAS	CÓDIGOS	EXEMPLOS
1. Conhecimento e descoberta: percepções sobre o conhecimento científico e tecnológico africano ancestral – Esta subcategoria reúne as descobertas, reações e reflexões dos estudantes a respeito da ciência e da tecnologia ancestral africana e a sua contribuição no presente.	**Descoberta de conhecimentos e técnicas africanas antigas:** Exemplos: Construções antigas, técnicas de metalurgia, etnobotânica, uso de plantas.	**Descoberta de conhecimentos e técnicas africanas antigas:** **P1:** "Eu gostei muito, muito de fazer esse trabalho porque eu fui pesquisando muita coisa que eu não sabia e é muito interessante assim... A gente achou várias imagens, de várias construções assim lindas demais, demais, demais."
	Surpresa e admiração pelas contribuições africanas: Exemplos: Reações de choque ou espanto ao aprender sobre a origem de certas tecnologias e conhecimentos.	**Surpresa e admiração pelas contribuições africanas.** **P1:** "E uma coisa do nosso tema, assim, que eu descobri e que eu ainda estou em choque com isso, que é por causa de quando... A questão das pirâmides e tudo mais, quando o faraó morria, eu sabia que eles eram enterrados com os bens pra quando voltasse da morte, tipo, eu fiquei muito chocada com isso, porque ele ia precisar deles quando ele voltasse à vida, tipo, eu fiquei muito, muito chocada com isso."
	Reflexão sobre o desconhecimento geral:	**Reflexão sobre o desconhecimento geral:** **P10:** "É, então, foi uma experiência muito boa, gostei bastante de apresentar um trabalho que é sempre

	Exemplos: Falas que indicam surpresa pela falta de conhecimento prévio sobre as contribuições africanas. **Comparações com o Presente:** Comparação entre arquitetura antiga e moderna e a influência africana em construções atuais (ex.: P6 sobre a arquitetura Suaíli).	importante, né. Saber dessas coisas, pesquisar foi muito bom, saber mais, se aprofundar, né, mais sobre isso, é... **Eu nunca tinha ouvido falar que os africanos dominavam a fundição do ferro** e foi bem legal a experiência dos outros trabalhos, né, que os outros grupos apresentaram, né, foi bem importante, né, saber sobre essas coisas." **Comparações com o Presente:** **P1:** "E só complementando o que cê tá falando, não só no Brasil, teve vários lugares do mundo que quando você vê quem realmente criou, deu a ideia mesmo, tipo, foi a África." **P6:** "Professora, eu adorei fazer essa pesquisa, principalmente, na parte da arquitetura atual comparada com a antiga. A arquitetura hoje em dia é chamada de Sualí, aí eu não sei falar direito... É, eu fiquei maravilhado, li muito sobre, vi várias fotos, eu acho muito incrível como eles usam conceitos antigos com coisas atuais e até reformando prédio antigo e eles ficam muito lindos, muito funcionais é, é, é coisa de doido."
2. Invisibilidade e silenciamento – Esta subcategoria abarca códigos referentes à ausência de representatividade negra no campo científico, silenciamento, racismo e preconceito.	**Ausência de representatividade negra na ciência contemporânea:** Discussões sobre a falta de visibilidade de cientistas negros e invenções africanas e afrodescendentes nos currículos escolares e na mídia. **Crítica ao silenciamento histórico:** Falas que abordam o apagamento histórico das contribuições africanas e afrodescendentes. **Impacto do racismo e preconceito estrutural:** Discussões sobre como o preconceito limita o reconhecimento e a valorização das contribuições negras na ciência.	**Ausência de representatividade negra na ciência contemporânea:** **Pesquisadora:** "Sabem se há negros ganhadores do prêmio Nobel?" **P7:** "Vixi, professora, tem algum?" **P6:** "Cara, eu não sei." **P1:** "Eu também nunca ouvi falar." **P5:** "Gente, não faço a mínima ideia." **Crítica ao silenciamento histórico:** **P10:** "O que se divulga é que todas as descobertas do mundo são feitas por cientistas brancos. E, infelizmente, a gente não fica sabendo de um monte de coisa." **P9:** "Essas informações ficam meio que escondidas sabe. Não há interesse em divulgar. Acho que os brancos, como P4 falou, não querem perder a posição de liderança, de destaque." **Impacto do racismo e preconceito estrutural:** **P8: "**As pessoas não deveriam se surpreender com esses fatos, deveriam achar natural. Mas, infelizmente, existe esse preconceito, sei lá, de achar, tipo, o negro menos capaz, sabe... E isso é discriminação." **P4: "**É, tipo, tem que escrever um livro pra mostrar as invenções dos negros na ciência. Se fosse branco nem precisaria porque sempre 'tão' em destaque."
3. Impacto da Educação e da Informação – Esta subcategoria engloba a relevância da educação como agente de transformação e a visibilização das contribuições negras.	**Educação como ferramenta de transformação:** importância de iniciativas educativas para divulgar conhecimentos e desconstruir preconceitos **Necessidade de mais informação e valorização das Contribuições Negras:** Reconhecimento da necessidade de mais publicações e recursos que evidenciem as contribuições negras na ciência e tecnologia a fim de combater estigmas e discriminações.	**Educação como ferramenta de transformação:** **P6:** "Sim, a gente mesmo não sabia de muitas informações bacanas que foram passadas na reportagem, como por exemplo, que já houve negros que ganharam o Nobel da Paz, de Literatura, de Economia. São coisas que não são divulgadas." **Necessidade de mais informação:** **P11:** "Acho uma iniciativa muito boa. Deveria ter mais livros, mais informações tipo essa assim para divulgar os cientistas e inventores negros."
4. Preconceitos e Racismo na Ciência – Esta subcategoria agrupa códigos relacionados ao preconceito	**Visões de Preconceito e Racismo:** Discussão sobre a percepção de que pessoas negras não são associadas a papéis de inventores e cientistas devido ao	**Visões de Preconceito e Racismo:** **P5:** "A sociedade, tipo, acha que negro só tem que ocupar lugar de serviçal." **P1:** "Concordo, as pessoas 'tão' acostumadas a ver o

acerca da participação negra na ciência em decorrência de estigmas históricos deixados pela escravização da população africana.	racismo. **Reflexos da História e da Escravidão:** Reflexões sobre a permanência do preconceito e do racismo como um reflexo da história colonial e da escravidão	negro servindo os brancos, tipo, em subemprego, sabe." **Reflexos da História e da Escravidão:** **P7:** "Acho que quando o negro ocupa esse lugar incomoda a muita gente, tipo, parece que o racismo nunca acaba na nossa sociedade, o reflexo da escravidão nunca acaba, as pessoas sempre trazem do negro essa posição de inferioridade e parece que isso nunca acaba, mesmo com tanto conhecimento e estudo, as pessoas têm a cabeça muito quadrada."

Fonte: Autora, 2024.

4.4. Artigos produzidos e submetidos

Durante o desenvolvimento desta dissertação, foram elaborados três artigos científicos. Os dois primeiros submetidos foram submetidos à revista **Educação Pública** (ISSN 1984-6290, Qualis B1). O primeiro, intitulado *Tecnologias da cultura africana e afrodescendente: pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva decolonial*, já foi aceito para publicação (Anexo D). O segundo, *Considerações sobre a Lei 10.639/2003: entraves e desafios para sua efetivação nas escolas brasileiras*, está em processo de avaliação (Anexo E). O terceiro artigo intitulado *Tecnologia Africana e Afrodescendente: sequência didática de espanhol utilizando tecnologias digitais no ensino médio* foi submetido à revista **EDaPECI - Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais** (ISSN 2176-171X, Qualis A4) e está em avaliação (Anexo F).

5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão analisados e discutidos os dados referentes às categorias analíticas principais, subcategorias e códigos que emergiram do campo, com base no cruzamento entre o referencial teórico da pesquisa e os relatos dos participantes. A seguir, será feito o aprofundamento da primeira categoria analítica principal: "África, um continente por descobrir: identidade, representação e consciência".

Na subcategoria "Percepções sobre a África", que emergiu da nuvem de palavras criadas pelos participantes com base na palavra que lhes vinha à mente ao pensar no continente, observou-se a presença de vocábulos associados a alguns dos valores civilizatórios afro-brasileiros, tais como: axé, dança, samba, capoeira, acarajé, cultura, arte, artesanato, criança, ancestralidade, línguas e religião. Apesar de a cultura afro-brasileira ainda não estar plenamente integrada às práticas curriculares brasileiras, mesmo após a homologação da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), esses valores estão profundamente enraizados na sociedade, no cotidiano e nos processos de construção de subjetividades. Como afirmou a educadora, ativista e intelectual Azoilda Loretto da Trindade, "[...] imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural" (Trindade, 2015, p. 143, apud Silva, 2021, p. 53).

Conforme Gomes *et al*. (2016), esses valores civilizatórios podem ser definidos como um conjunto de traços da cultura africana trazidos pelos negros escravizados e traficados, que aqui se estabeleceram e deram origem à cultura afro-brasileira, a partir de reconstruções e recriações na diáspora brasileira. Atualmente, esses aspectos culturais provenientes da África estão manifestados na música, nas religiões de matriz africana, na gastronomia, no folclore e nas festas populares.

De acordo com Trindade (2013, apud Gomes *et al*., 2016), a África e seus descendentes estabeleceram no Brasil valores civilizatórios presentes em nossa maneira de viver. Esses valores consistem em princípios e normas que materializam traços de caráter existencial, espiritual, intelectual e material, tanto objetivos quanto subjetivos, tecidos em um processo histórico, social e cultural.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros destacam a circularidade como um elemento central que os organiza e interliga, promovendo sua constante inter-relação. Conforme observado por Silva (2021, p. 53), esses valores "se interpenetram, se hibridizam, obedecem a fluxos e conexões que se dão na cotidianidade e na imersão e absorção dessa dimensão

civilizatória". Essa dinâmica revela que eles não se estruturam de maneira linear, fixa ou estática, mas se manifestam como processos fluidos e em movimento contínuo. Essa lógica de interdependência e transformação reflete uma perspectiva que valoriza a fluidez e a continuidade das interações no contexto civilizatório afro-brasileiro.

Apesar da riqueza dos valores civilizatórios afro-brasileiros, como Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Energia Vital (Axé), Corporeidade, Ludicidade e Circularidade, nesta dissertação serão abordados apenas aqueles mencionados pelos estudantes durante a oficina. Um dos valores destacados por eles foi a energia vital, também chamada de axé, que é a força de realização que alimenta corpo e espírito. Conforme Trindade (2013, apud Gomes *et al*., 2016; Silva, 2021), essa energia está presente em todos os elementos da natureza, como plantas, água, pedras, animais, ar e tempo. Nesse contexto, tudo no universo é sagrado e dotado de vida.

Outro importante legado da cultura africana mencionado pelos participantes, representado pela palavra "línguas," é a oralidade. Esse valor está intimamente relacionado ao corpo, pois a voz é o meio que possibilita a comunicação e a interação com os outros. A fala carrega as marcas das vivências e memórias dos sujeitos (Gomes *et al*., 2016; Silva, 2021). Muito antes da invasão europeia, a tradição oral já fazia parte fundamental da história africana, sendo o meio pelo qual se transmitiam saberes espirituais, filosóficos e científicos. No entanto, com a invenção da Modernidade, a escrita foi elevada ao patamar de símbolo da civilização e humanidade, enquanto a oralidade foi desvalorizada, levando à falsa noção de que o continente africano não possuía história (Oliveira; Candau, 2010; Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016).

Por sua vez, a circularidade, representada pelas palavras "samba", "capoeira" e "candomblé", refere-se ao ato de se reunir em roda para contar histórias ou relatar acontecimentos, estando profundamente associada à coletividade. Esse aspecto da cultura afro-brasileira é observado nas rodas de samba, capoeira, jongo e nos rituais das religiões de matriz africana, como o candomblé, onde os iniciados dançam em círculos. Nesse movimento circular, as hierarquias se dissolvem, colocando todos no mesmo nível, abertos à escuta e ao diálogo. O círculo simboliza a transformação e a contínua interação (Gomes *et al*., 2016; Silva, 2021).

Outro valor civilizatório presente em nossa cotidianidade é a musicalidade, representada pelos termos "dança", "danças" e "arte". O Brasil foi profundamente influenciado pela cultura africana nessa área, o que se reflete na diversidade de estilos musicais e danças. Nessa perspectiva, destaca-se a capoeira, uma mistura de dança, música e

arte marcial, cuja prática foi proibida por muitos anos e que, em 2014, foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (Gomes *et al*., 2016).

Já a religiosidade, mencionada nas palavras “religião” e “candomblé”, não se refere exclusivamente às religiões de matriz africana. Na verdade, esse valor está relacionado ao respeito pela diversidade de crenças religiosas, todas igualmente legítimas, que devem coexistir de maneira harmoniosa. Além disso, a religiosidade enfatiza a sacralidade presente no ato de cuidar, perceber, compreender, tocar e acolher o outro, refletindo a dimensão espiritual e comunitária nas interações humanas (Silva, 2021).

A ancestralidade, também citada pelos participantes na nuvem de palavras, ocupa um lugar central na cosmovisão africana. Esse valor é fundamental, pois representa o resgate do passado, da história, da memória e dos saberes transmitidos pelos mais velhos, funcionando como uma bússola que orienta as ações no presente. Como expressa o provérbio africano da língua *fon*, falada no Benim, Togo e Nigéria: “É na beira do antigo cordão que se trança um novo cordão.” De acordo com Ribeiro (1996, apud Silva, 2020), a ancestralidade é o guia, a base e o eixo das tradições africanas. A identidade das comunidades tradicionais africanas está profundamente enraizada na ancestralidade, sem a qual perderiam suas referências temporais e espaciais, tornando-se desorientadas. Conforme Silva (2020), romper com a ancestralidade equivale à morte da identidade e da cosmovisão africana.

Por fim, a palavra “criança”, mencionada pelos participantes, remete à ludicidade, um valor que simboliza o prazer pela diversão, pela vida e pela alegria. Esse valor está diretamente relacionado ao aprendizado e ao lúdico, além de refletir as conquistas e realizações da sociedade em diversas áreas do conhecimento (Gomes *et al*., 2016; Silva, 2021).

Outras palavras mencionadas pelos estudantes incluíram “preconceito”, além de termos que remetem ao exotismo com o qual a África costuma ser retratada, como “animais diferentes” e “savana”, ou a condições climáticas (“calor”, “deserto”), e situações trágicas de extrema pobreza, como “fome”. Essas representações perpetuam, conforme Adichie (2019) ressalta com a ideia de uma “narrativa única”, uma visão limitada do continente africano, ignorando suas ricas particularidades étnicas, linguísticas, sociais, culturais e políticas. Para Oliva (2011), essa representação preconceituosa, estigmatizante e estereotipada, amplamente disseminada pelos meios de comunicação, tende a associar a África a problemas como pobreza extrema, doenças, fome, instabilidade política e econômica, além de guerras étnicas. O continente também é comumente visto por uma ótica exótica e primitiva, atraindo turistas para safáris. Essas imagens rondam o imaginário brasileiro e ocidental em geral. No entanto,

são visões limitantes que não capturam a essência da África. Embora tais problemas existam, eles não são exclusivos do continente africano.

Na subcategoria “Cidadania cultural e valorização”, evidenciou-se a fala de um dos participantes ao longo da oficina. Na fase de diagnose, a pesquisadora buscou identificar os conhecimentos prévios dos participantes sobre a África, utilizando a criação de uma nuvem de palavras e a realização de uma enquete. Ao final da atividade, ela questionou por que prevalecia essa visão sobre o continente, e P12 respondeu: *“Eu acho que é muito isso porque são coisas que... Muito... são coisas muito características. Elas têm algo forte. E quando você vai falar da tecnologia deles, da ciência, as pessoas meio que não sabem, porque meio que a África é muito vista como algo cultural e não algo tecnológico, algo avançado, pra mim mais na minha visão de mundo assim. É um país que se foca mais na cultura, na religiosidade do que na tecnologia e na ciência.”*

Em outra ocasião, P12 reforçou: *“Enfim, mas eu acho que a cultura, olha eu falando de novo da cultura. Eu acho que tem muito da cultura deles, a dança, a música, a capoeira, o samba...”*. Finalmente, quando questionado pela pesquisadora sobre possíveis contribuições africanas no campo científico e tecnológico, P12 justificou: *“Agora, em relação à tecnologia, eu não vejo a África assim como um país bem desenvolvido assim na tecnologia, em avanços tecnológicos assim como Estados Unidos, Europa, países que têm assim investimento em relação à tecnologia.”*

Esses comentários refletem a visão limitada e estereotipada da África como um continente voltado apenas para aspectos culturais e religiosos, desconsiderando suas contribuições científicas e tecnológicas. Tal percepção evidencia a necessidade de promover um maior reconhecimento e valorização da história africana e de suas realizações em áreas além da cultura, como a ciência e a tecnologia, temas frequentemente invisibilizados pelo imaginário ocidental.

Em vários trechos da fala de P12, notou-se um reconhecimento parcial das contribuições africanas em determinados campos do saber, além de uma percepção de baixa inovação tecnológica no continente. Essa visão está alinhada ao conceito de “cidadania lúdica”, expresso por Conceição Evaristo em sua participação no programa A Arte do Artista (TV Brasil, 2016), conduzido por Aderbal Freire Filho. Durante a entrevista, Evaristo mencionou que a população negra vive uma forma de cidadania restrita, onde há uma valorização de suas manifestações culturais, mas uma subestimação de sua capacidade intelectual e científica.

A escritora faz referência a Jurema Batista, uma professora, feminista e ativista negra que lutou pelos direitos humanos e pela equidade racial. Segundo Batista, a cidadania lúdica imposta à população negra implica um reconhecimento limitado de suas contribuições, especialmente no que diz respeito a áreas como a ciência e a tecnologia, perpetuando a invisibilidade de suas realizações nessas esferas. Essa invisibilização foi evidenciada nas percepções de P12, ao destacar que a África é vista, principalmente, sob o prisma cultural, enquanto sua inovação tecnológica é desconsiderada ou subvalorizada.

A expressão proferida por Jurema Batista, política brasileira, está relacionada a um estereótipo profundamente enraizado na sociedade brasileira, que valoriza e reconhece a influência das culturas africanas e afrodescendentes em áreas como a gastronomia, música e dança. No entanto, esse reconhecimento raramente se estende ao campo intelectual, uma vez que negros e negras são frequentemente colocados em uma posição de subalternidade cognitiva. Ou seja, eles não são vistos como sujeitos capazes de produzir conhecimento, o que explica a concepção equivocada de sua "ínfima participação" nas esferas científica e tecnológica.

Esse processo de diminuição do continente africano não ocorre apenas no campo intelectual, mas também no geográfico. A África, com seus 54 países, é muitas vezes erroneamente tratada como um único país, o que revela uma visão limitada e simplista sobre sua diversidade. Esse equívoco se reflete na fala de P12, que ao comentar sobre o desenvolvimento tecnológico africano, afirma: *"Agora, em relação à tecnologia, eu não vejo a África assim como um país bem desenvolvido assim na tecnologia"*. Essa confusão, recorrente no imaginário popular, subestima a riqueza e pluralidade do continente africano, tanto em termos de inovação quanto de suas contribuições intelectuais.

A subcategoria "Representação midiática e educacional" exibiu a percepção dos estudantes sobre a predominância de uma abordagem educacional eurocentrada e o impacto disso no conhecimento sobre a África. Segundo P5: *"De certa forma, alguns professores não se aprofundaram muito no tema porque eles estão mais voltados ao cronograma deles relacionado a cada matéria e acho que eles meio que deixam o continente africano meio de lado."* Essa observação reflete a marginalização do continente africano nos currículos escolares, muitas vezes priorizando temas relacionados à Europa e América do Norte.

Além disso, o desconhecimento sobre a África foi apontado como consequência direta dessa educação eurocentrada. Como expressou P6: *"Porque a gente é ensinado assim desde criança, né? A gente não tem a escolha, né? Quer dizer, a gente tem até escolha, mas a gente não é direcionado pra poder pensar, pra poder ir atrás do que é o continente africano em si."*

A falta de incentivo para explorar e aprender sobre a verdadeira complexidade do continente africano resulta em um entendimento limitado e estereotipado.

As fontes de informação sobre a África também foram discutidas, com P12 apontando o papel da mídia: *"Então, a televisão muito traz isso. A própria internet também, eu vejo que hoje em dia a televisão meio que dá um up a mais pra se chegar nesse tipo de cultura. A televisão também que vai, de certa forma, vai colaborando. Acho que é muito mais por esses meios de comunicação assim que a gente tem. Acho que chega mais por esses tipos de meios."* Apesar de a televisão e a internet serem veículos importantes para a disseminação de informação, a forma como o continente africano é representado nessas mídias muitas vezes perpetua estereótipos e preconceitos.

Por fim, a disseminação de estereótipos pelas próprias fontes midiáticas foi destacada, conforme P12 observou: *"Então, ainda existe um pouco esse preconceito vindo muito de notícias assim de que... Aí, a África é uma pobreza, miserável, só tem tragédia lá."* Essa visão limitada e estigmatizada do continente, difundida pelos meios de comunicação, contribui para a perpetuação de preconceitos e desinformação sobre a rica diversidade cultural, histórica e social da África.

Oliva (2011), em seu artigo científico, discute as representações e iconografias sobre os africanos desde a Antiguidade Clássica até o início do século XX. Essas imagens, criadas por viajantes, missionários, administradores, comerciantes europeus e alguns viajantes árabes ou muçulmanos em seus relatos dos séculos XV e XVI, estão repletas de interpretações pejorativas e discriminatórias. Os africanos eram rotulados como selvagens, bárbaros, tribais, incivilizados, praticantes de bruxaria e canibalismo. Além disso, o calor extremo do território era frequentemente associado à cor negra da pele, que, naquela época, era vista como um sinal de maldade, resultando na demonização dos habitantes do continente.

Essas descrições ressaltavam não apenas supostas "imperfeições" físicas e morais, como feiura, cabelos e barbas crespos, mas também associavam os africanos a características negativas, como perversão, lascívia e preguiça. Curiosamente, apesar dessas conotações pejorativas, os relatos também destacavam a robustez e a compleição física atlética dos africanos, elogiando suas habilidades como nadadores e corredores. Isso revela um dualismo nas representações, que oscilava entre a desumanização e a admiração por certos aspectos físicos.

De acordo com Oliva (2011), a partir do século XVI, o menosprezo pelos africanos se intensificou com a invasão europeia ao continente, o comércio transatlântico, a escravização e o tráfico da população negra para as Américas. O trabalho realizado pelos africanos nas

colônias americanas, que incluía atividades como agricultura, garimpo, mineração, limpeza, transporte e comércio, era frequentemente associado à baixa qualificação intelectual e à força física. As pinturas, litografias e relatos sobre a escravização limitavam-se a retratar o trabalho braçal e os castigos corporais, reforçando a desvalorização das pessoas negras.

Essa inferiorização dos africanos, em contraste com uma suposta superioridade europeia, caracterizou o período colonial. A categorização da população mundial com base no conceito de raça e racismo foi fundamental para a consolidação do capitalismo e do colonialismo europeu. Essa hierarquização racial justificava a exploração e a dominação das populações africanas, conferindo aos europeus o papel de "civilizadores" enquanto perpetuava a desumanização e o silenciamento dos povos negros e de suas contribuições intelectuais e culturais.

Essas representações baseadas em "distorções, generalizações e simplificações" (Oliva, 2011, p. 90) perpetuam-se e se retroalimentam ao longo dos séculos. Segundo o autor, muitos dos problemas que assolam o território africano são consequências diretas da escravização, da invasão europeia e de episódios internos ocorridos na África continental após a Segunda Guerra Mundial. Essas imagens estereotipadas continuam a ser difundidas por meios de comunicação como a televisão, cinema, jornais e, mais recentemente, a internet, permanecendo no imaginário ocidental. A África é frequentemente retratada de maneira unilateral, sendo rotulada como o continente do subdesenvolvimento, da extrema pobreza, da fome, das doenças, dos conflitos étnicos, da mortandade e da desolação.

Embora esses problemas façam parte da realidade africana, há outras histórias, imagens e facetas que são silenciadas ou ocultadas. Como adverte a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26): "A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que estão incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história." Esse viés narrativo reduz a complexidade do continente e impede o reconhecimento de suas diversas contribuições culturais, científicas e tecnológicas ao longo da história.

Além desse contexto imagético negativo e depreciativo difundido pela mídia, Oliva (2011) destaca que as representações iconográficas nos livros didáticos costumam retratar a população negra em situações de escravidão, tortura e massacre, ou, em muitos casos, há um completo silenciamento sobre a história da África. O autor enfatiza a urgência de desconstruir esses preconceitos e estigmas, pois, se isso não for feito, será praticamente impossível reverter as imagens impregnadas no imaginário ocidental, perpetuando-se assim nas gerações futuras. Para transformar essa realidade, é essencial ressignificar a história do continente africano,

ampliando e aprofundando o conhecimento e as informações sobre suas múltiplas contribuições e legados, rompendo com a narrativa eurocêntrica que tem predominado até hoje.

Na subcategoria "Preconceitos e Perspectivas Históricas", as falas dos participantes revelaram questões relacionadas à dominação e ao colonialismo. Quando perguntados sobre as áreas em que o povo africano mais contribuiu, P13, por exemplo, afirmou: *"Sim, a culinária também, a linguagem nem tanto porque é... É porque meio que a linguagem deles foi meio que censurada, né, pelos que dominaram a África. Normalmente se fala pouco da língua falada deles e a ciência e a tecnologia, por último."* Já P6 destacou: *"Eu creio que há um interesse político por trás disso, sabe? A gente não conhece as raízes de onde parte do nosso povo vêm, a gente acaba esquecendo o passado e acaba esquecendo outras questões, então, pra mim há um movimento político, além de um movimento de esquecimento."* Essas respostas refletem as narrativas unilaterais sobre o continente africano, frequentemente contadas sob uma perspectiva eurocêntrica.

Ao final das atividades de diagnose, quando a pesquisadora questionou por que essa visão da África prevalecia e de quem era a perspectiva por trás da história contada, P12 respondeu de forma categórica: *"Ah, dos europeus, com toda certeza. Os europeus sempre, assim, pessoas brancas, pessoas europeias. Muitos desses países superiores, praticamente Europa."* P13 complementou: *"Ah, eu diria que 90% de europeus, 10% do povo africano."* Essas falas ilustram o impacto das narrativas eurocêntricas no imaginário dos participantes, que reproduzem estereótipos como o de P12: *"Que a Europa sempre foi a reinante de tudo, ela sempre foi aclamada como a superior de tudo. Enquanto a África era só um país pobre, desigual, que não tinha nada. Não conseguiria dominar nenhum território porque não tinha capacidade."*

Esses depoimentos ressaltam a permanência de estereótipos e preconceitos em torno da África, enraizados em discursos coloniais que perpetuam a desvalorização das contribuições africanas e afrodescendentes nos campos da ciência e da tecnologia, ao mesmo tempo em que exaltam a supremacia europeia.

Embora o colonialismo tenha oficialmente chegado ao fim, a colonialidade (Quijano, 2005) ainda se perpetua e permanece pujante, o que significa que a cultura colonial continua profundamente enraizada em várias esferas, inclusive no contexto escolar (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019). Isso é evidenciado pelas falas dos participantes desta pesquisa. De acordo com Restrepo e Rojas (2010, apud Leite; Ramalho; Carvalho, 2019), a colonialidade, resultado da dominação colonial, possui três dimensões conforme delineado pelo sociólogo

peruano Aníbal Quijano, que cunhou o termo: a colonialidade do poder, que envolve relações de dominação, exploração e controle do trabalho, dos meios de produção e dos recursos, associados ao capitalismo mercantil; a colonialidade do ser, que trata da desvalorização e da condição de não-existência imposta aos povos racializados; e a colonialidade do saber, que se refere à hierarquização das produções de conhecimento, à imposição da universalidade das ciências ocidentais em detrimento da pluriversalidade, desqualificando e marginalizando, assim, os saberes e culturas dos sujeitos não-europeus.

A colonialidade possui implicações muito mais profundas, uma vez que os povos anteriormente colonizados continuam a internalizar processos psíquicos de rebaixamento existencial e desenvolvem um complexo de inferioridade em relação aos europeus. Fanon (2020), em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, explora essa questão de forma contundente:

> Todo povo colonizado – isto é, todo o povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole (Fanon, 2020, p.32).

Nesse contexto, Fanon (2020) destaca como a colonização não apenas impôs uma opressão física, mas também gerou uma supressão psicológica, levando o colonizado a rejeitar suas próprias raízes e a buscar aceitação nos valores da metrópole colonizadora.

Nessa perspectiva, o enaltecimento do patrimônio histórico, cultural e intelectual da África é fundamental para o reconhecimento de sua verdadeira potência e para o resgate da autonomia das sociedades africanas. Para Oliveira e Moreira (2023), isso implica restituir à "África-sujeito" (Oliveira; Moreira, 2023, p.41) o valor de sua força e grandeza, há tanto tempo negadas. Esse processo envolve não apenas reconhecer, mas também respeitar as diferenças socioculturais, étnico-raciais, religiosas, econômicas e políticas dos povos africanos, que são a base de uma visão afrocentrada. Assim, as epistemologias do Sul visam promover a inclusão e a equidade de saberes subalternizados e excluídos pela lógica eurocêntrica, tornando-os parte integral de nossa visão de mundo (Oliveira; Moreira, 2023).

Na visão de Lopes (2010, apud Oliveira; Moreira, 2023), essa mudança seria benéfica para todo o planeta, promovendo uma drástica alteração na postura do Ocidente ao se deparar com o que o autor denomina "África adulta" — um olhar respeitoso e equânime, apesar das diferenças culturais e de cosmovisão. Esse novo olhar contribuiria para a desconstrução do estigma de inferioridade, historicamente imposto por um projeto

ocidental/moderno/eurocêntrico. A importância de uma educação voltada para a pluriversalidade dos saberes, nesse contexto, reside não apenas na valorização da identidade racial dos jovens negros e negras, mas também na formação de jovens de outros grupos étnico-raciais. Essa educação deve fomentar o desenvolvimento do sentido de alteridade e respeito à diversidade, além de destacar o protagonismo e a relevância da população africana na formação da sociedade brasileira. Dessa maneira, será possível superar as marcas de inferiorização e invisibilidade refletidas nos discursos dos estudantes participantes da pesquisa.

Por fim, na última subcategoria intitulada "Engajamento e aprendizagem", notou-se uma crescente conscientização e a desconstrução de preconceitos, que começou a se desmantelar. Isso pôde ser observado na fala de P12, ao final do primeiro dia de aplicação da SD: *"Não, a África tem muito mais coisa que a gente pode imaginar, por exemplo, uma autora da Nigéria, nigeriana, que leu muito livro só da Europa, aos poucos ela entendeu que a África ela tem uma cultura, ela pode, ela deve ter mais autores assim. Então, a gente precisa parar com essa mania de sempre botar algo como um estereótipo. Sempre olhar aquilo e falar 'É isso aqui!', não! É muito mais, gente, a vida é muito além do que qualquer coisinha que você olha e bate o olho e vê assim."* Esse tipo de reflexão demonstra a abertura para um olhar mais plural sobre o continente africano. Além disso, houve uma resposta positiva dos participantes em relação às atividades propostas, como observado no comentário de P9: *"Bom, gostei bastante porque basicamente a gente aprendeu mais sobre a África de uma forma divertida, criativa e a gente conseguiu interagir com todo o mundo também."*

Sendo assim, um material didático afrocentrado pode ser uma ferramenta poderosa para romper com a visão cultural hegemônica e monocultural profundamente enraizada no tecido social, inclusive no ambiente escolar (Candau, 2008). No entanto, a simples inclusão dessa temática nas práticas pedagógicas não é suficiente. É essencial que haja uma valorização e reconhecimento efetivo da cultura e historiografia africana e afro-brasileira, uma vez que a luta pela legitimação de outros saberes, vivências e experiências, tanto dentro quanto fora dos muros da escola, é justamente o que a pedagogia decolonial preconiza (Walsh, 2009).

No que se refere à segunda categoria analítica principal, "Quilombo: linguagem, cultura e saberes ancestrais", a subcategoria "Linguagem e semântica das palavras: percepção sobre o termo 'quilombo' em diferentes culturas" fundamentou-se na compreensão dos participantes da pesquisa, que, a partir de investigações, leituras e discussões, refletiram sobre as diferentes acepções e conotações históricas e culturais do termo nos países hispano-

falantes, em comparação com o Brasil. Essa análise permitiu a percepção das nuances e implicações semânticas do vocábulo em diversos contextos, revelando diferenças significativas na maneira como o termo é interpretado e utilizado culturalmente.

Desse modo, no segundo dia de aplicação da SD, foi realizada uma atividade prévia à leitura do texto *Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia*, na qual a pesquisadora questionou os participantes sobre o significado da palavra "quilombo" no Brasil. Nas respostas da maioria dos estudantes, prevaleceu a compreensão de que quilombo era um lugar de refúgio para negros e negras que fugiam do regime de escravidão, como expresso por P9: *"Ah, pelo que eu sei, é um lugar de refúgio, de esconderijo dos escravos que fugiam dos seus senhores."* ou por P6: *"Ah, antes os quilombos eram abrigos dos negros fugitivos, né, dos que fugiam dos senhores de engenho."* Ainda nessa fase de pré-leitura, a pesquisadora solicitou que, utilizando seus dispositivos móveis, mais especificamente seus smartphones, os participantes pesquisassem o significado do vocábulo em dicionários online de países hispano-falantes. Esses foram alguns dos resultados da pesquisa: P9: *"Eu achei bordel"*; P3: *"Circo, palhaçada"*; P7: *"Bagunça"*; P12: *"Zona"*; P13: *"Desordem, prostíbulo, bordel"*. Os participantes observaram que a palavra com esses sentidos mencionados é usada, majoritariamente, na Argentina.

De fato, a palavra "quilombo" é tão popular na Argentina que o jornal espanhol *El País* publicou, em 2017, uma matéria intitulada *¿Por qué para los argentinos todo es un quilombo?*. Oscar Conde, professor da licenciatura em folclore da Universidad Nacional de las Artes, em Buenos Aires, explica que o termo foi introduzido na capital argentina em meados do século XIX, antes mesmo da criação do tango e do surgimento do lunfardo, uma linguagem que não só refletia o vocabulário carcerário, mas também um conjunto de gírias derivadas da imigração europeia (italiano, francês, português) e africana. Ainda de acordo com Conde, há registros do uso do vocábulo em milongas — gênero musical popular na Argentina e Uruguai — e em poemas anônimos, como os presentes em *Textos eróticos del Río de la Plata*, publicado pelo alemão Robert Lehmann-Nitsche em 1923 e traduzido em 1981. Nesses poemas, "quilombo" aparece com a conotação de prostíbulo, embora esse sentido tenha caído em desuso atualmente (Barreiro, 2017).

A palavra "quilombo", originária do quimbundo, uma língua falada em Angola e pertencente à família banto, significa "acampamento" ou "fortaleza". No século XVII, esse termo também era utilizado para se referir às comunidades formadas por pessoas negras escravizadas que fugiam das plantações. Embora, em alguns contextos, o vocábulo possa ser empregado com conotações positivas, como "divertido" ou "inovador", na Argentina ele é

predominantemente usado de forma pejorativa, referindo-se a situações conflituosas ou de difícil solução. Em muitos dicionários, como o da Real Academia Espanhola, o termo é definido como "confusão, barulho, briga, desordem" (Barreiro, 2017), como foi identificado pelos participantes da pesquisa anteriormente.

Na subcategoria "Percepções raciais e preconceitos: reações dos estudantes ao uso da palavra 'Quilombo' em países hispano-falantes, como a Argentina", destacou-se a reação unânime dos participantes ao reconhecerem o emprego pejorativo do vocábulo. Para eles, o termo adquire uma conotação racista na cidade portenha, conforme mencionado por P7: *"Eu acho que sim. Porque 'quilombo' normalmente é usado, né, era o refúgio dos escravos que fugiam e iam se abrigar nos quilombos, né? E eles montavam a sociedade deles e aí isso ser usado pra se referir a 'bagunça, desordem, confusão e caos', eu acho que é bem racista assim."* Da mesma forma, P13 reforçou: *"Com certeza! Assemelhar um lugar de resistência, proteção e acolhimento a 'desordem' e 'bagunça'."* Alguns participantes ainda sugeriram que, se tivessem a oportunidade, corrigiriam o uso inadequado do termo, promovendo a conscientização sobre sua significação social, cultural e histórica no Brasil, como explicou P5: *"Eu acho que eu, de certa forma, corrigiria a forma como eles se referem pelo fato deles não conhecerem a ancestralidade, a origem da palavra."*

Com relação à subcategoria "Educação e Letramento Racial", observou-se a relevância da reflexão e da conscientização sobre o uso de palavras com conotação racista, visando sua exclusão do vocabulário cotidiano. Nesse sentido, P7 propôs a substituição de termos carregados de racismo: *"Ah, professora, comigo não tem essa não! Isso é racismo! Essas são palavras consideradas racistas e a gente vê que adaptam, por exemplo, 'criado-mudo', falam que não é legal falar porque se referiam aos escravos que ficavam do lado das sinhás na mesa e tinham que ficar lá do lado, então era o 'criado-mudo', e isso não é legal. E a gente fala 'rack', 'movelzinho', 'móvel de cabeceira', a gente acaba mudando, né, a partir do momento que a gente sabe que é errado a gente muda, igual a 'lista negra', que não é legal falar. Sabendo disso, eu acho que eles poderiam fazer uma adaptação para substituir."* Esse comentário ressalta a importância de promover um letramento racial que incentive a substituição de termos racistas por alternativas mais inclusivas e respeitosas, gerando mudanças linguísticas e sociais significativas.

Por outro lado, alguns participantes refletiram sobre a resistência à mudança de termos com conotação racista. P12 comentou: *"Professora, mesmo a palavra sendo racista lá, acho muito complicado tentar mudar toda uma coisa que é socialmente aceita por eles, mudar a cabeça das pessoas que sempre falaram isso a vida inteira. Acho que tem todo o sentido*

deixar de usar, mas não faria muito efeito. Acho que eles não acatariam a sugestão de mudar." Já P11 trouxe à tona a possibilidade de uma aceitação cultural: *"Eu tentaria corrigir, mas eu acho que se ele não entendesse, eu não julgaria porque é da cultura deles, tem que entender isso. Eles não usam com esse pensamento, eles usam, tipo, mais com normalidade mesmo. Todo mundo usa essa palavra e eles acabam usando também."*

Essas reflexões evidenciam o desafio de lidar com termos racialmente carregados em contextos culturais distintos e a complexidade de promover mudanças linguísticas que transcendem fronteiras culturais.

Entretanto, há implicações históricas e sociais muito mais profundas relacionadas à construção racial na Argentina, especialmente na capital, Buenos Aires, que podem justificar a normalização do uso de termos considerados racistas em outros países latino-americanos. Conforme Orsi (2022), abordar o tema do racismo na Argentina é extremamente complexo, pois o país se considera racialmente homogêneo pela suposta "inexistência" de negros e indígenas, não apenas na capital, mas em todo o território nacional. Essa percepção alimenta a crença de que o racismo não existe no país. Embora o mito da homogeneidade racial não corresponda à realidade histórica, ele tem prevalecido desde o período colonial até recentemente, mais especificamente até o final da primeira década do século XXI.

Esse cenário contrasta com o Brasil, que difundiu e sustentou por muito tempo o mito da democracia racial – a ideia de que, devido à miscigenação e à diversidade racial, haveria uma convivência pacífica e harmoniosa entre os diferentes grupos étnico-raciais, ocultando, assim, as profundas raízes do racismo estrutural no país.

O desaparecimento da população negra na Argentina pode ser atribuído a cinco principais razões, de acordo com Orsi (2022). Primeiramente, as diversas epidemias do século XIX, que resultaram em uma alta taxa de mortalidade entre os negros. Em segundo lugar, muitos foram enviados para as linhas de frente em conflitos como a Guerra do Paraguai (1864-1870), onde suas chances de sobrevivência eram drasticamente reduzidas. Terceiro, após a implementação da Lei da Liberdade de Ventre (1813) e a abolição da escravatura (1853-1860), a população negra recém-liberta enfrentou uma alta taxa de mortalidade, agravada pela falta de apoio social. Além disso, o fim da escravização na Argentina ocorreu cerca de 30 anos antes do que no Brasil, o que influenciou no processo de integração social. Por último, a proporção de negros na Argentina sempre foi menor em comparação ao Brasil, onde cerca de 4 milhões de pessoas foram escravizadas e traficadas, enquanto na Argentina esse número não ultrapassou os 70 mil.

Entretanto, Andrews (1989, apud Orsi, 2022), refuta a tese das epidemias e guerras como as principais responsáveis pelo desaparecimento dos negros na Argentina. Ele aponta a massiva imigração europeia, ocorrida no século XIX, como a verdadeira causa do apagamento dos afrodescendentes na sociedade argentina. Quase um milhão de europeus se estabeleceram no país, principalmente em Buenos Aires, resultando no deslocamento da população negra da capital para outras regiões, mas sem que desaparecessem por completo. Atualmente, em bairros de Buenos Aires, como La Boca, Flores, La Matanza, Merlo e Moreno, é possível observar a presença de indígenas e afrodescendentes. Além disso, Geler (2016, apud Orsi, 2022), destaca que essa concentração de imigrantes europeus contribuiu para o embranquecimento da população argentina, contrastando com o Brasil, onde a miscigenação resultou em uma população majoritariamente mestiça.

Apesar da suposta ausência de diversidade racial na Argentina, o termo “negro” é amplamente utilizado desde a época colonial e permanece em uso até os dias atuais. Curiosamente, o vocábulo não está relacionado a aspectos fenotípicos, mas sim socioeconômicos, sendo um insulto direcionado às classes mais pobres e culturalmente marginalizadas. A classe média e alta de Buenos Aires se identifica como mais branca, com hábitos e gostos mais refinados, associados à cultura europeia, em contraste com as classes mais populares e de menor poder aquisitivo. Dessa forma, o insulto “negro” pode ser perfeitamente dirigido a pessoas de pele branca, desde que pertençam a um estrato social mais baixo. Para os portenhos, o termo para indivíduos de pele negra é “negro mota” (Orsi, 2022, p.153).

Contudo, de acordo com Geler (2016, apud Orsi, 2022), os termos “negro” e “negrito” podem ter conotações positivas, sendo utilizados para expressar carinho, proximidade e simpatia, sem necessariamente estarem associados à cor da pele ou à raça. Esses vocábulos refletem, portanto, uma complexidade de significados que vai além das questões raciais, integrando o contexto socioeconômico e afetivo da linguagem cotidiana na Argentina.

Cabe ressaltar que, nos últimos anos, tem crescido de forma significativa na Argentina a atuação de coletivos e movimentos negros que lutam pelo reconhecimento da presença de afrodescendentes no país. O mito da homogeneidade racial — a ideologia que propagou a inexistência de negros na Argentina — minou os esforços para combater o racismo e a desigualdade racial. Afinal, se não há negros, esses problemas sociais não fariam parte da realidade nacional. No entanto, esse apagamento histórico não exime os argentinos de comportamentos racistas, preconceituosos e discriminatórios em relação às pessoas negras, especialmente as oriundas de outros países latino-americanos (Orsi, 2022).

Diferentemente da Argentina, onde as tentativas de embranquecimento da população por meio da imigração europeia foram mais bem-sucedidas, no Brasil essas estratégias não funcionaram da mesma forma, em virtude da massiva presença de africanos escravizados e traficados em toda a extensão territorial (Orsi, 2022). Nesse contexto, a palavra quilombo assume grande relevância histórica, cultural e social, pois, além de ser um espaço de resistência, constitui-se como um território guardião de saberes ancestrais africanos. Esse aspecto foi abordado na subcategoria "Saberes Ancestrais Africanos e a Importância da Preservação Cultural" e ganhou destaque entre os estudantes durante a roda de conversa após a leitura do texto. P6 comentou: *"Nos quilombos eles podem praticar a sua religião, a sua cultura, a culinária..."*. P5 complementou: *"Me corrija se eu estiver errado, professora, mas eu acho, tipo... Assim, depois de ler esse texto, eu percebi que eles mantêm os seus costumes, as suas tradições nesse espaço. Algo que não seria possível em outro lugar porque, de certa forma, isso se perderia."* P13 também compartilhou suas impressões: *"Professora, no texto também fala que lá são preservados o patrimônio, a história, a cultura deles."* P12 reforçou a importância da preservação: *"Sim, é preciso preservar, tipo, é a história deles, dos africanos. Tem gente que demoniza, mas se a gente destruir, eles não vão ter mais o que contar pros netos, sabe? Pras gerações seguintes."* No entanto, P13 argumentou: *"Professora, mas não é só a história deles, é a nossa história, a de um Brasil como um todo."*

Na realidade, o termo quilombo faz alusão à organização *imbagala*, aos indivíduos que nela habitam, à terra e à fortaleza erguida pela população negra que se rebelava contra a escravização e conseguia escapar. Essas organizações constituíam uma das principais instituições angolanas de resistência contra os portugueses (Nascimento, 2008, apud Silva, 2020). Todavia, os documentos oficiais não conseguem comprovar a relação direta entre a constituição dos quilombos brasileiros e os angolanos. No entanto, essa visão é rejeitada por Heywood (2010) apud Silva (2020), que afirma que estudos recentes comprovam a conexão dessas instituições com a criação do Quilombo dos Palmares. Nesse sentido, os quilombos brasileiros recriam as estruturas sociais africanas com o objetivo de preservar e recuperar as formas de vida do continente africano na diáspora brasileira e resistir à escravização (Silva, 2020).

Segundo Moura (1981, apud Silva, 2020), os quilombos no Brasil são símbolos de luta contra a escravização da população negra, que erigiu em solo brasileiro "aldeias, vilas, mocambos" (Silva, 2020, p.29), os quais foram batizados de quilombos. Esses territórios de resistência permitiam que negros e negras vivessem livremente e recriassem, na diáspora, o

estilo de vida africano, estabelecendo-se em áreas de difícil acesso, como matas fechadas, para dificultar a perseguição por parte de portugueses e bandeirantes (Munanga, 2012).

Em consonância com Cunha Júnior (2012, apud Silva, 2020), a historiografia brasileira por muito tempo menosprezou tanto a importância dos quilombos quanto o seu caráter revolucionário. Bandeira (1988, apud Silva, 2020) discorre sobre a relevância dos quilombos não apenas como territórios de resistência à escravidão, mas também como organizações sociais que preservam a memória e as manifestações culturais do povo africano. Essas comunidades eram fundamentadas na emancipação territorial, nos meios de produção, nas relações sociais e nas interações com as comunidades vizinhas. Além disso, Silva (2020) ressalta a importância da metalurgia africana e afrodescendente no combate à escravização e no entendimento da organização social e espacial das comunidades quilombolas. Pesquisas arqueológicas realizadas no Quilombo dos Palmares comprovam a preservação da tecnologia metalúrgica nesses territórios, evidenciando a existência de forjas e oficinas de ferro, utilizadas tanto na agricultura quanto na produção de armas (Funari, 2000, apud Silva, 2020).

Além da metalurgia, os estudantes também se surpreenderam ao descobrir a vastidão do conhecimento científico e tecnológico que os povos africanos possuíam em diversos campos do saber, como matemática, astronomia, arquitetura, engenharia e medicina, conforme foi apresentado em um vídeo exibido no início da oficina. P1 comentou: *"Eu gostei, tipo, eu acho muito interessante. É uma forma também que... A cada encontro a gente tá conhecendo coisas que são muito presentes assim no dia a dia, da sociedade, do mundo e, às vezes, a gente não fazia nem ideia que tem origens africanas, tipo... Até agora o negócio da cesariana eu não sabia e a gente vai aprendendo coisas que não são comentadas, né."* P12 também expressou surpresa: *"Eu gostei muito do negócio da cesariana, não sabia disso realmente, nunca me passou pela cabeça, as outras coisas eu já meio que sabia muito envolvendo a engenharia da África, as pirâmides do Egito e tal. A metalurgia também que eu gostei bastante."* De acordo com Silva (2020), o aumento da escravização em determinados territórios do continente africano esteve intimamente ligado à expertise tecnológica dos povos africanos, o que tornava essas populações ainda mais cobiçadas pelos colonizadores devido ao seu conhecimento técnico.

Por fim, na subcategoria intitulada "Impacto educacional e reflexões pessoais," notabilizou-se o impacto positivo da SD na conscientização sobre racismo e preconceito, como evidenciado pela fala de P8: *"Eu achei bem interessante porque hoje a gente viu países de fala espanhola como a Argentina que usa 'quilombo' como um termo ruim, né, como 'bagunça', sendo que 'quilombo' é um termo muito importante para a afrodescendência."*

Além disso, os participantes avaliaram positivamente as atividades realizadas, conforme mencionado por P13: *"Nada a acrescentar, professora. A aula foi muito interessante, aprendi muito. E quanto às inovações tecnológicas, eu nunca duvidei que a África também pudesse produzir coisas interessantes."* Essas reflexões indicam um avanço no entendimento dos participantes sobre a importância histórica e cultural dos quilombos e sobre o reconhecimento da contribuição africana no campo científico e tecnológico.

Nesse sentido, os depoimentos dos estudantes revelam que um material didático afrocentrado, mediado por tecnologias digitais, como a SD proposta nesta pesquisa, constitui-se em um instrumento eficaz não apenas para fomentar o debate e a reflexão sobre temas como raça, racismo e formas viáveis de letramento racial crítico (Ferreira, 2015). Trata-se de criar oportunidades de ação que visem à desconstrução de estereótipos e preconceitos social e historicamente enraizados, com o objetivo de promover relações étnico-raciais mais harmoniosas, pautadas pelo respeito, tolerância e pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, o uso de tais materiais possibilita dar visibilidade às produções de conhecimento de sujeitos não-europeus, como africanos e indígenas, cujas contribuições são frequentemente silenciadas nos livros didáticos devido à predominância de um paradigma eurocêntrico ainda prevalente no contexto educacional (Ferreira; Silva; Lando, 2022).

Por fim, a terceira e última categoria analítica principal, intitulada "Invisibilidade da ciência e tecnologia africana nas práticas escolares brasileiras", abrangeu subcategorias e códigos que trataram da ausência de representatividade negra no campo científico e tecnológico, além de questões relacionadas ao preconceito, discriminação e silenciamento. Essa categoria também destacou a importância de dar visibilidade aos saberes negros por meio da disseminação de informações e conhecimento, bem como as reações dos estudantes ao descobrirem esses saberes, que por muito tempo foram ocultados.

A subcategoria intitulada "Conhecimento e descoberta: percepções sobre o conhecimento científico e tecnológico africano ancestral" ilustrou o processo de descobrimento por parte dos estudantes acerca da ciência e tecnologia de matriz africana, fruto de uma pesquisa realizada em grupos para a criação de murais virtuais no *Padlet*. Os grupos exploraram diversas áreas do saber, revelando a expertise desses povos. P1, integrante do grupo de engenharia e arquitetura, comentou: *"Eu gostei muito, muito de fazer esse trabalho porque eu fui pesquisando muita coisa que eu não sabia e é muito interessante assim... A gente achou várias imagens, de várias construções assim lindas demais, demais, demais."* Da mesma forma, P8, membro do grupo de mineração e metalurgia, acrescentou: *"Eu gostei bastante, né, porque a gente aprendeu coisas novas. O que mais me tocou foi*

deles trazerem a metalurgia pro Brasil, que a gente achava, as pessoas achavam que eram os portugueses, mas que foram os africanos e também de aprender outras coisas novas, né, sobre a medicina, o uso das plantas, que falaram do café, né, que eles descobriram, criaram o café, eu achei muito bom, interessante aprender isso, né." Esses relatos sinalizaram o impacto positivo da pesquisa e a surpresa dos estudantes ao conhecerem as contribuições africanas, muitas vezes esquecidas ou atribuídas a outros povos, especialmente no contexto brasileiro.

Além de se surpreenderem com as contribuições africanas, P1 expressou sua admiração ao descobrir detalhes sobre a cultura egípcia: *"E uma coisa do nosso tema, assim, que eu descobri e que eu ainda estou em choque com isso, que é por causa de quando... A questão das pirâmides e tudo mais, quando o faraó morria, eu não sabia que eles eram enterrados com os bens pra quando voltasse da morte, tipo, eu fiquei muito chocada com isso, porque ele ia precisar deles quando ele voltasse à vida, tipo, eu fiquei muito, muito chocada com isso."* Esse sentimento de surpresa ao descobrir aspectos da cultura africana foi uma constante entre os estudantes.

Com base no trabalho realizado, os estudantes também perceberam a influência das contribuições africanas nos dias atuais, traçando comparações com o presente. P1 e P6, integrantes do grupo de arquitetura e engenharia, destacaram esse aspecto em seus depoimentos. P1 comentou: *"E só complementando o que cê tá falando, não só no Brasil, teve vários lugares do mundo que quando você vê quem realmente criou, deu a ideia mesmo, tipo, foi a África."* Já P6 compartilhou seu entusiasmo com a pesquisa: *"Professora, eu adorei fazer essa pesquisa, principalmente, na parte da arquitetura atual comparada com a antiga. A arquitetura hoje em dia é chamada de Sualí, aí eu não sei falar direito... É, eu fiquei maravilhado, li muito sobre, vi várias fotos, eu acho muito incrível como eles usam conceitos antigos com coisas atuais e até reformando prédio antigo e eles ficam muito lindos, muito funcionais, é, é, é coisa de doido."*

A surpresa dos estudantes em relação à descoberta do legado africano e afrodescendente em diversas áreas do conhecimento se justifica pela ausência desses conteúdos nos guias didáticos (Antunes; Modesto, 2018; Souza, 2018; Ferreira; Silva; Lando, 2022; Santos da Silva, 2023). Embora tenha havido avanços nas políticas públicas voltadas para promover relações étnico-raciais mais justas em nossa sociedade e um aumento nas publicações que tratam da história e cultura africana e afro-brasileira, temas como o tráfico e a escravização de pessoas negras trazidas da África ainda predominam nas escolas e estão profundamente enraizados no imaginário social. Como resultado, perpetua-se a ideia da

superioridade branca e da inferioridade negra (Santos da Silva, 2023), o que reforça a invisibilidade de outras narrativas e contribuições desses povos ao longo da história.

Na realidade, a historiografia ensinada nas salas de aula geralmente não expande o recorte temporal para abarcar a relevância do patrimônio histórico, intelectual, cultural, científico e tecnológico do continente africano, especialmente no período anterior à invasão dos colonizadores europeus. Como consequência, além da perpetuação da desigualdade racial, há também preconceitos e discriminações em relação à diversidade epistêmica. Os saberes oriundos da Europa são frequentemente tratados como universais, estabelecendo-se como referência para todos os demais continentes. Essa hierarquização de conhecimento é um reflexo claro de uma das dimensões da colonialidade, conforme conceituada por Aníbal Quijano: a colonialidade do saber (Leite; Ramalho; Carvalho, 2019).

Conforme Santos da Silva (2023), pesquisas demonstram que os estudantes desconhecem amplamente a história da África, bem como o protagonismo e ativismo dos indivíduos históricos oriundos desse continente. Apesar de alguns estudos, conduzidos a partir dos anos 1980, terem se empenhado em trazer à tona relatos da colonização, tráfico e escravização de pessoas negras sob a ótica dos sujeitos históricos escravizados e/ou libertos que viveram no período colonial, a história dos africanos, assim como a dos indígenas — ambos cruciais para a formação da nação brasileira —, permanece invisibilizada. Dessa forma, prevalece uma "história única" (Adichie, 2019, p. 11) ou uma "história homogênea" (Santos da Silva, 2023, p. 86), que desconsidera a diversidade e riqueza das contribuições desses povos.

Essa lacuna quanto à representatividade negra no campo intelectual, evidenciada na subcategoria "Invisibilidade e silenciamento" foi confirmada pelo silêncio dos estudantes quando a pesquisadora, em uma atividade prévia à leitura do texto "Inventores y científicos negros", perguntou se eles conheciam inventores e cientistas negros ou pessoas negras que tivessem recebido o prêmio Nobel. Nenhum dos participantes conseguiu citar nomes, e aqueles que tentaram responder expressaram desconhecimento sobre a participação de negros na ciência contemporânea, como exemplificaram as falas de P7: *"Vixi, professora, tem algum?"*; P6: *"Cara, eu não sei."*; P1: *"Eu também nunca ouvi falar."*; e P5: *"Gente, não faço a mínima ideia."*

No entanto, durante a roda de conversa que se seguiu à leitura do texto, os participantes criticaram esse silenciamento histórico sobre as contribuições africanas e afrodescendentes. P10 expressou: *"O que se divulga é que todas as descobertas do mundo são feitas por cientistas brancos. E, infelizmente, a gente não fica sabendo de um monte de*

coisa."; P9 complementou: *"Essas informações ficam meio que escondidas, sabe. Não há interesse em divulgar. Acho que os brancos, como P4 falou, não querem perder a posição de liderança, de destaque."*

Outrossim, os participantes destacaram o impacto do racismo e preconceito estrutural no apagamento da contribuição negra na ciência, tecnologia e inovação. P8 argumentou: *"As pessoas não deveriam se surpreender com esses fatos, deveriam achar natural. Mas, infelizmente, existe esse preconceito, sei lá, de achar, tipo, o negro menos capaz, sabe... E isso é discriminação."* P4 complementou: *"É, tipo, tem que escrever um livro pra mostrar as invenções dos negros na ciência. Se fosse branco nem precisaria porque sempre 'tão' em destaque."*

Esse mesmo sentimento permeou a subcategoria "Preconceitos e Racismo na Ciência", onde os participantes discorreram sobre o preconceito e o racismo no que concerne à inserção de pessoas negras em certos espaços de poder. P5 comentou: *"A sociedade, tipo, acha que negro só tem que ocupar lugar de serviçal."* P1 complementou: *"Concordo, as pessoas 'tão' acostumadas a ver o negro servindo os brancos, tipo, em subemprego, sabe."* Os participantes também refletiram sobre os reflexos históricos da escravização. P7 apontou: *"Acho que quando o negro ocupa esse lugar incomoda a muita gente, tipo, parece que o racismo nunca acaba na nossa sociedade, o reflexo da escravidão nunca acaba, as pessoas sempre trazem do negro essa posição de inferioridade e parece que isso nunca acaba, mesmo com tanto conhecimento e estudo, as pessoas têm a cabeça muito quadrada."*

O depoimento dos participantes ratificou o conceito de epistemicídio dos povos subalternizados (Carneiro, 2019), especialmente dos africanos e afrodescendentes, que tem prevalecido na sociedade brasileira desde a colonização portuguesa. Nas palavras da autora, trata-se de um processo sistemático de "produção da indigência cultural e da inferiorização intelectual" (Carneiro, 2019, p.88), ou seja, da subalternidade cognitiva e da desqualificação desse segmento da população como detentores e produtores de conhecimento.

Conforme Spivak (2010, apud Santos da Silva, 2023), autora do texto intitulado *Pode o Subalterno Falar?*, o indivíduo subalterno tem seu espaço de fala e, sobretudo, de escuta, cerceado por estruturas dominantes que preservam e cultivam o pensamento colonial. Essa mentalidade colonial, que atua no campo cultural e econômico, é tão potente e consolidada que invisibiliza e deslegitima a capacidade intelectual dos povos africanos, rotulando-os como incapazes de gerar saberes. Grada Kilomba afirma que "[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial [...]" (Kilomba, 2019, p. 50, apud Santos da Silva, 2023, p. 87), ou seja, ao Norte global, principalmente

Europa e América do Norte. Inclusive, muitos sugerem que toda a ciência produzida por povos não europeus se deve a fenômenos misteriosos, à intervenção de povos ditos superiores ou até mesmo de extraterrestres. Isso reflete o quanto as pessoas negras são vistas como destituídas de criatividade, inteligência e inventividade, funcionando como uma estratégia para estigmatizar, subalternizar e inferiorizar essas populações (Santos da Silva, 2023).

De acordo com Santos da Silva (2023), o racismo anula os saberes produzidos pelas pessoas negras, enquanto o discurso das pessoas brancas é legitimado, e a história da população negra é contada sob sua perspectiva, visto que são consideradas "autoridades" no assunto. Contudo, negros e negras sempre foram produtores de conhecimento e lutam para serem respeitados, ouvidos, e para que seus trabalhos sejam validados. No entanto, esses conhecimentos continuam ofuscados, pois a branquitude ocupa os espaços de poder e legitimidade. Grada Kilomba ressalta a necessidade de "[...] descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento." (Kilomba, 2019, p. 53, apud Santos da Silva, 2023, p. 88), para que a diversidade epistêmica seja não apenas respeitada, mas também naturalizada.

Na subcategoria "Impacto da educação e da informação," os participantes salientaram o papel crucial da educação como um agente transformador no combate aos preconceitos. P6 comentou: "Sim, a gente mesmo não sabia de muitas informações bacanas que foram passadas na reportagem, como por exemplo, que já houve negros que ganharam o Nobel da Paz, de Literatura, de Economia. São coisas que não são divulgadas." Esse reconhecimento reforça a importância da disseminação de informações que visibilizem as contribuições de pessoas negras na ciência e na tecnologia. P11 complementou essa reflexão ao afirmar: *"Acho uma iniciativa muito boa. Deveria ter mais livros, mais informações tipo essa assim para divulgar os cientistas e inventores negros."* Essas observações apontam para a necessidade de ampliar o acesso a informações que possam desconstruir estigmas e combater discriminações raciais.

Em concordância com Cornélio e Tavares (2022), uma das possibilidades de aplicação efetiva da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) — além da inserção da temática de história e cultura africana e afro-brasileira na prática pedagógica, elaboração de materiais didáticos afrocentrados, cursos de formação docente ou políticas públicas voltadas à promoção de uma educação inclusiva e antirracista — é a socialização e democratização de saberes, frequentemente ocultados nos currículos escolares e guias didáticos, através de plataformas como o *Instagram*. No artigo científico das autoras, o perfil *Tinha que ser preto* (TQSP) é analisado como um exemplo dessa estratégia. Além de combater o racismo no ciberespaço, o perfil atua como um "espaço educador antirracista articulado ao Movimento Negro

Brasileiro" (Cornélio; Tavares, 2022, p. 444). Ele dissemina informações sobre o protagonismo negro ao longo da história e sua contribuição em diversas áreas, naturalizando sua participação nas esferas econômica, política, cultural e social, enquanto também desconstrói a visão de marginalidade e submissão frequentemente associada à população negra no Brasil.

Nesse contexto, o ciberativismo (Lopes; Figueiredo, 2018; Lima, 2019; Couto Júnior; Velloso; Santos, 2020; Cornélio; Tavares, 2022) emerge como uma iniciativa poderosa dos coletivos negros na luta por equidade, igualdade e justiça social. Ele atua no resgate do passado, da memória e da ancestralidade dos africanos e afrodescendentes, restituindo o *status* do patrimônio histórico, cultural e intelectual dessas populações. Ao promover o respeito e a valorização da diversidade e pluralidade de saberes, o ciberativismo desafia as narrativas hegemônicas e oferece uma plataforma para a construção de um diálogo mais inclusivo e representativo.

Por esse motivo, a pesquisadora propôs aos participantes, como atividade final, a criação de *posts* sobre as invenções científico-tecnológicas de matriz africana para serem publicados no *Instagram* da instituição (Capítulo 4). O objetivo dessa ação foi compartilhar e dar visibilidade a conhecimentos historicamente ocultados pela colonialidade dos saberes. Acredita-se que o ciberativismo possa se constituir como uma ferramenta eficaz e poderosa para combater o estigma de rebaixamento existencial e cognitivo ao qual negros e negras foram subjugados, contribuindo, assim, para romper com o preconceito e a discriminação que os dissociam de espaços de criação e inovação.

Em suma, a pesquisa possui limitações relacionadas ao tamanho reduzido dos participantes (13 estudantes), o que restringe a generalização dos resultados, e à dependência de um único ambiente escolar, limitando a aplicabilidade do modelo em contextos diversos. No entanto, essa limitação foi compensada pela profundidade da análise dos dados coletados.

O trabalho apresenta como ponto forte a elaboração e aplicação de uma sequência didática afrocentrada, em formato de e-book, utilizando tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas para desconstruir estereótipos e promover uma educação mais inclusiva.

6. CONCLUSÕES

Conforme os objetivos propostos, inicialmente foram investigadas, a partir do referencial teórico, as produções materiais desenvolvidas com base nos conhecimentos que a população africana possuía em diversos campos do saber, especialmente as originadas no Antigo Egito e na África Subsaariana, e sua influência no Brasil colonial. Em seguida, elaborou-se uma sequência didática fundamentada nesse patrimônio científico e tecnológico. Foi realizada uma avaliação da SD com duas profissionais da educação, ambas com extensa experiência no ensino de língua espanhola, que sugeriram ajustes e aprimoramentos prontamente incorporados. Posteriormente, aplicou-se uma oficina em quatro encontros com 13 participantes de duas turmas de E/LE do 3º ano do ensino médio, onde foi constatada a prevalência de uma abordagem educacional eurocentrada nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas da escola investigada.

Os relatos dos estudantes evidenciaram que muitos docentes não abordam temas, questões e perspectivas afrocentradas em sala de aula. Assim, o fazer pedagógico ainda é permeado por uma cosmovisão eurocêntrica, ignorando outras formas de produção de conhecimento desenvolvidas por sujeitos históricos não europeus. Esse discurso reflete a disseminação de preconceitos, estigmas e estereótipos sobre o continente africano nos meios de comunicação (como televisão, cinema, jornais e internet), impactando profundamente a construção de subjetividades e identidades negras e perpetuando o desconhecimento sobre a África e sua população. Embora valores civilizatórios tenham sido estabelecidos no Brasil por africanos escravizados e seus descendentes, esses aspectos culturais permanecem enraizados na nossa brasilidade, ou seja, em nosso modo de ser e viver. Os depoimentos dos participantes ainda destacaram processos de epistemicídio, evidenciados pelo rebaixamento existencial e cognitivo da população africana e afrodescendente, com o reconhecimento e valorização seletivos da cultura negra em algumas áreas do conhecimento. Essa prática restringe o papel cognitivo desse grupo a uma "cidadania lúdica." Observou-se também o total desconhecimento, por parte dos estudantes, sobre cientistas negros e suas contribuições, incluindo invenções e descobertas, o que revela uma invisibilização e silenciamento em torno da tecnologia africana e afrodescendente.

As principais contribuições desta pesquisa incluem: a desconstrução de um paradigma eurocêntrico nesse microcosmo de duas turmas do 3º ano do ensino médio; a criação de um material didático afrocentrado em formato de e-book com o uso de tecnologias digitais; o

incentivo ao ciberativismo negro, aproveitando o ciberespaço como um ambiente fértil para disseminar conhecimentos negros em diversas áreas; e a valorização das identidades negras dos jovens estudantes, por meio de referências aos seus ancestrais e contemporâneos negros no campo intelectual.

Novos estudos são recomendados para explorar o letramento racial em cursos de formação de docentes, gestores, coordenadores, supervisores e orientadores, de modo que práticas pedagógicas interculturais, decoloniais e antirracistas possam ser incorporadas, legitimadas e naturalizadas, para que outras vozes e narrativas ecoem no cenário educacional.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANTUNES, V. C.; MODESTO, W. O. Herança africana nos livros didáticos de espanhol: ainda em busca da representatividade. IN: Barros, C. S. de; Costa, E. G.; Freitas, L. M. A. (Orgs.). **O livro didático de espanhol na escola brasileira**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 343-355.

ASSIS, M. et al. VALOR ECONÔMICO. **Educação antirracista é desafio para professores**, mostra pesquisa. 14 nov. 2023. Disponível em: https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/11/14/educacao-antirracista-e-desafio-para-professores-mostra-pesquisa.ghtml. Acesso em: 5 dez. 2024.

BARREIRO, R. **¿Por qué para los argentinos todo es un quilombo?** Buenos Aires, 2017. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2017/05/11/actualidad/1494529191_436778.html. Acesso em: 21 set. 2014.

BARROS, A. D. G. M. *et al*. Multiletramentos e ensinagem de línguas adicionais: uma proposta de sequência didática em Curso de Língua Inglesa e Espanhola. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81, p. 1716-1732, dez./2021. Disponível em: https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/996. Acesso em: 12 out. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1977. p. 1-281.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 01 jun. 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 jun. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 5 jun. 2024.

BERNARDINO-COSTA, J. B.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15–24, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077. Acesso em: 12 out. 2023.

CANDAU, V. M. **Multiculturalismo, educação e direitos humanos**. PDF. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/multicutaralismo.html#ref. Acesso em: 22 mai. 2024.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, Monte Carmelo, MG ,v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

CARNEIRO, L. de A.; GARCIA, L. G.; BARBOSA, G. V. Uma revisão sobre aprendizagem colaborativa mediada por tecnologias. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. 2, p. 52–62, 2020. DOI: 10.20873/uftv7-7255. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/7255. Acesso em: 15 out. 2023.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

CHAVES, L.S.; COIMBRA, L. **Cercanía**. 1. ed. São Paulo: Editora SM, 2014.

CORNÉLIO, B. G.; TAVARES, M. L. Tinha que ser perto! Possibilidades para uma educação antirracista por meio do ciberativismo na rede social *Instagram*. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 14, n. 42, p. 444–463, 2022. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1362. Acesso em: 29 set. 2024.

COSTA JÚNIOR, N. P. da. Ciência e tecnologia na antiguidade africana. **Revista Libertação - A Filosofia, a educação e suas interfaces**, v. 2, n. 1, 2021. DOI: 10.48098/refiedi.v2i1.373. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/REFIEDI/article/view/373. Acesso em: 12 out. 2023.

COUTO JÚNIOR, D. R.; VELLOSO, L.; SANTOS, R. dos. Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, 2020. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48628. Acesso em: 05 out. 2024.

CUNHA JÚNIOR, H. A. **Tecnologia Africana na Formação do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010. 51 p.

CUNHA JÚNIOR, H. A. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, n. 166, p. 104-111, 2015. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/25365. Acesso em: 20 dez.2023.

CUNHA JÚNIOR, H. A. **Tecnologias Africanas e Educação**. Salvador: EDIFBA, 2023. *E-book*. Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/prpgi/editora/livros/ciencias-humanas/Tecnologiasafricanaseeducaocad7.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

DIOP, C. A. **Retomando Narrativas Históricas. Entrevista Cheik Anta Diop**: Origem da espécie humana e Civilização egípcia (legendado). YouTube, 01 ago. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpqzEytY4Bc&t=2018s. Acesso em: 21 jun. 2024.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. 6. ed. São Paulo: Ubu, 2020.

FERREIRA, A. de J. **Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas**: com atividades reflexivas. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, D. L. L.; SILVA, J. V. da; LANDO, G. A. **Mídias digitais, história e cibercultura: ferramentas digitais como estratégias para a promoção da educação antirracista no ensino de história.** In: Anais VIII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88402. Acesso em: 27 set. 2024.

FAETEC — FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA – ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL FERREIRA VIANA. **Projeto Político Pedagógico**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2023.

GOMES et al. **A afirmação dos valores civilizatórios afro-brasileiros na formação da criança negra**. In: Anais III CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19647. Acesso em: 14 set. 2024.

GUARANI**. Respeito na Medida - Açúcar Guarani**. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HAQ77n4753w. Acesso em: 2 ago. 2024.

HENARES DE MELO, M. C.; CRUZ, G. de C. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 31-39. Disponível em: https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v4i2.22222. Acesso em: 15 set. 2023.

LEAL, V. C.; MENEZES, T. S.; DE AZEVEDO, I. C. M. Leitura e produção de textos multimodais: análise descritiva de uma prática durante o ensino remoto emergencial na UFS. **Língu@ Nostr@**, v. 10, n. 2, p. 234-257, 2022. DOI: 10.29327/232521.9.1-29. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/lnostra/article/view/13030. Acesso em: 26 nov. 2023.

LEITE, L. H. A.; RAMALHO, B. B. M.; CARVALHO, P. F. L. D. A Educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. **Educação em Revista**, v. 35, p. e214079, p. 1-21, 2019. DOI: 10.1590/0102-4698214079. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edur/a/BTkM85VrQWhbwZQ6N7NYChG/#. Acesso em: 09 abr. 2024.

LIMA, Dulce. Feminismo negro e ciberativismo no Brasil. **Entropia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 05–21, 2019. Disponível em: https://www.entropia.slg.br/index.php/entropia/article/view/392. Acesso em: 05 out. 2024.

LOPES, D. A.; FIGUEIREDO, A. Educação antirracista e ciberativismo: experiência de coletivos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook e em Salvador/BA. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 59, p. 15–22, jul./dez. 2018. Disponível em: http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/4883. Acesso em: 14 nov. 2022.

MACHADO, Carlos. **Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente**. [S.I.]: Bookess, 2015. Disponível em: http://www.bookess.com/. Acesso em: 26 ago. 2023.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, V. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista da ABRALIN**, v. 18, n. 1, 2019. DOI: 10.25189/rabralin.v18i1.1323. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1323. Acesso em: 12 out. 2023.

MUNANGA, K. **Antropólogo e Professor Dr. Kabengele Munanga fala sobre preconceito no Brasil**. Boa Vontade TV. YouTube, 21 nov. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ded3EtKQZn8. Acesso em: 2 jun. 2024.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista/BA, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 6 dez. 2024.

OLIVA, A. R. Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no imaginário Ocidental. **Em Tempo de Histórias**, n. 09, 2011. DOI: 10.26512/emtempos.v0i09.20107. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20107. Acesso em: 15 set. 2024.

OLIVEIRA, D. C. de; MOREIRA, M. I. C. Epistemologias do Sul e Saberes De(s)coloniais: pela valorização da produção de conhecimento em África e Abya Yala. **Epistemologias do Sul**, v. 7, n. 1, p. 30–45, 2023. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/3181. Acesso em: [inserir data de acesso].

OLIVEIRA, L. F. D.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15–40, abr. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002. Acesso em: 30 ago. 2023.

OLIVEIRA, M. B.; FERREIRA, L. Projeto “Com Ciência Negra”: saberes, práticas e filosofias africanas e afrodescendentes reflexões sobre a autoestima de adolescentes negros e negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 15, n. Edição Especial, p. 195–212, 2023. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1497. Acesso em: 12 out. 2023.

ORSI, G. O. “Não há negros na Argentina”: o mito da homogeneidade racial argentina. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, v. 9, n. 2, p. 140–163, 2022. DOI: 10.47456/simbiotica.v9i2.39249. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/39249. Acesso em: 22 set. 2024.

OSMAN, S. et al. **Enlaces español para jóvenes brasileños**. 1. ed. São Paulo: Macmillan, 2014.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, F. A.; MIRANDA, K. R. M.; RIBEIRO, J. R. V. S. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira: revisitando algumas reflexões. **Revista Trem das Letras**, Alfenas, v. 9, n. 1, p. 1–34, jul. 2022. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1542. Acesso em: 28 set. 2023.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SÁ, M. F. de O. E. **História e tecnologia africana: diálogos possíveis no ensino médio integrado**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Bahia, p. 112, 2019.

SAMPAIO, R. C. *et al*. ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: reflexões sobre seus usos. **Revista de Sociologia e Política**, v. 32, p. e008, 2024. DOI:10.1590/1678-98732432e008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsocp/a/rfSfWXpWqJWgrbRktcpXq9v/?lang=pt. Acesso em: 07 set. 2024.

SANTOS, E. F. dos; PINTO, E. A. T.; CHIRINÉA, A. M. A Lei 10.639/03 e o Epistemicídio: relações e embates. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 3, p. 949–967, 2018. DOI: 10.1590/2175-623665332. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/JXQP9M8NVGb6cCFH4hZwgFC/?lang=pt. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS DA SILVA, Luzinete. História e historiografia dos saberes subalternos: análise introdutória dos avanços e desafios vivenciados pela população negra em diferentes contextos e temporalidades. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, v. 9, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/574. Acesso em: 28 set. 2024.

SARAIVA JR, F. Transformando a sala de aula: utilizando a inteligência artificial generativa no aprendizado ativo. **Revista GV Casos**, v. 14, n. especial 1, p. 1–11, 2024. DOI: 10.12660/gvcasosv14nespecial1a16. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/gvcasos/article/view/91475. Acesso em: 04 set. 2024.

SILVA, G. R. da. **Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

SILVA, L. C. da. **Análise das tecnologias africanas e afrodescendentes**: comunidades Quilombola de Ivaporunduva e Jongo Dito Ribeiro. 2020. 104 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020.

SILVA, L. C. R. da; DIAS, Rafael de Brito. As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil: um estudo exploratório. **Linhas Críticas**, v. 26, p. e28089, 2020.

SILVA, M. M. C. da; TOASSI, P. F. P.; HARVEY, M. S. dos S. Metodologias Ativas e Ensino de Língua Estrangeira: Objetos de Aprendizagem como recurso didático no contexto da Gamificação. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 227–247, 2020. DOI: 10.46230/2674-8266-12-3732. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/3732. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, R. Decolonialidade do saber: as ecologias dos saberes na produção do conhecimento. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 356-364, mar./2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84178. Acesso em: 13 out. 2023.

SOUZA, J. S. O lugar das identidades negras no livro didático de Espanhol. In: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer; FREITAS, Luciana Maria Almeida (Orgs.). **O livro didático de espanhol na escola brasileira**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 269-279.

TV BRASIL. **Escritora Conceição Evaristo em um papo no Arte do Artista.** YouTube, 29 ago. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=62GqRm-6cxw. Acesso em: 14 set. 2024.

VASCONCELLOS, E. T. D; BORTOLUZZI, V. I.; GHISLENI, T. S. Gêneros de texto e multimodalidade. **Research, Society and Development**, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11255. Acesso em: 24 nov. 2023.

WALSH, C.; OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, p. 83, 2018. DOI: 10.14507/epaa.26.3874. Disponível em: https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874. Acesso em: 12 out. 2023.

WALSH, C. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver.** In: CANDAU, V.M. (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2009. p. 1-32.

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Tecnologia da Cultura Africana e Afrodescendente: sequência didática da disciplina de espanhol como língua estrangeira para estudantes do Ensino Médio". Queremos aplicar uma sequência didática que faça uso de novas tecnologias digitais inspirada na tecnologia da cultura africana e afrodescendente. Essa abordagem será integrada em uma oficina composta por quatro encontros, ministrada pela professora aos alunos do 3° ano do Ensino Médio, no contexto da disciplina de espanhol como língua estrangeira.

As pessoas que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 18 anos de idade. A pesquisa será feita na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana. Durante a pesquisa, você participará de rodas de conversa, irá ler textos e discuti-los com os seus colegas. Também realizará atividade lúdica com o uso do *Kahoo*, pesquisa bibliográfica para a elaboração de mural virtual no *Padlet*, criação de infográfico no *Canva* e publicação na página do Instagram da instituição para compartilhar com a comunidade escolar o que aprendeu. Por fim, preencherá um formulário no *Google Forms* a fim de autoavaliar o seu processo de aprendizagem. Para isso, será usado *smartphones* ou *tablets*, *notebook*, projetor, caixa de som, internet, gravador de áudio e textos impressos. O uso destes recursos é considerado seguro, mas é possível você sentir incômodo, pois serão feitas fotografias e gravação de áudios dos participantes ao longo do processo em uma ou mais atividades. Caso você não se sinta bem com alguma questão da pesquisa, você pode procurar a pesquisadora Márcia Regina de Souza pelo telefone (21) 981897165. Mas há coisas boas que podem acontecer, pois essa pesquisa pode contribuir para que você tenha a chance de explorar a história e a cultura afro-brasileira e africana, bem como ter acesso ao legado histórico, cultural, tecnológico e científico daqueles que contribuíram para a formação da nação brasileira. Além disso, você presenciará a aplicação de metodologias ativas, incluindo o uso de novas tecnologias digitais e terá a oportunidade de participar ativamente e criticamente de todo o processo.

Você não precisa participar desta pesquisa se não quiser. Ninguém ficará irritado(a) ou chateado(a) com você se você disser "não": a escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer "sim" agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem. É importante que você converse com seus responsáveis sobre a sua decisão. Saiba o que eles acham, fale a eles o que pretende fazer, se quer ou não participar. Você tem o tempo que precisar para isso. Também pode discutir com a pesquisadora, quando quiser. Ela responderá todas as suas dúvidas, em qualquer momento.

Você não receberá nenhum dinheiro nem terá que pagar nada para participar da pesquisa. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa.

ASSENTIMENTO

Eu _____ li este termo e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do (a) participante	Data: ___/___/_____

Eu, Márcia Regina de Souza, obtive de forma apropriada e voluntária o Assentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora.	Data: ___/___/_____

Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903
TEL: 21 3891-0020 – Email: cep@cp2.g12.br
Site : http://www.cp2.g12.br/blog/cepcpii/

APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO PEDRO II
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/CPII



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEL LEGAL

Prezado (a) responsável/representante legal:

Gostaríamos de solicitar o seu consentimento para o (a) menor _____ participar como voluntário (a) da pesquisa denominada, "Tecnologia da Cultura Africana e Afrodescendente: sequência didática da disciplina de espanhol como língua estrangeira para estudantes do Ensino Médio", realizada no âmbito do Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação (MPNTDE) – Associação Carioca de Ensino (UNICARIOCA) e que diz respeito a uma dissertação de mestrado. A pesquisa que será realizada na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, localizada no bairro Maracanã, Rio de Janeiro.

1. OBJETIVO: O objetivo do estudo é desenvolver uma sequência didática que faça uso de novas tecnologias digitais, inspiradas na tecnologia da cultura africana e afrodescendente. Essa abordagem será integrada em uma oficina composta por quatro encontros, ministrada pela professora aos alunos do 3° ano do Ensino Médio, no contexto da disciplina de espanhol como língua estrangeira.

2. PROCEDIMENTOS: O (A) estudante fará parte de uma pesquisa que será realizada na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana. Será aplicada uma sequência didática a (o) (a) aluno (a) em uma oficina que terá a duração de quatro encontros, cada um deles corresponde a duas aulas seguidas com duração de 50 minutos cada. Ele (a) participará de rodas de conversa em que terá a oportunidade de expor o seu conhecimento prévio a respeito do tema proposto, irá ler textos e discuti-los com os seus colegas. Além disso, realizará ao longo da oficina as seguintes atividades descritas a seguir: atividade lúdica com o uso do *Kahoo*, pesquisa bibliográfica para a elaboração de mural virtual no *Padlet*, criação de infográfico no *Canva* e publicação na página do *Instagram* da instituição para compartilhar com a comunidade escolar o que aprendeu. Por fim, preencherá um formulário no *Google Forms* a fim de autoavaliar o seu processo de aprendizagem ao longo dessa jornada de quatro encontros. Cabe esclarecer que serão feitas fotografias e gravação de áudios dos participantes ao longo do processo, porém a sua identidade não será exposta.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS: A pesquisa oferece riscos mínimos por se tratar da aplicação de uma sequência didática na instituição onde o (a) aluno (a) estuda. Serão feitas fotografias e gravação de áudios dos participantes ao longo do processo, o que poderá expor potencialmente à identificação, mas tarjas serão colocadas nas fotografias para minimizar esse risco. São esperados os seguintes benefícios: as turmas selecionadas para participar do projeto terão a chance de explorar a história e a cultura afro-brasileira e africana, e ter acesso ao legado histórico, cultural, tecnológico e científico daqueles que contribuíram para a formação da nação brasileira. Além disso, o (a) aluno (a) presenciará a aplicação de metodologias ativas, incluindo o uso de novas tecnologias digitais e terá a oportunidade de participar ativamente e criticamente de todo o processo.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a privacidade do (a) menor será respeitada e o nome dele (a) ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o(a) identificar, será mantida em sigilo. A pesquisadora responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a participação do (a) menor neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a permitir que ele (a) participe do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar que o (a) menor saia da pesquisa ele (a) não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido à participação do(a) menor no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com a pesquisadora. Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pela pesquisadora. A pesquisadora garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso à pesquisadora Márcia Regina de Souza pelo telefone (21) 981897165 ou pelo e-mail ms040273@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo com a participação do menor _____ na pesquisa.

Assinatura do (a) responsável /representante legal	Data: ___/___/_____

Eu, Márcia Regina de Souza, obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do (a) responsável /representante legal pelo (a) menor participante da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora	Data: ___/___/_____

APÊNDICE C – PRODUTOS CONSOLIDADOS: Sequência Didática em formato de *E-book* "*Tecnologia Africana e Afrodescendente: sequência didática de espanhol utilizando tecnologias digitais no ensino médio"*.

MATERIAL DIDÁTICO

Campos descritivos obrigatórios:
O e-book *Tecnologia Africana e Afrodescendente: sequência didática de espanhol utilizando tecnologias digitais no ensino médio* aborda as temáticas de tecnologias da cultura africana e afrodescendente, pedagogia decolonial e decolonialidade e criação de gêneros multimodais mediados por novas tecnologias digitais. Tem por objetivo geral reconhecer a diversidade e a pluralidade epistêmicas de outros povos e culturas, mais especificamente, as tecnologias da cultura africana e afrodescendente e suas produções de conhecimento.

Cadastrar Produção Intelectual
Natureza: digital

Finalidade: Sequência didática elaborada para aplicar uma oficina para estudantes do ensino médio da disciplina espanhol como língua estrangeira (E/LE) sobre o uso de tecnologias digitais a partir das tecnologias da cultura africana e afrodescendente com base na criação autoral e colaborativa de gêneros multimodais com a ferramenta Canva e Padlet.

Instituição Promotora: Centro Universitário Carioca - UNICARIOCA

Demanda: ( ) Externa
( ) Edital
(X) Interna

URL: https://drive.google.com/drive/folders/1IRATpPEo5_EZL1HMFURf4-WWX5sUWRpM

ISBN: 978-65-01-22773-3

Avanços tecnológicos/grau de novidade:
( ) Produção com alto teor inovativo: desenvolvimento com base em conhecimento inédito;
( ) Produção com médio teor inovativo: combinação de conhecimentos pré-estabelecidos;
(X) Produção com baixo teor inovativo: adaptação de conhecimento existente;
( ) Produção sem inovação aparente: produção técnica.

Indicar produção resultante do trabalho realizado no Programa de Pós-graduação, informando:

Docentes Autores: Nome: Paulo Victor Rodrigues de Carvalho CPF: 425.238.427-34
Nome: Verônica Eloi de Almeida CPF: 023.822.757-07

Discentes Autores: Nome: Márcia Regina de Souza CPF: 037.654.047-80

Demais Autores:

Nome: Não se aplica. CPF: _____ Organização: _____

Conexão com a Pesquisa
Projeto de Pesquisa vinculado à produção: Desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras

Linha de Pesquisa vinculada produção: Novas tecnologias digitais aplicadas na educação formal.

( ) Projeto isolado, sem vínculo com o Programa de Pós-graduação.

Conexão com a Produção Científica
Relacionar artigos publicados, apenas, em periódicos que estão correlacionados a esta produção:

a) Título: Tecnologias da cultura africana e afrodescendente: pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva decolonial.

Periódico: CECIERJ- Revista Educação Pública.

Outros dados: ano 2025; vol. 25; páginas 1-17; DOI 10-18264/REP.

Recursos e vínculos da Produção Tecnológica

Data início: 14 / 08 /2023 Data término: 14/ 12 /2023

Total investido: R$ não se aplica.

Fonte do Financiamento: Não se aplica.

Aplicabilidade da Produção Tecnológica: esta sequência didática possui uma alta aplicabilidade, visto que apresenta uma abrangência elevada, ou que poderá ser potencialmente elevada, incluindo possibilidades de replicabilidade. Para avaliar tal critério, as características a seguir deverão ser descritas e justificadas:

Descrição da Abrangência realizada: (até 50 palavras)
Esta sequência didática foi concebida para ser desenvolvida de forma híbrida, em oficinas presenciais, com atividades a serem realizadas dentro e fora delas, utilizando novas tecnologias digitais, simultaneamente, como instrumento e aprimoramento do fazer pedagógico.

Descrição da Abrangência potencial: (até 50 palavras)
No que se refere à abrangência potencial, esta sequência didática tem alcance nacional, uma vez que pode ser realizada em qualquer espaço formativo que tenha as condições necessárias para a sua execução.

Descrição da Replicabilidade: (até 50 palavras)
A sequência didática em questão pode ser replicada em âmbito nacional; pois, foi planejada e direcionada para a realização de uma oficina cujo público-alvo são estudantes do Ensino Médio. Sendo assim, pode ser aplicada a discentes desta etapa da educação, de todo o Brasil, desde que se atendam as condições nela descritas para fazê-lo.

A produção necessita estar no repositório? Sim.

Documentos Anexados (em PDF): Material didático.

APÊNDICE D – SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMPLETA

PRIMEIRO DIA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA- Mediada pelas novas Tecnologias Digitais

Dia: 1x ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐

Autor(a) da SD: Márcia Regina de Souza
Revisão realizada: Paulo Victor R. de Carvalho **E-mail:** pcarvalho@unicarioca.edu.br
Público alvo para capacitação:
Sugestão de quantidade mínimo e máximo de pessoas: Turma com 20 a 25 alunos
Eixo Temático: Língua Espanhola
Conteúdo: Interações discursivas; Semiótica; Interculturalidade; Compreensão leitora e Produção escrita.

Turma/Segmento: 3° Ano do Ensino Médio

Locais que serão utilizados: Sala ☐ de Aula x Sala ☐ eb Pátio ☐ Online ☐

Objetivos esperados: Compreender e reelaborar conceitos e conhecimentos a respeito do continente africano e suas produções de conhecimento em diferentes campos do saber, bem como das descobertas e invenções de negros e negras na ciência.

Sequência Didática em Língua Espanhola com atividades para estudantes do 3º ano Ensino Médio sobre a Tecnologia Africana e Afrodescendente mediada pelo uso de tecnologias digitais com foco na produção de gêneros multimodais. Essa é a primeira etapa da Sequência Didática que se divide em outras três. São elas: 1ª Etapa: Exploração Inicial 2ª Etapa: Pesquisa e Aprofundamento/ Conexão com a História e Cultura 3ª Etapa: Produção e Compartilhamento 4ª Etapa: Exposição e Comunicação
Objetivo Geral: Reconhecer a diversidade e a pluralidade epistêmicas de outros povos e culturas, mais especificamente, a tecnologia da cultura africana e afrodescendente e suas produções de conhecimento.
Objetivos específicos: I. Identificar as principais tecnologias oriundas de matriz africana; II. Selecionar informações com vistas à realização de pesquisa sobre a tecnologia e cultura africana e afrodescendente; III. Elaborar gêneros multimodais com distintos recursos semióticos (imagem, texto, som, etc.) de forma colaborativa com seus pares; IV. Descrever a sua produção escrita com o objetivo de partilhar conhecimento com outros estudantes; V. Confeccionar um *post* para publicação nas redes sociais da escola a fim de coparticipar toda a comunidade escolar a respeito dos resultados obtidos; e VI. Demonstrar a importância do reconhecimento das produções culturais de outros povos para superar a visão eurocêntrica no que tange à construção do conhecimento

1ª ETAPA: EXPLORAÇÃO INICIAL	
1ª Passo: Realizar uma avaliação diagnóstica com os estudantes a respeito do continente africano. (Avaliar) **Tempo 30 min**	• Organizar a sala de aula em círculo para que os estudantes possam interagir melhor durante a execução da atividade. • Promover uma roda de conversa para averiguar os conhecimentos prévios dos aprendizes a respeito do continente africano. Durante a conversa, realizar perguntas como: "Onde está localizado o continente africano?", "Quantos países possui o continente?", "Quantos idiomas são falados na África? Você conhece algum?", "Em que país africano o espanhol é um dos idiomas oficiais?", "Qual é a sua principal fonte de renda?".
2ª Passo: Utilizar a ferramenta Mentimeter para a formação de uma nuvem de palavras e duas enquetes. (Explorar) **Tempo 40 min**	• Depois desse primeiro momento, explicar aos discentes que a próxima atividade envolverá o uso da ferramenta Mentimeter. • Pedir que escrevam na plataforma qual é a primeira palavra que lhes vem à cabeça quando pensam na África a fim de formar uma nuvem de palavras.

	• Ainda utilizando a ferramenta Mentimeter, solicitar que participem de uma enquete sobre o continente africano, respondendo às seguintes perguntas: "Em que área do conhecimento você acha que os africanos mais contribuíram?" "Você acha que na África se desenvolve ciência e tecnologia?" • A partir dos resultados obtidos na nuvem de palavras e na enquete, levar a cabo um debate com os estudantes. Durante a realização do debate, fazer perguntas como: "Por que se tem essa visão do continente africano?", "Qual é a informação que nos chega da África? A partir de que meios de comunicação?", "Da perspectiva de quem a história da África é contada?". **https://www.menti.com/al1pwyyubtmq** **https://www.menti.com/jswnhkyyuz** **https://www.menti.com/7iuixysqyh**
3º Passo: Promover uma atividade lúdica em equipe com o *quiz* Kahoot sobre descobertas e invenções de negros e negras na ciência e tecnologia. **(Aprofundar)** **Tempo 30 min**	• Antes de passar para a próxima etapa, explicar o uso da ferramenta Kahoot aos aprendizes e dividi-los em três grupos para a realização da atividade lúdica. Esse quiz traz uma série de descobertas e invenções no campo da ciência e da tecnologia realizadas por negros e negras ao longo da história. **https://kahoot.it/challenge/01967888?challenge-id=c4cab5d9-7558-4fce-bfde-05bc617ce46c_1730665016586**
Recursos digitais	Datashow, Notebook, Smartphones, Tablets e Internet
Recursos analógicos utilizados	
Atividade para a elaboração dos Gêneros Multimodais se houver	
Observações:	

SEGUNDO DIA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA- Mediada pelas novas Tecnologias Digitais

Dia: 1 ☐ 2x ☐ 3 ☐ 4 ☐

Autor(a) da SD: Márcia Regina de Souza
Revisão realizada: Paulo Victor R. de Carvalho **E-mail:** pcarvalho@unicarioca.edu.br
Público alvo para capacitação:
Sugestão de quantidade mínimo e máximo de pessoas: Turma com 20 a 25 alunos
Eixo Temático: Língua Espanhola
Conteúdo: Interações discursivas; Semiótica; Interculturalidade; Compreensão leitora e Produção escrita.

Turma/Segmento: 3° Ano do Ensino Médio

Locais que serão utilizados: xSala de Aula ☐ Sala Web ☐ Pátio ☐ Online ☐

Objetivos esperados: Pesquisar invenções ancestrais africanas com impacto global a fim de construir murais virtuais no Padlet; Utilizar diversas fontes de informação e dispositivos tecnológicos para a construção de conhecimento; Compreender a importância histórica e cultural dos quilombos brasileiros.

Sequência Didática em Língua Espanhola com atividades para estudantes do 3º ano Ensino Médio sobre a Tecnologia Africana e Afrodescendente mediada pelo uso de tecnologias digitais com foco na produção de gêneros multimodais. Essa é a segunda etapa da Sequência Didática que se divide em outras três. São elas: 1ª Etapa: Exploração Inicial

<table>
<tr><td colspan="2">2ª Etapa: Pesquisa e Aprofundamento/ Conexão com a História e Cultura
3ª Etapa: Produção e Compartilhamento
4ª Etapa: Exposição e Comunicação</td></tr>
<tr><td colspan="2">Objetivo Geral: Reconhecer a diversidade e a pluralidade epistêmicas de outros povos e culturas, mais especificamente, a tecnologia da cultura africana e afrodescendente e suas produções de conhecimento.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Objetivos específicos: I. Identificar as principais tecnologias oriundas de matriz africana; II. Selecionar informações com vistas à realização de pesquisa sobre a tecnologia e cultura africana e afrodescendente; III. Elaborar gêneros multimodais com distintos recursos semióticos (imagem, texto, som, etc.) de forma colaborativa com seus pares; IV. Descrever a sua produção escrita com o objetivo de partilhar conhecimento com outros estudantes; V. Confeccionar um post para publicação nas redes sociais da escola a fim de coparticipar toda a comunidade escolar a respeito dos resultados obtidos; e VI. Demonstrar a importância do reconhecimento das produções culturais de outros povos para superar a visão eurocêntrica no que tange à construção do conhecimento</td></tr>
<tr><td colspan="2">2ª ETAPA: PESQUISA E APROFUNDAMENTO/ CONEXÃO COM A HISTÓRIA E A CULTURA</td></tr>
<tr><td>1ª Passo: Construir murais virtuais com o uso da ferramenta Padlet.
(Contextualizar/Elaborar)
Tempo 30 min</td><td>• No primeiro tempo de aula, exibir para os estudantes dois vídeos curtos intitulados “Invenções africanas que mudaram o mundo – Partes 1 e 2” do canal do YouTube Mwana Afrika: Magazine Cultural & Educacional a fim de motivá-los para a realização da próxima tarefa.
https://www.youtube.com/watch?v=uyn3iNrh61A
https://www.youtube.com/watch?v=JvBPm5tVxwI
• Dividir a turma em cinco grupos e pedir que realizem uma pesquisa mais aprofundada sobre as invenções tecnológicas desenvolvidas em países africanos que revolucionaram o mundo. Os temas são: medicina e etnobotânica, mineração e metalurgia, matemática, engenharia e construção civil e produção têxtil.
• Explicar aos discentes o uso da ferramenta Padlet e seus diferentes recursos semióticos para que possam realizar a tarefa de forma assíncrona.
• Pedir-lhes que elaborem no Padlet um mural virtual com textos, imagens, vídeos a partir dos resultados da pesquisa realizada para que possam ser compartilhados entre todos no próximo encontro.
https://padlet.com/</td></tr>
<tr><td>2ª Passo: Desenvolver uma atividade de pré-leitura a partir da acepção do termo ‘quilombo’ em países hispano-falantes.
(Pesquisar)
Tempo 40 min</td><td>• No segundo tempo de aula, solicitar que os estudantes procurem no dicionário online WORDREFERENCE o significado da palavra “Quilombo” em espanhol.
https://www.wordreference.com/
• Realizar uma roda de conversa sobre a acepção da palavra. Durante o debate, fazer perguntas como: “Que significa a palavra “Quilombo” em língua espanhola?”, “Em que países de fala espanhola se usam essa palavra?”, “Vocês acham que ela tem conotação discriminatória?”, “Pensam que as pessoas desses países deveriam deixar de usá-la?”.</td></tr>
<tr><td>3º Passo: Fomentar uma atividade de leitura e pós-leitura por meio de um debate sobre a importância histórica e cultural dos quilombos no Brasil.
(Argumentar)
Tempo 30 min</td><td>• Informar que eles vão ler a reportagem intitulada “Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia" e responder as perguntas sobre o texto.
https://www.nationalgeographic.es/historia/2022/03/quilombos-brasilenos-una-vida-forjada-a-traves-de-la-resistencia
• Promover um debate sobre a importância dos quilombos no Brasil, uma vez que não se constituem somente em espaços de resistência à escravidão, mas também em territórios guardiões de saberes ancestrais e de tecnologia africana.</td></tr>
<tr><td>Recursos digitais</td><td>Datashow, Notebook, Smartphones, Tablets e Internet.</td></tr>
<tr><td>Recursos analógicos utilizados</td><td>Texto impresso.</td></tr>
<tr><td>Atividade para a elaboração dos Gêneros Multimodais se houver</td><td>Uso do Padlet para a construção de murais virtuais com a utilização de diversos recursos semióticos.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Observações:</td></tr>
</table>

TERCEIRO DIA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA- Mediada pelas novas Tecnologias Digitais

Dia: 1 ☐ 2 ☐ 3x ☐ 4 ☐

Autor(a) da SD: Márcia Regina de Souza
Revisão realizada: Paulo Victor R. de Carvalho **E-mail:** pcarvalho@unicarioca.edu.br
Público alvo para capacitação:
Sugestão de quantidade mínimo e máximo de pessoas: Turma com 20 a 25 alunos
Eixo Temático: Língua Espanhola
Conteúdo: Interações discursivas; Semiótica; Interculturalidade; Compreensão leitora e Produção escrita.

Turma/Segmento: 3° Ano do Ensino Médio
Locais que serão utilizados: xSala de Aula Sala Web ☐ Pátio ☐ Online ☐

Objetivos esperados: Compartilhar os conhecimentos adquiridos por meio de pesquisa sobre a ciência e tecnologia ancestral africana; Compreender a necessidade de mais informação e valorização das contribuições negras, bem como de sua representatividade na ciência e tecnologia contemporâneas; Utilizar diversas fontes de informação e dispositivos tecnológicos para a construção de conhecimento.

Sequência Didática em Língua Espanhola com atividades para estudantes do 3º ano Ensino Médio sobre a Tecnologia Africana e Afrodescendente mediada pelo uso de tecnologias digitais com foco na produção de gêneros multimodais. Essa é a terceira etapa da Sequência Didática que se divide em outras três. São elas: 1ª Etapa: Exploração Inicial 2ª Etapa: Pesquisa e Aprofundamento/ Conexão com a História e Cultura 3ª Etapa: Produção e Compartilhamento 4ª Etapa: Exposição e Comunicação
Objetivo Geral: Reconhecer a diversidade e a pluralidade epistêmicas de outros povos e culturas, mais especificamente, a tecnologia da cultura africana e afrodescendente e suas produções de conhecimento.
Objetivos específicos: I. Identificar as principais tecnologias oriundas de matriz africana; II. Selecionar informações com vistas à realização de pesquisa sobre a tecnologia e cultura africana e afrodescendente; III. Elaborar gêneros multimodais com distintos recursos semióticos (imagem, texto, som, etc.) de forma colaborativa com seus pares; IV. Descrever a sua produção escrita com o objetivo de partilhar conhecimento com outros estudantes; V. Confeccionar um *post* para publicação nas redes sociais da escola a fim de coparticipar toda a comunidade escolar a respeito dos resultados obtidos; e VI. Demonstrar a importância do reconhecimento das produções culturais de outros povos para superar a visão eurocêntrica no que tange à construção do conhecimento

3ª ETAPA: PRODUÇÃO E COMPARTILHAMENTO	
1ª Passo: Apresentar os murais virtuais elaborados no Padlet sobre a ciência e a tecnologia ancestral africana. **(Apresentar/Compartilhar)** **Tempo 30 min**	• Nos momentos iniciais da aula, solicitar aos estudantes que apresentem os murais virtuais elaborados por eles no PADLET a fim de compartilhar com seus pares e seu professor as descobertas feitas sobre as invenções tecnológicas africanas que revolucionaram o mundo.
2ª Passo: Desenvolver uma atividade de pré-leitura e leitura para averiguar os conhecimentos dos estudantes sobre a participação negra na ciência e tecnologia contemporâneas. **(Explorar)** **Tempo 30 min**	• Após esse momento da apresentação, realizar uma roda de conversa com os estudantes e indagar: "vocês conhecem algum cientista negro?", "Sabem se há negros ganhadores do prêmio Nobel?", "Conhecem alguma invenção no campo da ciência realizada por negros?" • Pedir que leiam uma reportagem sobre o lançamento do livro ***"Inventores y científicos negros"*** de autoria de Yves Antonie. Nesta obra, o autor apresenta inventores e cientistas africanos e afrodescendentes mais contemporâneos. **https://literafricas.com/2014/10/30/inventores-y-cientificos-negros-yves-antoine/**
3º Passo: Realizar uma atividade de pós-leitura através de um debate sobre a invisibilidade da	• Depois da leitura do texto, realizar um debate sobre a reportagem para que os discentes exponham as descobertas que acharam mais interessantes, bem como as

participação negra na ciência. (Debater) **Tempo 30 min**	possíveis razões da invisibilidade da participação negra na ciência. Fazer indagações tais como: "Qual é o objetivo do livro de Yves Antonie?", "Quantos negros receberam o prêmio Nobel?", "Menciona um caso de racismo que é relatado no livro", "Que cientista negra se destaca e quais são as suas contribuições para a televisão e o cinema?".
4º Passo: Elaborar infográficos no Canva sobre a influência dos saberes ancestrais africanos na ciência, tecnologia e inovação nos dias de hoje. (Construir) **Tempo 10 min.**	• A partir do debate, explicar aos discentes o uso da ferramenta CANVA e seus diferentes recursos semióticos para que possam realizar a tarefa de forma assíncrona. • Solicitar aos mesmos grupos que construíram o mural virtual na ferramenta PADLET que elaborem um infográfico no CANVA. O objetivo desse infográfico é demonstrar a influência do conhecimento e dos saberes que deixaram os africanos da antiguidade nos diferentes âmbitos da ciência, tecnologia e inovação nos dias atuais. Um modelo de construção desse gênero textual no CANVA será disponibilizado para os estudantes. O infográfico construído de forma colaborativa deverá ser apresentado no próximo encontro. **https://www.canva.com/pt_br/**
Recursos digitais	Datashow, Notebook, Smartphones, Tablets e Internet.
Recursos analógicos utilizados	Texto impresso.
Atividade para a elaboração dos Gêneros Multimodais se houver	Uso do Canva para a construção de infográficos com a utilização de diversos recursos semióticos.
Observações:	

QUARTO DIA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA- Mediada pelas novas Tecnologias Digitais

Dia: 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4x ☐

Autor(a) da SD: Márcia Regina de Souza
Revisão realizada: Paulo Victor R. de Carvalho **E-mail:** pcarvalho@unicarioca.edu.br
Público alvo para capacitação:
Sugestão de quantidade mínimo e máximo de pessoas: Turma com 20 a 25 alunos
Eixo Temático: Língua Espanhola
Conteúdo: Interações discursivas; Semiótica; Interculturalidade; Compreensão leitora e Produção escrita.

Turma/Segmento: 3° Ano do Ensino Médio

Locais que serão utilizados: xSala de Aula Sala Web ☐ Pátio ☐ Online ☐

Objetivos esperados: Utilizar diversas fontes de informação e dispositivos tecnológicos para a construção de conhecimento; Produzir conteúdos para as redes sociais de forma autoral, cooperativa e colaborativa; Compartilhar conhecimentos por meio das mídias sociais; Autoavaliar e autorregular o processo de aprendizagem.

Sequência Didática em Língua Espanhola com atividades para estudantes do 3º ano Ensino Médio sobre a Tecnologia Africana e Afrodescendente mediada pelo uso de tecnologias digitais com foco na produção de gêneros multimodais. Essa é a quarta e útima etapa da Sequência Didática que se divide em outras três. São elas: 1ª Etapa: Exploração Inicial 2ª Etapa: Pesquisa e Aprofundamento/ Conexão com a História e Cultura 3ª Etapa: Produção e Compartilhamento 4ª Etapa: Exposição e Comunicação
Objetivo Geral: Reconhecer a diversidade e a pluralidade epistêmicas de outros povos e culturas, mais especificamente, a tecnologia da cultura africana e afrodescendente e suas produções de conhecimento.

<table>
<tr><td colspan="2">Objetivos específicos: I. Identificar as principais tecnologias oriundas de matriz africana; II. Selecionar informações com vistas à realização de pesquisa sobre a tecnologia e cultura africana e afrodescendente; III. Elaborar gêneros multimodais com distintos recursos semióticos (imagem, texto, som, etc.) de forma colaborativa com seus pares; IV. Descrever a sua produção escrita com o objetivo de partilhar conhecimento com outros estudantes; V. Confeccionar um post para publicação nas redes sociais da escola a fim de coparticipar toda a comunidade escolar a respeito dos resultados obtidos; e VI. Demonstrar a importância do reconhecimento das produções culturais de outros povos para superar a visão eurocêntrica no que tange à construção do conhecimento</td></tr>
<tr><td colspan="2">4ª ETAPA: EXPOSIÇÃO E COMUNICAÇÃO</td></tr>
<tr><td>1ª Passo: Apresentar os infográficos produzidos no Canva sobre a ciência e tecnologia africana ao longo da história.
(Apresentar/Compartilhar)
Tempo 40 min</td><td>• No início da aula, pedir aos estudantes que apresentem o infográfico elaborado por eles sobre as invenções africanas que têm impacto nos diferentes âmbitos da ciência, tecnologia e inovação nos dias atuais a fim de partilhar sua produção com os demais colegas e o professor.</td></tr>
<tr><td>2ª Passo: Produzir posts para publicação no Instagram da escola com o propósito de compartilhar os conhecimentos adquiridos nas redes sociais.
(Criar)
Tempo 30 min</td><td>• Informar aos mesmos grupos sobre a importância de compartilhar também com a comunidade escolar o que aprenderam ao longo desse percurso, isto é, ciência, tecnologia e inovação não são realidades dissociadas dos africanos e nem dos afrodescendentes. As pessoas negras também são detentoras e produtoras de conhecimento e é cada vez mais necessário criar referências identitárias no campo intelectual.

• Solicitar que para tal que produzam um post para publicar no feed do Instagram da escola com alguns dos principais cientistas negros e negras da atualidade que pesquisaram durante as aulas com a hastag #descolonizatumente #tecnologiaafricana. Devido ao seu vasto alcance, as redes sociais são uma excelente ferramenta de combate ao silenciamento da participação de negros e negras na ciência, assim como de visibilização de seus saberes e contribuições.
https://www.instagram.com/</td></tr>
<tr><td>3º Passo: Autoavaliar e autorregular o processo de aprendizagem.
(Autoavaliar-se)
Tempo 30 min</td><td>• Realizar uma enquete com os discentes através da ferramenta Google Forms para fomentar a capacidade de autoavaliação e autorregulação do seu processo de aprendizagem.
https://forms.gle/qXSBpMoUSmXPcs12A</td></tr>
<tr><td>Recursos digitais</td><td>Datashow, Notebook, Smartphones, Tablets e Internet.</td></tr>
<tr><td>Recursos analógicos utilizados</td><td></td></tr>
<tr><td>Atividade para a elaboração dos Gêneros Multimodais se houver</td><td>Uso do Canva para a construção de infográficos com a utilização de diversos recursos semióticos.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Observações:</td></tr>
</table>

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 1 – TURMA A

Pesquisadora: Muito bem. Essa primeira atividade da nossa oficina será feita no computador. O que eu vou fazer? Vejam se os computadores estão funcionando, por favor.
Participantes: Sim.
Pesquisadora: Então, agora vamos formar uma nuvem de palavras, tá? Vocês vão entrar e vão digitar www.menti.com. Vejam se conseguem entrar aí?
(Todos acessam o site do Mentimeter)
Pesquisadora: Agora que todos conseguiram acessar o site. Por favor, digitem esse número aqui (código escrito no quadro branco) para participar de uma nuvem de palavras, tá? Foi?
Participantes: Foi.
Pesquisadora: Quando pensam no continente africano, que palavras lhes vêm à cabeça? Vocês devem digitar as três primeiras palavras que lhes vêm à cabeça.
P9: Quanto mais coloca a palavra, maior fica.
Pesquisadora: Justamente, as palavras que mais saem, são as palavras em destaque.
(Os participantes digitam as seguintes palavras: candomblé, dança, preconceito, ancestralidade, artes, cultura, danças, fome, deserto, calor, línguas, religião, acarajé, artesanato, criança, axé, animais diferentes, riqueza, culinária, samba, savana, capoeira, religião, cultura, fome, ancestralidade.)
Pesquisadora: Agora, vão participar de uma enquete, tá bom? No mesmo site. Vou colocar o número no quadro e vocês vão responder de acordo com o que acreditam. O número não é o mesmo do anterior. Por favor, digitem esse número...
Primeira pergunta da enquete: Em que área os africanos mais contribuíram com os seus conhecimentos? Ciência e tecnologia? Dança e música? Linguagem? Culinária?
(Participantes votam)
Pesquisadora: Olha lá! Culinária, em primeiro lugar; dança e música, em segundo; linguagem, em terceiro e ciência e tecnologia, em quarto.
Pesquisadora: Segunda pergunta: Vocês acreditam que na África se produz inovação tecnológica? Sim, não ou talvez? Vocês vão responder de acordo com as opções apresentadas.
P3: Muito legal isso, professora.
(Participantes respondem)
Pesquisadora: Última pergunta: Caso sua resposta tenha sido negativa ou você tenha respondido ‘talvez’, qual é o motivo?
(Participantes respondem)
Pesquisadora: Todos responderam, gente?
Participantes: Sim!
Pesquisadora: Muito bem. Engraçado, muitos colocaram que na África se desenvolve inovação tecnológica, pelo menos 78% dizem que sim, acreditam que isso aconteça, mas vi isso muito pouco na primeira pergunta da enquete, pois vocês responderam que a maior contribuição do povo africano foi na culinária, na dança e música, na linguagem. Até mesmo na nuvem de palavras as palavras que mais saíram foram “cultura”, “axé”, “candomblé”, “criança”. Então, por que essa porcentagem tão expressiva na segunda pergunta para o “sim”? Não está destoando um pouco das demais respostas?
P7: Ah, professora deve se desenvolver alguma tecnologia por lá.
(Todos os participantes falam ao mesmo tempo)
Pesquisadora: Peraí, pessoal, vamos deixar os colegas responderem.
P6: É... Não é que seja um lugar sem tecnologia alguma.
P2: Alguma coisa eles devem produzir lá.
P1: Professora, na minha opinião, acho até que existe, mas é que eles realmente se destacam nas outras áreas.
P11: Até existe, mas na Europa é muito mais desenvolvida, nem se compara...

Pesquisadora: Por que vocês têm essa visão do continente africano? Ela é passada por quem?
P7: Acho que é mais pela mídia, eles não investem muito, até como foi falado antes, em questão de... Investimento mesmo pra desenvolver esse lado do continente africano. E tipo assim, no meu dia a dia, pelo menos, o que tá mais presente é a questão mesmo da religião, do candomblé e tudo mais... Mas, assim, é muito falta também de investimento, da questão da mídia como as coisas são mostradas, né?
P6: Porque a gente é ensinado assim desde criança, né? A gente não tem a escolha, né? Quer dizer a gente tem até escolha, mas a gente não é direcionado pra poder pensar, pra poder ir atrás do que é o continente africano em si.
P5: Acho que na minha cabeça, sendo sincero, nunca passou pela minha cabeça que tivesse estrutura suficiente pra desenvolver tecnologia.
P7: Sabe uma coisa que eu acho muito triste, professora? Toda vez que alguém fala assim: "Eu tenho um sonho de viajar pra fora" ou "ah, eu quero fazer intercâmbio", ou sei lá, "quero visitar um país", a gente nunca pensa em ir pra África, né? A maioria das pessoas nunca fala "ah, vou visitar a África!". Sempre países europeus.
Pesquisadora: E você, o que acha?
P9: Bom, professora, eu dei essa resposta até porque nunca ouvi muito sobre a história da África, mas depois dessa oficina eu até quero pesquisar mais sobre. Eu vi algumas comidas de lá que parecem ser bem gostosas.
(**P2 e P10** não quiseram responder)
Pesquisadora: E aí, por que vocês têm essa visão do continente africano que há pouca ciência, tecnologia? Se ressalta mais a culinária, a dança, a música?
P8: Ah, eu acho, que é por parte da mídia e do contexto histórico.
P3: Eu acho que nos livros de história, a maioria das coisas, das imagens que mostram pra gente, é povo africano dançando, cozinhando e assim também como na mídia e aí não mostra muito a tecnologia.
Pesquisadora: Perfeito. Agora, eu gostaria de saber de vocês: da perspectiva de quem a história de África é contada?
P11: Dos países colonialistas.
P4: Do povo branco.
Pesquisadora: Será que é da perspectiva dos próprios africanos?
Participantes: Dos europeus!
Pesquisadora: Bem, agora vamos para a próxima atividade, tá? Vou fazer algumas perguntas sobre o continente africano para vocês, está bem? Então a gente tá vendo aqui o mapa de África. E a primeira pergunta que eu faço é: onde está situado o continente africano? Alguém sabe?
P6: Próximo à Europa.
P10: Ásia.
P6: Próximo à Europa.
P10: Próximo à Ásia.
P6: Próximo à Europa.
P5: Não seria Ásia?
P10: Ásia? Não sei.
P9: No continente, na parte dos árabes?
Pesquisadora: Ah, tudo bem... Só fala um pouquinho mais alto, tá gente? Para o gravador poder captar as respostas de vocês. Bem, então vocês responderam perto da Europa, próximo à Ásia, muito bem. E, vocês sabem quantos países há na África?
P7: Sei que tem muitos.
P6: Sei que tem mais de 30.
P7: África do Sul. E África do Norte? África do Sul e África do Norte? São dois países, tem muito mais.
Pesquisadora: Tem muito mais?
P1: Camarões é na África.
P6: Tem Angola, Namíbia.
P5: Angola...
(Participantes se animam e começam a falar ao mesmo tempo)
P9: Tem Madagascar também, né?
P11: Moçambique, Egito.
P4: O Egito é na África.

Pesquisadora: Muito bem. Então, vocês têm a ideia de que são muitos, citaram alguns, mas não sabem quantos são no total. Vocês conhecem alguns dos idiomas que são falados no continente africano? Quantos são no total?
(Todos os participantes respondem a o mesmo tempo)
Pesquisadora: Bom, então primeiro... Vou fazer a primeira pergunta: vocês conhecem alguns dos idiomas que se falam na África?
P1: Português.
P6: Português.
P7: Português.
Pesquisadora: Só português que se fala lá?
P6: É que eu não sei o nome dos idiomas. Sei que lá também se fala inglês...
P1: É, fala inglês... E também francês.
P8: Espanhol deve falar também, não é?
Pesquisadora: Sim, claro, há a presença de idiomas europeus. Mas, com relação às línguas maternas, as línguas nativas: quantas são no total? Quantos idiomas se falam na África no total?
P7: Professora, eu sei que tem uma tribo que ela ainda não foi extinta, que eles o próprio... A própria forma de linguagem, eles criaram um idioma, muito legal, eles se comunicam em sons, os nomes deles são falados em sons.
Pesquisadora: Hummm.... Interessante! E, aí? Alguém arrisca? Não?
P3: 16?
Pesquisadora: 16 IDIOMAS? Gente, fiquem à vontade pra responder, aqui não tem certo ou errado. 16 idiomas?
P4: 7
P9: 20
P2: 12
P11: 30
Pesquisadora: Muito bem. Agora... Ah, eu acho que essa a gente tem que acertar, hein! Qual país africano tem o espanhol como língua oficial?
(Silêncio dos participantes)
Pesquisadora: Ah, gente, espanhol, hein! Espanhol! Então, a gente sabe que tem um país da África em que o espanhol é língua oficial. Que país é esse?
P6: Não sei.
P5: Não faço a mínima ideia.
P7: Camarões?
P4: É... Camarões ou Moçambique, eu acho.
Pesquisadora: Moçambique? E aí, que país é esse? Não?
(Participantes balbuciam todos ao mesmo tempo e depois se calam)
Pesquisadora: Não? Nenhuma outra resposta? Bom, quais são as principais formas de governo no continente africano?
P6: Tem monarquia, tem democracia.
P9: República?
Pesquisadora: Não, é assim, quando me refiro à formas de governo é monarquia, parlamentarismo, presidencialismo. Que vocês acham? Quais são as formas de governo presentes nesse continente?
P7: É, eu acho que tem países que tem monarquia.
(Os demais participantes titubeiam e não respondem)
Pesquisadora: Não? Muito bem, qual é o clima predominante na África?
P7: Deserto.
P5: Tropical.
(Participantes falam ao mesmo tempo)
P1: Dependendo da parte, por exemplo, do Egito. De dia faz muito, muito calor e de noite faz, muito, muito frio.
Pesquisadora: E aí, meninas?
P11: Semiárido.
P3: Semiárido também.

Pesquisadora: Muito bem. E, a última pergunta: o que se produz no continente africano? Qual é a sua principal fonte de renda?
P5 e P6 : Cacau.
Pesquisadora: Cacau? O que eles produzem? Qual é a sua principal fonte de renda?
P9: Não sei se a banana vem de lá. Não lembro.
P8: Não sei.
Pesquisadora: E aí? Não? Aham?
P9: Tapete?
P4: Eu não sei se algodão é.
(Participantes falam ao mesmo tempo)
P2: Acho que algodão.
Pesquisadora: Algodão?
P3: Acho que eles fazem... tem algumas roupas...
P7: Artesanato também é muito exportado de lá... tipo assim...
Pesquisadora: Interessante...
Pesquisadora: É... Vocês sabem muito pouco do continente africano, né? O que eu pude perceber foram vários momentos, vocês... Por favor, não me interpretem mal, houve momentos de silenciamento. Vocês sabem muito pouco do continente africano mesmo já estando no terceiro ano do ensino médio. E isso não é culpa de vocês não, hein! O que eu gostaria de saber é: a que se deve tão pouco conhecimento do continente africano? Porque assim, em disciplinas em que supostamente vocês deveriam ver isso e não estou fazendo aqui juízo de valor com relação à ninguém, disciplinas como história, geografia, sociologia. Então, eu queria que vocês me dissessem, cada um falasse um pouquinho, por que vocês sabem tão pouco do continente africano? Como esse conteúdo é tratado na escola?
P1: É... No caso, assim, eu vejo como, tipo, se não fosse visto, sabe?
Pesquisadora: Vocês não viram nas aulas de história?
P1: Não, eu pelo menos. Eu vim de escola particular então também foi falado muito o básico do básico. Aquilo, ah, existe! Mas não fala sobre a cultura do povo, não investiga assim sobre o que é realmente o continente africano.
Pesquisadora: Huumm...
P6: Eu creio que há um interesse político por trás disso, sabe? A gente não conhece as raízes de onde parte do nosso povo vêm, a gente acaba esquecendo o passado e acaba esquecendo outras questões, então, pra mim há um movimento político, além de um movimento de esquecimento.
P5: De certa forma, alguns professores não se aprofundaram muito no tema porque eles estão mais voltados ao cronograma deles relacionado a cada matéria e acho que eles meio que deixam o continente africano meio de lado.
Pesquisadora: Engraçado, se deixam de lado, então o que os professores de história priorizam?
P7: Ele prioriza a visão branca, a visão eurocentrista. É... Eu acredito que assim... A gente já tem meio que uma visão pré-estabelecida da África. O que é a África? Ah, um continente que as pessoas passam fome, que tem pobreza, que não é desenvolvido. E isso é uma visão que a própria sociedade causa em cima da gente.
P3: É... Os meus professores também não ensinaram essa matéria e ano passado a gente não tinha nem aula de história.
Pesquisadora: COMPLICADO...
P4 : Os professores não se aprofundam na cultura, na vivência deles.
Pesquisadora: INTERESSANTE...
P9: Realmente, a gente não viu muito sobre isso em história, mas a gente só conhece o básico do básico da África e também a sociedade impõem muitos estereótipos da África, falam muitas coisas que geralmente também não ocorrem.
Pesquisadora: Bacana.
P10: Como todos falaram, os meus professores não se aprofundam tanto, não falam muito, falam só o básico, explicam só o básico e só.
P8: Tipo superficial, né? Falam o básico e não vai a fundo nas culturas que tem na África.
P2: Não investem muito nessa matéria e colocam como inferioridade, ou seja, não é necessário explicar e a gente não acaba aprendendo sobre as culturas diversas do continente.

P11: Eu acho que acabam focando tanto, tipo, em como eles foram apagados nas histórias, tipo, de como eles foram colonializados nas histórias pela visão dos europeus e de quem colonizou eles de que acaba não conhecendo a história deles em si, só de como eles foram desaparecendo, vamos dizer assim.
Pesquisadora: Nessa última etapa, vocês vão participar de um quiz no *Kahoot*.
P1: Professora, no computador, não é?
Pesquisadora: Sim, entrem no site www. kahoot.it. Agora, por favor, digitem o número de PIN e coloquem seus nomes e escolham os personagens. Esse quiz tem 10 questões. A regra é a seguinte: vocês podem acertar o mesmo número de questões, mas ganha quem for mais rápido em colocar a resposta. Vocês só dispõem de 20 segundos. Vou começar, hein! Podemos?
Participantes: Sim!
(Os participantes se animam e começam a responder)
(No final da 1ª etapa da aplicação da SD, a pesquisadora dá o gabarito e comenta as repostas das perguntas propostas tanto na fase de avaliação diagnóstica e quanto na atividade lúdica realizada por meio da plataforma *Kahoot* sobre os cientistas e inventores africanos e afrodescendentes ao longo da história).
Pesquisadora: Para finalizar a primeira etapa da nossa oficina, gostaria de saber o que vocês puderam compreender, estigmas e preconceitos que vocês puderam desconstruir. O que vocês acharam desse primeiro encontro, das atividades propostas?
P1: Eu gostei. É um assunto que não é abordado. E é importante você conhecer a cultura do continente africano em geral. Abre a mente das pessoas.
P6: Eu achei genial. Professora, adorei as dinâmicas. Adorei tudo!
Pesquisadora: O que você pôde aprender nesse primeiro encontro, pôde desconstruir, de repente, preconceitos, ou seja, que você tinha e está começando a desconstruir nessa outra visão do continente africano que começou a ser descortinada hoje?
P6: A questão da tecnologia. Não sabia de muita coisa. Sabia que alguma coisa era feita por lá, só não sabia o quê.
P5: Pra mim, a mesma coisa. Essa parte da tecnologia, como eu tinha falado da outra vez, não passava pela minha cabeça que a maioria das tecnologias mais importantes para o avanço do mundo inteiro veio da África.
P7: O legal foi aprender que muita coisa que a gente acha que veio dos Estados Unidos, da Europa, vieram da África, os criadores e as invenções a gente sempre pensa que vêm de lá e, muitas coisas, vieram da África. Eu achei aprender isso muito legal.
P4: Então, a gente está adquirindo conhecimento de uma forma bem divertida.
P9: Bom, gostei bastante porque basicamente a gente aprendeu mais sobre a África de uma forma divertida, criativa e a gente conseguiu interagir com todo o mundo também.
P10: É, gostei bastante. Foi bem divertida a aula. Gostei também que a gente conseguiu se aprofundar um pouco mais sobre o continente africano. Como eu disse, os professores não se aprofundam tanto do continente africano, então eu acho bem importante.
P8: Eu gostei bastante, né, porque a gente aprendeu coisas novas que talvez a gente nem pesquisaria, né.
P2: Eu achei muito interessante porque a gente pôde aprender coisas que a gente talvez, é... não teria em sala de aula e a gente acabou com esse pensamento que a África não tinha muita coisa e viu que ela é rica em várias outras coisas também.
P11: Eu achei que foi bom pra gente perceber como a gente não sabe muito a história do povo africano e também pra conhecer.
P3: Eu gostei muito de aprender sobre a África de maneira nova, de ver coisas que a gente não tinha visto. E o que eu achei mais interessante assim, que eu fiquei impressionada assim, foi sobre a calculadora que foi inventada lá e que foi mostrada aqui.
Pesquisadora: É, pessoal, as contribuições científicas e tecnológicas desses povos são gigantescas. Na semana que vem, vamos conversar mais sobre isso, aprofundar essas questões. Aí, vocês vão se dividir em grupos, tá? Pra poder realizar um trabalho que vocês vão apresentar para os colegas a partir da pesquisa que cada um dos grupos vai realizar.
P7: Vai ser em aula?
Pesquisadora: Não. Na semana que vem temos o segundo encontro da aplicação da oficina, depois eu vou dar um tempo para vocês produzirem o trabalho. Aí, do segundo para o terceiro encontro haverá uma pausa e do terceiro para o último, uma pausa também. E depois... Não vou contar não. Vou deixar vocês curiosos.

(Participantes protestam)
Pesquisadora: Gente, vou encerrar por aqui. Até o próximo encontro!

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 1 – TURMA B

Pesquisadora: Bom dia, meninos. Essa primeira atividade da nossa oficina será feita no computador. Vejam se os computadores estão funcionando, por favor.
Participantes: Sim.
Pesquisadora: Então, agora vamos formar uma nuvem de palavras, tá? Vocês vão entrar e vão digitar www.menti.com. Vejam se conseguem entrar aí?
(Todos acessam o site do *Mentimeter*)
Pesquisadora: Agora que todos conseguiram acessar o site. Por favor, digitem esse número aqui (código escrito no quadro branco) para participar de uma nuvem de palavras, tá? Foi?
Participantes: Foi.
Pesquisadora: Quando pensam no continente africano, que palavras lhes vêm à cabeça? Vocês devem digitar as três primeiras palavras que lhes vêm à cabeça.
P12: Acho que já foi o meu professora.
P13: Só falta uma. Estou pensando.
Pesquisadora: Então, pensa aí. Vamos lá!
P12: Eu fui mais no óbvio assim do que eu sei em relação à África.
Pesquisadora: OK.
(**P13** pensando ainda)
P12: P13, vai no automático assim.
Pesquisadora: P13, são as três primeiras palavras que te vem à cabeça.
P12: Isso, P13, o que você pensou, o que te vem à cabeça!
Pesquisadora: Vamos ver o resultado da nossa nuvem?
P13: Pra mim foi ‘savana’, ‘ancestralidade’ e capoeira’.
P12: Então, eu fui mais assim... No que eu sei pela África, então assim ‘cultura’, que eu acho que é muito importante, a África tem uma cultura gigantesca, absurda; a ‘fome’, eu tentei não ir no óbvio porque... Mas eu não posso deixar de falar da África sem falar da ‘fome’, que é um país muito miserável, pobre, que sofre muito e ‘religião’ porque lá eles têm uma religião muito forte, muito pesada, muito envolvendo o candomblé, os... Como é que é o nome? Os orixás que pendura muito.
Pesquisadora: Agora vamos participar de uma enquete, tá bom? Primeira pergunta da enquete: Em que área os africanos mais contribuíram com os seus conhecimentos? Ciência e tecnologia? Dança e música? Linguagem? Culinária? O que vocês escolheram?
P12- Bom, eu assim, pelo que eu sei, a culinária da África é muito vasta e tal, mas assim, eu vejo que de tudo que eu já falei, pra mim, eu bato na tecla de que, a música, a cultura, o ritmo que a África tem chama mais a atenção do que a própria culinária que é mais interessante. Do meu ponto de vista eu vejo que a música, o ritmo que a gente aqui no Rio de Janeiro, a gente... Na realidade, o Brasil tem muita coisa da África, o samba, alguns ritmos assim da África, então eu vejo mais a música própria do que qualquer outra coisa.
Pesquisadora: E você, P13?
P13: Então, a mesma opinião do P12.
Pesquisadora: O que que você botou?
P13: Dança e música em primeiro, culinária em segundo, linguagem em segundo e ciência e tecnologia em quarto.
Pesquisadora: Mas só poderia marcar uma resposta. Qual foi a sua?
P13: A dança e a música...
Pesquisadora: é o que eles mais contribuíram?
P13: Sim, a culinária também, a linguagem nem tanto porque é... É porque meio que a linguagem deles foi meio que censurada, né, pelos que dominaram a África. Normalmente se fala pouco da língua falada deles e a ciência e a tecnologia, por último.

Pesquisadora: Segunda pergunta: Vocês acreditam que na África se produz inovação tecnológica? Sim, não ou talvez? Vocês vão responder de acordo com as opções apresentadas.
P12: Então, no meu caso eu coloquei não. Eu não acho assim que a África não possa trazer inovação tecnológica, mas no meu ponto de vista, em relação a países mais tecnológicos tipo América ou qualquer outro país, eu acho que ela não tem tanto assim, eu acho que ela se demonstra mais na questão de cultura, religião, as danças, o samba trazido do Rio de Janeiro, a ancestralidade. Acho que é nessa questão de cultura que a África é assim inovadora, agora em relação à tecnologia eu acho que não. Não chega a tanto.
P13: Em questão tecnológica, a África sim produz inovações tecnológicas. Mas para a fim deles e não tipo como, como, é... Sei lá pra China que é pra um todo. Pra eles é pra eles mesmos, tipo tem até um filme, um filme, é... De um menino que descobriu a água, ele construiu um negócio que tipo... Servia água pra toda, pra todo o povo da região dele. Acho que o filme era "O menino que descobriu, descobriu a água, o vento", uma coisa assim.
Pesquisadora: Legal, legal.
Pesquisadora: Última pergunta: Caso sua resposta tenha sido negativa ou você tenha respondido 'talvez', qual é o motivo? No caso do P13 não faz sentido responder porque ele disse que sim, pra ele se desenvolve inovação tecnológica em África. Então, só você responde P12.
P12: Uma resposta só?
Pesquisadora: Uma resposta só.
P12: Prontinho.
Pesquisadora: Prontinho? Foi? Por que você acha que não tem?
P12: Porque, na minha visão, eu acho que não têm cientistas na África, porque os governantes da África não investem muito na ciência. Porque como eu tinha acabado de falar, a África é mais visto como cultura, princípio de ancestralidade, do poder, sabe... Que os Orixás... Enfim, a cultura é mais presente na África. Agora, em relação à tecnologia, eu não vejo a África assim como um país bem desenvolvido assim na tecnologia, em avanços tecnológicos assim como Estados Unidos, Europa, países que tem assim investimento em relação à tecnologia.
Pesquisadora: Depois de concluir a nuvem de palavras e as enquetes, analisando as respostas de vocês, eu gostaria de perguntar por que se tem essa visão do continente africano onde se ressalta a questão da pobreza, da fome, mas por um outro lado é muito forte a musicalidade, a dança, a culinária? Veja que ciência e tecnologia ficaram em último lugar.
P12: Então, a minha visão assim é de que a África é um país que foi dominado por outras colônias e tal, e acabou que a África não teve seu direito próprio à independência como os outros países fizeram e aos poucos ela foi criando a sua própria identidade, por exemplo, a cultura deles, o jeito que a cultura deles influencia a nossa, porque o Brasil tem muita influência da África, de cultura, o candomblé, o samba, a capoeira que é muito importante também, a culinária deles é muito importante pra gente, o acarajé, a própria feijoada deles porque a feijoada veio dos escravos, né, que eles faziam com os restos da comida dos senhores, das senhoras. E a própria linguagem que mesmo sendo um pouco desvalorizada, tem importância. Eu acho que é muito isso porque são coisas que... Muito... são coisas muito características. Elas têm algo forte. E quando você vai falar da tecnologia deles, da ciência, as pessoas meio que não sabem, porque meio que a África é muito vista como algo cultural e não algo tecnológico, algo avançado, pra mim mais na minha visão de mundo assim. É um país que se foca mais na cultura, na religiosidade do que na tecnologia e na ciência.
Pesquisadora: Muito bem. E pra você P13?
P13: Pra mim ele se foca muito na cultura do que na ciência e na tecnologia, mas lá existem faculdades renomadas na África como a de Johanesburgo.
Pesquisadora: E qual é a informação que nos chega da África? A partir de que meios de comunicação nos chegam essa informação?
P12: Então, ainda existe um pouco esse preconceito vindo muito de notícias assim de que... Aí, a África é uma pobreza, miserável, só tem tragédia lá. Enfim, mas eu acho que a cultura, olha eu falando de novo da cultura. Eu acho que tem muito da cultura deles, a dança, a música, a capoeira, o samba...
Pesquisadora: Mas através de que meios isso chega pra gente? Essas notícias chegam pra gente? Da dança, da musicalidade, mas também do subdesenvolvimento do continente, da fome, da pobreza? Da internet, da televisão?

P12: Então, a televisão muito traz isso. A própria internet também, eu vejo que hoje em dia a televisão meio que dá um up a mais pra se chegar nesse tipo de cultura. A televisão também que vai, de certa forma, vai colaborando. Acho que émuito mais por esses meios de comunicação assim que a gente tem. Acho que chega mais por esses tipos de meios.
Pesquisadora: Uhuum...
P1: Os meios que trazem notícias sobre o continente africano são a televisão, a internet e é isso...
Pesquisadora: E a partir da perspectiva de quem a história da África é contada?
P12: Ah, dos europeus, com toda certeza. Os europeus sempre, assim pessoas brancas, pessoas europeias. Muitos desses países superiores, praticamente Europa. A África às vezes não tem nem próprio direito de voz porque a África às vezes não consegue nem se reagir mediante tudo que as pessoas falam, as pessoas têm... Os estereótipos que as pessoas têm da África. Eu diria isso: as pessoas têm estereótipo da África.
P13: Ah, eu diria que 90% de europeus, 10% do povo africano.
Pesquisadora: É, os perigos de uma perspectiva única da história. A gente precisa começar a pensar e desconstruir esses preconceitos, ou seja, conceitos sem aprofundamento na questão. Uma história deve ser vista de todos os ângulos. É como vocês disseram, os africanos não têm voz, pois essa história é contada a partir de uma perspectiva única e nós precisamos nos atentar a isso.
P12: Eu acho assim que é um absurdo, assim, pelo que eu sei, pelo que eu vejo sempre na televisão, na internet, enfim, de que a África ela é muito subestimada, as pessoas têm um estereótipo da África de que é um país miserável, que não têm identidade própria, que é muita guerra, muita tragédia, enfim, eu acho isso um absurdo porque todos os países que existem no mundo, desde que eu me entendo por gente, têm as suas características, têm suas formas de viver e têm sua própria identidade. E eu vejo que a África é muito desvalorizada, as pessoas não dão muito valor à África, por exemplo, o samba, a capoeira, a culinária, as comidas, enfim... Se não fosse a África trazer um pouco da identidade dela para o Brasil. O que seria do Brasil? As pessoas não dão importância de que às vezes um país ele... A gente só é feito do nosso país por outros países e a África é um exemplo disso. Os negros, a culinária, a cultura, muita coisa vêm da África. Então, se não fosse a África, o Brasil não teria essa identidade que ele tem hoje em dia.
Pesquisadora: Claro!
P13: Falando desses preconceitos, foi graças aos europeus que eles utilizaram o termo como 'país de terceiro mundo' sobre países subdesenvolvidos, né? Que seria a África, países das Américas, América do Sul, América Central... Como é mesmo? A Ásia, o sudeste asiático.
Pesquisadora: É, os relatos de vocês me fizeram lembrar uma entrevista da Conceição Evaristo. Vocês a conhecem?
P12: Ah, sim! Ela veio aqui na escola.
P13: É mesmo, ela veio aqui na escola uma vez.
Pesquisadora: E ela deu uma entrevista no canal TV Brasil e ela falou uma coisa muito interessante: a herança africana é reconhecida pela sociedade brasileira dentro de alguns campos como a culinária, a dança, a música. É como se o negro só tivesse uma espécie de 'cidadania lúdica', né? Onde somente esses aspectos são respeitados e reconhecidos pela sociedade brasileira. Então, assim, realmente, a gente tá vendo, né, que é essa ideia que se tem.
Pesquisadora: Bem, agora vamos para a próxima atividade, tá? Vou fazer algumas perguntas sobre o continente africano para vocês, está bem? Então a gente tá vendo aqui o mapa de África. E a primeira pergunta que eu faço é: onde está situado o continente africano? Alguém sabe?
P13 : O continente africano? Ah, fica praticamente no centro da Terra... Se for ver naquela, naquele... No plano... Naqueles planos que têm do...
P12: Do mapa mundi.
P13: Do mapa mundi, isso.
P12: Assim, eu não sei. Mas, pelo que falam, o continente africano fica no Oriente Médio. Assim, pelo que eu sei, posso estar enganado. É minha opinião...
Pesquisadora: E, vocês sabem quantos países há na África?
P12: Assim se for parar para contar, Angola, Egito, Moçambique, Congo e vários outros países africanos assim.
P13: Só vendo o mapa assim, mais de 15 aí deve ter e ainda contando ainda com os países que não são reconhecidos, que têm alguns que... algumas nações que, que querem ser reconhecidas, mas não são reconhecidas, tipo na...Não.

P12: Etiópia?
P13: Etiópia não. Na Somália, tem uma parte da região que é a *Somarilândia que é uma região que quer se tornar independente da Somália.
* O aluno quis dizer Somalilândia: Embora pertença à Somália, declarou a sua independência em1991. Não é reconhecido internacionalmente como um Estado, (Wikipedia).
Pesquisadora: Muito bem. Tá bom, agora, vocês conhecem alguns dos idiomas que se falam no continente africano?
P13: Além dos dominados, né, além das línguas que foram dominadas, têm as línguas faladas lá, tipo, luganda que vêm da Uganda, tem o... tem até o, é... o angolano também, tem algumas diferenças, algumas gírias.
P12: Tem alguns países que falam português, tipo Moçambique, Angola, que elee têm o sotaque mais assim de Portugal, não aqui do Brasil.
P13: Também o português angolano tem algumas coisas do, de outras línguas, tipo, lá eles não falam chiclete, eles falam *'chuinga' seria um tipo de *'chewing-gum' de chiclete.
*Em Angola usa-se a palavras '*chuinga' para* chiclete. Essa palavra vem do inglês '*chewing-gum'.*
Pesquisadora*:* Huuum, interessante. Mas assim, claro, o que vocês falaram é verdadeiro realmente é verdadeiro. Há a presença de línguas europeias no continente africano, né, como o português que é falado em Moçambique, em Angola, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, entre tantos outros países. É... também temos a presença do árabe. Mas estou falando em termos de línguas nativas africanas, quantas são faladas?
P13: Centenas, centenas e centenas...
P12: Têm várias, assim, não vou saber te dizer, assim, quantas são, mas devem ter várias.
Pesquisadora: Então, vocês têm a noção de que são várias. Muito bem, muito bem, que o continente é multilíngue, né? Uhuuum, muito bem. Agora, vocês podem me dizer que país da África tem o espanhol como língua oficial?
P12: Eu não faço a mínima ideia.
P13: Fugiu da minha mente. Marrocos? Não, né?
Pesquisadora: Bem, vamos guardar todas essas informações. No final, eu vou dar as respostas. Bom, é... Quais são as principais formas de governo que estão presentes no continente africano?
P13: É... Ditadura que tem lá na, na região lá do Congo. É... Que mais? É...
Pesquisadora: Mas, eu tô falando assim, é monarquia, é presidencialismo, é parlamentarismo? Quais são as formas de governo que têm lá?
P12: Eu acho que deve ser presidencialista porque monarquia, ó, já existiu aqui há muitos séculos, só mesmo lá na Inglaterra.
P13: Repúblicas, ditaduras, monarquias também.
Pesquisadora: Uhuuum, presidencialismo também?
P13: Sim.
Pesquisadora: Uhum, muito bem. Qual é o clima predominante na África? O que vocês acham?
P13: No norte, um clima árido, seco e pelo meio é aquele clima de Saavana e no sul é, é, é... Um clima sub-tropical.
Pesquisadora: E o que eles produzem? Qual é a principal fonte de renda do continente africano?
P12: O chocolate? O cacau?
P13: A matéria prima. Muitas matérias primas. Chocolate, cacau, entre outras.
Pesquisadora: Muito bem, eu já notei que vocês em relação à turma anterior, se arriscaram mais a dar respostas, né. É... Na turma anterior, houve um silenciamento muito grande em relação ao continente africano. Mas, ainda assim, a gente precisa elaborar um pouco mais. O que eu gostaria de saber é por que vocês sabem tão pouco sobre o continente africano? Porque assim, eu imagino, né, vocês estão no terceiro ano do ensino médio, vocês têm aulas de história, geografia, filosofia, sociologia, então são disciplinas onde, supostamente, né? Isso deveria ser retratado. Como o continente africano é retratado nas aulas dessas disciplinas? O professor aborda essa temática em sala ou prioriza outros conteúdos? Como é que é?
P13: Ah, sobre o continente africano, é... Principalmente nas aulas de história , eles, é...eles sempre falam do ponto de vista de quem está dominando. Mas se bem que na última aula teve um texto de um rei africano que, que tava realmente... Estava muito bravo por estar sendo dominado. Ele até protestou lá...
Pesquisadora: Muito bem. Quais são os temas recorrentes assim na aula de história quando se fala de África?
P13: Tráfico, neocolonialismo, colonialismo, imperialismo.

P12: Eu acho que assim, em questão de história a África sofre um pouco, porque sempre se vê a África como um país desigual, pobre, que só tem tragédia, por exemplo, a Europa, a gente até tava falando sobre a colonização da África, que muitos países assim, tipo França e Inglaterra competiam pra ter o território da África. Então, assim, muitas vezes a história acaba indo para o lado dos europeus, assim, do ponto de vista europeu, dos que conquistam a África. A África só é mostrada como um país triste, de desgraça, onde só acontece tragédia. E assim, eu acho que é importante as pessoas às vezes olharem o outro lado. É sempre bom a gente olhar os dois lados, por exemplo, na aula passada a gente viu uma, uma...Qual é o nome dela? É uma mulher assim importante, é da Nigéria. Esqueci o nome dela agora.
P13: É muito difícil de gravar o nome.
Pesquisadora: Ela é nigeriana.
P12: Então, ela tava falando que por muitos anos, quando criança ela lia muito livro europeu, da Europa e ela sempre pensava assim em contar as histórias, quando ela foi criar os livros, pensando nas histórias da Europa. Mas com o passar do tempo, ela acabou conhecendo a cultura dela e foi percebendo que ela, de certa forma, tava meio que exclu... não excluindo, mas é que ela não conhecia direito a história do povo dela, a história da África. Porque às vezes as pessoas não têm conhecimento sobre a história da África, as pessoas às vezes muito se inspiram na história da Europa. Que a Europa sempre foi a reinante de tudo, ela sempre foi aclamada como a superior de tudo. Enquanto a África era só um país pobre, desigual, que não tinha nada. Não conseguiria dominar nenhum território porque não tinha capacidade.
Pesquisadora: Muito bem. Estou adorando a participação de vocês. Depois eu vou responder essas perguntas todas aí.
Pesquisadora: Nessa última etapa, vocês vão participar de um quiz no *Kahoot*.
P13: Professora, a gente vai continuar aqui no computador?
Pesquisadora: Sim.
P12: Como é esse jogo?
Pesquisadora: Eu vou explicar direitinho. Entre no site www. kahoot.it. Agora, por favor, digitem o número de PIN e coloquem seus nomes e escolham os personagens. Esse quiz tem 10 questões. A regra é a seguinte: vocês podem acertar o mesmo número de questões, mas ganha quem for mais rápido em colocar a resposta. Vocês só dispõem de 20 segundos para responder cada questão. Vou começar, hein! Podemos?
Participantes: Sim!
(Os participantes se animam e começam a responder)
(No final da 1ª etapa da aplicação da SD, a pesquisadora dá o gabarito e comenta as repostas das perguntas propostas tanto na fase de avaliação diagnóstica e quanto na atividade lúdica realizada por meio da plataforma Kahoot sobre os cientistas e inventores africanos e afrodescendentes ao longo da história).
Pesquisadora: Bem, então estamos finalizando a primeiro encontro da nossa oficina, gostaria de saber o que vocês puderam compreender, estigmas e preconceitos que vocês puderam desconstruir. O que vocês acharam desse primeiro encontro, das atividades propostas?
P12: Bom, o que eu aprendi nesse primeiro encontro é que a África tem, tem, não é o direito, ela pode ser muito mais coisas. Mas ela é vista assim como algo mais lúdico assim, a cultura dela, a culinária. Não tô desfavorecendo, mas a gente pode olhar além do que a gente vê. Então eu aprendi que a África não é só um país, tipo, 'aí, a África é pobre, só tem desgraça, de tudo desgraça, desgraça, desgraça'. Não, a África tem muito mais coisa que a gente pode imaginar, por exemplo, uma autora da Nigéria, nigeriana, que leu muito livro só da Europa, aos poucos ela entendeu que a África ela tem uma cultura, ela pode, ela deve ter mais autores assim. Então, a gente precisa parar com essa mania de sempre botar algo como um esteriótipo. Sempre olhar aquilo e falar 'É isso aqui!', não! É muito mais, gente, a vida é muito além do que qualquer coisinha que você olha e bate o olho e vê assim.
Pesquisadora: Uhuum.
P12: Em relação à África, a escravidão durou aí por vários anos. Só foi terminar perto do final só século XIX. Então assim, é bom a gente parar com essa mania de preconceito e tomar as rédeas para um futuro melhor.
P13: Eu gostei muito desse piloto da primeira aula que... Principalmente esse quiz, esse quis, ele além de você ter o conhecimento, você tem que responder ele sem ter preconceito, você tem que responder ele de uma forma limpa, tipo aquela pergunta do Covid-19... Ah, o cara podia marcar que foi aquela branca ali ao invés da negra. Mas não, foi a negra.

Pesquisadora: Uhumm. O intuito dessa oficina é justamente começar a desconstruir estigmas e preconceito. Não é possível que a gente ainda acredite que foram os europeus que inventaram a civilização e foram iluminar o mundo porque o que eles fizeram com os países colonizados foi um verdadeiro assalto, como diz Ailton Krenak. Eles não só roubaram as riquezas materiais do continente africano, mas também a riqueza humana, de pessoas inteligentes, competentes intelectualmente que podiam estar contribuindo com o continente se tivessem permanecido nos seus respectivos países e foram brutalmente escravizados e, e vieram pra cá. Então, essa situação de pobreza extrema, de subdesenvolvimento, ela tem tudo a ver com a colonização europeia que roubou as riquezas, mas não só no sentido de bem material, mas de a riqueza humana. Então é preciso a gente desconstruir isso e ver que o território africano é muito potente. A gente só vê as carências, a pobreza. Por que? Porque a gente precisa fazer uma dilatação temporal, ou seja, ir além porque... Qual é a história que é contada pra gente nos livros didáticos? Quais são os temas recorrentes quando se fala em África nos livros didáticos?
P13: Escravidão, neocolonialismo, colonialismo, imperialismo,...
P12: Guerras
Pesquisadora: Então, veja, você está fazendo um recorte temporal, você não pode considerar a história do continente africano a partir do século XV, XVI. Então, tem que haver uma dilatação temporal para poder entender a potência desse continente. Mas a gente vai continuar conversando sobre isso no próximo encontro. Mas na próxima segunda, será na nossa sala e não aqui na Sala Web, está bem? Vamos ver vídeos, ler um texto e a partir daí vocês vão produzir um trabalhinho, tá bom? Mas aí do segundo para o terceiro encontro eu vou dar um intervalo e do terceiro para o último também porque vocês terão que pesquisar e fazer trabalho. Espero que vocês tenham gostado. Agradeço de coração a participação de vocês e a gente continua essa conversa no próximo encontro, tudo bem?

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 2 – TURMA A

Pesquisadora: Gostaria de começar esse segundo encontro da nossa oficina perguntando a vocês: O Que significa a palavra 'quilombo' em língua espanhola? Vocês sabem?
P9: ah, pelo que eu sei, é um lugar de refúgio, de esconderijo dos escravos que fugiam dos seus senhores.
Pesquisadora: Sim. Mas, e em língua espanhola, vocês sabem o que significa?
Participantes: Não.
Pesquisadora: Vocês podem procurar o significado no celular de vocês, por favor? Se vocês puderem acessar esse dicionário online aqui, ó, www.wordreference.com pra que vocês possam me dizer o que significa a palavra 'quilombo' em espanhol.
(Os participantes pesquisam nos seus celulares)
P7: 'Bagunça'.
Pesquisadora: Muito bem. Há outros significados ou só 'bagunça'?
P3: 'Circo, palhaçada'.
Pesquisadora: Mais alguém achou algum outro significado além desses?
P9: Eu achei 'bordel'.
Pesquisadora: Uhuum. Quem mais?
Outros participantes: 'prostíbulo'?
Pesquisadora: Isso mesmo. Também tem esse significado. Em que países de fala espanhola é usada essa palavra?
Participantes: Argentina.
Pesquisadora: Na Argentina, a palavra 'quilombo' era, tá? Não é mais não. Era muito utilizada com essa acepção de 'bordel, prostíbulo'. Hoje eles usam outra palavra *puticlub* que são os bordéis.
P10: Confusão.
Pesquisadora: Muito bem.
P2: Desordem, saia justa.
Pesquisadora: OK. Mais algum significado encontrado? Não? Bom, então a gente viu que a palavra 'quilombo' na língua espanhola, sobretudo na Argentina ela tem uma acepção muito diferente da brasileira, né, vocês pontuaram algumas, né, e olha só inclusive o jornal espanhol El País chegou a publicar uma matéria cujo título é "*¿Por qué para los argentinos todo es um 'quilombo?"* Então, 'quilombo' é uma palavra utilizada, sobretudo na Argentina, não é? Com essas acepções e vocês encontraram algumas. Olha lá, vamos ver alguns exemplos de usos.
P7: Isso é meio racista, não é não?
Pesquisadora: Ah, aí é que eu quero perguntar a vocês: sabendo da carga histórica que essa palavra tem para nós, eu gostaria que me respondessem se vocês acham que essa palavra, na Argentina, tem conotação discriminatória?
Participantes: Sim.
P7: Eu acho que sim. Porque 'quilombo' normalmente é usado, né, era o refúgio dos escravos que fugiam e iam se abrigar nos quilombos, né? E eles montavam a sociedade deles e aí isso ser usado pra se referir a 'bagunça, desordem, confusão e caos', eu acho que é bem racista assim.
Pesquisadora: Quem mais pode me dizer? O que vocês acham? Vocês acham que há um uso discriminatório?
P8: Eu acho um uso racista.
P1: Não, é porque eu não sei explicar, eu tô pensando aqui... Mas é basicamente o que P7 falou, passa muito isso, você pega e tipo você "desgeneraliza" uma coisa que você não tem consciência do que é e aí "generaliza" (risos)
P5: É exatamente isso. Eu acho que, na minha opinião, possivelmente tem uma possibilidade de ser com esse mesmo sentido pelo fato da generalização.
Pesquisadora: E, vocês acham que os argentinos deveriam deixar de usar essa palavra?

P5: Eu acho que eu, de certa forma, corrigiria a forma como eles se referem pelo fato deles não conhecerem a ancestralidade, a origem da palavra.
P2: Eu acho que corrigiria também. Explicaria o sentido da palavra por trás e talvez daria exemplos com outras palavras que não tem tanto peso que ele pode mudar, substituir.
P7: Ah, eu tentaria explicar de primeira, e se ele continuasse usando, provavelmente, eu ia bem agressiva.
(Risos)
Pesquisadora: Peraí, não é pra tanto!
P4: Sim, eu corrigiria e explicaria pra pessoa, no caso um argentino, o conceito.
P3: Iria explicar que é errado e ia corrigir também.
P9: Dependendo do nível de intimidade, eu ia corrigir sim, mas se ele continuar, aí já é meio complicado, né. Não vou ficar insistindo.
P8: Eu ficaria quietinha.
P10: Eu também ficaria quieta.
P1: Eu corrigiria. Se bem que, que sei lá, né... Depende da situação.
P11: Eu tentaria corrigir, mas eu acho que se ele não entendesse, eu não julgaria porque é da cultura deles, tem que entender isso. Eles não usam com esse pensamento, eles usam, tipo, mais com normalidade mesmo. Todo mundo usa essa palavra e eles acabam usando também.
Pesquisadora: Perfeito.
P9: Eles vão meio que reproduzindo o que todo mundo fala.
P7: Ah, professora, comigo não tem essa não! Isso é racismo! Essas são palavras consideradas racistas e a gente vê que adaptam, por exemplo, 'criado-mudo', falam que não é legal falar porque se referiam aos escravos que ficavam do lado das sinhás na mesa e tinha que ficar lá do lado então era o 'criado- mudo' e isso não é legal. E a gente fala 'rack', 'movelzinho', 'móvel de cabeceira', a gente acaba mudando, né, a partir do momento que a gente sabe que é errado a gente muda, igual a 'lista negra' que não é legal falar. Sabendo disso, eu acho que eles poderiam fazer uma adaptação para substituir.
Pesquisadora: E vocês estão de acordo com P7? Seria legal que eles substituíssem essa palavra? Será que sabem da carga histórica que ela tem? Sabendo disso, é legal que eles continuem usando? O que vocês acham?
Participantes: Não.
Pesquisadora: E no Brasil, a gente também utiliza palavras de cunho racista, mesmo que sem intenção de ser, talvez por não ter letramento racial, consciência?
Participantes: Sim.
P7: 'Lista negra', 'criado mudo', 'denegrir'.
Pesquisadora: Vocês já viram um comercial do Açúcar Guarani sobre a importância de abandonar alguns nomes de doces de cunho sexista e racista? Eles perguntam o que as crianças acham desses nomes e vejam o comercial... Vocês vão se surpreender com a reação delas! Então, voltando à palavra 'quilombo', vamos ver agora um vídeo de um professor argentino no Instagram e vamos ver a opinião dele sobre o assunto. Ele fala em espanhol, mas tem legenda em português, está bem? Não se preocupem.
P11: Legal ele como argentino ter essa consciência de que a palavra 'quilombo' é racista.
P6: Ele mora lá ou aqui no Brasil?
Pesquisadora: Ele nasceu lá. Me parece que fez o ensino fundamental e médio na Argentina, mas adolescente veio para o Brasil. Acho que o pai é argentino e a mãe é brasileira.
P6: Ah, então tá explicado...
P9: É, professora, complicado, argentino é meio racista.
P6: Ele acha errado porque conhece a realidade dos dois países.
P5: É mesmo, professora, eu não acredito que qualquer outro argentino daria o braço a torcer, tipo, acharia errado usar essa palavra. Sei lá, do jeito que eles são...
Pesquisadora: Bem, mas vocês sabem a origem da palavra quilombo?
P5: Não.
Pesquisadora: A palavra 'quilombo' vem da língua africana kimbundu. Essa língua é falada na Angola e é uma das línguas que pertencem à família bantu e significa acampamento, fortaleza. Bem agora vamos ler um texto cujo título é *Quilombos africanos: una vida forjada a través de la resistencia.* Peguem um texto e passem os demais para os colegas, por favor.

(Os alunos leem a reportagem do *National Geografic* e respondem as perguntas propostas com base na leitura do texto)

Pesquisadora: Agora que nós acabamos de ler a reportagem e responder as perguntas, gostaria que vocês me dissessem o seguinte: Que relação há entre os quilombos e os saberes ancestrais da África?

P6: Ah, antes os quilombos eram abrigos dos negros fugitivos, né, dos que fugiam dos senhores de engenho.

Pesquisadora: uhuum. Mas o texto só aborda esse aspecto dos quilombos?

P4: Agora é lugar de resistência.

P6: Nos quilombos eles podem praticar a sua religião, a sua cultura, a culinária...

P2: Eles se sentem mais à vontade, em casa mesmo, sabe?

P3: É lá eles não vão ser descriminados, professora. Ficam mais seguros.

P5: Me corrija se eu estiver errado, professora, mas eu acho, tipo... Assim, depois de ler esse texto, eu percebi que eles mantêm os seus costumes, as suas tradições nesse espaço. Algo que não seria possível em outro lugar porque, de certa forma, isso se perderia.

Pesquisadora: Mais alguém gente quer dar a sua contribuição?

(Participantes silenciaram)

Pesquisadora: Bem, então antes de terminar o nosso segundo dia de oficina, gostaria de saber o que acharam desse segundo encontro, o que aprenderam? Podem ser sinceros, tá, gente. De repente alguma coisa que não gostou porque isso é pesquisa, eu tô testando essa sequência didática. Então tudo pode ser melhorado, tá bom?

P1: Eu gostei, tipo, eu acho muito interessante. É uma forma também que... A cada encontro a gente tá conhecendo coisas que são muito presentes assim no dia a dia, da sociedade, do mundo e, às vezes, a gente não fazia nem ideia que tem origens africanas, tipo... Até agora o negócio da cesariana eu não sabia e a gente vai aprendendo coisas que não são comentadas, né.

P5: Gostei também. Agora eu fiquei um pouco na dúvida porque a gente tava falando de palavras de cunho racista, né? Eu sempre quis saber de onde vem esse nome 'Maria Mole', tipo, mas eu nunca cheguei a pesquisar não.

Pesquisadora: Acho que Maria Mole se deve a uma mulher escravizada que trabalhava numa casa e ela sofria de fadiga crônica, então ela tinha que fazer tudo muito devagar. Em certa ocasião, a sua senhora tava esperando doces que vinham de Portugal e não chegaram a tempo. Aí, ela resolveu ir para a cozinha e fazer um doce para as crianças. Elas amaram o doce e o apelidaram de 'Maria Mole'. Acho que essa é a origem da história, mas veja que é uma expressão de cunho sexista, racista, como 'Teta de nega' que insulta a mulher, as negras. Então, devemos bani-las do nosso vocabulário.

P11: Eu gostei. Achei que fez a gente refletir bastante, tipo, a origem das coisas e dos termos que a gente usa no dia a dia.

P7: Eu gostei. Foi muito legal saber que 'quilombo' é usado na Argentina como algo, tipo, 'bagunça' se referindo a coisas ruins. E fico ansiosa pra saber se em alguma outra cultura existem palavras que pra gente têm significado antirracista e pra eles, eles usam no cotidiano.

P4: Eu achei muito interessante a aula e o que eu mais gostei foi do vídeo das crianças. Eu achei a reação delas muito boa.

P3: Eu gostei também porque é uma forma da gente aprender e o que eu gostei mais foi saber sobre a cesárea, sobre o calendário. Eu achei bem interessante.

Pesquisadora: Ah, as inovações tecnológicas africanas,...

P9: Gostei muito da aula de hoje, aprendi bastante coisa e principalmente da sinceridade das crianças.

P8: Eu achei bem interessante porque hoje a gente viu países de fala espanhola como a Argentina que usa 'quilombo' como um termo ruim, né, como 'bagunça', sendo que 'quilombo' é um termo muito importante para a afrodescendência.

Pesquisadora: Claro, e pra gente repensar porque muitas vezes a gente reproduz expressões racistas na nossa fala sem querer, né. Eu, por exemplo, quando converso com argentinos me recuso dizer a palavra com o significado que eles usam. Eu substituo por outras palavras como 'lío', por exemplo, que tem o mesmo significado. Pra isso serve o letramento racial, pra gente combater esse tipo de coisa.

P10: Eu gostei bastante da aula. Achei bem interessante e é sempre bom, né, a gente aprender as coisas sobre isso e... Achei interessante as crianças falando porque elas estão aprendendo, né, estão descobrindo coisas novas e, tipo assim, elas têm aquele pensamento, sabe? Pensando no doce e aí 'aquele nome', tipo aquele nome 'Teta

de nega', sabe? Elas já têm a consciência desde novas que não é legal usar. Então, achei bem interessante a aula, sempre bom aprender coisas diferentes.
Pesquisadora: E aí, com relação às tecnologias ancestrais africanas, você se surpreendeu com alguma coisa que você jamais poderia imaginar que veio da África?
P10: É, a gente se surpreende bastante, como no caso da cesárea.
P2: Eu achei muito interessante à aula porque a gente acabou descobrindo novas coisas, novas cultura, e saber que muita gente usa palavras pejorativas, racistas, na ignorância, não sabendo o fundo e o papel dessa palavra que teve tanta importância no nosso país. E nas inovações eu achei muito legal porque a gente pode descobrir que várias coisas foram da África, né, que a gente não tinha nem noção como a cesárea, a arquitetura, a matemática. Achei muito legal.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 2 – TURMA B

Pesquisadora: Gostaria de começar essa rosa de conversa perguntado a vocês sabem o que é um 'quilombo' no Brasil?
P12: Quilombo é onde ficavam as, as tribos... Eu sei que é errado falar 'tribos', 'tribos dos negros', tipo, é onde ficavam ali. Não, não é bem uma 'tribo', é como se fosse um refúgio dos negros mediante de tudo que eles estavam sofrendo com a escravidão e tal e eles fugiam e a partir disso eles, criaram um refúgio onde eles ficavam lá escondidos e tal cultuando suas artes e sua cultura pra se esconder dos, dos, como é que chama?
Pesquisadora: Dos senhores?
P12: Não, dos capangas. Dos capangas que perseguiam eles e tal. Então era uma forma deles se esconderem deles e ter aí o seu lugar de refúgio.
Pesquisadora: Muito bem.
P13: É um refúgio que, que os negros se 'habituavam' pra se fortalecerem e lutar contra os colonos.
Pesquisadora: Mas vocês sabem que essa palavra é usada em alguns países de fala espanhola?
Participantes: Não.
Pesquisadora: Vocês podem procurar o significado no celular de vocês, por favor? Se vocês puderem acessar esse dicionário online aqui, ó, www.wordreference.com pra que vocês possam me dizer o que significa a palavra 'quilombo' em espanhol. Em primeiro lugar, quero saber em que país se usa e qual o significado dessa palavra nos países de fala espanhola.
Participantes: México.
Pesquisadora: O que significa lá?
Participantes: 'bagunça'.
Pesquisadora: Perfeito. Que mais?
Participantes: 'Palhaçada'.
P12: 'Zona'.
P13: 'Desordem'.
Pesquisadora: Tudo isso no México, né?
P13: 'prostíbulo', 'bordel'
Pesquisadora: Sim, mas em que outros países 'quilombo' tem esses significados?
Participantes: Argentina.
P12: Ah, encontrei aqui Paraguai e Uruguai também.
Pesquisadora: Perfeito. Vejam essa reportagem do jornal espanhol El País cujo título é ¿Por qué para los argentinos todo es um quilombo? Então, vejam que ela é muito utilizada na Argentina também com essas acepções que vocês acabaram de dizer. Na Argentina quanto no México, a palavra 'quilombo' era muito utilizada com essa acepção de 'bordel, prostíbulo'. Hoje eles usam outra palavra: 'puticlub', que são os bordéis. Principalmente na Argentina, claro que em outros países de fala espanhola também, mas principalmente na Argentina, essa palavra é usada com a acepção de 'bagunça', 'desordem', 'confusão', 'caos'. Vocês acham que essa palavra na Argentina e em outros países de fala espanhola têm cunho racista?
P13: Com certeza! Assemelhar um lugar de resistência, proteção e acolhimento a 'desordem' e 'bagunça'.
P12: Isso reflete a concepção dos séculos passados de que ainda existe preconceito diante dos quilombos. De sempre acharem que os europeus e também de alguns países enfim da América de que quilombo é lugar de desordem, bagunça e que o negro só sabe fazer zona. Gente, isso é já clichê batido há muitos anos! As pessoas têm que ter consciência de que esse negócio de 'negro só sabe fazer besteira, inventar bagunça, desordem'. Gente, chega, isso é patético! É o cúmulo da burrice do ser humano!
Pesquisadora: Vocês acham que os argentinos deveriam deixar de usar a palavra?
P12: Não deixar de usar, mas as pessoas precisam parar com essa mania de querer colocar sempre o quilombo como algo ruim. Não precisa mudar a palavra, mas o significado tanto no dicionário quanto no cotidiano deles.
P13: Precisa se policiar, não usar dessa forma.

Pesquisadora: Então, vamos ver agora um vídeo de um professor argentino no Instagram e vamos ver a opinião dele sobre o assunto. Ele fala em espanhol, mas tem legenda em português, está bem? Não se preocupem.
P12: Ele é argentino, professora?
Pesquisadora: Ele nasceu lá. Me parece que fez o ensino fundamental e médio na Argentina, mas adolescente veio para o Brasil. Acho que o pai é argentino e a mãe é brasileira.
P12: Professora, mesmo a palavra sendo racista lá, acha muito complicado tentar mudar toda uma coisa que é socialmente aceita por eles, mudar a cabeça das pessoas que sempre falaram isso a vida inteira. Acho que tem todo o sentido deixar de usar, mas não faria muito efeito. Acho que eles não acatariam a sugestão de mudar.
P13: Aqui no Brasil também temos palavras que se usam com sentido racista, tipo, 'denegrir'.
Pesquisadora: Bem lembrado! Vocês já viram um comercial do Açúcar Guarani sobre a importância de abandonar alguns nomes de doces de cunho sexista e racista? Eles perguntam o que as crianças acham desses nomes e vejam o comercial... Vocês vão se surpreender com a reação delas! Vou mostrar para vocês.
P12: Nossa, professora, esse comercial meio que toca a gente, aliás quem vê esse comercial se toca. Me deu um chamego assim, uma chacoalhada, porque me mostra o quanto a gente brasileiro, a gente tem, como vem muito dessa coisa do,da escravidão e tal a gente pegou muitos nomes e apelidos e colocou no nosso dia a dia e mostra o quanto a gente é muito preconceituoso. Pega nome de doce, por exemplo, e coloca nomes assim absurdos. Gente, 'Teta de nega' é uma coisa horrorosa! Isso é o absurdo dos absurdos, sabe? E mostra o quanto existe o preconceito, principalmente em relação às mulheres também, 'Maria Mole', enfim... Eu estou assim em choque porque é um comercial que mostra o quanto a gente precisa mudar isso. Precisa acabar com esse negócio de botar nome esquisito, nome assim absurdo e tentar mudar, botar uma coisa mais simples, mais legal, sabe?
P13: E outra coisa também, né, porque sempre envolver os negros em expressões, palavras racistas, discriminatórias, isso não tem o menor sentido. Mas tem exemplo bom também. Por exemplo, eu pesquisei no dicionário e a senhora sabia que 'Pelé' significa aquele que é fora do comum, aquele que é fora de série, quando é o máximo dos máximos, depois de ter o Pelé, o jogador?
Pesquisadora: Poxa, não sabia, que bacana! Vou pesquisar sobre isso.
Pesquisadora: Bem, antes de passarmos para a leitura do texto, vocês sabem a origem da palavra quilombo?
Participantes: Não.
Pesquisadora: A palavra 'quilombo' vem da língua africana kimbundu. Essa língua é falada na Angola e é uma das línguas que pertencem à família bantu e significa acampamento, fortaleza. Bem agora vamos ler um texto cujo título é *Quilombos africanos: una vida forjada a través de la resistência.* Peguem um texto e passem os demais para os colegas, por favor.
(Os alunos lêem a reportagem do *National Geografic* e respondem as perguntas propostas com base na leitura do texto)
Pesquisadora: Agora que nós acabamos de ler a reportagem e responder as perguntas, gostaria que vocês me dissessem o seguinte: Que relação há entre os quilombos e os saberes ancestrais da África?
P12: Representa que ainda existem esses espaços onde os negros se reúnem, têm a fortaleza deles, provando que eles têm o seu espaço e que ainda eles ainda resistem mediante tantas coisas que já passaram na escravidão.
P13: Eles se manifestam, eles resistem. Eles têm a força deles para combater qualquer força exterior.
Pesquisadora: Sim, como vocês bem pontuaram ainda são espaços de resistência hoje em dia. Mas o que mais o quilombo representa?
P12: Um espaço de acolhimento. Tem uma pessoa que tá lá pra te receber que dá todo o suporte que você precisa, nâo só apenas resistir e não apenas lutar. Tem como você ser acolhido, abraçado.
P13: Professora, no texto também fala que lá são preservados o patrimônio, a história, a cultura deles.
P12: Sim, é preciso preservar, tipo, é a história deles, dos africanos. Tem gente que demoniza, mas se a gente destruir, eles não vão ter mais o que contar pros netos, sabe? Pras gerações seguintes.
P13: Professora, mas não é só a história deles, é a nossa história, a de um Brasil como um todo.
Pesquisadora: Perfeito. Isso mesmo, P13.
P12: Acho que também, professora, é um espaço além de acolhimento , de resistência e de espiritualidade. Lá eles podem praticar a sua religião sem medo de serem julgados ou atacados por isso. Eles se sentem livres pra fazerem o que eles gostam, o que eles querem, sem se preocupar com o que os outros vão falar.
P13: Resumindo, a sua zona de conforto.
Pesquisadora: Uhuuum. Bem, então antes de terminar o nosso segundo dia de oficina, gostaria de saber o que acharam desse segundo encontro, o que aprenderam? Podem ser sinceros, tá, gente. De repente alguma coisa que

não gostou porque isso é pesquisa, eu tô testando essa sequência didática. Então tudo pode ser melhorado, tá bom?

P12: Eu gostei muito hoje da aula, foi muito boa, aprendemos muito e mostra o quanto ainda a gente é muito preconceituoso, muita gente, nós brasileiros, a gente ainda tem uma cabeça muito fechada, quando vai falar sobre os negros, sobre os quilombos, principalmente os quilombos, gente. Gente, os quilombos, desde que eu aprendi realmente o que é, me veio como uma coisa bacana, legal, que mostra que as pessoas negras têm o seu lugar, o seu canto, enfim... E também o quanto esse problema das palavras que envolvem negros e tal são preconceituosas, são muito machistas, muito racistas. A gente precisa dar um basta nessa história toda e mostrar que a gente precisa ter respeito aos outros, respeito é fundamental! Tudo bem, negros e brancos, desde que a gente se entende por gente, nunca se deram bem, mas a gente precisa ter um respeito. Você não gosta daquela pessoa, tudo bem, mas você precisa respeitar ela, é um direito de todos nós. Respeito. Se você quer respeito, você se dê o respeito. Isso é o básico!

Pesquisadora: Muito bem. E com relação às inovações africanas, o que mais te chamou a atenção?

P12: Eu gostei muito do negócio da cesariana, não sabia disso realmente, nunca me passou pela cabeça, as outras coisas eu já meio que sabia muito envolvendo a engenharia da África, as pirâmides do Egito e tal. A metalurgia também que eu gostei bastante.

P13: Nada acrescentar, professora. A aula foi muito interessante, aprendi muito. E quanto às inovações tecnológicas, eu nunca duvidei que a África também pudesse produzir coisas interessantes.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 3 – TURMA A

1ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA APÓS A APRESENTAÇÃO DOS *PADLETS* SOBRE AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS AFRICANAS NO CAMPO DA ENGENHARIA E ARQUITETURA, MINERAÇÃO E METALURGIA E ETNOBOTÂNICA E MEDICINA.

Pesquisadora: E então, o que vocês acharam das descobertas que fizeram sobre as inovações científicas e tecnológicas africanas no campo da engenharia e arquitetura, mineração e metalurgia e etnobotânica e medicina?
P1: Eu gostei muito, muito de fazer esse trabalho porque eu fui pesquisando muita coisa que eu não sabia e é muito interessante assim... A gente achou várias imagens, de várias construções assim lindas demais, demais, demais. E uma coisa do nosso tema, assim, que eu descobri e que eu ainda estou em choque com isso, que é por causa de quando... A questão das pirâmides e tudo mais, quando o faraó morria, eu não sabia que eles eram enterrados com os bens pra quando voltasse da morte, tipo, eu fiquei muito chocada com isso, porque ele ia precisar deles quando ele voltasse à vida, tipo, eu fiquei muito, muito chocada com isso. Mas foi muito bom fazer o trabalho, são coisas que a gente nem imagina e está descobrindo.
P5: Principalmente em relação ao nosso tema o que eu fiquei espantado, assim, muitas construções antigas são parecidíssimas com que a gente tem no Brasil hoje em dia, aí isso que eu fiquei tipo... Aí eu relacionei... Eu falei gente, fiquei tipo... Sabe? Muito espantado.
P1: E só complementando o que cê tá falando, não só no Brasil, teve vários lugares do mundo que quando você vê quem realmente criou, deu a ideia mesmo, tipo, foi a África.
P6: Professora, eu adorei fazer essa pesquisa, principalmente, na parte da arquitetura atual comparada com a antiga. A arquitetura hoje em dia é chamada de Sualí, aí eu não sei falar direito... É, eu fiquei maravilhado, li muito sobre, vi várias fotos, eu acho muito incrível como eles usam conceitos antigos com coisas atuais e até reformando prédio antigo e eles ficam muito lindos, muito funcionais é, é, é coisa de doido.
* O aluno quis se referir à arquitetura Suaíli, fusão dos estilos africanos, persas, árabes e indianos.
P10: É, então, foi uma experiência muito boa, gostei bastante de apresentar um trabalho que é sempre importante, né. Saber dessas coisas, pesquisar foi muito bom, saber mais, se aprofundar, né, mais sobre isso, é... Eu nunca tinha ouvido falar que os africanos dominavam a fundição do ferro e foi bem legal a experiência dos outros trabalhos, né, que os outros grupos apresentaram, né, foi bem importante, né, saber sobre essas coisas.
P2: Eu achei muito interessante a gente se aprofundar mais na cultura da África e a questão também deles serem mestres nas construções de ferro e tudo mais e eles fazem estruturas de ferro e ser pioneiros nessas obras. Eu achei muito interessante e, ver os outros trabalhos e aprender mais.
P8: Eu gostei bastante, né, porque a gente aprendeu coisas novas. O que mais me tocou foi deles trazerem a metalurgia pro Brasil que a gente achava, as pessoas achavam que eram os portugueses, mas que foi os africanos e também de aprender outras coisas novas, né, sobre a medicina, o uso das plantas, que falaram do café, né, que eles que foram, que eles descobriram, criaram o café, eu achei muito bom, interessante aprender isso, né.
P9: Professora, eu achei bastante interessante. Eu realmente nunca tinha pesquisado sobre como eles fabricavam as coisas, principalmente ferro e eu não sabia que eles usavam bronze pra... Que também eu não sabia que bronze era, digamos assim, um metal lá bom pra eles e também com relação à medicina eu fiquei chocada com a maioria das coisas e eu gostei das atividades.
P7: Professora, eu gostei muito do trabalho, é... Descobrir sobre o poder das plantas e como eles usavam isso, como por exemplo, a arruda. Eu só conhecia a arruda na religião, eu não sabia que era usada pra espantar insetos. Eu também gostei muito do que o grupo da engenharia e arquitetura falou sobre o Pelourinho. Porque eu não sabia que o Pelourinho era feito por algum africano. Eu achava que era português que tinha ido lá e feito. Mas é isso, eu gostei muito do trabalho.
P11: Eu achei muito interessante o trabalho dos colegas, desse negócio das pirâmides serem é... Qual é o nome? Tumbas?
Pesquisadora: Túmulos.

P11: Túmulos. É. Eu já imaginava, mas, assim, eu não também sabia que eles eram enterrados, a engenharia deles também muito interessante e... do meu trabalho de medicina, eu achei interessante esse uso das plantas, desse 'Amansa Senhor', eu achei muito interessante.

2ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA SOBRE O TEXTO "INVENTORES Y CIENTÍFICOS NEGROS" – ATIVIDADE DE PRÉ-LEITURA

Pesquisadora: Bem, no trabalho dos Padlets vocês se centraram mais em conhecimentos antigos, ou seja, na tecnologia ancestral africana. A partir de agora, vamos ter como enfoque as contribuições africanas e afrodescendentes mais contemporâneas. Por isso, eu gostaria de perguntar o seguinte: vocês conhecem algum cientista negro?
Participantes: Não.
Pesquisadora: Sabem se há negros ganhadores do prêmio Nobel?
P7: Vixi, professora, tem algum?
P6: Cara, eu não sei.
P1: Eu também nunca ouvi falar.
P5: Gente, não faço a mínima ideia.
Demais participantes: Não.
Pesquisadora: Tudo bem. Conhecem alguma invenção no campo da ciência realizada por negros?
Participantes: Não.

3ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA SOBRE A LEITURA DA REPORTAGEM *"INVENTORES Y CIENTÍFICOS NEGROS"* – ATIVIDADE DE PÓS-LEITURA.

(Os alunos leem a reportagem do "Literafricas: simplemente literatura" e respondem as perguntas com base na leitura do texto)
Pesquisadora: Depois de ler a reportagem e terem respondido as perguntas, gostaria que me respondessem o seguinte: o que vocês acham da iniciativa de Yves Antonie ao escrever um livro sobre cientistas e inventores negros?
P7: Acho bacana, professora. Mostrar que os negros também têm a capacidade de ocupar esse lugar, sabe.
P6: Sim, a gente mesmo não sabia de muitas informações bacanas que foram passadas na reportagem, como por exemplo, que já houve negros que ganharam o Nobel da Paz, de Literatura, de Economia. São coisas que não são divulgadas.
P5: A sociedade, tipo, acha que negro só tem que ocupar lugar de serviçal.
P1: Concordo, as pessoas 'tão' acostumadas a ver o negro servindo os brancos, tipo, em subemprego, sabe.
P11: Acho uma iniciativa muito boa. Deveria ter mais livros, mais informações tipo essa assim para divulgar os cientistas e inventores negros.
P8: As pessoas não deveriam se surpreender com esses fatos, deveriam achar natural. Mas, infelizmente, existe esse preconceito, sei lá, de achar, tipo, o negro menos capaz, sabe... E isso é discriminação.
P4: É, tipo, tem que escrever um livro pra mostrar as invenções dos negros na ciência. Se fosse branco nem precisaria porque sempre '*tão'* em destaque.
Pesquisadora: E por que não se divulgam as contribuições de cientistas e inventores negros? Quais são os resultados desse silenciamento?
P10: O que se divulga é que todas as descobertas do mundo são feitas por cientistas brancos. E, infelizmente, a gente não fica sabendo de um monte de coisa.
P9: Essas informações ficam meio que escondidas sabe. Não há interesse em divulgar. Acho que os brancos, como *P4* falou, não querem perder a posição de liderança, de destaque.
P2: É mesmo. No início da aula, a gente nem soube responder as perguntas que a senhora fez.
P3: Mas também essas coisas não são passadas pra gente. Não tem como saber mesmo.
P7: Acho que quando o negro ocupa esse lugar incomoda a muita gente, tipo, parece que o racismo nunca acaba na nossa sociedade, o reflexo da escravidão nunca acaba, as pessoas sempre trazem do negro essa posição de inferioridade e parece que isso nunca acaba, mesmo com tanto conhecimento e estudo, as pessoas têm a cabeça muito quadrada.

Pesquisadora: Alguém mais gostaria de expressar sua opinião?
P10: Eu concordo com o que os colegas falaram. Acho que eles já falaram tudo.
Pesquisadora: Tudo bem.

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA FALA DOS ALUNOS NAS RODAS DE CONVERSA DURANTE A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA — DIA 3 – TURMA B

1ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA APÓS A APRESENTAÇÃO DOS PADLETS SOBRE AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS AFRICANAS NO CAMPO DA ENGENHARIA E ARQUITETURA, MINERAÇÃO E METALURGIA E ETNOBOTÂNICA E MEDICINA.

Pesquisadora: E então, o que vocês acharam das descobertas que fizeram sobre as inovações científicas e tecnológicas africanas no campo da matemática?
P12: Acho que foi muito importante pra mim porque me deu um olhar mais sobre a África, sobre o quanto a África tem uma importância, não só por tudo que ela já fez e o que ela já tem, e não pelo que aconteceu há 500 anos atrás, mas pelo que ela tem que a gente não conhece que é a ciência e a tecnologia que mostra o quanto, por exemplo, os egípcios, se fala muito que os egípcios criaram a matemática, enfim, o que mostra que a África acabou sendo apagada da história, muito pela Europa, pelos gregos e tal. Então, eu acho é bom pra gente poder entender que a África ela tem mais e que ela pode dar mais pra gente se a gente aceitar ela e não tiver preconceito.
P13: A África foi a protagonista na área da ciência, da matemática. Tudo que a gente usa hoje em dia foi graças a eles.

2ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA SOBRE O TEXTO *"INVENTORES Y CIENTÍFICOS NEGROS"* – ATIVIDADE DE PRÉ-LEITURA

Pesquisadora: Bem, no trabalho dos Padlets vocês se centraram mais em conhecimentos antigos, ou seja, na tecnologia ancestral africana. A partir de agora, vamos ter como enfoque as contribuições africanas e afrodescendentes mais contemporâneas. Por isso, eu gostaria de perguntar o seguinte: vocês conhecem algum cientista negro?
P12: Professora, sendo bem sincero, eu nunca ouvi falar.
P13: Até já ouvi... Mas não lembro o nome assim, assim de cabeça.
Pesquisadora: Sabem se há negros ganhadores do prêmio Nobel?
P12: Ah, professora, eu acho que não, pode ser até que eu esteja errado, mas acho que não.
P13: É, professora, se existe, nunca foi divulgado, pelo menos não que eu saiba.
Pesquisadora: Tudo bem. Conhecem alguma invenção no campo da ciência realizada por negros?
P12: Sinceramente não conheço.
P13: Eu não conheço, mas com certeza deve ter. É como eu disse antes, essas coisas não são divulgadas.

3ª PARTE: TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA SOBRE A LEITURA DA REPORTAGEM *"INVENTORES Y CIENTÍFICOS NEGROS"* – ATIVIDADE DE PÓS-LEITURA.

(Os alunos leem a reportagem do "*Literafricas: simplemente literatura"* e respondem as perguntas com base na leitura do texto)
Pesquisadora: Depois de ler a reportagem e terem respondido as perguntas, gostaria que me respondessem o seguinte: o que vocês acham da iniciativa de Yves Antonie ao escrever um livro sobre cientistas e inventores negros?
P12: Acho uma iniciativa ótima. Porque na cabeça das pessoas, da sociedade não existem cientistas negros, não existem. Parece que eles são completamente apagados, só existem cientistas brancos ou inventores brancos. Então assim, tipo, no caso do Thomas Edison que foi confrontado duas vezes na justiça por causa de um inventor negro que queria contextualizar que a invenção da lâmpada era dele. E também por todas essas coisas de racismo, de sempre as pessoas acharem que só os brancos fazem tudo e que os negros só são capachos, sabe.

Então assim, mostra o quanto as pessoas ainda têm preconceito, o que é cansativo. Eu falo e vou repetir: esse preconceito sobre os negros ou qualquer outra classe é realmente uma coisa chata, uma coisa monótona. Tá ficando uma coisa repetitiva sabe? Sabe aquele clichê que você sempre fica usando, sabe? Isso, um clichê, um clichê barato já, batido. As pessoas têm que começar, sabe, a se tocar, parar com essa palhaçada de querer botar o negro como algo abaixo deles, sabe, eu acho isso ridículo.

P13: É importante divulgar essas invenções porque existe muita ignorância de não reconhecer os feitos realizados por negros. Também achei muito legal saber que negros já ganharam o prêmio Nobel. Eu nunca tinha ouvido falar a respeito. Muito interessante!

Pesquisadora: E por que não se divulgam as contribuições de cientistas e inventores negros? Quais são os resultados desse silenciamento?

P12: Porque existe muito preconceito, parece que a gente ainda vive na época da escravidão, sempre existe aquela ideia de que os brancos sempre vão ser aquela superioridade aceita e os melhores e os negros serão sempre a baixa classe, a classe da ralé, é algo indignante. Por isso, não existe o interesse que ninguém saiba essas coisas, sabe, em divulgar, por incrível que pareça ainda existe muito preconceito em pleno século XXI de achar o negro menos inteligente, menos capaz de fazer as coisas. Isso é de uma ignorância que eu não entendo. A gente tem livros, tem conhecimento, mas parece que o mundo não se enxerga e continua batendo na tecla, na tecla de que o negro sempre será rebaixado.

P13: As pessoas querem viver mais do mesmo , desse preconceito de que o negro só, só... Vive de profissões mais braçais, mas o negro também pode ser um técnico, um matemático, um cientista. É que os brancos não querem perder a sua posição de liderança nessa área, sabe. Acho que é por isso que essas informações não são repassadas para o grande público. Então a ideia de publicar um livro assim é, é impressionante, é excelente.

Pesquisadora: E por que você acha isso?

P13: Ah, as pessoas vão perceber que os negros também são inteligentes e capazes de inventar, sabe, de criar coisas assim como os brancos e parar com esse preconceito bobo. Afinal de contas, todo mundo é igual, todo mundo é capaz. Não tem nada a ver com a cor da pele da pessoa.

APÊNDICE K – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 1º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA A – DIA: 31/08/2024

***PROMPT*:** Você seria capaz de criar códigos e categorias com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do terceiro ano do ensino médio sobre a ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Nesse primeiro dia, foi proposto aos estudantes a formação de uma nuvem de palavras sobre o que primeiro lhes vinha a cabeça quando pensavam em África, cada um pode colocar na plataforma até 3 palavras. As palavras que apareceram na nuvem de palavras formadas por eles foram: preconceito, fome, criança, dança, danças**,** artesanato, artes, cultura, culinária, riqueza, ancestralidade, axé, religião, candomblé, línguas, samba, capoeira, acarajé, savana, calor e animais diferentes. Posteriormente, foi realizada uma diagnose por meio de perguntas para verificar o conhecimento prévio dos alunos a respeito do continente africano. Por último, eles participaram de um quiz no *Kahoot* sobre invenções e cientistas africanos e afrodescendentes e suas contribuições para a ciência e a tecnologia mundiais. Eis a transcrição da gravação com a Turma A: [Apêndice D]

ChatGPT: A partir da transcrição fornecida, posso criar códigos e categorias com base na análise de conteúdo de Laurence Bardin. Vou começar identificando as unidades de registro (temas, palavras-chave) que emergem no texto e depois agrupar essas unidades em categorias que representam conceitos ou temas mais amplos. Aqui está uma proposta inicial:

1. Códigos

- **Nuvem de Palavras:** Termos como "candomblé," "dança," "cultura," "ancestralidade," "fome."
- **Contribuições Africanas:** Ciência e tecnologia, dança e música, linguagem, culinária.
- **Percepção da Tecnologia na África:** Inovação tecnológica, desenvolvimento, subdesenvolvimento.
- **Influência da Mídia:** Mídia, estereótipos, representação eurocêntrica.
- **Educação:** Currículo escolar, omissão de conteúdo africano, eurocentrismo.
- **Ignorância sobre a África:** Falta de conhecimento, desconhecimento cultural, estereótipos.
- **Reflexão dos Alunos:** Desconstrução de preconceitos, aprendizagem significativa.

2. Categorias

- **Percepções sobre a África:** Esta categoria agrupa códigos relacionados às percepções e estereótipos que os alunos têm sobre o continente africano, como as palavras que eles associam à África e suas percepções sobre as contribuições africanas.
- **Representação Midiática e Educacional:** Engloba os códigos que abordam a influência da mídia e do sistema educacional na construção dessas percepções, incluindo a omissão de conteúdo africano no currículo escolar e a representação estereotipada na mídia.
- **Conhecimento e Desconhecimento:** Categoria que agrupa códigos relacionados ao nível de conhecimento dos alunos sobre a África, tanto em termos de história e cultura quanto em relação à ciência e tecnologia.

- **Desconstrução de Preconceitos:** Categoria que abrange os momentos em que os alunos expressam reflexão crítica e desconstrução de preconceitos ao longo da atividade.

- **Engajamento e Aprendizagem:** Reúne códigos que refletem o envolvimento dos alunos nas atividades e a importância de métodos pedagógicos que promovam uma aprendizagem significativa.

3. Exemplo de Categorização de Trechos

- **Nuvem de Palavras:** "candomblé," "dança," "cultura," "ancestralidade" (Categoria: Percepções sobre a África).

- **Discussão sobre contribuição africana:** "Culinária, dança e música em primeiro lugar" (Categoria: Percepções sobre a África).

- **Comentário sobre a tecnologia na África:** "Acho que na África se desenvolve alguma tecnologia" (Categoria: Conhecimento e Desconhecimento).

- **Discussão sobre mídia e educação:** "A mídia não investe muito na questão do continente africano" (Categoria: Representação Midiática e Educacional).

- **Reflexão crítica dos alunos:** "Achei muito interessante porque a gente pôde aprender coisas novas" (Categoria: Desconstrução de Preconceitos).

APÊNDICE L – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 1º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA B – DIA: 31/08/2024

***PROMPT*:** Você seria capaz de criar códigos e categorias com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do terceiro ano do ensino médio sobre a ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Nesse primeiro dia, foi proposto aos estudantes a formação de uma nuvem de palavras sobre o que primeiro lhes vinha a cabeça quando pensavam em África, cada um pode colocar na plataforma até 3 palavras. As palavras que apareceram na nuvem de palavras formadas por eles foram: preconceito, fome, criança, dança, danças**,** artesanato, artes, cultura, culinária, riqueza, ancestralidade, axé, religião, candomblé, línguas, samba, capoeira, acarajé, savana, calor e animais diferentes. Posteriormente, foi realizada uma diagnose por meio de perguntas para verificar o conhecimento prévio dos alunos a respeito do continente africano. Por último, eles participaram de um quiz no *Kahoot* sobre invenções e cientistas africanos e afrodescendentes e suas contribuições para a ciência e a tecnologia mundiais. Eis a transcrição da gravação com a Turma B: **[**Apêndice E]

ChatGPT: Sim, posso ajudar a criar códigos e categorias para a Análise de Conteúdo com base na metodologia de Laurence Bardin, a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática aos estudantes do terceiro ano do ensino médio. A Análise de Conteúdo, segundo Bardin, envolve a organização, categorização e interpretação de dados qualitativos a partir de uma estrutura sistemática.

Vamos seguir algumas etapas-chave para a criação dos códigos e categorias:

1. Leitura Flutuante (Leitura Preliminar)

Primeiro, fazemos uma leitura atenta da transcrição para identificar os temas e padrões que emergem dos dados. Nesta fase, busca-se uma compreensão global do conteúdo.

2. Unidade de Registro

Nesta etapa, determinamos as unidades de registro que serão usadas para categorizar o conteúdo. Neste caso, as unidades de registro são as palavras, frases ou ideias expressas pelos alunos sobre o continente africano e suas percepções.

3. Categorias de Análise

As categorias de análise podem ser criadas com base nos temas recorrentes identificados na transcrição. Abaixo estão algumas categorias propostas, baseadas na transcrição fornecida:

Categorias Propostas:

1. Percepções sobre o Continente Africano

Estereótipos sobre a África: Pobreza, fome, subdesenvolvimento.

Aspectos Culturais: Dança, música, culinária, capoeira, samba.

Identidade Cultural: Ancestralidade, religiosidade, orixás, candomblé.

Influências Africanas no Brasil: Samba, capoeira, feijoada, acarajé.

2. Contribuições Africanas

Áreas de Contribuição: Ciência e tecnologia, dança e música, culinária, linguagem.

Reconhecimento de Contribuições: Preferência por reconhecer a dança, música e culinária.

Tecnologia e Inovação: Percepção de baixa inovação tecnológica; exceção em casos específicos como o do filme mencionado.

3. Educação e Conhecimento sobre a África

Abordagem Educacional: O ensino foca em pontos de vista de dominadores europeus; falta de foco na narrativa africana.

Desconhecimento sobre África: Falta de informação sobre geografia, idiomas, sistemas de governo.

Fontes de Informação: Televisão, internet; narrativas sobre pobreza e subdesenvolvimento.

4. Preconceitos e Perspectivas Históricas

Dominação e Colonialismo: África vista sob o prisma da dominação europeia e colonial.

Narrativas Unilaterais: História contada pela perspectiva europeia, com pouca voz africana.

Preconceitos e Estereótipos: A África é subestimada e associada principalmente à pobreza e tragédia.

5. Cidadania Cultural e Valorização

Cidadania Lúdica: Aspectos culturais como música, dança, e culinária são mais reconhecidos do que ciência e tecnologia.

Valorização Seletiva: Reconhecimento limitado de contribuições africanas fora do campo cultural.

6. Influências de Mídia e Comunicação

Formação de Opiniões: Mídia tradicional (TV) e digital (internet) como formadores de opiniões sobre a África.

Disseminação de Estereótipos: O papel dos meios de comunicação na perpetuação de estereótipos negativos.

7. Atividades Lúdicas e Interativas

Metodologias de Ensino: Utilização de ferramentas interativas como Mentimeter e Kahoot para engajar alunos.

Reações dos Participantes: Engajamento positivo, participação ativa nas atividades.

4. Análise de Frequência e Contexto

Após a categorização, podemos analisar a frequência dos códigos para entender quais temas são mais dominantes na percepção dos estudantes. Além disso, a análise contextual ajuda a compreender as nuances das respostas e como elas refletem as representações sociais sobre o continente africano.

5. Interpretação dos Dados

A última etapa é a interpretação dos dados categorizados. É importante entender como os estereótipos e preconceitos são perpetuados e como novas narrativas podem ser construídas para promover um conhecimento mais profundo e abrangente da diversidade e riqueza cultural, científica e tecnológica da África.

APÊNDICE M – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 2º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA A – DIA: 01/09/2024.

***PROMPT*:** Você seria capaz de criar códigos e categorias com base na Análise de conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do terceiro ano do ensino médio sobre a ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Nesse dia o enfoque foi a exibição de um vídeo sobre a ciência e a tecnologia ancestral em África, seguida da atividade de pré-leitura envolvendo o conceito de quilombo e a sua acepção preconceituosa em alguns países hispano falantes como a Argentina, por exemplo. Depois os alunos leram um texto entitulado "Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia" e responderam às perguntas. Na atividade de pós-leitura, realizou-se um debate sobre a relação entre os quilombos e os saberes ancestrais de África. Eis aqui a transcrição da aplicação da sequência didática com a Turma A: [Apêndice F]

ChatGPT: Sim, posso ajudar a criar códigos e categorias com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. A Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa qualitativa que permite a categorização sistemática de dados textuais. Seguindo os princípios de Bardin, vou dividir o texto em unidades de significado, criando categorias e subcategorias que representam os principais temas discutidos pelos participantes durante a sequência didática.

1. Categorização dos Dados

1.1. Categoria: Percepção sobre o Termo "Quilombo" em Diferentes Culturas

- **Código:** Significado no Brasil
  - **Descrição:** Quilombo como um espaço de resistência, refúgio e preservação cultural dos escravos fugitivos.
  - **Exemplo:** “Ah, pelo que eu sei, é um lugar de refúgio, de esconderijo dos escravos que fugiam dos seus senhores.” (P9)
- **Código:** Significado na Argentina
  - **Descrição:** Quilombo como sinônimo de "bagunça", "confusão", "prostíbulo" e outras conotações pejorativas em países de língua espanhola, especialmente na Argentina.
  - **Exemplo:** “‘Bagunça’. ‘Circo, palhaçada’. ‘Bordel’. ‘Prostíbulo’.” (P7, P3, P9)

- **Código:** Conotação Racista
  - **Descrição:** Discussão sobre o uso discriminatório do termo "quilombo" na Argentina e sua carga histórica e cultural negativa.
  - **Exemplo:** “Eu acho que sim. Porque ‘quilombo’ normalmente é usado, né, era o refugio dos escravos que fugiam e iam se abrigar nos quilombos, né?” (P7)

1.2. Categoria: Reações dos Estudantes ao Uso do Termo "Quilombo" na Argentina

- **Código:** Sugestões de Correção
  - **Descrição:** Alunos sugerem que os argentinos deixem de usar o termo “quilombo” com significados pejorativos.
  - **Exemplo:** “Eu acho que eu, de certa forma, corrigiria a forma como eles se referem pelo fato deles não conhecerem a ancestralidade, a origem da palavra.” (P5)
- **Código:** Aceitação Cultural

- **Descrição:** Reflexões sobre a aceitação da cultura argentina e a tentativa de compreender o uso do termo dentro de seu contexto cultural.
- **Exemplo:** “Eu tentaria corrigir, mas eu acho que se ele não entendesse, eu não julgaria porque é da cultura deles.” (P11)
-

1.3. Categoria: Saberes Ancestrais Africanos e a Importância da Preservação Cultural

- **Código:** Resgate e Preservação Cultural nos Quilombos
  - **Descrição:** Discussão sobre como os quilombos atuais funcionam como espaços de preservação da cultura africana, como culinária, religião e costumes.
  - **Exemplo:** “Nos quilombos eles podem praticar a sua religião, a sua cultura, a culinária...” (P6)
- **Código:** Reflexão sobre a Relevância dos Saberes Africanos
  - **Descrição:** Reflexão dos alunos sobre as contribuições africanas para a ciência, tecnologia e cultura global.
  - **Exemplo:** “É uma forma também que... A cada encontro a gente tá conhecendo coisas que são muito presentes assim no dia a dia, da sociedade, do mundo e, às vezes, a gente não fazia nem ideia que tem origens africanas.” (P1)

1.4. Categoria: Educação e Letramento Racial

- **Código:** Consciência e Reflexão sobre Termos Racistas
  - **Descrição:** Alunos discutem o uso de termos de cunho racista na língua portuguesa e a importância de substituí-los por palavras neutras.
  - **Exemplo:** “‘Lista negra’, ‘criado mudo’, ‘denegrir’.” (P7)
- **Código:** Importância do Letramento Racial
  - **Descrição:** Reflexão sobre como a conscientização pode ajudar a combater o racismo linguístico e cultural.
  - **Exemplo:** “Pra isso serve o letramento racial, pra gente combater esse tipo de coisa.” (Pesquisadora)

1.5. Categoria: Reação às Atividades e Sequência Didática

- **Código:** Avaliação Positiva das Atividades
  - **Descrição:** Opiniões dos estudantes sobre as atividades, o conteúdo aprendido e o método de ensino.
  - **Exemplo:** “Eu gostei, tipo, eu acho muito interessante. É uma forma também que... A cada encontro a gente tá conhecendo coisas que são muito presentes assim no dia a dia...” (P1)
- **Código:** Reflexão Crítica sobre os Temas Abordados
  - **Descrição:** Estudantes discutem a importância de aprender sobre questões raciais e o impacto das palavras na sociedade.
  - **Exemplo:** “Eu gostei. Foi muito legal saber que ‘quilombo’ é usado na Argentina como algo, tipo, ‘bagunça’ se referindo a coisas ruins.” (P7)

2. Considerações Finais

Os códigos e categorias estabelecidos refletem as principais temáticas discutidas pelos estudantes durante a sequência didática sobre ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente, com um foco específico na compreensão e problematização do termo "quilombo". A categorização permite uma análise mais profunda das percepções, opiniões e reflexões dos estudantes, fornecendo uma base sólida para a análise qualitativa de conteúdo conforme o método de Bardin.

APÊNDICE N – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 2º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA B – DIA: 01/09/2024.

***PROMPT*:** Você seria capaz de criar códigos e categorias com base na Análise de conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do terceiro ano do ensino médio sobre a ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Nesse dia o enfoque foi a exibição de um vídeo sobre a ciência e a tecnologia ancestral em África, seguida da atividade de pré-leitura envolvendo o conceito de quilombo e a sua acepção preconceituosa em alguns países hispano falantes como a Argentina, por exemplo. Depois os alunos leram um texto intitulado "Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia" e responderam às perguntas. Na atividade de pós-leitura, realizou-se um debate sobre a relação entre os quilombos e os saberes ancestrais de África. Eis aqui a transcrição da aplicação da sequência didática com a Turma B: [Apêndice G]

ChatGPT: Para realizar a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin com base na transcrição fornecida, precisaremos organizar o material em categorias e códigos que revelem os significados implícitos e explícitos nas falas dos participantes e da pesquisadora. A análise de conteúdo envolve etapas como a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Etapas da Análise de Conteúdo:

1. **Pré-Análise:**
    - Revisão da transcrição para familiarização com o conteúdo.
    - Definição de objetivos (por exemplo, entender percepções dos alunos sobre quilombos, conceitos de resistência e preconceito relacionados aos quilombos, influências raciais no uso de linguagem, etc.).
    - Formulação de hipóteses (por exemplo, há falta de compreensão clara sobre a cultura e história dos quilombos entre os alunos? O uso da palavra “quilombo” tem diferentes conotações racistas e preconceituosas nos países de língua espanhola?).
    -
2. **Exploração do Material:**
    - Codificação: Identificação de trechos relevantes, criação de códigos e categorias temáticas.
    - Agrupamento de trechos e códigos semelhantes.

Categorias e Códigos Baseados na Transcrição:

1. Conceito de Quilombo:

- **C1.1:** Quilombo como refúgio e resistência dos negros.
- **C1.2:** Quilombo como espaço de preservação cultural e espiritualidade.
- **C1.3:** Diferença entre a visão histórica de quilombos no Brasil e sua acepção preconceituosa em países hispano-falantes.

2. Percepções Raciais e Preconceitos:

- **C2.1:** Reflexão sobre o uso da palavra "quilombo" como sinônimo de desordem e bagunça (P13, P12).
- **C2.2:** Discussão sobre a persistência de estereótipos racistas (P12: "Gente, chega, isso é patético!").
- **C2.3:** Reflexão sobre a resistência à mudança de termos com conotações racistas (P12 sobre o uso da palavra “quilombo” na Argentina).

3. Linguagem e Semântica de Palavras:

- **C3.1:** Impacto do uso de palavras racistas em diferentes culturas (como "denegrir", P13).
- **C3.2:** Reações ao comercial de conscientização sobre termos racistas e sexistas no Brasil (P12 sobre "Teta de nega").

4. Resistência e Preservação Cultural:

- **C4.1:** Quilombos como espaço de resistência e proteção cultural (P12, P13).
- **C4.2:** Valorização dos saberes e práticas ancestrais africanas nos quilombos (P13 sobre preservação de patrimônio e história).

5. Impacto Educacional e Reflexões Pessoais:

- **C5.1:** Impacto da sequência didática na conscientização sobre racismo e preconceito (P12 sobre a aula ter sido uma "chacoalhada").
- **C5.2:** Reflexões sobre o aprendizado de inovações tecnológicas africanas (P12 sobre a cesariana e metalurgia).

Exemplos de Trechos Codificados:

- **C1.1 (Quilombo como refúgio e resistência):**
  "Não, não é bem uma 'tribo', é como se fosse um refúgio dos negros mediante de tudo que eles estavam sofrendo com a escravidão e tal e eles fugiam e a partir disso eles, criaram um refúgio onde eles ficavam lá escondidos e tal cultuando suas artes e sua cultura pra se esconder dos, dos, como é que chama?" (P12)
- **C2.1 (Reflexão sobre a palavra 'quilombo' como sinônimo de desordem):**
  "Com certeza! Assemelhar um lugar de resistência, proteção e acolhimento a 'desordem' e 'bagunça'." (P13)
- **C3.2 (Reação ao comercial de conscientização):**
  "Nossa, professora, esse comercial meio que toca a gente, aliás quem vê esse comercial se toca." (P12)

Interpretação e Inferência:

A análise evidencia que há uma compreensão básica sobre a importância dos quilombos como espaços de resistência e cultura, mas também revela preconceitos arraigados e a necessidade de aprofundamento na temática, especialmente no que diz respeito às conotações racistas associadas a termos como "quilombo" em diferentes culturas. A sequência didática mostra-se eficaz ao estimular a reflexão crítica dos alunos sobre questões raciais e de resistência, sugerindo a relevância de estratégias pedagógicas que desafiem estereótipos e promovam a consciência social.

APÊNDICE O – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 3º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA A – DIA: 01/09/2024.

***PROMPT*:** Você poderia criar códigos e categorias segundo a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do 3º ano do ensino médio sobre ciência, tecnologia e inovação africana? Nesse dia os alunos apresentaram os murais virtuais construídos no *Padlet* sobre ciência e tecnologia ancestral africana fundamentados em pesquisa realizadas por eles sobre a produção material a partir do conhecimento dos povos africanos em diferentes campos do saber como matemática, engenharia e arquitetura, medicina e etnobotânica e mineração e metalurgia. Posteriormente, foram realizadas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura de uma reportagem sobre o lançamento de um livro de Yves Antonie que traz cientistas e inventores negros mais contemporâneos. Eis aqui a transcrição da Turma A: 1ª PARTE- transcrição da roda de conversa após a apresentação dos *Padlets* sobre as inovações tecnológicas africanas no campo da engenharia e arquitetura, mineração e metalurgia e etnobotânica e medicina: [Apêndice H]

ChatGPT: Claro! Para realizar uma Análise de Conteúdo segundo Laurence Bardin, é necessário seguir algumas etapas, como a pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Vou criar códigos e categorias com base na transcrição que você forneceu, focando nas falas dos estudantes e nas perguntas da pesquisadora.

Códigos e Categorias

Categoria 1: Conhecimento e Descoberta

- **Código 1.1:** Descoberta de conhecimentos e técnicas africanas antigas.
  Exemplos: Construções antigas, técnicas de metalurgia, etnobotânica, uso de plantas.
  - *Exemplo de fala*: "Achei muito interessante a gente se aprofundar mais na cultura da África e a questão também deles serem mestres nas construções de ferro..."
- **Código 1.2:** Surpresa e admiração pelas contribuições africanas.
  Exemplos: Reações de choque ou espanto ao aprender sobre a origem de certas tecnologias e conhecimentos.
  - *Exemplo de fala*: "Eu fiquei muito espantado. Aí eu relacionei..."
- **Código 1.3:** Reflexão sobre o desconhecimento geral.
  Exemplos: Falas que indicam surpresa pela falta de conhecimento prévio sobre as contribuições africanas.
  - *Exemplo de fala*: "Eu nunca tinha ouvido falar que os africanos dominavam a fundição do ferro”

Categoria 2: Invisibilidade e Silenciamento

- **Código 2.1:** Falta de visibilidade de cientistas e inventores negros contemporâneos.
  Exemplos: Falas sobre a ausência de informação e visibilidade de cientistas e inventores negros nos currículos escolares e na mídia.
  - *Exemplo de fala*: "A sociedade, tipo, acha que negro só tem que ocupar lugar de serviçal."
- **Código 2.2:** Impacto do racismo e preconceito estrutural.
  Exemplos: Discussões sobre como o preconceito limita o reconhecimento e a valorização das contribuições negras na ciência.
  - *Exemplo de fala*: "Acho que quando o negro ocupa esse lugar incomoda a muita gente..."
- **Código 2.3:** Crítica ao silenciamento histórico.
  Exemplos: Falas que abordam o apagamento histórico das contribuições africanas e afrodescendentes.

- *Exemplo de fala*: "Essas informações ficam meio que escondidas sabe. Não há interesse em divulgar."

Categoria 3: Apreciação e Propostas de Valorização

- **Código 3.1:** Valorização da pesquisa e aprendizagem sobre a história africana.
  Exemplos: Falas que destacam a importância de aprender sobre a história africana e suas contribuições.
  - *Exemplo de fala*: "Eu gostei muito do trabalho, é... Descobrir sobre o poder das plantas e como eles usavam isso..."
- **Código 3.2:** Sugestões de maior divulgação e educação.
  Exemplos: Propostas de maior divulgação das conquistas e inovações de cientistas e inventores negros.
  - *Exemplo de fala*: "Deveria ter mais livros, mais informações tipo essa assim para divulgar os cientistas e inventores negros."
- **Código 3.3:** Críticas à normalização da discriminação.
  Exemplos: Comentários sobre a necessidade de não se surpreender com o sucesso de negros em ciência e tecnologia, refletindo uma crítica à normalização do preconceito.
  - *Exemplo de fala*: "As pessoas não deveriam se surpreender com esses fatos, deveriam achar natural."

3. Interpretação dos Resultados

A análise revela que os estudantes, através da pesquisa e discussão, expressam surpresa e admiração pelo conhecimento recém-adquirido sobre a ciência e tecnologia africanas. As reflexões também apontam uma crítica ao silenciamento histórico e à falta de visibilidade de cientistas negros contemporâneos. Há uma percepção clara de que o racismo estrutural influencia a disseminação de conhecimento e o reconhecimento de figuras negras na ciência, evidenciando a necessidade de mudanças educacionais e sociais.

APÊNDICE P – *PROMPT* E INTERAÇÃO COM O CHATGPT BASEADO NA TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO DO 3º DIA DE APLICAÇÃO DA SD COM A TURMA B – DIA: 01/09/2024.

***PROMPT*:** Você poderia criar códigos e categorias segundo a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática a estudantes do 3º ano do ensino médio sobre ciência, tecnologia e inovação africana? Nesse dia os alunos apresentaram os murais virtuais construídos no *Padlet* sobre ciência e tecnologia ancestral africana fundamentados em pesquisa realizadas por eles sobre a produção material a partir do conhecimento dos povos africanos em diferentes campos do saber como matemática, engenharia e arquitetura, medicina e etnobotânica e mineração e metalurgia. Posteriormente, foram realizadas atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura de uma reportagem sobre o lançamento de um livro de Yves Antonie que traz cientistas e inventores negros mais contemporâneos. Eis aqui a transcrição da Turma B: 1ª PARTE – transcrição da roda de conversa após a apresentação dos *Padlets* sobre as inovações tecnológicas africanas no campo da engenharia e arquitetura, mineração e metalurgia e etnobotânica e medicina: [Apêndice I]

ChatGPT: Para criar códigos e categorias segundo a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin a partir da transcrição da aplicação de uma sequência didática, é importante identificar temas recorrentes e organizá-los em categorias e subcategorias. Essas categorias são definidas a partir dos conteúdos expressos pelos participantes, destacando as percepções, sentimentos, conhecimentos, e interpretações relacionadas à temática de ciência, tecnologia e inovação africana.

Códigos e Categorias segundo a Análise de Conteúdo de Bardin

1. Percepções sobre Conhecimento Científico e Tecnológico Africano Ancestral

- **1.1 Descobertas e Surpresas:**
  - Sentimento de surpresa ao descobrir informações sobre a tecnologia ancestral africana (ex.: P1, P8, P9 sobre as construções e metalurgia).
- **1.2 Comparações com o Presente:**
  - Comparação entre arquitetura antiga e moderna e a influência africana em construções atuais (ex.: P6 sobre a arquitetura Suaíli).
- **1.3 Desconstrução de Estereótipos:**
  - Reflexões sobre a origem africana de conhecimentos e a desconstrução de mitos eurocêntricos (ex.: P8 sobre a metalurgia, P1 sobre a origem das pirâmides).

2. Reconhecimento da Invisibilidade de Cientistas e Inventores Negros

- **2.1 Ignorância e Silenciamento:**
  - Desconhecimento sobre cientistas negros e suas contribuições, indicando o silenciamento histórico e cultural (ex.: P12, P13 durante a atividade de pré-leitura).
- **2.2 Reflexões sobre o Papel da Sociedade e da Mídia:**
  - Crítica à falta de divulgação e representatividade de cientistas negros, ressaltando o racismo estrutural na sociedade (ex.: P5, P4, P9 sobre o preconceito na divulgação).

3. Impacto da Educação e da Informação

- **3.1 Educação como Ferramenta de Transformação:**
  - Importância de iniciativas educativas para divulgar conhecimentos e desconstruir preconceitos (ex.: P7, P6 sobre a leitura da reportagem e o livro de Yves Antonie).

- **3.2 Necessidade de Mais Informação:**
    - Reconhecimento da necessidade de mais publicações e recursos que evidenciem as contribuições negras na ciência e tecnologia (ex.: P11, P12).

4. Preconceitos e Racismo na Ciência

- **4.1 Visões de Preconceito e Racismo:**
    - Discussão sobre a percepção de que pessoas negras não são associadas a papéis de inventores e cientistas devido ao racismo (ex.: P12, P5, P1).
- **4.2 Reflexos da História e da Escravidão:**
    - Reflexões sobre a permanência do preconceito e do racismo como um reflexo da história colonial e da escravidão (ex.: P7, P13).

5. Empoderamento e Representatividade Negra na Ciência

- **5.1 Valorização das Contribuições Negras:**
    - Reconhecimento e valorização das contribuições negras para a ciência e a importância de promover essa informação para combater o racismo (ex.: P13 sobre a importância do livro).
- **5.2 Necessidade de Reconhecimento Social:**
    - Argumentos de que o reconhecimento das invenções negras contribui para a autoestima e o empoderamento dos estudantes negros (ex.: P7, P6).

Conclusão

A partir dessas categorias, a análise de conteúdo permite entender melhor as percepções dos alunos sobre a ciência e a tecnologia africanas, tanto no aspecto ancestral quanto contemporâneo, revelando desafios relacionados ao preconceito e à representatividade. As categorias identificadas também destacam o papel transformador da educação ao promover conhecimento e inclusão.

Categoria 1: Descoberta e Valorização da Ciência e Tecnologia Africana

- **Código 1.1:** *Admirar a arquitetura e engenharia africana* — Reflexões sobre a beleza, funcionalidade e sofisticação das construções africanas antigas.
    - Exemplo: P1, P5, P6 comentam sobre a surpresa e admiração ao descobrir as construções africanas e como influenciaram outras culturas.
- **Código 1.2:** *Reconhecimento da metalurgia e mineração* — Descobertas relacionadas ao domínio africano na fundição de metais, como ferro e bronze.
    - Exemplo: P10 e P9 discutem sobre a novidade de saber que africanos dominavam técnicas de metalurgia.
- **Código 1.3:** *Etnobotânica e Medicina Tradicional* — Reflexões sobre o uso de plantas na medicina africana e como esse conhecimento foi transmitido e ressignificado.
    - Exemplo: P7 comenta sobre o uso da arruda na medicina tradicional para repelir insetos.

Categoria 2: Percepção do Silenciamento e Invisibilidade Histórica

- **Código 2.1:** *Ausência de representatividade negra na ciência contemporânea* — Discussões sobre a falta de visibilidade de cientistas negros e invenções afrodescendentes.
    - Exemplo: P12 e P13 destacam que nunca ouviram falar de cientistas negros e que há um apagamento histórico.
- **Código 2.2:** *Preconceito e exclusão sistemática* — Reflexões sobre como o preconceito e o racismo impedem a divulgação das conquistas afrodescendentes.

    - Exemplo: P5, P8 e P4 mencionam que a sociedade enxerga os negros apenas como serviçais e que há resistência em reconhecer suas conquistas.

Categoria 3: Impacto Educacional e Transformação de Percepções

- **Código 3.1:** *Surpresa e reflexão crítica sobre o conhecimento adquirido* — Relatos dos alunos sobre como a sequência didática ampliou seus horizontes sobre a história africana.
    - Exemplo: P8 e P10 falam sobre a importância de aprender sobre as contribuições africanas e o impacto desse aprendizado.
- **Código 3.2:** *Necessidade de mais informações e materiais educacionais* — Comentários que reforçam a importância de livros e materiais que trazem as contribuições dos negros na ciência.
    - Exemplo: P11 e P13 apoiam a publicação de livros que destaquem as contribuições dos cientistas negros.

3. Tratamento dos Resultados

Os resultados da codificação e categorização podem ser interpretados para trazer insights sobre como os estudantes compreendem as ciências e tecnologias africanas, o impacto do racismo estrutural na divulgação científica e a importância de uma educação que valorize a diversidade de conhecimento.

Síntese das Categorias

1. **Descoberta e Valorização da Ciência e Tecnologia Africana**: Enfatiza o aprendizado e o reconhecimento das inovações tecnológicas e científicas dos povos africanos, desmistificando a visão eurocêntrica.
2. **Percepção do Silenciamento e Invisibilidade Histórica**: Reflete sobre a falta de reconhecimento das contribuições afrodescendentes na ciência e como o racismo influencia esse processo.
3. **Impacto Educacional e Transformação de Percepções**: Evidencia o papel transformador da educação na desconstrução de preconceitos e na valorização de diferentes epistemologias.

ANEXO A - APROVAÇÃO DA PLATAFORMA BRASIL PARA A REALIZAÇÃO DO CAMPO

COLÉGIO PEDRO II

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tecnologia da Cultura Africana e Afrodescendente: sequência didática da disciplina de espanhol como língua estrangeira para estudantes do Ensino Médio

Pesquisador: Márcia Souza
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 77818324.8.0000.9047
Instituição Proponente: FUNDACAO DE APOIO A ESCOLA TECNICA DO EST.RIO DE JANEIRO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.943.659

Apresentação do Projeto:
As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios¿ foram retiradas do documento intitulado PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2275588.pdf (submetido na Plataforma Brasil em 27/02/2024)

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa visa explorar uma abordagem inovadora no ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), através da implementação de uma sequência didática fundamentada em tecnologias digitais. A proposta, embora centrada na disciplina de E/LE, assume uma perspectiva interdisciplinar ao promover um diálogo constante com outros componentes curriculares. O foco desta pesquisa é a cultura africana e afrodescendente, destacando suas contribuições ao conhecimento ao longo da história.A necessidade dessa iniciativa surge diante da representação inadequada, particularmente no âmbito intelectual, das pessoas negras nos livros didáticos de E/LE. Este cenário influencia negativamente a formação identitária e a construção da subjetividade dos estudantes negros e negras. Além disso, essa falta de representatividade entra em conflito com dispositivos legais que buscam valorizar a História e

Endereço: Campo de São Cristovão 177
Bairro: São Cristóvão **CEP:** 20.921-903
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 **E-mail:** cep@cp2.g12.br

Cultura africana e afro-brasileira, indicando a urgência de uma abordagem pedagógica decolonial e intercultural.A pesquisa busca responder à seguinte questão central: "Como as tecnologias digitais podem contribuir para a elaboração de uma sequência didática centrada na tecnologia da cultura africana e afrodescendente? "Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico nas principais plataformas de produção científica no qual 16 artigos científicos foram estudados para o desenvolvimento desse tópico. Diante disso, essa seção apresentará três temáticas: pedagogia decolonial e decolonialidade; tecnologia da cultura africana e afrodescendente e tecnologias digitais. 4.1. Pedagogia Decolonial e Decolonialidade. O silenciamento do patrimônio cultural dos indígenas e dos africanos que foram arrancados de sua terra natal e escravizados, no caso da América Latina, têm suas raízes nos processos de colonização dessas nações, mais especificamente na colonialidade (OLIVEIRA; CANDAU, 2010; ANTUNES; MODESTO, 2018). Segundo os autores, o colonialismo configura-se na subjugação desses povos pelos colonizadores europeus. Já a colonialidade, fruto do colonialismo, o transcende até os dias atuais, mesmo após os países colonizados terem conquistado a sua independência, e tem como seus pilares a ideia de raça e racismo e o sistema econômico capitalista. Nesse contexto em que se formam as nações europeias e a modernidade, estabelece-se o controle não só do trabalho, do Estado e das instituições, mas também um cerceamento dos saberes dos povos inferiorizados, uma vez que a Europa e suas produções de conhecimento passam a ser tidos como referência e verdades universais. No século XVI, segundo Costa e Grosfoguel (2016), surge o ¿eurocentrismo¿ e com ele nasce o ¿mito da modernidade¿ em que as sociedades europeias se autointitulam desenvolvidas e adiantadas e julgam o outro primitivo e atrasado. Esse imaginário dominante, que se perpetua no tempo, está arraigado não só no campo cultural que constitui os indivíduos colonizados como inferiores e subalternos, mas também nas ciências de forma geral.Por conseguinte, a decolonialidade (OLIVEIRA; CANDAU, 2010) surge como um contraponto a essa relação de poder estabelecido na luta pelo (re) conhecimento de outros saberes, vivências e existências. Vale destacar que o conceito de colonialidade discutidos por Oliveira e Candau (2010) e Antunes e Modesto (2018) parte dos estudos teóricos de Torres (2007) e Quijano (2014), respectivamente. No que concerne à decolonialidade, Oliveira e Candau (2010) se embasam em Walsh (2005, 2006, 2007). Nesse contexto, o conceito de pedagogia decolonial (OLIVEIRA E CANDAU, 2010; WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018) também vai de encontro a esse pressuposto, visto que não se restringe a mera transmissão de conhecimento. Tem como missão trazer à baila saberes invisibilizados por um projeto eurocêntrico/moderno/ocidental no que tange à produção de

conhecimento, por isso mesmo vai além do pedagógico ao constituir-se em um projeto político, social, cultural e epistêmico que deve ultrapassar as fronteiras das esferas escolar e acadêmica. No entanto, ainda encontra-se em processo de construção tanto no âmbito teórico quanto educativo. No Brasil, graças às reivindicações do Movimento Negro, abre-se um caminho importante rumo à construção de uma pedagogia decolonial e intercultural no que concerne à construção dos currículos nacionais, graças aos dispositivos legais que são sancionados tais como a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que obriga o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino de educação básica do país e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004). Ambas são ações afirmativas de políticas públicas de inclusão social que objetivam valorizar a história e a cultura dos afro-brasileiros e africanos em prol de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária que se caracteriza pela multiplicidade de etnias e culturas. 4.2 Tecnologia da Cultura Africana e Afrodescendente. A crença arraigada em nossa sociedade de que a ciência e a tecnologia estão totalmente apartadas da realidade do continente africano é um contrassenso, uma vez que o primeiro ser humano, o Homo sapiens, surge na África há milhares de anos, segundo estudiosos. Sendo assim, podemos afirmar que devemos a ele a vida, pois se não tivesse migrado em direção a outros continentes não existiriam europeus, americanos, asiáticos, orientais. Ao sair da África, onde permaneceu ainda por muito tempo, o Homo sapiens não era destituído de inteligência, muito pelo contrário. De acordo com Costa Júnior (2021), para viver e sobreviver na natureza, ele precisou desenvolver artefatos, ferramentas e estratégias para interagir com o meio ambiente. Dessa forma, a vida e a cultura humana não seriam possíveis sem os conhecimentos oriundos dessas vivências, experiências e interações do Homo sapiens com o entorno. Ainda segundo o autor que alude a Ney Lopes (2011) em seus estudos, os africanos são os primeiros cientistas da história da humanidade, uma vez que suas invenções constituem os primórdios da ciência e da tecnologia. Dessa forma, as afirmações do filósofo alemão Hegel de que o povo africano era desumano e incivilizado, segundo Hernandez (2005) mencionado por Costa Júnior (2021) são infundadas visto que nas antigas sociedades africanas como a egípcia, a núbia e a cushita se constata a presença e a evolução da ciência e da tecnologia em diversos âmbitos da vida cotidiana dessas civilizações. O autor ressalta que o patrimônio histórico e cultural produzido pelos antigos egípcios em várias áreas do conhecimento, muito antes de Cristo, embasa o desenvolvimento da cultura, das artes, da ciência e da filosofia das civilizações greco-romanas e, por conseguinte, da Europa o que causa desconforto entre estudiosos

ocidentais que se recusam a admitir a importância do continente africano para a construção do arcabouço epistemológico dessas sociedades. As contribuições da tecnologia africana no Brasil também são impressionantes. Segundo Rodrigues da Silva e De Brito (2020), que fazem um sucinto mapeamento das tecnologias de matriz africana no Brasil, elas estão presentes na extração de minério e na metalurgia, na matemática, na agricultura e na etnobotânica, na medicina, na engenharia e na arquitetura, na construção civil, na tecnologia têxtil. Tudo isso envolvia conhecimentos em diferentes áreas do saber sumamente complexos que revelam uma grande capacidade intelectual dos povos africanos. Esse foi um dos motivos, inclusive, que levou a escravização dessas pessoas: a expertise tecnológica que possuíam.4.3 Tecnologias Digitais no Ensino de Línguas Estrangeiras. As tecnologias digitais e a internet estão revolucionando o papel de professores e estudantes, as formas de ensinar e aprender, de interagir e de construir conhecimento, uma vez que o alunado está cada vez mais conectado (MENEZES, 2019). O que exige dos docentes constantes reflexões, estudo por meio de cursos de formação e aprimoramento em suas práticas pedagógicas para estarem preparados para os desafios da sala de aula do século XXI. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) transformaram o ensino de língua estrangeira (RIBEIRO; MIRANDA; RIBEIRO, 2022). Vivemos em um mundo que se caracteriza por uma multiplicidade linguística e cultural. No que diz respeito ao ensino e aprendizagem de E/LE isso se potencializa, pois são 21 países que o tem como língua oficial e é falado por mais de 400 milhões de pessoas em todo mundo. Nesse sentido, a aquisição da língua meta não pode se limitar somente à competência linguística, é importante desenvolver também a competência sociocultural, despertando no aluno o sentido de alteridade, respeito, empatia e convívio harmonioso com o diverso e o plural. Nesse processo as TDICs são essenciais por oferecerem material midiático autêntico e contextualizado, colocando os alunos em uma situação real de aprendizagem, além de proporcionar um aprendizado mais lúdico, autônomo e colaborativo (CARNEIRO; GARCIA; BARBOSA, 2020). Porém, não basta usar a tecnologia como um adorno ou um disfarce para encobrir antigas práticas de ensino, já que as ferramentas tecnológicas sem estarem alinhadas a um planejamento e objetivos claros, não resultarão em efetiva aprendizagem. Outro aspecto relevante e que é mencionado por diversos autores que pesquisam sobre o processo de ensino e aprendizagem mediado pelas tecnologias é o protagonismo discente (CARNEIRO; GARCIA; BARBOSA, 2020; SILVA; TOASSI; HARVEY, 2020; BARROS ET AL., 2021; RIBEIRO; MIRANDA; RIBEIRO, 2022). As metodologias ativas têm sido cada vez mais adotadas por professores, visto que são estratégias de ensino que objetivam que o alunado seja estimulado a pensar, a

debater e a ter iniciativa na resolução de problemas e situações reais, tornando-se construtores de seu próprio saber e sua aprendizagem, uma experiência significativa. Outro ponto crucial a ser abordado é que o avanço tecnológico impactou as práticas sociais de escrita e leitura na atualidade com o surgimento dos gêneros digitais (BARROS ET AL., 2021; RIBEIRO; MIRANDA; RIBEIRO, 2022) que se caracterizam por sua multimodalidade, isto é, reúnem diferentes linguagens (texto, imagem, som, movimento gestual, fala); portanto, a construção de significado já não pode ser feita de forma isolada. Ainda segundo Barros et al. (2021), isso não significa dizer que os gêneros discursivos perderão valor ou, simplesmente, desaparecerão. Contudo, a abordagem multimodal e dos multiletramentos permite aos discentes desenvolver novas habilidades ao ter um papel mais ativo na construção de sentidos, uma vez que podem apropriar-se desses gêneros e transformá-los, convertendo-se também em criadores de conteúdo. Nessa perspectiva, uma sequência didática que tem como foco a tecnologia da cultura africana e suas produções de conhecimento com o uso de novas tecnologias digitais nas práticas pedagógicas vem ao encontro desse propósito, visto que busca vencer o racismo epistêmico presente nos guias didáticos; elaborar um manual em caráter decolonial e interdisciplinar com o uso de tecnologias digitais com enfoque na multimodalidade e nos multiletramentos; fomentar o trabalho autônomo e cooperativo do alunado junto a seus pares, tornando-se eles não só autores de conteúdo, mas que também compartilhem suas produções nas redes devido ao seu grande alcance e que cada vez mais pessoas se inteirem das contribuições africanas em diversos campos do saber a fim de que decolonizem suas mentes e se libertem dessa ótica eurocêntrica no que tange à produção de conhecimento e contribuir com a formação de estudantes negros e negras orgulhosos de sua identidade, de sua ancestralidade por meio de referências do seu povo no campo intelectual. Por isso unir as tecnologias digitais à cultura africana em um e-book interativo digital é a proposta didática na efetiva aprendizagem colaborativa (CARNEIRO; GARCIA; BARBOSA, 2020) dos estudantes nas salas de aula do século XXI em que me debruçarei na construção da dissertação de mestrado.

HIPÓTESE

A centralidade do livro didático no ensino de línguas estrangeiras é inegável, e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), desde 2011, tem desempenhado um papel crucial na distribuição desses materiais nas escolas públicas do Brasil. Contudo, ao longo dos anos, a representação das pessoas negras nas coleções de E/LE tem sido escassa, tanto nos

textos de diversos gêneros discursivos quanto nas imagens.Este estudo parte da experiência da autora com duas dessas coleções, Enlaces (OSMAN ET AL., 2014) e Cercanía (CHAVES; COIMBRA, 2014), evidenciando a deficiência na representatividade da diáspora africana em campos como história, geografia, literatura, cultura e política. A ausência de representação, especialmente no âmbito intelectual, impacta adversamente os jovens negros e negras, levando-os a internalizar perspectivas de inferioridade e estigmatização.A hipótese subjacente a esta pesquisa é que a integração de tecnologias digitais na elaboração de uma sequência didática pode ser uma estratégia eficaz para superar a visão eurocêntrica predominante nos livros didáticos de E/LE. Essa abordagem busca não apenas dar voz e visibilidade às contribuições da cultura africana, mas também promover uma pedagogia decolonial e intercultural que favoreça o diálogo crítico e equitativo entre os conhecimentos ocidentais e os subalternizados, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

METODOLOGIA

O método adotado para este projeto de pesquisa consistirá na implementação de uma sequência didática (SD) fundamentada em tecnologias digitais, elaborada a partir de uma revisão bibliográfica das principais tecnologias da cultura africana e afrodescendente na disciplina de E/LE. A proposta pedagógica será apresentada em formato de e-book.População e Local de Aplicação:A sequência didática será aplicada em uma oficina composta por quatro encontros, cada um correspondendo a duas aulas seguidas com duração de 50 minutos cada uma. A oficina será realizada no primeiro semestre de 2024, envolvendo três turmas de 3º ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, totalizando 30 participantes.Caracterização da Instituição:A Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, vinculada à Secretaria Estadual de Ciências e Tecnologia do Governo do Estado do Rio de Janeiro e integrante da Rede FAETEC, atende aproximadamente 900 estudantes com idades entre 15 e 18 anos. Além das disciplinas do Ensino Médio, a instituição oferece cursos técnicos nas áreas de engenharia, como mecânica, edificações, telecomunicações, eletrônica e eletrotécnica.Etapas da Sequência Didática:1. Primeira Etapa: Exploração Inicial¿ Realização de uma roda de conversa para avaliar conhecimentos prévios sobre o continente africano.¿ Utilização da ferramenta MENTIMETER para formação de uma nuvem de palavras e duas enquetes.¿ Atividade lúdica em equipe com o quiz KAHOO sobre descobertas e invenções de negros e negras na ciência e tecnologia.2. Segunda Etapa: Pesquisa e Aprofundamento¿ Visualização de vídeos sobre "Invenções

africanas que mudaram o mundo" para motivar os participantes.¿ Divisão da turma em grupos para pesquisar invenções tecnológicas africanas com impacto global.¿ Utilização da ferramenta PADLET para construção de murais virtuais compartilhados.3. Terceira Etapa: Conexão com a História e Cultura¿ Busca do significado da palavra "quilombo" em espanhol no dicionário online WORDREFERENCE.¿ Roda de conversa sobre a conotação da palavra em países hispano-falantes.¿ Leitura da reportagem "Quilombos brasileños: una vida forjada a través de la resistencia" e discussão.4. Quarta Etapa: Produção e Compartilhamento¿ Apresentação dos murais virtuais no PADLET para compartilhar aprendizados.¿ Leitura de uma reportagem sobre o livro "Inventores y científicos negros" de Yves Antonie.¿ Elaboração de infográficos no CANVA pelos grupos sobre a influência africana na ciência, tecnologia e inovação.5. Quinta Etapa: Exposição e Comunicação¿ Exposição dos infográficos elaborados pelos grupos para os colegas.¿ Incentivo aos grupos para compartilhar o aprendizado com a comunidade escolar no Instagram da escola.¿ Preenchimento de um formulário no GOOGLE FORMS para autoavaliação e autorregulação do processo de aprendizagem.A proposta metodológica visa não apenas enriquecer o conhecimento dos estudantes sobre a cultura africana e afrodescendente, mas também fomentar a reflexão crítica, a produção colaborativa e o compartilhamento de conhecimento, alinhando-se aos objetivos de uma educação inclusiva, intercultural e tecnologicamente mediada.

CRITÉRIO DE INCLUSÃO

A seleção de três turmas entre as oito do 3º ano, distribuídas nos turnos matutino e vespertino, é respaldada por duas razões fundamentais: a) Proximidade de Atuação: Justificativa: Optou-se por escolher turmas do turno matutino, período em que a autora está profissionalmente envolvida. Essa escolha visa otimizar o acesso direto e a interação com os alunos, proporcionando uma colaboração mais efetiva durante a condução da pesquisa. b) Estratégia de Amostragem: Justificativa: Em virtude da divisão dos alunos em grupos conforme a preferência pelo idioma (inglês ou espanhol), o número de estudantes por turma é limitado. A decisão de escolher três turmas busca assegurar uma amostra representativa, contribuindo para resultados mais robustos na aplicação da pesquisa e facilitando um relato mais abrangente das experiências. Essa abordagem metodológica é orientada pela eficiência logística, considerando a disponibilidade da autora e visando maximizar a relevância dos resultados obtidos para uma análise mais abrangente e conclusiva da pesquisa.

CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

A fundamentação para a escolha de turmas do último ano do ensino médio, com a exclusão das turmas de 1º e 2º ano, reside na necessidade de um avançado desenvolvimento de competências e habilidades. As atividades propostas na sequência didática, a serem elaboradas pelos próprios alunos, demandam um nível mais aprofundado de capacidade para interações discursivas, coleta de dados de pesquisa e produção colaborativa de gêneros digitais. Essa seleção visa garantir que os participantes possuam a maturidade acadêmica necessária para se engajarem plenamente nas tarefas propostas, otimizando assim os resultados pedagógicos esperados.

Objetivo da Pesquisa:
Segundo a pesquisadora:

Objetivo Primário: O objetivo principal desta pesquisa é desenvolver e avaliar uma sequência didática inovadora, fundamentada no uso de tecnologias digitais, com foco nas contribuições da cultura africana e afrodescendente.

Objetivo Secundário: 1) Investigar as principais tecnologias da cultura africana e afrodescendente ao longo da história; 2) Analisar como a tecnologia da cultura africana e afrodescendente é apresentada a partir da perspectiva da decolonialidade e da pedagogia decolonial; 3) Aplicar uma oficina com a sequência didática proposta neste estudo, a partir do conhecimento sobre a tecnologia produzida na cultura africana e afrodescendente e; 4) Relatar os resultados dessa atividade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
RISCOS

Ressalta-se que a presente pesquisa oferece riscos mínimos aos seus participantes, visto que se trata da aplicação de uma sequência didática aos alunos do último ano do ensino médio cuja temática tem por objetivo cumprir com os dispositivos legais homologados no país há 20 anos e que, por sua vez, estabelecem o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino públicas e privadas a fim de contribuir com o reconhecimento histórico

de saberes que foram silenciados por séculos por uma perspectiva eurocêntrica dominante. Serão feitas fotografias e gravação de áudios dos participantes ao longo do processo, o que poderá expor potencialmente à identificação, mas tarjas serão colocadas nas fotografias para minimizar esse risco. Será garantido o total anonimato durante a coleta de dados e a divulgação dos resultados obtidos na pesquisa. As imagens das turmas nas diversas etapas do estudo serão integradas ao conteúdo da pesquisa.

BENEFÍCIOS

As turmas selecionadas para participar do projeto terão a chance de explorar a história e a cultura afro-brasileira e africana e ter acesso ao legado histórico, cultural e científico daqueles que contribuíram para a formação da nação brasileira, saberes esses invisibilizados por um paradigma eurocêntrico no que tange à produção do conhecimento. Também terão a oportunidade de desconstruir essa representação estereotipada e preconceituosa veiculada pelos livros didáticos cuja temática recorrente ao retratar a população negra oriunda da África é a escravização e o tráfico negreiro, ademais de contradizer a fabulação europeia de que seriam povos atrasados, primitivos, selvagens e destituídos de inteligência, o que justifica o seu domínio e exploração impostos pelos colonizadores. Espera-se com isso, criar referências no campo intelectual no que tange aos povos subalternizados, naturalizar a diversidade e a pluralidade epistêmicas, construir uma sociedade mais justa e igualitária e relações étnicoraciais baseadas no respeito e na tolerância. Além disso, os estudantes presenciarão a aplicação de metodologias ativas. Estas metodologias consideram o aluno como um participante ativo e crítico no processo educacional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

(1) Trata-se de uma pesquisa de Mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UNIVERSIDADE UNICARIOCA. Segundo o Pesquisador, caracteriza-se como ¿um estudo qualitativo que investigará os benefícios associados à implementação de tecnologias digitais, metodologias ativas e revisão bibliográfica nas aulas de espanhol como língua estrangeira, cujo pressuposto teórico se estrutura em três tópicos, a saber: pedagogia decolonial e decolonialidade; tecnologia africana e afrodescendente e tecnologias digitais na educação com enfoque nas multimodalidades e nos multiletramentos. A pesquisa será desenvolvida junto a 30 estudantes do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, vinculada à Secretaria Estadual de Ciências e Tecnologia do Governo do Estado do Rio de Janeiro e

integrante da Rede FAETEC. A geração de dados será feita por meio de uma sequência didática, sob a forma de oficina composta por quatro encontros, cada um correspondendo a duas aulas seguidas com duração de 50 minutos cada uma. A intervenção envolverá Rodas de conversa, atividade lúdica, pesquisa bibliográfica e elaboração de gêneros multimodais com o Padlet e Canva de forma colaborativa e confecção de post para publicação no Instagram da escola¿.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Conferir item ¿Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações¿.

Recomendações:
1. Ausência de descrição do processo de consentimento e assentimento livre e esclarecido
¿O processo de consentimento e do assentimento livre e esclarecido envolve o estabelecimento de relação de confiança entre pesquisador(a) e participante, continuamente aberto ao diálogo e ao questionamento, podendo ser obtido ou registrado em qualquer das fases de execução da pesquisa, bem como retirado a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante¿ (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 4°). Solicita-se descrever como se dará esse processo.

2.O cronograma apresentado está desatualizado. Considerando a Norma Operacional CNS nº iniciada a coleta/geração de material.
Ainda considerando a Norma Operacional CNS nº 001 de 2013, item 3.3.f, todos os protocolos de pesquisa devem conter ¿cronograma que descreva a duração total e as diferentes etapas da pesquisa, com compromisso explícito do pesquisador de que a pesquisa somente será iniciada a partir da aprovação pelo Sistema CEP/Conep¿. Solicita-se apresentar o compromisso expresso do/a pesquisador(a) de que não iniciará a coleta de dados antes da aprovação final do Sistema CEP/Conep. 001 de 2013, item 3.3.f, solicita-se a adequação do cronograma e explicação sobre se já foi

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
CONFERIR ATENTAMENTE O ITEM "RECOMENDAÇÕES"!!!! OS ITENS DESCRITOS NAQUELE CAMPO DEVEM POSTERIORMENTE SEREM ENVIADOS SOB A FORMA DE EMENDA, PORÉM, SEU PROJETO JÁ SE ENCONTRA APROVADO.

COLÉGIO PEDRO II

Continuação do Parecer: 6.943.659

Considerações Finais a critério do CEP:

1.De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n. 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais - a contar da data de aprovação do protocolo - que permitam ao Cep acompanhar o desenvolvimento dos projetos.

Esses relatórios devem ser assinados pelo pesquisador responsável e conter as informações detalhadas - naqueles itens aplicáveis - nos moldes do relatório final contido no Ofício Circular n. 062/2011: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/conep/relatorio_final_encerramento.pdf>, bem como deve haver menção ao período a que se referem. As informações contidas no relatório devem ater-se ao período correspondente e não a todo o período da pesquisa até aquele momento. Para cada relatório, deve haver uma notificação separada. A submissão deve ser como Notificação (consultar pág. 69 no arquivo intitulado ¿1 - Manual Pesquisador - Versão 3.2, disponível no endereço http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf. Anexar em arquivo com recurso ¿copiar e colar¿.

2. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, identificando-se, por cor, negrito ou sublinhado, a parte do documento a ser modificada, isto é, além de apresentar o resumo das alterações, juntamente com a justificativa, é necessário destacá-las no decorrer do texto (item 2.2.1.H.1, da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013)

3. O Cep lembra que o pesquisador deve ainda (1) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (Res. CNS 466/12 item XI.g); (2) divulgar os resultados para os participantes da pesquisa e para as instituições onde os dados foram obtidos (Norma Operacional n° 001/2013 item 3.4.14); (3) anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais (Norma Operacional n° 001/2013 item 3.3.c) e (4) comunicar às autoridades competentes, bem como aos órgãos legitimados pelo Controle Social, dos resultados e/ou dos achados da pesquisa, sempre que esses puderem contribuir para a melhoria das condições de vida da coletividade, preservando, porém, a imagem e assegurando que os participantes da pesquisa não sejam estigmatizados (Res. CNS 466/2012 item III.1.m). Essas providências devem ser tomadas no prazo máximo de seis meses, contados a partir da data da emissão deste parecer.

Endereço: Campo de São Cristovão 177
Bairro: São Cristóvão **CEP:** 20.921-903
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 **E-mail:** cep@cp2.g12.br

COLÉGIO PEDRO II



Continuação do Parecer: 6.943.659

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2275588.pdf	27/02/2024 08:49:45		Aceito
Orçamento	Orcamento_CECP2.pdf	27/02/2024 08:48:25	Márcia Souza	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2275588.pdf	08/02/2024 08:07:36		Aceito
Declaração de concordância	Declaracaodeciencia.pdf	08/02/2024 07:43:08	Márcia Souza	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	08/02/2024 07:42:26	Márcia Souza	Aceito
Outros	curriculolattes.pdf	26/01/2024 09:22:59	Márcia Souza	Aceito
Outros	Sequenciadidatica.pdf	26/01/2024 09:17:53	Márcia Souza	Aceito
Outros	Confidencialidade.pdf	26/01/2024 09:16:35	Márcia Souza	Aceito
Outros	Isencaodecustos.pdf	26/01/2024 09:16:03	Márcia Souza	Aceito
Outros	Cartadeapresentacao.pdf	26/01/2024 09:14:57	Márcia Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECECP2.pdf	26/01/2024 09:09:19	Márcia Souza	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	26/01/2024 09:08:47	Márcia Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa.pdf	26/01/2024 09:08:19	Márcia Souza	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2275588.pdf	18/01/2024 09:46:37		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	18/01/2024 09:45:58	Márcia Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/01/2024 09:36:35	Márcia Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	18/01/2024 09:35:46	Márcia Souza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Campo de São Cristovão 177
Bairro: São Cristóvão **CEP:** 20.921-903
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 **E-mail:** cep@cp2.g12.br

COLÉGIO PEDRO II



Continuação do Parecer: 6.943.659

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 11 de Julho de 2024

Assinado por:
ROGERIO MENDES DE LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Campo de São Cristovão 177
Bairro: São Cristóvão **CEP:** 20.921-903
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2163-5730 **E-mail:** cep@cp2.g12.br

ANEXO B – DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL DE COMPROVAÇÃO DE DEMANDA

MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL DE COMPROVAÇÃO DE DEMANDA

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2024.

À coordenação do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação,

A homologação da Lei nº 10.639/2003, datada de 9 de janeiro de 2003, introduziu alterações na Lei nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996, que designa as diretrizes e bases da educação nacional. Esse dispositivo legal torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os estabelecimentos escolares públicos e privados do Brasil e tem por objetivo a valorização, o reconhecimento e a inclusão do legado cultural, histórico e intelectual desses povos como preponderantes na construção da sociedade brasileira, além de representar um grande avanço na luta antirracista no país na busca por justiça social, democracia e igualdade.

A incorporação de temáticas afrocentradas no currículo escolar tem como propósito a ruptura com uma perspectiva única e exclusivamente eurocêntrica do conhecimento, o fomento de diálogos e do respeito à diversidade e pluralidade de saberes, vivências e existências outras, bem como o acesso de estudantes pertencentes a quaisquer grupos étnico-raciais ao patrimônio histórico e cultural de africanos e afro-brasileiros e o seu protagonismo, ao lado dos povos originários, na história do Brasil.

Nesse contexto, a Escola Técnica Estadual Ferreira Viana assentiu que o Centro Universitário Carioca (UniCarioca), por meio do Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação, desenvolvesse o projeto "Tecnologia Africana e Afrodescendente: sequência didática de espanhol utilizando tecnologias digitais no ensino médio". Essa iniciativa visou atender à demanda pela efetivação da Lei nº 10.639/2003, garantindo a implementação de práticas pedagógicas que promovam uma educação inclusiva, antirracista e decolonial. Com o uso de tecnologias digitais, o projeto teve como propósito valorizar a contribuição histórica e cultural de africanos e afro-brasileiros, contribuindo para uma formação mais plural e comprometida com os princípios da diversidade e da justiça social.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2024.

Katia Maria Pereira Dutra
Cogestora - ETEFV
ID: 2086004-8

ANEXO C – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL (TAI)

DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA

Eu, Andrea Reis Albino, Diretora Geral, representante legal da Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, com sede na Rua General Canabarro, n°291 – Maracanã – Rio de Janeiro, CNPJ 31.608.763/0017-00, por meio da presente, declaro, a plena ciência e concordância desta instituição em participar da pesquisa intitulada "Tecnologia da Cultura Africana e afrodescendente: sequência didática da disciplina de espanhol como língua estrangeira para estudantes do ensino médio", a ser conduzida por Márcia Regina de Souza, doravante denominada Pesquisadora Principal.

Esta instituição reconhece e concorda com os objetivos e a metodologia da referida pesquisa, conforme apresentados pelo Pesquisador Principal. Comprometemo-nos a fornecer todo o suporte necessário para a realização da pesquisa em nossas dependências, colaborando ativamente com a coleta de dados e demais atividades pertinentes ao estudo.

Além disso, garantimos que todos os participantes da pesquisa, sejam eles membros da instituição ou outros indivíduos, serão informados de maneira clara e precisa sobre os objetivos, procedimentos e possíveis impactos da pesquisa. Os participantes terão total liberdade para recusar a participação, sem qualquer penalização para si ou para a instituição.

Comprometemo-nos também a assegurar que o desenvolvimento da pesquisa ocorra de acordo com os princípios éticos e normas aplicáveis, garantindo a confidencialidade das informações coletadas e respeitando a dignidade e os direitos dos participantes.

Esta declaração é válida a partir da data de assinatura e permanece em vigor durante todo o período da pesquisa, podendo ser revogada mediante comunicação formal por escrito.

Local e Data: Rio de Janeiro, 7/2/2024.

Assinatura do Responsável: Andréa Reis Albino

(Carimbo da Instituição)

Andrea Reis Albino
Diretora Geral FTEFV
FAETEC - ID: 2076387-5

ANEXO D – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO E ACEITE DO PRIMEIRO ARTIGO "TECNOLOGIAS DA CULTURA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL"

Gmail

Fwd: CECIERJ Revista Educação Pública - Confirmação de Envio de Artigo

De: **Revista Educação Pública** <noreply-revista_educacao_publica@cederj.edu.br>
Date: qua., 9 de out. de 2024 às 22:34
Subject: CECIERJ Revista Educação Pública - Confirmação de Envio de Artigo
To: ms040273@gmail.com <ms040273@gmail.com>

CECIERJ - Revista Educação Pública
Caro **Márcia Regina de Souza**, recebemos o seu artigo **Tecnologias da cultura africana e afrodescendente: pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva decolonial.**. Ele será analisado por nossa equipe e, se for selecionado, avisaremos quando for publicado.
Fundação CECIERJ - Revista Educação Pública

Educação Pública | Fundação CECIERJ | Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação | GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

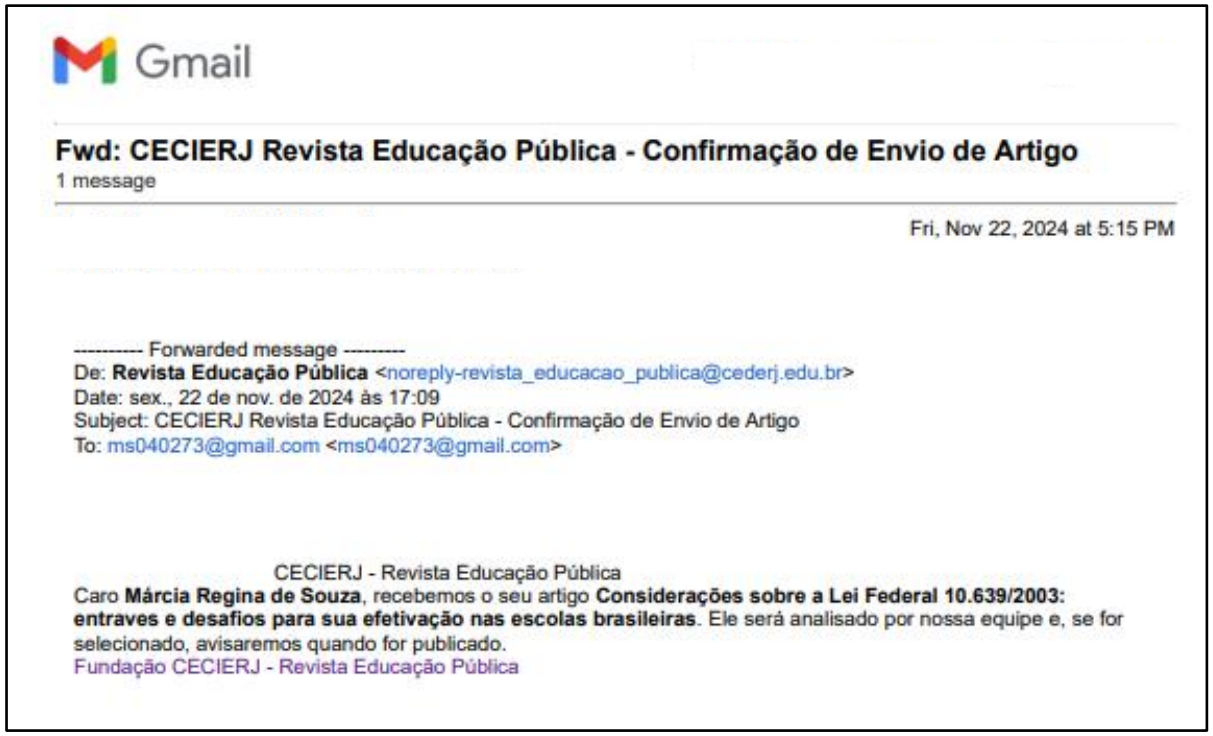
Certificado

Declaramos para os devidos fins que o artigo "Tecnologias da cultura africana e afrodescendente: pesquisa bibliográfica a partir da perspectiva decolonial.", de autoria de
Márcia Regina de Souza foi aceito para publicação na revista Educação Pública ((ISSN 1984-6290 – **Qualis B1 - avaliação CAPES 2020-2024 DOI: 10-18264/REP**).

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2024.

Lourdes Grzybowski
Editora da revista Educação Pública
educacaopublica.cecierj.edu.br
educacaopublica@cecierj.edu.br

ANEXO E – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO SEGUNDO ARTIGO "CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEI 10.639/2003: ENTRAVES E DESAFIOS PARA SUA EFETIVAÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS"



Gmail

Fwd: CECIERJ Revista Educação Pública - Confirmação de Envio de Artigo

1 message

Fri, Nov 22, 2024 at 5:15 PM

---------- Forwarded message ---------
De: **Revista Educação Pública** <noreply-revista_educacao_publica@cederj.edu.br>
Date: sex., 22 de nov. de 2024 às 17:09
Subject: CECIERJ Revista Educação Pública - Confirmação de Envio de Artigo
To: ms040273@gmail.com <ms040273@gmail.com>

CECIERJ - Revista Educação Pública

Caro **Márcia Regina de Souza**, recebemos o seu artigo **Considerações sobre a Lei Federal 10.639/2003: entraves e desafios para sua efetivação nas escolas brasileiras**. Ele será analisado por nossa equipe e, se for selecionado, avisaremos quando for publicado.

Fundação CECIERJ - Revista Educação Pública

ANEXO F – COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO TERCEIRO ARTIGO “TECNOLOGIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESPANHOL UTILIZANDO TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO”

De: **Revista EDaPECI – Editor Gerente via Portal de Periódicos Científicos - UFS** <pen-bounces@emnuvens.com.br>
Date: seg., 30 de dez. de 2024 às 12:26
Subject: [REDaPECI] Agradecimento pela Submissão
To: Márcia Regina de Souza <ms040273@gmail.com>

Márcia Regina de Souza,

A Revista EDaPECI agradece a submissão de seu artigo"TECNOLOGIA AFRICANA E AFRODESCENDENTE: SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE ESPANHOL UTILIZANDO TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO". Por meio da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, você poderá acompanhar o progresso do processo avaliativo, bastando acessar:
URL do Manuscrito: https://periodicos.ufs.br/edapeci/authorDashboard/submission/22298
Login: ms040273

Em caso de dúvidas, estamos à disposição por este endereço eletrônico.

Cordialmente,

Revista EDaPECI.

CI

revistaedapeci@gmail.com

http://seer.ufs.br/index.php/edapeci